



PATRICK ERICSON

Autor de *O símbolo secreto*

ANOITECE NO IRAQUE

Projeto Brainwashing

romance

A tenebrosa verdade por
trás do 11 de Setembro e
da Invasão ao Iraque


GERAÇÃO



Título original: Anochece en Irak
Copyright © 2012 by Patrick Ericson

1ª edição — Outubro de 2012

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato (licenciado)

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Produtor Editorial
Paulo Schmidt

Assistente Editorial
Erika Neves

Capa
Kauan Sales e Alan Maia

Projeto Gráfico
Kauan Sales

Preparação
Zacarias Rubião

Revisão
Carmen Garcez

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ericson, Patrick
Anoitece no Iraque / Patrick
Ericson ; tradução
Mirian Ibañez. -- São Paulo :
Geração Editorial, 2012.

Título original: Anochece en
Irak

ISBN 978-85-8130-071-9

1. Ficção policial e de mistério
(Ficção espanhola)
2. Romance espanhol I. Título.

Índices para catálogo sistemático

1. Ficção policial e de mistério : Literatura espanhola 863

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225/229 – Lapa

CEP: 05075-010 – São Paulo – SP

Telefax.: (+ 55 11) 3256-4444

Email: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)

O mundo se divide em três categorias de pessoas: um
reduzidíssimo número que produz os acontecimentos; um
grupo,
um pouco maior, que trata de sua execução e acompanha
seu
cumprimento e, finalmente, uma ampla maioria que
jamais
saberá o que, na realidade, ocorreu.

Nicholas Murray Butler,
Membro do Conselho de Relações
Exteriores dos Estados Unidos

Incalculável quantidade de pessoas odiará a Nova
Ordem Mundial, e morrerá protestando contra ela.

H. G. Wells,
The new world order (1939)

A guerra foi o principal mecanismo evolutivo para
manter um equilíbrio adequado entre a população
humana
bruta e os recursos disponíveis para sua sobrevivência.

Texto extraído do “Relatório Iron Mountain”

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE
UMA VIAGEM AO INFERNO

SEGUNDA PARTE
MERCENÁRIOS NO IRAQUE

TERCEIRA PARTE
O ANJO DA MORTE

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer a todas as pessoas que me ajudaram na elaboração deste romance, dedicando seu valioso tempo e sua indispensável informação e testemunho à história que desenvolvo.

A **José Miguel Romaña**, meu incansável agente literário, por ter sempre acreditado em mim e por ser a pessoa que me apresentou a ideia de escrever sobre a Segunda Guerra do Golfo, oferecendo abundante informação gráfica e visual, guardada durante vários anos em seus arquivos.

A **Mercedes Gallego**, correspondente em Nova York do Grupo Vocento e autora do livro *Más allá de la batalla*, por me ajudar a entender melhor o que realmente aconteceu na Segunda Guerra do Golfo e por responder, a distância, a todas as minhas perguntas.

Ao coronel aposentado **Amadeo Martínez Inglés**, excelente professor de Estratégia e chefe de Mobilização do Estado-Maior do exército espanhol, autor de vários livros muito polêmicos, por me auxiliar nos assuntos de graduação e formação militar do exército espanhol e do norte-americano; e também por me dar uma mão no vocabulário castrense, bem como por suas fundamentadas opiniões sobre o que ocorreu, na verdade, com as tropas de elite do exército republicano de Saddam Hussein.

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

A esta altura da história, não escapa a ninguém que o mundo vive um antes e um depois do 11 de Setembro. Todos lembram onde estavam e o que faziam em torno das 3 horas da tarde, hora local na Espanha, daquele 11 de setembro de 2001.

Muito se escreveu e escreverá e, o que é mais importante, muito se especulou e se especulará sobre os reais motivos dos atentados daquela fatídica manhã. Desde as notas de vinte dólares que, ao ser dobradas de uma certa maneira, nos mostram imagens daquele determinado dia, vídeos na internet com “provas” da conexão entre as famílias Bin Laden-Bush, e jogos pictográficos com o dólar, até o famoso número de emergências coincidente com a data escolhida pelos terroristas.

Patrick Ericson, fugindo do lugar-comum e das “conspiranoias” muito atraentes, mas com parco fundamento, construiu uma história sólida que consegue algo primordial em qualquer romance e, mais ainda, em um *thriller* bélico-político como o que nos oferece. Primeiro: o leitor ficará grudado ao livro da primeira até a última página. Segundo: à medida que for se inteirando da narrativa, vai se perguntar se os fatos são reais ou fruto da imaginação do autor e consultará, nos grandes oráculos do ciberespaço (YouTube e Wikipedia), tudo que se relacione aos cenários, personagens, lugares e situações descritos nas diferentes partes do romance.

Escrever uma série de histórias que acontecem em meio a um país em guerra não é nada fácil. Parece óbvio que o autor deve se ajustar ao que o leitor quer ler e pintando os bons como muito bons, e os maus como muito maus. Mas em uma guerra não há bons nem maus. Nem sequer ganhadores ou perdedores. Há vencedores e vencidos, mas, sempre, todos os contendores acabam perdendo. E isso é, talvez, a grande síntese deste romance. É narrado com imparcialidade e

nos apresenta personagens distantes dos estereotipados e lineares tão comuns, ultimamente. Personagens que sentem, lamentam e sofrem não apenas o que ocorre no cenário de uma guerra atroz, mas que também têm sua própria parte na história dentro da história, pela qual não passam como meros espectadores.

Se, como eu, o leitor tem acompanhado a trajetória de Patrick Ericson, saberá que se há algo que o caracteriza é justamente a capacidade de atrair atenção e criar um suspense digno de um diretor do melhor seriado norte-americano, dom que muito poucos possuem e que, com maestria, usavam os antigos escritores de folhetins para captar a atenção de seus leitores, conseguindo que milhares de pessoas corressem, em massa, em busca de um novo capítulo. O comumente classificado de “não se desinteressem... ainda há mais”.

Várias razões me ocorrem (além das expostas anteriormente) pelas quais alguém vai querer ler este livro. Mas, atenção, é minha obrigação moral e meu dever advertir o leitor de que há uma pela qual não deve fazê-lo. Se tiver algo importante a realizar nas próximas horas e dias, este não é o livro que está procurando. No momento em que for aberto, não há como se afastar dele. E, o que é pior, quem consegue fechá-lo e deixá-lo assim por um momento, não pode deixar de pensar no que será que vai acontecer em seguida.

Espero que estejam ansiosos para ler este romance e que o apreciem. Deixem para trás tudo aquilo que achavam sobre a guerra, o exército norte-americano, o governo do Iraque... e partam do zero.

E, sobretudo, não façam planos a curto prazo.

Que o espetáculo comece!

Juan Ramón Gálvez

Presidente da associação literária Melhor com um livro

www.mejorconunlibro.com

Málaga, 25 de abril de 2010

PRÓLOGO

TURNBERRY (Escócia), 15 de maio de 1998

Do terraço da luxuosa mansão onde tomava café da manhã sozinho com seu cachorro Joker — um *terrier* de pelo duro, inteligente e inquieto como seu próprio dono —, podia enxergar os campos de golfe, mais além dos berrantes edifícios pintados de branco e salmão e que faziam parte do complexo hoteleiro Westin Turnberry Resort, situado na cidade portuária de Ayrshire. Vários jogadores, em companhia de seus ajudantes, tratavam de manter a pontuação enquanto conversavam sobre os valores de suas ações ou concebiam novos negócios que lhes permitiriam continuar mantendo seu privilegiado *status* social. A manhã estava cálida e ensolarada, embora na região escocesa, e naquela época do ano, o normal seria uma temperatura um pouco mais baixa que a daquele dia; e isso, segundo o homem sentado diante de um succulento desjejum no mais puro estilo norte-americano, só podia pressagiar uma mudança de ares — sempre e a qualquer instante no âmbito da política internacional.

Tinha esperança de que seu convidado, prestes a chegar a qualquer momento, estivesse disposto a compartilhar com ele um dos projetos mais ambiciosos e terríveis que um ser humano se atreveria a imaginar. Não era a primeira vez que ambos brincavam a respeito de suas possibilidades de dirigir o mundo, de moldá-lo à sua vontade. Sem dúvida, já não se tratava de uma ideia concebida em um ataque de ousadia, mas sim de materializar seus sonhos e concretizá-los, porque se havia alguém sobre a Terra capaz de fazê-lo, sem dúvida eram eles dois. Com certeza, teriam de levar em consideração opiniões particulares de outras pessoas cuja voz se fazia ouvir em cada uma das nações mais relevantes do Ocidente, mas isso era algo que já previra muito antes de ter decidido realizar a reunião.

O peso político e financeiro daqueles homens que coordenavam o futuro do

mundo não era nada comparado ao poder dos que lhes asseguravam seus cargos. O chamado Clube Bilderberg, que tinha entre seus membros banqueiros, magnatas da imprensa, especialistas em defesa militar, ministros de vários governos e líderes políticos da Europa e da América do Norte, representava — simbolicamente falando — a cartola do ilusionista; e ambos, por assim dizer, eram como o coelho que ficava escondido desde o início da representação. Mas, obviamente, não sairiam de seu esconderijo até ouvir os aplausos do público.

Soou a campainha. James, o guarda-costas pessoal que o acompanhava em suas viagens e que, por sua vez, se encarregava de organizar o trabalho do restante dos empregados, foi pessoalmente abrir a porta, como ordenara seu magnífico e poderoso chefe. Depois de dar as boas-vindas ao elegante cavalheiro de porte inglês que ingressava no vestibulo, conduziu-o ao lugar onde o aguardava com ansiedade um de seus mais velhos e afetuosos sócios.

O encontro daquela manhã, ainda que isento do protocolo oficial a cumprir em relação às outras personalidades a quem James estava acostumado a abrir a porta, devia se realizar, igualmente, na maior intimidade possível, razão pela qual o guarda-costas advertiu os serviçais de que não deveriam aproximar-se do terraço em hipótese alguma, se quisessem continuar conservando seus bem remunerados empregos.

— O senhor o aguarda no *solarium* — disse o agente de segurança de rosto quadrado e insensível, indicando-lhe a ampla vidraça que se abria no outro extremo do salão.

Em seguida se afastou, em silêncio, fechando atrás de si a porta que dava acesso ao restante das dependências da planta baixa.

O recém-chegado, um homem de grandes entradas e cabelos grisalhos, que apesar de seus sessenta e sete anos de idade possuía um singular encanto, capaz de chamar a atenção de qualquer mulher que cruzasse o seu caminho, foi direto até o terraço enquanto avaliava mentalmente o alcance daquela entrevista. Se suas suspeitas estivessem corretas e seu velho amigo pretendesse desligar-se dos demais sócios, com o propósito de iniciar sua particular batalha política, isso haveria de colocá-lo em uma posição bastante incômoda que viria acompanhada de grandes dores de cabeça.

— Olá!... — O anfitrião levantou a mão direita em saudação, assim que o viu surgir à porta que se comunicava com o salão. — Vamos, aproxime-se! Sente-se e tome café da manhã comigo... — disse, indicando as travessas com frutas, *bacon*, ovos mexidos, torradas, queijo fresco e manteiga, bem como as jarras de café, leite e laranjada que havia sobre a mesa. — Espero que não lhe tenha ocorrido fazê-lo no restaurante do hotel. Não que seja incompleto, mas aqui a coisa é diferente. Já sabe que jamais viajo sem meu *chef*.

Seu convidado aceitou sentar-se à mesa, mas recusou compartilhar o desjejum. O *terrier* de pelo áspero parou de roer seu brinquedo de borracha preferido para farejar ao redor do intruso que se atrevera a violar seu território. Deu um latido e, em seguida, outro. A uma ordem de seu dono, o cão voltou a prestar atenção em sua bolinha besuntada de baba.

— Ontem você foi embora depressa demais, assim que a reunião acabou — disse o cavalheiro impecavelmente vestido.

Não era uma reprovação; ele apenas confirmava um fato.

— O futuro da Otan, depois da dissolução da União Soviética, a crise asiática, a atual problemática japonesa, o poder militar no mundo inteiro e as organizações multilaterais são questões tão medíocres e aborrecidas que me sinto incapaz de perder meu tempo pensando em procurar soluções. — O proprietário da mansão luxuosa fez um eloquente gesto de fastio. — Nosso verdadeiro problema ainda está para chegar, algo que parece não importar a ninguém.

O homem com aspecto de galã de cinema maduro concordou, em silêncio. Conhecia de antemão o motivo daquele encontro e continuava pensando tratar-se de uma loucura o simples fato de propor certos assuntos. Mas era obrigado a prestar atenção, mesmo que fosse apenas em deferência à amizade que os unia.

— Você é a América do Norte e eu sou a Europa... Você representa o cérebro especulativo que dirige nossa civilização, e eu, o coração que proporciona o sangue que a mantém viva — parafraseou o convidado, depois de um breve instante de reflexão. — Sei muito bem o que você vai me dizer e lhe adianto que brincar de ser deuses tem, sempre, um alto preço.

— Esse tem sido o papel de nossas famílias há várias gerações — recordou-lhe o outro. — Ou, por acaso, você esquece que foram nossos antepassados que financiaram o movimento internacional pelo sufrágio feminino, para segmentar a família a partir do núcleo, e nós os que, recentemente, pretendemos estabelecer o euro na Comunidade Econômica Europeia?... Quem, senão nossas famílias, luta de forma inquebrantável pela globalização e pela chamada Nova Ordem Mundial?

Tinha razão. Não podia negar as pretensões de seu sócio sem deixar de cumprir o pacto de cavalheiros que unia ambas as dinastias desde muitos anos.

— Concordo. Estou disposto a escutá-lo.

Deixando de lado sua xícara de café, o ancião, que vestia um elegante robe de cor carmesim com as iniciais D. R. bordadas a ouro em um dos bolsos, franziu a testa com certa gravidade antes de iniciar sua particular dissertação política:

— Há 32 anos, o então secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert McNamara, ordenou um estudo classificado como “altamentesecreto” para determinar os problemas com os quais deveriam se confrontar os países

civilizados, se o mundo chegasse a ingressar em uma era de paz permanente — começou dizendo seu eterno aliado, cujo rosto ostentava certa semelhança com a águia imperial que se podia ver nas notas de um dólar norte-americano. — Os resultados do dossiê careciam de qualquer lógica, razão pela qual nenhum dos membros do Departamento de Defesa quis fazer eco a sua avaliação, subestimando assim a opinião especializada das mentes mais esclarecidas de nosso país.

“Tal relatório, de qualquer forma racional, segundo minha opinião, resumia-se simplesmente, a esta frase: ‘Para a sobrevivência do mundo ocidental é necessário que morram os menos afortunados dos países do Terceiro Mundo, com a finalidade de nos apropriarmos de suas riquezas’. — Olhou seu sócio com absoluta frieza. — Quer gostemos ou não, a guerra constitui a coluna vertebral da sociedade moderna e isso é um fato constatado. Não importa se você o observe pelo lado econômico, político ou sociológico. — Limpou a voz. — Para ter um ótimo nível de vida, bem como preservar os escassos recursos naturais com os quais contamos, temos de criar uma ameaça tão real e terrível que nada nos reste a não ser embarcar em uma nova guerra.

“Assim são as coisas, temos de nos mobilizar antes que entremos em uma grande crise mundial, que acabaria desequilibrando a ordem estabelecida.”

— Não tergiverse sobre a questão. — O europeu fez um gesto de impaciência com a mão direita. — Se não me engano, o que você tenta me dizer é que nós temos de controlar diretamente as atuais reservas de petróleo e, ao mesmo tempo, regular o poder energético... está certo?

O septuagenário norte-americano ficou em silêncio, mantendo-se distante como se de alguma forma o tivesse desagradado escutar o raciocínio vago do velho amigo. Sabia, de antemão, que sua reação seria mesmo aquela, que ele falaria com legitimidade, embora esperasse dele um pouco mais de bom senso. Afinal de contas, o mundo era um negócio: o de ambos.

— Há pouco mais de um século, ninguém acreditaria que o homem pudesse dar a volta ao mundo em pouco mais de vinte e quatro horas nem que fôssemos capazes de voar como os pássaros... e muito menos que chegássemos a colocar os pés na Lua — explicitou, depois de uma pausa. — Todos esses avanços foram possíveis, direta ou indiretamente, graças a um só recurso energético: o petróleo. E enquanto a tecnologia do hidrogênio não for desenvolvida com sucesso, é a única fonte de que dispomos para manter nossa civilização a salvo. Controlar a energia é controlar o poder.

— O banco é o poder! — acrescentou seu convidado, com orgulho desmedido. — O dinheiro é a única coisa que move o mundo.

— Discordo, querido amigo... — O ancião esboçou um sorriso caricatural. —

De que serve o dinheiro quando estamos a poucos anos de ingressar na maior crise econômica mundial já conhecida? Que faremos depois que os produtos mais básicos se encarecerem, devido ao aumento do preço dos barris de cru? Que acontecerá quando não tivermos nem sequer eletricidade, nem meios de transporte que aproximem nossos países? Eu lhe direi: vamos retroceder vários séculos, no tempo, e as nações e seus líderes sucumbirão devido à falta de propósito social, inclusive o dinheiro deixará de ter sentido quando desaparecer a economia mundial da maneira como a conhecemos hoje. Não haverá lei nem ordem, apenas um profundo vazio, provocado pelo caos. Será o fim de nossa civilização.

O velho continente avaliou a áspera conjectura de seu sócio. Não teve alternativa senão continuar escutando o que ele dizia.

— Muito bem... o que você pretende? — perguntou enquanto juntava as pontas dos dedos, em um claro gesto de aceitação.

— Ganhar tempo — respondeu o ancião. — Calculei que dentro de umas três décadas o petróleo passará a fazer parte de uma lenda. E quando isso acontecer, teremos de enfrentar o pior dos inimigos: a carência de recursos energéticos. Para que a crise que se aproxima não nos arraste também, temos de nos adiantar quanto ao futuro. “Abastecer”... essa é a palavra que melhor define o pensamento inteligente.

— Continue...

— De imediato, precisamos criar uma necessidade psicológica de lealdade, dentro de cada indivíduo, uma ameaça fictícia que o incentive a defender nossa sociedade e valores... os dos Estados Unidos — suspirou. — A lealdade requer uma causa e uma causa sempre requer um oponente... e para vencer o oponente precisamos de um líder capaz de iniciar uma campanha bélica contra os países árabes produtores de petróleo, um homem que leve a cabo nosso plano sem nenhum prejuízo. Lembre-se de que atualmente eles possuem oitenta por cento das reservas globais de petróleo, razão pela qual temos de convencer o mundo de que nossos verdadeiros inimigos estão protegidos atrás dos países do Oriente Médio. A guerra haverá de nos proporcionar tudo aquilo que precisamos para sobreviver nos próximos cem anos.

“Mas, antes, teremos de expurgar velhos vícios. Os Estados Unidos precisam deixar de ser uma nação frágil, governada por dirigentes fracos, capazes de nos colocar em situação ridícula diante do resto das nações, por causa de um absurdo escândalo sexual. — Ele se referia ao escabroso assunto que implicava o atual inquilino da Casa Branca com uma simples estagiária de formas curvilíneas, o chamado Caso Lewinsky. — A América anseia por um homem forte, decidido, um republicano da velha escola... e eu tenho esse homem...

— Esboçou um sorriso irônico. — Melhor ainda, há um projeto em andamento, a respeito, há vários anos...



PRIMEIRA PARTE
UMA VIAGEM
AO INFERNO

Nova York (Estados Unidos), 25 de fevereiro de 2003

As mãos de Jack pendiam, inertes. Não era a imobilidade do descanso na posição de sono nem a renúncia de um formato determinado, em um instante de relaxamento ou abandono. As mãos de Jack estavam vazias, mortas para o gesto e a presença. Uma derrota estéril havia tomado posse delas, até petrificá-las. Frouxas e quietas, jaziam independentes da passagem do tempo. O tempo, sem dúvida, circulava... movia-se de um lado para outro da realidade. O pêndulo do relógio da parede oscilava ritmadamente, e suas batidas iam ecoando na casa como o eco de um pensamento aflito e oprimido. A noite não tinha fim: ia serpenteando cegamente em busca do amanhecer, da cor... das formas vivas.

Jack se sentia perseguido pelos fantasmas do passado, e uma tortuosa cadeia, construída com elos de brutais acontecimentos, aprisionava seu corpo e sua mente, corrompendo tudo de bom que pudesse ter restado nele depois da tragédia.

Seu sangue doía... Sua alma doía... Sua memória doía.

Sentado diante da televisão, Jack Parsons revivia muitas vezes o drama de sua vida. Na tela de plasma, podia ver os edifícios fumegantes do World Trade Center depois dos impactos dos aviões suicidas: o voo 11 da American Airlines e o voo 175 da United Airlines, ambos sequestrados por fundamentalistas islâmicos militantes da célula terrorista Al Qaeda; jiradistas a serviço do homem mais temido e caçado do mundo: Osama bin Laden.

Observava em silêncio o atroz desastre com a mesma impotência com que o ser humano vê passar os anos que terminam por consumi-lo, inevitavelmente. Reprimiu as lágrimas quando chegou ao instante em que as pessoas que trabalhavam nos andares mais altos de ambos os edifícios, movidas pelo desespero e pela angústia, decidiam saltar no vazio, procurando, assim, fugir daquele inferno, distanciando-se do fogo que devorava lentamente a pele de seus

corpos. Viu-as precipitarem-se como se fossem bonecas de pano, marionetes que davam voltas no ar enquanto caíam para um trágico final lá embaixo... no asfalto.

Embora a cena fosse apocalíptica, ele não conseguia tirar os olhos da tela, porque ali, entre o caos da fumaça, dos escombros e dos restos de aço fundido, em algum lugar perdido daquele brutal e dantesco cenário, lhe parecia ter visto o rosto de Sharon, sua inesquecível, jovem, atraente e amantíssima esposa. A fita de vídeo não fazia outra coisa senão lhe mostrar, de novo, como deveriam ter sido terríveis os últimos momentos da vida dela.

Sobre a mesinha da sala descansava uma garrafa de Jack Daniel's quase vazia, um copo cheio até a borda e uma Beretta 92 FS, com o cano apontando para o televisor. Jack, vestido com o uniforme de oficial com o qual se graduara em West Point, uns seis anos antes, continuava observando as imagens de uma tragédia impossível de esquecer. Perto dele, sobre o sofá, lhe fazia companhia uma volumosa mochila na qual se podia ler, em uma pequena etiqueta plastificada, seu nome, cargo e grupo sanguíneo. O restante dos objetos que decoravam a casa parecia desconexo. Tudo estava sujeito ao cenário do soldado profissional.

Suas mãos voltaram à vida depois de ficarem entorpecidas por aquela morte momentânea. Fecharam-se com força, até formarem dois punhos, duas rochas firmes que procuravam conter toda aquela dor que supurava de sua alma. Naquele instante, teria dado qualquer coisa para voltar atrás no tempo... para impedir que sua esposa fosse trabalhar, naquela fatídica manhã de setembro... para evitar a tragédia... para salvá-la da morte certa, ela e o filho que ambos esperavam com tantas ilusões.

— Sharon... — sussurrou, invocando um nome e um rosto que jamais esqueceria, por mais que os anos passassem. — Sharon, meu amor ... Por que você não está aqui... comigo?

A recordação abriu a ferida não cicatrizada e ele não teve outro jeito senão sucumbir à dor. Desconsolado, começou a chorar como uma criança. Chorou como nunca havia feito antes, desde seu âmagô, com um impulso poderoso, com a amargura que sentem as pessoas que perderam um ser querido e sabem que jamais poderão recuperá-lo, exceto no mundo dos sonhos. Afogou os acessos de sua raiva bebendo o uísque de um trago só. Então, depois de deixar o copo sobre a mesa, limpou as lágrimas antes de voltar a enchê-lo.

Convertido agora em um fantasma, sem coração nem espírito, a única coisa que lhe importava era realizar a própria vingança.

Então, sentindo ecoar em si os anseios do povo estadunidense depois da agressão de que foi vítima, recordou o discurso pronunciado pelo presidente

Bush após os atentados do 11 de Setembro, no qual afirmava que os terroristas da Al Qaeda haveriam de ser julgados por um tribunal norte-americano, e que se faria justiça para com os mortos.

Jack acreditava nas palavras de seu presidente, um homem que ele admirava ainda mais desde que decidira concretizar suas ameaças e castigar os culpados por aquele terrível holocausto. Se havia um Anjo Vingador, capaz de perseguir até o final os assassinos de sua esposa e do filho em gestação, e exterminá-los sem compaixão, esse era George W. Bush, sem nenhuma dúvida. Era, como diria seu pai, um homem de colhões.

A fita de vídeo continuava mostrando o horror do atentado. Jack havia diminuído o volume para não ouvir os gritos de dor dos que observavam consternados, das amplas avenidas adjacentes, as devastadoras consequências daquela cena inconcebível que parecia extraída de um filme de ficção científica. As imagens já lhe provocavam imensa dor, portanto não era preciso acrescentar voz à tragédia.

A ilha de Manhattan, vista do rio Hudson, parecia tão catastrófica e infernal que ele lembrou ter acreditado, naquela ocasião, que o impacto dos aviões contra os edifícios do World Trade Center vinha marcar o início do Fim do Mundo. O certo é que essa virou uma impressão comum, ao menos entre os nova-iorquinos que presenciaram o desmoronamento de ambos os arranha-céus. Mas o pior de tudo foi que os cidadãos dos Estados Unidos da América descobriram, pela primeira vez na vida, que eram vulneráveis, frágeis objetivos de uma guerra que se iniciara naquele mesmo fatídico dia em que o mundo prendeu a respiração.

Naquele instante tocou o telefone, que estava em uma mesinha de madeira e porcelana, perto do sofá. Jack estendeu a mão para pegá-lo, sem deixar de olhar o televisor.

— Tenente Parsons falando — disse em acentuado tom militar.

— Jack... sou eu, David. — Ele reconheceu imediatamente a voz do tenente-general McKierman, a quem estava ligado, e à família dele, por uma profunda amizade. — Amanhã, na primeira hora, encontro você em Washington D.C.

— É oficial?

— Sim. Saímos em seguida para o Kuwait. Você irá na 2ª Brigada da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada... concretamente, no Grupo de Combate 4-64 Tusker.

— Certo, senhor... lá estarei.

Depois de uma breve e neutra despedida castrense, Jack desligou o telefone. Em seguida, depois de gravar a fogo em sua memória a angústia daquelas pessoas que perderam a vida no atentado, apertou o botão do controle remoto, apagando o televisor. Na sequência, pegou a mochila que estava no sofá e,

finalmente, o revólver.

Mesmo antes de sair de casa, Jack Parsons já era mais uma vítima daquela guerra sem sentido.

CIDADE DO KUWAIT, 3 de março de 2003

Rory Moore, repórter da BBC World News, dirigia seu Honda Civic pela ampla avenida Third Ring. Observava, através da janela do carro, a passagem de um comboio norte-americano que seguia em direção contrária, rumo à base militar de Camp Doha, ao norte da cidade.

Vestia-se de maneira esportiva, com bermudas brancas e uma camiseta verde-pistache, com o conhecido emblema da famosa Universidade de Oxford impresso no peito. Um boné lhe cobria o cabelo comprido, cor de cenoura. Os óculos de sol escondiam a frieza de seus olhos, de um azul tão impenetrável como os profundos abismos dos mares do Sul. O rosto, sem ser muito atraente, tinha a expressão selvagem de um homem habituado a governar a própria vida e, às vezes, a dos outros. Seu aspecto era corpulento e flexível, o que denotava certa inclinação a frequentar academias e praticar esportes radicais. Em resumo, encarnava o típico inglês aventureiro, disposto a lutar até a morte para defender seu território.

Pouco a pouco, um largo sorriso foi se expandindo por seu rosto. Ele se sentia satisfeito. Era um dos poucos eleitos pela BBC World News para cobrir as notícias da invasão aliada, um autêntico privilégio, e tudo graças ao bom amigo Geoff Hoon, ministro da Defesa britânico, que se encarregara pessoalmente de incluí-lo na relação especial de jornalistas que iriam acompanhar as tropas aliadas em território iraquiano. Ir como “embutido” com os Royal Marines era a brecha que ele procurava desde que haviam começado os rumores sobre a possível invasão do Iraque. Era uma oportunidade única. Com um pouco de sorte, poderia consolidar seu nome como correspondente de guerra, sobretudo depois de ter estado na Bósnia-Herzegovina fazendo a cobertura, como sempre fazia, na linha de frente.

Aquela autorização havia superado todas as suas expectativas, entretanto ficou mais satisfeito ainda por saber que, se jogasse bem suas cartas, poderia regressar a Londres com uma reportagem que haveria de conduzi-lo diretamente ao Prêmio Pulitzer, na categoria Jornalismo Internacional ou Furo de Reportagem. Tudo dependia de um telefonema.

Marcara um encontro com Driss Moqtari no Carinos, um restaurante italiano ligeiramente medíocre, construído diante das praias do Kuwait. Driss, o câmera

lívio que trabalharia com ele enquanto estivessem no Iraque, estudara jornalismo em uma das melhores universidades da Grã-Bretanha e dominava cinco idiomas de maneira impecável, incluindo sua língua materna, o árabe.

Era um homem de estatura mediana, taciturno e reservado, com um farto bigode escuro que lhe cobria totalmente o lábio superior e parte dos orifícios nasais. Devia estar na casa dos quarenta, mas aparentava alguns anos mais devido às rugas que circundavam suas pálpebras e vincavam-lhe a testa. Só participava de uma conversa se o assunto fosse arte ou colecionismo, temas que dominava perfeitamente graças a seu gosto por antiguidades. Tinha apenas um pequeno defeito — uma grande virtude, segundo Rory: deixava-se subornar facilmente. Isso o convertia, de fato, no companheiro ideal, alguém capaz de guardar um segredo em troca de uma substancial quantia em dinheiro. Em nenhum momento o considerou um oportunista, mas sim um mercenário da informação. Confiava nele plenamente e isso lhe bastava.

Quando chegou ao final da avenida, virou à direita para entrar na Arabian Gulf, rua que beirava a costa do Golfo Pérsico. Ligou o pisca-pisca ao passar pelo Small Paradise, parando a poucos metros do restaurante de Johnny Carinos. Assim que desligou o motor, o telefone via satélite começou a vibrar na pequena bolsa que pendia de seu cinto.

Rory tirou o boné que o protegia do sol e limpou o suor da fronte com o dorso da mão. Ato contínuo, atendeu o telefone.

— Senhor Moore? — perguntou uma voz em inglês, embora com forte sotaque árabe.

Era a ligação que estava esperando.

— Rory Moore falando — confirmou o repórter. Em seguida, perguntou de maneira direta: — Tem o que me prometeu, Hassan?

Sabia muito bem que “Hassan” não era seu nome verdadeiro, embora isso pouco importasse, naquelas alturas.

— Sim. E entregarei desde que cumpra minhas instruções — respondeu o árabe. — Preciso de proteção... minha família precisa de proteção. Você tem de tirar todos nós de Bagdá! Você me ouviu? — o homem exigiu, muito nervoso. — E também deve conseguir um visto britânico que nos permita cruzar a fronteira com a Jordânia, bem como o milhão de dólares que combinamos.

A exigência foi feita com genuína angústia.

— A rede para a qual trabalho está satisfeita por fazer negócios com você, Hassan — afirmou o repórter. — Mas tenho de conferir, pessoalmente, se a informação que possui é tão impactante como você afirma. Vou julgar por mim mesmo, antes de telefonar para o diretor-geral da BBC. Coloco em jogo meu posto de trabalho, se prometo uma grande história e depois acontece de ser um

grosseiro engano.

— Posso lhe garantir que esta notícia vai suplantiar todas as que forem publicadas nos próximos cem anos. — Havia certo orgulho no tom de voz. — Há apenas um inconveniente: você terá de me ajudar a tirar o dossiê do lugar onde eu o escondi.

— Quer dizer que neste momento você não está com esses relatórios?

Aquilo começava a cheirar mal. O fato de um desconhecido ter entrado em contato com ele, somente dois dias depois de ser escolhido para acompanhar os *marines* britânicos no Iraque, e lhe oferecer uma notícia sem precedentes na história do jornalismo em troca de certas exigências não lhe transmitia muito boas vibrações. E, menos ainda, que agora o implicasse na recuperação dos tais documentos.

Realmente, o assunto fedia.

— Não se preocupe — respondeu o árabe depois de um breve silêncio, procurando tranquilizá-lo. — Estão bem seguros... em um lugar onde é impossível que alguém os encontre. Sobreviverão aos bombardeios.

— E então... como posso ajudá-lo?

— De imediato, fazendo o possível para acompanhar as tropas aliadas que consigam entrar em Bagdá — respondeu Hassan. — No momento em que o exército norte-americano derrubar o *Raïs*¹, eu entrarei em contato com você de novo. Está em suas mãos conseguir os vistos para minha família. Quando forem entregues a mim, os passaportes junto com o dinheiro, eu mesmo o levarei ao lugar onde mantenho escondido o dossiê e o DVD que contêm a informação sobre a qual lhe falei em muitas ocasiões... — Ficou em silêncio durante alguns segundos. Depois, finalizou o que tinha a dizer: — Não sei se você está preparado para ver as imagens do vídeo, ou se o surpreenderá ler o que está escrito nesse relatório. Mas posso lhe assegurar que nada voltará a ser como antes... — Tossiu duas vezes. — Eu lhe dou minha palavra. Sua vida mudará no mesmo instante em que descobrir o segredo que os homens mais poderosos do planeta escondem.

Tais palavras não deixaram o repórter indiferente, pois estava realmente curioso para saber do que, de fato, aquele sujeito estava falando.

— Uma pergunta, Hassan... você trabalha para o ditador? Pertence ao partido *Baas*²?

— Você se lembra?... Vivo no Iraque — ele respondeu com evidente ironia. — Conhece alguém que não seja?

Disse e desligou.

Com os dentes cerrados, Rory amaldiçoou sua indiscrição. Havia conseguido

assustá-lo, quando se tratava de ser sutil e agir com inteligência. O pior de tudo é que teria de esperar que as forças de coalizão entrassem em Bagdá para falar de novo com a pessoa que se fazia chamar de Hassan e, assim, realizar a reportagem de sua vida.

Depois de guardar o telefone via satélite, foi em direção a seu encontro. Viu Driss na porta do restaurante, fumando um cigarro, enquanto observava, absorto, o quebrar das ondas contra as rochas. O cenário o fez pensar em um desses mercenários cujo mundo interior, de frieza inquebrantável, os condicionava a não ter passado nem futuro, apenas o duro e solitário presente.

Aproximou-se dele pelas costas, apoiando sua mão direita no ombro do câmara.

— Há notícias do tenente-coronel? — perguntou.

Driss confirmou, em silêncio, sem prestar atenção no gesto impaciente do companheiro de trabalho. Continuava olhando o mar como se procurasse, nos cintilantes pontos de luz que refulgiam entre as ondas, uma resposta à loucura que seria desencadeada em questão de horas no país vizinho. Como homem que havia passado grande parte da vida em Londres, acreditava no sistema democrático e aceitava, de certo modo, as normas e os costumes europeus; mas, como árabe, achava que estava sendo cometida uma injustiça com seus irmãos de sangue. Ninguém tinha direito de invadir um país, por mais armas de destruição de massa que ocultasse; relevando o arsenal do Estado de Israel, que possuía todas. Se assim fosse, os países do Ocidente teriam de atacar-se constantemente. Ao contrário, andavam cada vez mais unidos.

Abandonou seus pensamentos para responder ao companheiro.

— McCourt ligou há uma hora. — Encarou o outro, olhos nos olhos. — Disse para regressarmos imediatamente a Catar. Em breve sairemos rumo ao acampamento de base.

O tenente-coronel Ron McCourt era o porta-voz do comando aliado, que ficava na cidade de Catar.

Rory desconsiderou as palavras do líbio. Limitou-se a sorrir e a lhe perguntar algo trivial:

— Está com fome? — Mas antes que o câmara respondesse, acrescentou em voz baixa: — Vamos entrar. Preciso lhe falar de Hassan.

A SUDESTE DO IRAQUE, 20 de março de 2003

Semanas antes de o tenente Parsons sair para o Kuwait, ele havia passado, da mesma forma que milhares de soldados do exército dos Estados Unidos, por várias sessões de treinamento na base militar de Fort Stewart, na Geórgia, bem como tomado vacinas contra varíola e antrax, entre outras.

Também lhe haviam entregado, junto com um conjunto completo de uniformes, uma mochila com roupa íntima e artigos de primeira necessidade para asseio diário; uma máscara de proteção contra gases, com filtros da série M-40; botas bioquímicas; um *kit* de descontaminação M291 e outro de primeiros socorros; um colete à prova de balas com chapas de cerâmica, capazes de deter a munição de uma AK-47; e duas placas metálicas com seu nome: a que deveria permanecer com seu cadáver para identificação, caso fosse abatido, e a que um de seus companheiros teria de pegar para informar a baixa do soldado, morto em combate.

Mas além do material necessário para sobreviver nas duras condições impostas por um confronto bélico, ainda mais em zonas desérticas, Jack guardava no cérebro sua particular arma de sobrevivência: as instruções do tenente-general MacKierman, primeiro comandante das forças norte-americanas de terra no Iraque, a mensagem preliminar do general Blount, chefe da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada, e a máxima de seus rivais da Academia Militar, o Corpo de Fuzileiros Navais: *Seja amável e profissional, mas sempre tenha um plano para matar todas as pessoas que conheça*³.

Jack e seu pelotão, que integravam a Companhia A, haviam se separado do resto do grupo de combate 4-64 Tusker depois de receber ordens do capitão Wolford, para que acompanhassem as tropas aliadas até a cidade iraquiana de Um Qasr, a partir da qual deveriam seguir viagem até as cercanias de Najaf.

Pouco depois de cruzar o posto de fronteira de Abdaly, observou com frieza os oxidados carros de combate que, treze anos antes, haviam sido utilizados pelo exército republicano de Saddam Hussein para invadir o Kuwait e, posteriormente, ficaram presos nas areias do deserto em sua fuga para Bagdá, depois de serem atacados pela aviação norte-americana. Eram os restos imemoriais de um passado, não tão distante, que recordava aos iraquianos que a história voltava a se repetir e que uma nova ameaça era lançada sobre suas cabeças e as de seus líderes políticos.

Além da estrada, pôde ver um grupo de casas, nas vizinhanças de Um Qasr, e dois dromedários que os observavam com estúpida indiferença, mas nem rastro de soldados ou civis que tentassem impedir seu avanço pelo deserto do Iraque.

Aquela imagem que, em parte, parecia especialmente tranquila, deixou de ter importância quando, de volta à realidade, escutou o rugido dos caças de combate F/A-18 Hornet e F-14, que desembarcados dos porta-aviões USS Harry S. Truman e USS Kitty Hawk, sobrevoavam o espaço aéreo do Iraque, com ordens precisas de bombardear os pontos mais estratégicos das cidades de Basora, Naseriya, Bagdá, Kirkuk e Mosul.

O jipe Humvee no qual viajava o tenente Parsons ia na frente, seguido pelo resto de seu pelotão, bem como pelos fuzileiros britânicos da Royal Marines e pela 1ª Força Expedicionária de Fuzileiros Navais norte-americanos. Era uma caravana de cem carros de combate M1A2 Abrams, dotados de equipamentos de pontaria, mapas digitais, GPS, detector térmico de imagens, contador laser e visão noturna – que trafegavam pela estrada que ia de Abdaly a Um Qasr, com dezenas de veículos blindados de apoio.

No fim da fila, vinham os diversos caminhões M1083 e os veículos cisternas, que transportavam parte do equipamento de abastecimento necessário às tropas aliadas, em sua viagem até Bagdá. E, voando alguns quilômetros adiante, a baixa altura, iam os aviões Harrier britânicos, de decolagem vertical. Os helicópteros de ataque Apache Longbow norte-americanos lhes serviam de cobertura, acompanhando o avanço do comboio interminável.

Não fazia nem três horas que havia sido iniciada a grande campanha militar por terra e alguns já sentiam na boca o gosto metálico do medo.

— Senhor... acredita que teremos problemas com o exército de Saddam? — perguntou o cabo Roger O'Connors, um jovem afro-americano que dirigia o Humvee, pelo lado contrário da estrada. Dessa maneira, permitia o avanço do resto dos jipes aliados.

Jack percebeu o temor daquele soldado, de nível E-4, escondido sob o tom marcial de sua pergunta. Era a primeira vez para todos, portanto a sensação de perigo aflorava a cada metro que avançavam em direção a seu destino. Em nada

ajudava a confusão dos primeiros momentos, nem as informações contraditórias que recebiam por rádio desde a primeira hora da manhã.

— Garoto, você já não está no Kuwait... mas sim no Iraque — Virou o rosto para responder ao jovem. Os olhos do tenente Parsons estavam ocultos sob óculos protetores. — Cruzamos o posto de fronteira de Abdaly e já avançamos alguns quilômetros sem nenhum problema... mas apenas porque essa faixa de território esta, ainda, nas mãos das forças de paz das Nações Unidas, embora possivelmente sejam evacuadas depois da mobilização de nossas tropas — disse, mostrando um amplo e familiar sorriso. Em seguida, acrescentou:

— Esteja certo de que antes de chegarmos a Um Qasr, terá motivos mais que suficientes para se preocupar.

— Sabe de uma coisa, senhor? — continuou o cabo O'Connors, que não podia evitar uma mistura de excitação e angústia, síndrome do terror psicológico que antecede um confronto bélico. — Espero servir fielmente a meu país... embora também deseje regressar com vida deste inferno. Minhas filhas e minha esposa me esperam em Albuquerque. E prometi levar a elas uma recordação de Bagdá.

Jack sentiu uma pontada de dor ao recordar-se daquela que um dia fora sua família, a mesma que dois anos antes havia sido engolida pelos escombros acumulados na chamada Zona Zero, razão pela qual se absteve de qualquer comentário.

O'Connors, entendendo que ao tenente Parsons só importava a própria vida familiar, decidiu mudar o rumo da conversa.

— Posso lhe fazer uma pergunta, senhor?

— Vá em frente.

— Acredita que desta vez conseguiremos? Eu me refiro a conquistar Bagdá e derrubar o ditador.

Era a mesma pergunta que Jack vinha se fazendo desde que saíra de Washington.

— É para isso que estamos aqui... — respondeu, depois de breves segundos de incerteza. Então, concluiu dizendo: — Em minha opinião, depois dos incessantes bombardeios de ontem sobre a capital, dos lançamentos de mísseis Tomahawk contra os objetivos mais importantes do país, e das bombas a laser jogadas pelos caças F-117 e Grumman F-14 como apoio à ofensiva, é possível que os ânimos do exército republicano estejam debilitados e que muitos oficiais de menor patente, da mesma forma que a grande maioria dos soldados, tenham desertado... como fizeram na Primeira Guerra do Golfo. — Voltou a olhar para a frente, em direção à estrada. — Decapitar o poder da alta hierarquia de Saddam Hussein é nossa tarefa e não creio que vamos levar mais de uma semana para consegui-lo.

O cabo O'Connors sorriu, deixando entrever sua resplandecente e alinhada

dentadura. Gostava do tenente. Era um desses oficiais cuja têmpera e frieza superavam, em muito, o medo da morte. Homens assim transmitiam coragem   tropa. Combater a seu lado — pensou — havia de garantir sua sobrevivência.

Minutos depois, o comboio entrava no coração da cidade portuária de Um Qasr, situada a cinquenta quilômetros de Basora. Eram 9h05 e a temperatura exterior já superava os cinquenta graus centígrados, razão pela qual o ar estava, realmente, irrespirável.

O inferno não deveria estar muito distante do Iraque.

O tenente Parsons enxergou, surgindo dos primeiros edifícios da cidade, vários rastros de fumaça e fogo vindo na direção deles como flechas incandescentes.

São teve tempo de reagir.

— Rápido! Saia para o lado! — gritou o oficial, instintivamente ajudando-o a girar o volante.

O Humvee saiu da estrada bem a tempo. Uma das bombas explodiu no meio da rodovia, outro projétil atingiu um dos veículos blindados que vinha alguns metros atrás.

— Senhor, estão nos atacando com lança-granadas! — vociferou o cabo O'Connors.

Jack mal lhe prestou atenção, pois havia girado o corpo para olhar os assentos traseiros através das janelas metálicas. O primeiro-sargento postado na metralhadora tinha sido ferido por causa da onda expansiva, talvez atingido pelos estilhaços, e seu corpo fora arremessado para o interior do veículo.

Enquanto isso, os carros de combate e os helicópteros de apoio respondiam ao ataque das tropas iraquianas, entrincheiradas atrás de um edifício de concreto na área velha do porto. O fogo da artilharia acabou de imediato com o ataque dos morteiros e granadas, suspendendo momentaneamente a ofensiva do exército republicano.

Houve então um grande silêncio, coberto por uma espessa cortina de pão e fumaça.

O tenente Parsons desceu do jipe para ir até os assentos traseiros. Depois de uma ligeira observação, comprovou que o sargento J. J. Carson — segundo constava em suas placas de identificação — estava gravemente ferido. Tinha um buraco aberto na fronte, evidenciando um forte golpe, provavelmente contra a própria metralhadora. O sangue escorria por todo o rosto. O tenente enfaixou a ferida com o próprio lenço do pescoço.

— Cabo O'Connors! — gritou, aproximando-se da grade de separação para transmitir a ordem de avançar. — Dirija-se à zona portuária, junto com as outras patrulhas.

— Sim, senhor! — exclamou o comandado com profissionalismo militar, acentuando cada palavra.

Sem titubear um segundo, Jack agarrou a pesada metralhadora M2, conectada ao computador do veículo, disposto a defender sua posição a qualquer custo.

Uma longa fila de Humvees entrou pela rua principal de Um Qasr, precedida por várias companhias de *marines* norte-americanos e britânicos. O matraquear das AK-47 ecoava pelos arredores do porto, onde se desenrolava outra batalha feroz. À medida que avançavam, voltaram a ser atacados com lança-granadas RPG-7, mas agora sem tanto êxito. A tática dos aliados foi recuar, para ficar fora do alcance da munição iraquiana, ao mesmo tempo controlando os acessos. Assim, evitavam que os outros se abastecessem com mais munição.

As forças invasoras não tinham pressa nenhuma de subjugar-los. Tudo chegaria a seu tempo.

O Humvee conduzido pelo cabo O'Connors circundou o edifício onde se protegia parte do exército republicano iraquiano, para inspecionar a parte dos fundos. Apesar da rivalidade entre os dois corpos militares, vários *marines* da 1ª Força Expedicionária cobriram a posição do veículo blindado comandado pelo tenente do exército norte-americano, apoiando-o todo o tempo.

Jack abriu fogo sobre as posições traseiras, controladas pela artilharia ligeira inimiga que havia no terraço. Atingiu dois soldados antes que pudessem mirar o lança-granadas em sua direção. Seus corpos tombaram sobre o parapeito e depois se estatelaram sobre o asfalto.

Alguns iraquianos, posicionados no outro extremo do terraço, correram para se proteger no interior do edifício ao descobrir que estavam na linha de fogo do exército aliado. O jovem cabo havia descido do jipe e, seguindo os mesmos passos do oficial no comando, disparava seu M-16 sobre os que procuravam fugir do ataque surpresa.

Acertou um dos fugitivos, matando o soldado antes que se colocasse a salvo.

— Nossa! — exclamou o cabo O'Connors, impressionado. — Viu, senhor? — dirigiu-se ao tenente. — É incrível... meu primeiro iraquiano.

Era possível dizer que o fato de matar um homem, não obstante o natural impulso de sobrevivência que o obrigava a se defender, lhe dava um infinito prazer, semelhante ao que sentia quando caçava aos domingos com os amigos.

— Fico satisfeito em saber que você enfrenta isso com profissionalismo, garoto. — Jack parecia estar de bom humor. — Esses cornos têm de saber quem são os malditos patrões!

Oficial e cabo correram ao mesmo tempo, unidos pelo sentimento de cumplicidade militar vivenciado depois de um trabalho benfeito.

Os Harrier britânicos iniciaram seu ataque, soltando a carga explosiva que

guardavam em suas asas metálicas depois de sobrevoar os focos de resistência. Centenas de *marines* aplaudiram a atuação da força aérea aliada. Minutos depois, viam-se tremular as bandeiras brancas pelas janelas do edifício. A resistência iraquiana havia cedido.

Pouco a pouco, com as mãos atrás da cabeça, foram saindo os soldados do exército republicano que estavam entrincheirados atrás das paredes do *bunker* de concreto armado. A partir daquele momento, segundo as normas da Convenção de Genebra, seriam considerados prisioneiros de guerra.

Um deles, um iraquiano alto, de rosto ovalado e basto bigode, saiu da fila, aproximando-se do Humvee do tenente Parsons. Falava árabe e, por seus gestos, parecia querer dizer-lhe que tanto ele como seus companheiros estavam ali porque não lhes restara alternativa senão obedecer às ordens do sanguinário ditador. Sorriu com naturalidade, como se estivesse agradecendo ao tenente por livrá-lo do compromisso de defender sua posição dentro do *bunker*.

Ou foi isso que os norte-americanos entenderam.

Jack, um pouco mais relaxado, olhou com certa compaixão aquele pobre diabo, rindo de seu caminhar desleixado e vacilante. O cabo O'Connors compartilhou do escárnio do oficial e, inclusive, cometeu o erro de ir ao encontro do homem para reconduzi-lo à fila.

Antes que o membro do exército dos Estados Unidos pudesse interceptar o avanço do prisioneiro, escutou-se uma voz às suas costas. Era de alguém que gritava em inglês, mas com inconfundível sotaque árabe.

— Cuidado! Ele tem uma granada!

O iraquiano deixou à mostra a bola metálica que escondia em sua mão esquerda, até então escondida atrás da nuca, e tentou arrancar a argola para lançá-la na direção do jipe norte-americano.

Jack reagiu com rapidez, assumindo novamente o comando da metralhadora e abrindo fogo contra o iraquiano, que foi crivado de balas diante dos demais companheiros. Estes continuavam caminhando em fila de dois em dois, indiferentes ao que acontecera.

O tenente Parsons não podia acreditar que aquele homem, que jazia morto no chão em um charco de sangue, tivesse decidido lutar de maneira não convencional. Abandonando a M2, olhou para trás em busca da pessoa que salvara sua vida, a dele e a do cabo O'Connors.

Viu um indivíduo de origem árabe vestido com o uniforme britânico, acompanhado por um inglês ruivo de ombros largos. No chapéu de cada um deles havia estampada uma etiqueta que os identificava como correspondentes de guerra.

— Pode me dizer como sabia...? — Ainda perplexo, Jack não concluiu a

pergunta.

O líbio se aproximou.

— Como disse um poeta iraquiano, “se um leão lhe mostra os dentes, não suponha que esteja sorrindo para você”. — E o fitou diretamente nos olhos. — Ouça... esse homem, que enquanto caminhava até o jipe parecia querer lhe agradecer, apenas lhe dizia: “Filho da puta, assassino”. Mas, claro... você não entende árabe — concluiu, mordaz.

“A RODOVIA DA MORTE” (Iraque), 23h30

Naquela noite, ninguém pôde dormir na cidade; apenas os mortos guardaram silêncio.

Apesar de ter sido içada a bandeira dos Estados Unidos da América em Um Qasr por um dos *marines* da Companhia Fox, os focos de resistência continuavam agindo em diversos edifícios e armazéns, próximos ao porto. O fogo de artilharia dos carros de combate, junto com o implacável assédio dos helicópteros de ataque Apache Longbow, transformava o frio da noite em um inferno multicolorido de detonações e de balas sinalizadoras⁴, que iluminavam a escuridão das ruas, reduzindo-as a pó e escombros, um indicador de que a rendição da cidade portuária deveria demorar mais algumas horas, se não dias.

Jack e o pelotão de 40 homens que viajavam com ele deixaram para trás a barbárie da guerra e se infiltraram no deserto pela A-80, conhecida como “a rodovia da morte”, com o objetivo de juntar-se a seu grupo de combate, nas cercanias de Najaf. Chegava até eles o som da aviação britânica sobrevoando suas cabeças, em direção a Basora, bem como o eco das detonações que explodiam em algum lugar perdido da vasta planície de terra árida que constituía aquele areal infinito. Em vários pontos do horizonte, até o oeste, puderam vislumbrar fracos reflexos alaranjados iluminando a noite. Eram os poços petrolíferos de Ramalah, sabotados pelo exército iraquiano com grandes colunas de fumaça, com a intenção de confundir as tropas de ocupação e, também, evitar que o precioso “ouro negro” caísse em mãos aliadas.

De acordo com suas informações, as tropas norte-americanas pretendiam atacar mil objetivos em vinte e quatro horas. Cerca de um milhar de bombas e mais de quinhentos mísseis de cruzeiro Tomahawk deveriam bastar para que o exército do ditador compreendesse que, dessa vez, era sério. Ao menos agora o avanço dos aliados nas áridas terras iraquianas poderia, sim, ser qualificado, parafraseando Saddam Hussein, como “a mãe de todas as batalhas”.

Jack, por sua própria decisão, continuava no comando da metralhadora do Humvee, ocupando o posto do sargento Carson. Este tivera de ser levado de helicóptero à base militar estadunidense de Camp Doha, localizada no norte do Kuwait, para ser hospitalizado com urgência devido a um traumatismo craniano decorrente do forte golpe recebido na frente.

Deu uma olhada ao redor. Apesar da escuridão reinante, conseguiu ver, em ambos os lados da rodovia, os diferentes *bunkers* iraquianos usados na Primeira Guerra do Golfo, construídos junto à estrada para atacar as forças invasoras que marchavam em direção a Bagdá. Os óculos de visão noturna lhe permitiam observar até o menor detalhe daquele cenário sombrio, inclusive os pontos de mira onde, no passado, deviam pairar as metralhadoras do exército republicano para defender suas posições e impedir o avanço das tropas norte-americanas. Continuar agarrado à M2 lhe dava certa segurança.

Do alto do Humvee, Jack se sentia mais perto da justiça de Deus... e de sua amada Sharon.

Naquele instante sentiu saudade das duas únicas pessoas que haviam acompanhado de perto a morte de sua esposa: seu pai e seu irmão Fred, a única família que lhe restava, depois que um câncer levara sua mãe quando ele ainda era criança.

Sentia falta do pai, o homem que lhe inculcara a ideia de estudar em West Point para seguir a tradição familiar. Não em vão, o velho Howard Parsons, coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, homem de grande experiência militar e republicano dos pés à cabeça, se desdobrava para atender a todos os seus caprichos.

Quando Jack era adolescente, o coronel costumava imaginar o bom soldado que seria seu filho, quando adulto, cada vez que convidava os amigos — políticos e militares — para os tradicionais churrascos que organizava no jardim atrás de sua casa de campo, nos arredores de Pleasantville.

Naquela época, seu irmão Fred havia decidido estudar direito, segundo ele para defender os mais fracos das graves injustiças de que eram vítimas todos os dias. Fred, bem mais objetivo que os demais membros da família, nunca perdia a oportunidade de criticar a reiterada participação militar de seu país nos vários lugares do mundo onde houvesse um conflito interno. Aqueles comentários desagradavam bastante ao pai, que devido ao patriotismo se sentia cada vez mais distante de seu primogênito — embora, dos dois filhos, fosse o que mais o fazia lembrar da falecida esposa, tanto fisicamente como em seu caráter compassivo e humanitário.

Ele era diferente... o outro lado da moeda.

Desde criança, Jack participava de forma voluntária de todas as brincadeiras do coronel Parsons. Memorizou os cargos dos diversos corpos militares e também aprendeu a disparar com arma curta. Costumava assistir aos vídeos da Primeira Guerra do Golfo, em que seu pai fora condecorado com a medalha de valor, e até se matriculou em um ginásio para ficar em forma. E tudo porque, condicionado pelo ambiente castrense e disciplinador que reinava na casa, Jack

sentia obrigação de defender seu país, por tudo o que a sociedade norteamericana criara a seu redor: paz, segurança, poder... um estilo de vida perfeito.

Assim, em várias ocasiões acabara discutindo com o irmão mais velho sobre a necessidade de amar sua pátria, acima dos delinquentes de pouca importância que ele tinha intenção de defender no futuro, quando concluísse a faculdade de direito.

O certo, pensou Jack, é que ele e Fred tinham personalidades completamente diferentes. Embora soubesse muito bem que, por trás das frequentes desavenças desavenças e das condutas incompatíveis, continuava existindo entre ambos o laço indelével de fraternidade que costuma unir todos os membros de uma mesma família. Jack gostava de seu irmão e este, da mesma forma, daria a vida por ele.

No entanto, algo os separava além das desavenças políticas: Fred estava disposto a defender a inocência de qualquer criminoso; Jack, ao contrário, estava ali, no Iraque, para fazer justiça com as próprias mãos e executar os culpados por aquela maldita guerra: os assassinos de sua esposa.

Dois sentimentos.

Duas formas diferentes de ver a vida.

BAGDÁ (Iraque), 22 de março de 2003

Naquela mesma madrugada, segundo o ministro iraquiano de Informação, Mohamed Said Al Sahaf, mais de uma dezena de mísseis BGM-109 Tomahawk haviam atingido os edifícios da televisão e da rádio, bem como o palácio residencial de Saddam Hussein, destruindo grande parte de suas instalações. Na ocasião, o ditador já havia ordenado que sua primeira esposa, Sajida Talfah, e suas três filhas — Raghad, Rana e Hala —, fossem evacuadas e colocadas a salvo. A mudança para o *bunker* subterrâneo, propriedade da família, havia acontecido pouco depois do primeiro ataque das tropas aliadas.

As notícias que circulavam por Bagdá eram de que os mísseis de cruzeiro lançados pelos bombardeiros pesados da Força Aérea dos Estados Unidos, bem como a partir do porta-aviões USS Kitty Hawk e do submarino britânico RMS Royal Navy, haviam atingido e destruído diversos edifícios governamentais e várias instalações militares de grande importância estratégica. Como resposta, o exército republicano ordenou o lançamento de mísseis terra-terra Scud, de origem russa, contra as posições inimigas. Alguns caíram em território kuwaitiano, mas outros foram interceptados a tempo pelos Patriots estadunidenses, mísseis terra-ar de última geração.

A cadeia de televisão do Catar Al Jazira confirmou a derrubada de um helicóptero Sikorsky por parte das tropas de Saddam, e também informou que as baterias aéreas não paravam de responder aos contínuos bombardeios que a cidade de Bagdá sofria. Depois do ataque, o Iraque divulgou que houve três mortos e 200 feridos, embora as tropas aliadas calculassem que o número de vítimas mortais devia ser muito maior.

Naquela sexta-feira, e pela primeira vez desde que se iniciara a ofensiva, Bagdá era bombardeada em pleno dia pelos F-14 e F/A-18 Hornet norte-americanos. Começava, assim, a chamada Operação Comoção e Pavor.

Eram 13h30 e um sol dos infernos caía a pino sobre a capital iraquiana, agora

coalhada de escombros, devorada pelas chamas e envolta em colunas de fumaça que se podiam ver por toda a cidade.

Naquele mesmo instante, e sem considerar a restrição imposta pela Guarda Republicana — que obrigava os civis a se refugiarem em suas casas enquanto durassem os bombardeios —, Rajmani corria desesperadamente pela rua Abu Nawas, ouvindo o estrondo das baterias antiaéreas e as sirenes de alerta, que anunciavam o começo de um novo e iminente ataque. Indignado pela barbárie que sofria seu país, e ao mesmo tempo tão sobrecarregado que os pés mal podiam suportar o peso de seu corpo, seguiu adiante até chegar ao hotel Palestina.

Uma vez lá, e depois de comprovar que não havia soldados do exército do *Raïs* nos arredores, virou à esquerda para chegar quanto antes à praça Al Ferdaous, em cujo centro havia uma estátua de bronze de Saddam Hussein, inaugurada meses antes em culto à personalidade do sátrapa. Seu destino se localizava do outro lado, em uma das casas que havia além do perímetro da praça.

Viu um bagdali tentando sair com seu carro, diante da mesquita de Ramadã. Estava tão nervoso que deixava a chave cair a cada vez que tentava introduzi-la no contato. Sentindo-se vigiado, o homem descobriu que Rajmani, por sua vez, observava-o com certa frustração. Os ecos de antigas feridas de outras guerras marcavam ambos os rostos. Podiam-se ouvir os íntimos lamentos daquela dor que só eles conheciam, partilhando os motivos de suas lembranças. O que os unia era o medo da morte ou, pior ainda, o medo de sobreviver em uma terra devastada pela barbárie da guerra, onde em poucos dias a pilhagem, a humilhação e a fome se transformariam em moeda de circulação legal.

Um míssil de cruzeiro norte-americano caiu do outro lado do rio, sobre o palácio do *Raïs*. O estrondo os trouxe de volta à realidade: o motorista conseguiu fazer o carro funcionar e Rajmani continuou correndo até chegar à rua Bagdá. O inferno havia se derramado a redor e única saída era continuar avançando.

Depois de cruzar com vários transeuntes que aceleravam o passo a caminho de seus lares, e que mal o notaram por estarem preocupados em salvar a própria vida, Rajmani parou à entrada de uma casa cercada por um muro de pedra, de onde podia ver duas palmeiras plantadas no jardim. Empurrou o portão, cujas grades rangeram como se tivessem permanecido fechadas durante cem anos, e foi até a porta. Chamou duas vezes, bem alto. Enquanto esperava, voltou-se para olhar os estragos no complexo residencial do ditador — em vão, porque a fachada estava envolta em fumaça.

A porta se abriu em poucos segundos. Um homem árabe, corpulento, com o rosto escondido por uma emaranhada barba negra, os olhos atrás de pequenas

lentes que lhe davam certo ar intelectual e a cabeça coberta por um andrajoso *shemagh*, lhe acenou, para que entrasse imediatamente.

Lá dentro, abraçaram-se fortemente.

— Que Deus o proteja, Rajmani! — disse o varão de ásperos cabelos que lhe abrira a porta.

— *Inshalá*, Omar! — respondeu o recém-chegado, fitando-o nos olhos como se quisesse mergulhar no mais profundo de seu coração.

Ahmed Omar Said Sheikh, mais conhecido como xeique Omar, havia sido condenado à morte por ser o responsável pelo assassinato de Daniel Pearl, jornalista norte-americano de origem judaica. Todos acreditavam que ele estivesse em uma prisão do Paquistão à espera de execução, mas nem Omar estava acabado, nem era provável que Pearl fosse jornalista, e sim um agente da CIA ou do Mossad. Até mesmo, segundo deduziu Rajmani, havia a possibilidade de que o episódio da decapitação fosse uma montagem mirabolante de efeitos especiais e que a suposta vítima continuasse viva.

Em algum lugar da casa fez-se ouvir o choro de uma criança. Rajmani foi até a puída cortina que dava passagem a um dos quartos e afastou-a delicadamente. Viu vários colchões no chão e um enorme tapete no centro do cômodo de paredes descascadas, onde encontrou dois pequeninos abraçados ao corpo de sua mãe, uma jovem assustada cujos cabelos, cor de azeviche, estavam sob a *hijab*. Era atraente e estava grávida de poucos meses, o que tornava a cena ainda mais dramática.

Rajmani desviou o olhar ao chamado de Omar. Em seguida lhe fez um gesto imperceptível e ambos regressaram ao cômodo que fazia as vezes de antessala.

— Você tem de sair logo do Iraque — sugeriu Rajmani. — Não quero que minha irmã e os filhos se envolvam em suas duvidosas maquinacões. Eu posso renunciar aos vistos que o inglês pretende nos arranjar. Minha família e eu tentaremos outro jeito de abandonar o país. Mas vocês...

— Você sabe que não posso me arriscar a levá-los comigo — interrompeu-o Omar, limpando os cantos dos lábios com o polegar e o indicador. — Vou terminar o trabalho que me ordenaram, ou eles mesmos se encarregarão de me eliminar. Meu destino não está na Jordânia, mas no norte do Paquistão — afirmou. — Você deve continuar com o plano que havíamos previsto e abandonar o Iraque com sua mulher e seus filhos. Se desejar, pode levar com você sua outra família... sua irmã e as crianças. Como disse muito bem, Rashida e os pequenos não têm culpa de nada. São inocentes.

Rajmani refletiu sobre as palavras do cunhado, entendendo que era o melhor para todos. Deixaria que Omar seguisse adiante com sua vida. O mais importante era proteger os seus, ainda que para isso tivesse de aproveitar-se das

investigações realizadas pelo marido de sua irmã, que na realidade trabalhava para o serviço secreto militar paquistanês. Por isso acabara tomando conhecimento de um diabólico projeto financiado pelos líderes políticos mais ricos e poderosos do mundo. A informação havia sido subtraída do computador pessoal de um dos homens de confiança do presidente norte-americano, por espiões do Serviço de Inteligência Interno (SII)⁵ que atuavam dentro e fora dos Estados Unidos. Musharraf⁶ podia ser um lacaio do Ocidente, mas não era tão bobo para deixar-se manipular sem saber os motivos que seus associados escondiam.

— Não se preocupe... estarão a salvo comigo — respondeu finalmente. — Sem dúvida, me preocupa o conteúdo desses relatórios que você me obrigou a esconder há algumas semanas, porém mais ainda as imagens do vídeo. E, sobretudo, me inquieta a possibilidade de o inglês não cumprir sua promessa. Não confio nele. E não me pergunte por quê... — Baixou o olhar, acrescentando em voz baixa:

— É uma intuição.

— Você nunca deve dizer a ele onde escondeu o dossiê — aconselhou Omar, advertindo-o sobre a importância de saber jogar. — Antes ele precisa entregar os vistos expedidos pelo exército britânico e dar-lhe provas seguras de que transferiu um milhão de dólares norte-americanos para uma conta em seu nome, no Banco Central da Jordânia. Se não cumprir a palavra, acabe com ele e fuja como puder de Bagdá, mas não se esqueça de destruir os papéis antes. Se não o fizer e os americanos descobrirem que foi você quem os escondeu, hão de segui-lo, e a sua família, pelo resto da vida... até acabar com vocês.

Nesse instante a casa estremeceu por inteiro, enquanto ouvia-se o estrondo dos mísseis de cruzeiro batendo contra os muros do palácio residencial. As crianças voltaram a chorar, e isso fez com que Rajmani se sentisse ainda mais desamparado e impotente. Devia seguir adiante com o plano desenhado por Omar e sair do país quanto antes, agora mais que nunca. Caso contrário, ele e sua família teriam de viver um autêntico inferno, já que era nisso mesmo que o Iraque havia se convertido desde que se iniciara a invasão do exército aliado.

— Você deve ir agora — aconselhou Omar. — Sua mulher e seus filhos precisam de você neste momento.

— Vou mesmo — retrucou Rajmani. — Mas antes tenho de lhe fazer certas perguntas. É um dos motivos pelos quais arrisquei minha vida para vir vê-lo.

O paquistanês estreitou os olhos enquanto ajeitava os óculos, que haviam escorregado devido ao suor.

— Diga.

— Você acha que essa informação mudará algo no mundo em que vivemos? Acredita, mesmo, que um jornal do Ocidente divulgará um escândalo como esse? E... a mais importante... — Engoliu a saliva com dificuldade. — Você tem certeza de que a notícia não será recebida com indiferença pelos cidadãos da Europa e dos Estados Unidos? No final das contas, eles são os únicos beneficiários da conspiração disparatada que forjaram seus líderes, pelas costas dos demais países do planeta.

Omar Sheikh guardou um prudente silêncio. O certo é que não tinha certeza de nada, nem sequer se seria possível concluir seu trabalho: localizar e eliminar um de seus antigos companheiros, agora na mira da CIA.

Não era só o cunhado que tinha motivo para desconfiar dos britânicos, porque ele também não confiava nos agentes norte-americanos que o haviam contratado: homens de absoluto rigor, cuja única missão era se livrar das provas que os enredavam naquela farsa.

A única certeza era que, antes ou depois, ele é quem teria de se esconder dos norte-americanos.

A 3 QUILÔMETROS DE NAJAF (Iraque), 25 de março de 2003

Por volta das 7 horas da manhã, Jack já havia tomado uma ducha em um dos trailers fornecidos ao exército dos Estados Unidos pela empresa de abastecimento Halliburton. Foi quando recebeu uma inesperada visita na ampla tenda que compartilhava com o sargento-mor Parvis e alguns soldados de seu pelotão. Eram os dois repórteres britânicos que haviam salvado sua vida em Um Qasr; o árabe, que estava com uma câmera de televisão pendurada no ombro, e o ruivo com aparência de lutador de boxe.

— Tenente Jack Parsons? — perguntou o inglês, com um sorriso nos lábios. — Sou Rory Moore, correspondente da BBC World News... — E se virou para indicar o companheiro. — E ele é Driss Moqtari, o câmera... Lembra-se dele?

Não lhe agradava a ideia de ser assediado pela imprensa, mas não podia ignorá-los. Afinal de contas, estava em dívida com eles.

— Eu me lembro de ambos... — Corou ao pensar que devia a vida a eles. E lhes estendeu a mão, de maneira mecânica. — Creio que não tive oportunidade de agradecer a vocês, em Um Qasr.

Rory a apertou; com força e segurança. Driss fez o mesmo, porém sem tanto entusiasmo.

O sargento-mor se aproximou de Jack pelas costas, observando os repórteres com cara de poucos amigos. Parvis era um desses garotões do Arkansas, de pele bronzeada e gatilho fácil, um indivíduo cujo olhar parecia dizer: “Olhe, rapaz! Ou está comigo ou contra mim”.

Seu aspecto militarizado não impressionou o inglês.

— Senhor... — dirigiu-se ao tenente Parsons. — Quero lembrá-lo de que foi convocada uma reunião de oficiais, no Centro Tático de Operações.

Jack assentiu com um gesto de cabeça, mordendo o lábio inferior.

— Está bem — disse, com aparência grave. — Irei em seguida.

O sargento-mor Parvis continuou andando com certa arrogância, depois de olhar os repórteres britânicos por cima do ombro.

— Não quero ser descortês com quem me salvou a vida — Jack prosseguiu —, mas tenho uma reunião muito importante e é impossível atendê-los agora.

Suponho que entendam minha situação.

Jack só pretendia lembrá-los de suas obrigações como militar, e fez isso com muito tato.

— Não é nossa intenção perturbá-lo, tenente — devolveu Rory, coçando distraidamente a barba de vários dias. — Na verdade, não nos atreveríamos a abordá-lo se não fosse o único norte-americano que conhecemos aqui... e que pode nos ajudar.

— Explique-se — estimulou Jack, com clara impaciência. — Mas seja breve, por favor.

— Depois que os jiradistas islâmicos sequestraram, perto de Basora, dois enviados especiais da televisão britânica ITN, o comandante em chefe das tropas britânicas proibiu que os correspondentes de guerra de nosso país viajem sem proteção militar — disse. — O batalhão britânico no qual viemos tem ordem de permanecer em Najaf. Como necessitamos chegar o mais rápido possível a Bagdá, pensei que poderíamos nos incorporar à sua companhia. A alcunha de “Assassinos” a converte na mais terrível de todas as instaladas no país. Ouvimos dizer que a 3ª Divisão tem ordem de tomar a capital. — Parou por um instante buscando as palavras adequadas. — Estou lhe pedindo autorização para que nos deixe acompanhá-los.

Aquela era uma decisão que não estava a seu alcance e ele tratou de informá-los a respeito.

— Gostaria de poder ajudá-los, mas não sou a pessoa indicada para dar essa autorização. Deveria falar com Spartan 6... quero dizer, com o coronel David Perkins. É o chefe da 2ª Brigada. — Ao notar a expressão de contrariedade no rosto dos britânicos, acrescentou: — Também poderiam solicitar sua incorporação à companhia do tenente-coronel Eric Wesley... ou à do tenente-coronel Philip DeCamp, chefe de nosso grupo de combate.

Rory voltou a sorrir. Atrás dele, Driss guardava silêncio.

— Por acaso não é, precisamente, o coronel Perkins quem realizou esta manhã a reunião de oficiais de vários batalhões e grupos de combate? — perguntou o inglês, agora com certa ênfase.

— Quer que eu fale com o coronel sobre vocês dois?

— Sim... — respondeu depois de vacilar um instante. — É o que eu esperava.

Jack mal se recuperou de seu assombro. O maior dispositivo de guerra já deslocado em anos e aqueles dois jornalistas com a ideia extravagante de envolvê-lo em um problema que não era de sua competência, mas sim do exército britânico. Voltou a recordar a cena do iraquiano avançando até ele, com a granada na mão, e isso o impediu de mandá-los para o inferno. Ficou refletindo

por uns segundos.

— Posso saber por que é tão importante que cheguem a Bagdá antes que os demais repórteres?

A pergunta pegou o inglês desprevenido. Antes de responder, procurou o olhar do companheiro.

— Vamos dizer... que gostamos de fazer bem nosso trabalho.

A entonação de sua voz e o gesto incisivo de Rory não foram convincentes. Mesmo assim, e pela exiguidade de tempo, ele aceitou a justificativa.

— Está bem — disse. — Verei o que posso fazer.

Amavelmente, Jack se despediu dos jornalistas com a promessa de falar com eles de novo, depois da reunião de oficiais. Ficaram de se encontrar às 9 horas, diante dos reboques da empresa de serviços Halliburton. Em seguida, dirigiu-se ao posto de comando, pensando em um jeito de expor aquele pedido a seus superiores.

Tão logo chegou ao CTO, o Centro Tático de Operações, desculpou-se pelo atraso e sentou ao lado de um de seus bons amigos, o capitão Phillip Wolford, chefe da Companhia A. Perkins lhe dirigiu um olhar crítico, já que a pontualidade era uma das normas primordiais no exército dos Estados Unidos. O coronel continuou assinalando, no mapa de estradas, as rotas a seguir.

— Os grupos voltam a se encontrar — sussurrou-lhe Wolford, colocando-o a par do que fora dito antes de sua chegada.

Depois de cruzar a fronteira do Iraque, a 2ª Brigada havia sido dividida em dois grupos, por ordem do coronel Perkins: os Heavy Metal e os Rock-n'-Roll. Jack deduziu que ambos os batalhões voltariam a se unir, dentro de algumas horas, a poucos quilômetros da cidade de Najaf.

O plano de ataque previsto pelo coronel Perkins indicava que a 2ª Brigada continuaria sua viagem até Bagdá, com o restante das brigadas da 3ª Divisão de Infantaria, depois de uma ofensiva surpresa à cidade de Najaf. Perkins advertiu que eles tivessem muito cuidado ao entrar no núcleo urbano, já que se tratava do bastião religioso dos xiitas e, em uma de suas mesquitas, estava enterrado o imame Ali Abu Talib, primo de Mahoma. Destruir um desses lugares de oração faria com que os fiéis se sublevassem, unindo-se a seus eternos inimigos, os sunitas, para juntos atacarem as forças de coalizão. Também os avisou que várias unidades da 1ª Brigada entrariam na cidade, e que o restante do pessoal permaneceria nas vizinhanças para controlar os acessos, tanto as pontes como as estradas. Os demais integrantes da divisão, tendo à frente a Brigada Spartan, continuariam a avançar até Kerbala, pela chamada Rota Furacão.

Quando a reunião terminou, Jack falou sobre os jornalistas com seu bom

amigo Phillip e lhe pediu, como favor especial, que convencesse o tenente-coronel a permitir que eles viajassem como “embutidos” em seu grupo de combate. Wolford lembrou que tal autorização não deveria ser concedida por DeCamp, mas sim pelo coronel Perkins; como ambos sabiam. E, diante da insistência de Jack, disselhe que não se preocupasse, que transmitisse aos jornalistas ingleses que eles poderiam se juntar aos Assassinos, desde que respeitassem as normas do exército estadunidense e, sobretudo, não interferissem nas atividades dos soldados.

Wolford prometeu que falaria com Perkins, já que era comum, entre os oficiais, a troca de favores. Além disso, não eram os únicos repórteres que viajavam com as tropas aliadas. Gigantes da informação, como a France Press, a CNN e a Reuters, seguiam seus passos desde o Kuwait, e havia até um jornalista.

Satisfeito por ter cumprido a promessa feita ao inglês, Jack começou a caminhar em direção ao outro extremo do acampamento, onde ficara de se encontrar com os jornalistas.

Havia dado apenas alguns passos quando ouviu vozes de alerta que o obrigaram a virar para um lado. O espetáculo que se descortinava diante de seus olhos era, de fato, incrível: uma compacta onda de milhões de toneladas de areia, de cem quilômetros de largura por dois de altura, vinha rapidamente na direção deles, disposta a arrasar tudo que encontrasse pelo caminho — o que incluía, obviamente, o acampamento militar.

Prontamente, os homens das várias companhias correram para se refugiar em suas tendas, enquanto outros, com mais calma, se limitaram a cobrir o rosto com o lenço do pescoço e a cabeça, com o quepe do uniforme. Jack preferiu essa providência, já que sua tenda ficava no outro extremo do acampamento e seria impossível alcançá-la a tempo.

Sentou-se no chão, perto de um soldado, atrás de um carro de combate M-1 Abrams que deveria lhes servir de anteparo. Protegeu o rosto, colocou os óculos e apertou o quepe em torno do pescoço para impedir mais ainda a entrada de areia.

O ruído do Haboob foi aumentando à medida que se aproximava. Era um barulho ensurdecedor, como de um enxame de abelhas zunindo em volta do acampamento. Pouco a pouco, alguns redemoinhos de areia começaram a sacudir, furiosamente, tetos e paredes de lona das tendas, que se enchiam e esvaziavam com tal ferocidade que pareciam estar a ponto de rasgar. Vários soldados faziam o humana mente possível para reforçar os cabos, antes que o forte vento conseguisse arrancar os ganchos cravados no solo. Ao mesmo tempo, outros se apressavam em cobrir os inúmeros caminhões, para evitar que os motores sofressem algum dano por causa da areia fina.

O tenente achou que seria impossível lutar contra algo semelhante. Essa foi uma das primeiras lições que aprendeu a respeito do deserto iraquiano.

Pela rede microscópica de orifícios que formavam a urdidura de seu lenço, Jack pôde ver que tudo desaparecia ao seu redor, literalmente devorado pela areia. Lamentou ter esquecido as luvas na tenda de campanha, pois começou a sentir como se lhe arranhassem a pele das mãos com uma lixa. Era uma sensação muito desagradável e alucinante, como incessantes picadas simultâneas de mil mosquitos.

Em poucos segundos tudo ficou na mais absoluta escuridão. O sol desapareceu completamente no acampamento. Não dava para ver nem as mãos. Era como estar mergulhado em um mar de areia.

Jack fechou os olhos. Em sua mente se acumulavam as cenas mais vívidas e tristes da guerra. As forças aéreas aliadas haviam bombardeado as cidades de Basora e Naseriya a ponto de reduzi-las a escombros, mas não haviam conseguido garantir a completa rendição do exército republicano. Mais uma vez, as notícias dadas pelas televisões britânicas e norte-americanas afirmavam o contrário.

O coronel Perkins, durante a reunião que acabara de realizar, tinha informado que as tropas iraquianas haviam capturado vários soldados da Unidade Mecanizada 507 Shanon. Alguns deles tinham sido executados por grupos tribais e milicianos baasistas⁷; os prisioneiros sobreviventes foram exibidos na televisão como troféus de caça.

A invasão não seria tão fácil como haviam prometido, mas ia converter-se em uma batalha sangrenta e encarniçada, sem espaço para a honra e os direitos humanos.

Adiante de Kerbala os aguardava a mítica Divisão Medina do exército republicano, com cerca de 120 mil homens dispostos a dar a vida pelo *Raïs*, sunitas da mesma classe social baixa e com os equipamentos mais sofisticados do exército iraquiano. Como se não bastasse, teriam de enfrentar também os mujahedins, fundamentalistas islâmicos vestidos de negro, os quais, como os ninjas do deserto, surgiam do nada para atacá-los de surpresa e, tão logo perpetravam a ação, desapareciam sem que ninguém conseguisse rastreá-los.

Jack não se importava de morrer em combate. Na realidade, já morrera... no dia em que Nova York foi atacada sem aviso prévio pelos terroristas da Al Qaeda. O único alento em sua existência anódina era vingar o assassinato de sua esposa e ajudar seu país a acabar com o regime que dera asilo a um monte de criminosos. Nisso, e em outras tantas questões, como erradicar a possibilidade de um novo ataque com armas químicas ou biológicas, compartilhava o severo critério do presidente dos Estados Unidos da América.

Assim que a grande tempestade de areia se afastou na direção norte, Jack se levantou para sacudir o pó que aderira a seu uniforme.

Quando voltou à sua tenda, deparou-se com o inglês e seu companheiro, que aguardavam pacientemente, no lugar combinado. Não estranhou vê-los, mas sim que seus uniformes continuavam impecáveis depois da passagem do Haboob. Significava que tinham tido mais sorte que ele, conseguindo encontrar a tempo um lugar fechado para se esconder.

— Tudo acertado — disse Jack, aproximando-se deles. — Podem viajar conosco.

Rory mostrou-se efusivo, atrevendo-se até a dar um tapinha amistoso nas costas do tenente. Driss esboçou um ligeiro sorriso, nada mais.

— Em contrapartida... — continuou falando Parsons, franzindo o nariz — tenho a firme intenção de vigiar os dois. Sei que me escondem algo e me preocupa não saber do que se trata.

O ruivo fingiu não entender nada do que ele estava dizendo.

— Ora, vamos lá, tenente! — exclamou. — O que poderia nos fazer vir, ambos, a Bagdá, senão cobrir a notícia de que as tropas aliadas tomaram o palácio residencial do ditador?

— É isso que procuram, uma imagem de Saddam Hussein como prisioneiro de guerra?

O inglês desatou a rir.

— Umas imagens assim resultariam em grandes dividendos para a cadeia de televisão em que trabalho. Não lhe parece?

Jack, surpreso com o sangue-frio e interesse daqueles mercenários da informação, teve de admitir que diziam a verdade.

— Muito bem! — dirigiu-se a ambos. — Se estão dispostos a arriscar a vida para conseguir uma simples gravação, é melhor que peguem suas mochilas e me sigam. Temos um encontro em Najaf.

ENTRE NAJAF E KERBALA (Iraque), 31 de março de 2003

De maneira sistemática, as tropas do exército republicano foram massacradas ao norte de Kerbala, pelos contínuos ataques e bombardeios dos B-52 e dos F-14 Tomcat dos Estados Unidos. A colossal Divisão Medina, entretanto, continuava cobrindo ferreamente a linha de defesa, com a ajuda de fedains⁸ e grupos paramilitares. Por outro lado, e apesar de ter avançado 300 quilômetros em terras iraquianas, o exército aliado ainda não havia tomado completamente nenhuma cidade importante. Em Um Qasr, primeiro bastião iraquiano sitiado, continuavam a existir focos de resistência, como também em Basora, Naseriya e Najaf. O pessimismo chegou até a Casa Branca, onde o presidente Bush reconheceu haver falhado em suas previsões, admitindo que seria preciso mandar mais 120 mil soldados como medida de apoio.

Enquanto isso, no teatro de operações, o coronel Perkins havia decidido desviar-se na direção oeste, para depois efetuar um cerco sobre Bagdá. Para evitar que o inimigo percebesse sua manobra, viu-se obrigado a realizar um movimento que levasse as tropas iraquianas a acreditar que a intenção da 2ª Brigada era cruzar o Eufrates, na altura de Kerbala, para depois se dirigir diretamente à capital. Como era de se esperar, a missão de distrair o exército republicano coube à melhor brigada armada do mundo em intervenções relâmpago — daí que seu lema de combate era *Send me*⁹ —, a Companhia A, do Grupo de Combate 4-64 Tusker, familiarmente conhecida como Assassinos.

Seguindo as ordens do tenente-coronel DeCamp, Jack e seus homens conduziram os Bradley até a ponte que cruzava o Eufrates, em direção a Kerbala. Vários blindados tomaram posições, com a finalidade de apoiar a iniciativa do primeiro-sargento Lusting, que entrou na passarela metálica com seu carro combate — batizado de *Ojo Baby* —, abrindo fogo de artilharia contra

as posições iraquianas que os aguardavam no outro extremo da ponte. Tratava-se de fazer com que eles acreditassem que pretendiam entrar em Kerbala custasse o que custasse, quando na realidade era apenas um lance de estratégia.

Jack, que fora designado ao comando de um dos Bradley M-2 de seu grupo de combate, observava a zona de conflito com um binóculo à medida que o blindado avançava em direção a Kerbala, com o restante da companhia.

Em meio à contínua fumaça que cobria parte da estrutura metálica, vislumbrou um pacote de tecido negro estendido no solo, bem perto da balaustrada de aço ao longo da ponte. A princípio pensou que poderia ser mais uma artimanha do exército iraquiano e que talvez aqueles soldados tivessem escondido vários quilos de explosivos no começo da estrada, para sabotar o avanço aliado. Entre nuvens de fumaça e pó, porém, viu claramente a expressão de dor no rosto de uma mulher idosa, que havia sido ferida na perna com um disparo. Estava estendida no chão, levantando as mãos para o céu como se pedisse a Alá por sua vida. Chorava com tanto desespero que seus gritos podiam ser ouvidos mesmo com o fragor da batalha. E o pior de tudo é que a anciã estava em meio ao fogo cruzado entre os dois exércitos e os projéteis sobrevoavam sua cabeça. Era um verdadeiro milagre que ainda estivesse viva.

Abstraindo o rancor e o ódio que sentia por tudo que representasse o povo árabe, Jack teve um repentino acesso de humanidade, que abalou o indestrutível muro que havia levantado desde muito antes do início da guerra, para proteger-se do sentimento que balançava sua alma cada vez que se lembrava dos assassinos de sua esposa.

Sem perda de tempo, entrou em contato por rádio com o capitão Chris Carter, da Companhia Cyclon, que naquele instante se aproximava da cabeça da ponte com seu carro de combate.

— Aqui Assassino 2 Parsons. Pode me ouvir? Câmbio.

— Afirmativo — respondeu Carter.

— Senhor... civil ferido às duas.

No cérebro de todo soldado, a paisagem que circunda seu perímetro de atuação é substituída pela esfera de um relógio.

— Objetivo localizado — confirmou o capitão, depois de comprovar que era correta a observação do tenente Parsons. — Avise o resto do grupo para que cubra minha posição. Vou sair.

Jack cumpriu a ordem imediatamente, comunicando-se com os demais por rádio, para que distraíssem as tropas iraquianas abrindo fogo de cobertura. Depois, ao verificar que Carter descia do Bradley seguido por soldados rasos, resolveu abandonar, da mesma forma, seu posto na torrinha do blindado para apoiar a iniciativa do capitão.

Enquanto corria até a ponte se deu conta de que estava arriscando a vida para salvar uma pessoa que nem conhecia; pior, integrante de uma população à qual odiava com todo seu ser.

Pareceu-lhe absurdo fazer isso por uma iraquiana — que talvez estivesse fingindo e, na verdade, prestes a se imolar, ocultando sob a roupa explosivos suficientes para fazer a ponte voar pelos ares

—, quando sua missão consistia em deixar de lado os escrúpulos de consciência e eliminar qualquer obstáculo que o impedisse de realizar seu trabalho, seguindo até a vitória completa. Não estava se comportando de acordo com seus princípios, tampouco seguindo as orientações que recebera na base de treinamento de Fort Stewart, de maneira que não foi capaz de julgar se estava cometendo um erro estúpido ou um ato heroico. Mesmo assim, com o propósito de proteger o capitão Carter e os soldados que o acompanhavam, continuou avançando enquanto que abria fogo contra as linhas inimigas.

Distinguiu um feixe de luz, como se fosse o *flash* de uma câmera fotográfica, além do círculo de defesa do exército iraquiano. Não se ouviu nada, nem sequer o silvo característico da aproximação de um míssil, até que o projétil caiu sobre um grupo de soldados que caminhava ao lado dos carros de combate, uns trinta metros atrás de sua posição.

A ensurdecadora onda expansiva lançou-o ao solo e, no mesmo instante, ele começou a sentir um forte zumbido nos ouvidos. Ainda perturbado pela explosão, levantou-se rapidamente e apontou seu M-16, às cegas, em todas as direções. Olhou para trás e viu dois soldados completamente mutilados, transformados em uma massa irreconhecível de vísceras e carne enegrecida pelo fogo. Um terceiro membro do exército dos Estados Unidos, cujo braço havia sido decepado pouco acima do cotovelo pela rajada de uma metralhadora, gritava enlouquecido enquanto se arrastava pelo chão em busca do membro que acabara de perder. Sangrava como um porco degolado, ostentando estilhaços de metal ardente incrustados por todo o rosto, pescoço e extremidades. O ar fedia a pólvora, fósforo e carne queimada — o acre cheiro da morte.

Jack soube, imediatamente, que haviam sido atacados com uma Katyusha de oitenta e cinco milímetros, fabricada na antiga União Soviética.

O capitão Carter havia conseguido colocar a anciã a salvo, graças à ajuda de seus soldados. Pouco depois, o militar ferido gravemente parou de gritar. Morreu de hemorragia antes que seus companheiros pudessem socorrê-lo.

Jack aprendeu naquele dia que a imprudência no campo de batalha podia conduzi-lo diretamente à tumba. Foi uma lição que ele não esqueceria pelo resto da vida. Assim jurou.

CIDADE DE KUWAIT, 1º de abril de 2003

Tim Buwosky era um indivíduo de aparência tranquila, rosto jovial e olhar intenso, que costumava se vestir com a mesma elegância de um corretor da Bolsa de Wall Street, ainda que transgredisse a descrição original com um longo rabo-de-cavalo penteado com gel, um bronzado invejável no mais puro estilo praiano de Malibu e uma rala barba ruiva de vários dias. Participara de missões altamente secretas no Afeganistão e na Síria, onde seu trabalho ficava sempre à margem dos direitos humanos, bem como da opinião pública. Não por acaso, trabalhava para o Departamento Z da Agência Nacional de Segurança (ANS), também chamado de Assuntos Desconhecidos.

Era, sem sombra de dúvida, um dos melhores agentes secretos da AID¹⁰ dentro da Direção de Análises. Nessa condição, três semanas antes do início do novo conflito bélico do Oriente Médio, recebeu um telefonema do subsecretário de Defesa para assuntos políticos, Douglas J. Feith, com quem manteve uma longa e relaxada conversa no Escritório de Planos Especiais, instância que fora criada para inspecionar e avaliar os relatórios dos serviços de inteligência norte-americanos que pudessem oferecer provas de que Saddam Hussein, certamente, ocultava armas de destruição em massa.

Feith revelou a Buwosky que o Pentágono o havia encarregado da tarefa de planejar o futuro do Iraque, depois da guerra, e que um de seus principais objetivos era encontrar um homem disposto a governar o país de forma secular e democrática, alguém que compartilhasse as ideias neoconservadoras do governo estadunidense e que simpatizasse com o povo iraquiano. Disselhe, também, que o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, tinha a intenção de colocar na presidência do Iraque Ahmad Chalabi, um matemático exilado nos Estados Unidos e que dirigia uma organização chamada Congresso Nacional Iraquiano. Sem dúvida, o Departamento de Estado continuava pensando que Chalabi era um ser corrupto e impopular entre os iraquianos, capaz de aproveitar seu cargo para enriquecimento pessoal. Segundo o secretário de Estado, Colin L. Powell, Chalabi não era confiável.

Era exatamente esse o motivo pelo qual Feith o incluiu entre os homens que viajariam para o Iraque com Jay Garner, um general aposentado que ia ficar à

frente do Escritório para a Reconstrução e Ajuda Humanitária. Feith necessitava um “dirigente” no ERAH, alguém de confiança, que fosse informando o Pentágono sobre os avanços do programa e vigiasse os movimentos dos sujeitos escolhidos por Powell e seu vice, Richard Armitage, os quais procurariam, todo o tempo, desprestigiar Chalabi.

A conclusão a que Buwosky chegou, depois da longa dissertação política que teve de aguentar no gabinete de Feith, foi de que o Departamento de Defesa pretendia formalizar um governo de transição dirigido por um exilado iraquiano, enquanto o Departamento de Estado confiava na alternativa de atribuir essa responsabilidade a um governador civil ou a um comandante militar do exército americano. Em ambos os casos, sua missão consistiria em espionar os próprios companheiros, redigir relatórios sobre a conduta e os procedimentos de cada um deles, informar seus superiores do Pentágono e favorecer, na medida do possível, a ascensão ao poder de um inapresentável chamado Ahmad Chalabi.

Tim Buwosky deixou de lado as divergências que pudessem existir entre ambos os departamentos estatais. Estava a fim de assistir televisão na varanda de um dos bangalôs que a equipe de Garner havia reservado no balneário da rede Hilton, de frente para as águas Golfo Pérsico. Sob um imenso guarda-sol, para se proteger do implacável sol do Kuwait, abriu uma lata de cerveja bem gelada e acionou o controle remoto.

As imagens que surgiram na tela seriam indigeríveis para alguém de vida simples e tranquila, mas ele era um homem experiente, frio, acostumado a ver a morte de perto. Aquela visão dantesca lhe provocou apenas uma bizarra sensação de *déjà-vu*. A rede de televisão quatar Al Jazira transmitia ao vivo os horrores da guerra: dezenas de corpos mutilados de velhos, mulheres e crianças, que tinham passado a engrossar a lista de “danos colaterais” depois que os gigantescos B-52 norte-americanos descarregaram sua mortífera carga de bombas de fragmentação sobre uma área agrícola, nos arredores da cidade de Al-Hillah.

— Jesus Cristo! — exclamou Neil Forrester, sentando-se ao lado de Buwosky. Deixou sobre a mesa o uísque com dois cubos de gelo que tinha na mão esquerda e continuou: — Não vai me dizer que acredita nisso tudo! Por acaso não sabe que os árabes querem chocar todas as nações apresentando imagens que denigram nossas ofensivas militares? Eu gostaria, isso sim, é de ver um vídeo dos mujahedins degolando nossos soldados.

Forrester era um dos engenheiros de telecomunicações que viajavam com o ERAH, graças ao Departamento de Estado.

— É só um jeito, como qualquer outro, de passar o tempo nesta maldita terra — respondeu Tim, impassível, bebendo da sua lata de cerveja.

— É melhor você esquecer a guerra e prestar atenção em mim — continuou Forrester. — Acabo de interceptar um telefonema feito pelo satélite Thuraya, dos Emirados Árabes Unidos, entre um iraquiano residente em Bagdá e um jornalista britânico que viaja “embutido” no Grupo de Combate 4-64 Tusker... uma companhia da 2ª Brigada da 3ª Divisão de Infantaria que neste momento avança para a capital iraquiana.

Tim se levantou, esquecendo asterríveis imagens que continuavam sendo exibidas.

— Não sabia que havia infiltrados em Bagdá — comentou, realmente surpreso, certo de que Feith lhe escondera alguma informação.

— Isso é que é estranho... acontece que não temos ninguém. Acabo de falar por telefone com Mary Lee, uma velha amiga que trabalha para a “Companhia”, e ela confirmou. Não há nenhum agente na zona, somente os que viajam com o exército.

— Bem, você já sabe que os movimentos da CIA não são precisamente de domínio público — disse Buwosky. — Talvez tenhamos, sim, e isso faça parte de uma estratégia militar altamente secreta... — Franzio o cenho, fingindo indignação. — O fato é que a maioria de nós, que estamos aqui, continua no escuro. Eles nos enviaram para reconstruir o país, depois da guerra, e só nos disseram o que temos de fazer.

— Talvez você tenha razão, mas com certeza essa ligação não tinha nada a ver com a invasão do Iraque — insistiu Forrester. — Não era uma mensagem em código, mas uma conversa pessoal entre um árabe e um inglês. Pelo que entendi, pretendem se encontrar em Bagdá para algum tipo de transação.

Tim arqueou as sobrancelhas.

— O que foi que você disse? — perguntou, perplexo. Começava a se interessar.

— O que você ouviu... — Neil Forrester bebeu da sua generosa dose de uísque e deixou novamente o copo na mesa. — O árabe prometeu entregar certos documentos em troca de um milhão de dólares, além da garantia de que o inglês vai arranjar os vistos para ele e a família saírem do país.

O agente da ANS refletiu em silêncio. A notícia era uma história bastante imprecisa e se prestava a diversas hipóteses. Talvez os documentos pertencessem ao departamento de informação do exército republicano e um alto membro do partido Baas pretendesse vendê-los a um jornal do Ocidente, intuindo a queda do regime. Ou alguém estivesse planejando trair Saddam Hussein, entregando aos ingleses documentos que comprovassem a produção de armas de destruição em massa nas fábricas iraquianas. Se fosse isso, ele teria de investigar o assunto a fundo e, sem demora, informar o subsecretário de Defesa para assuntos políticos.

— Quem mais sabe? — interessou-se.

— Até agora, ninguém mais. Pensei em comentar o assunto com Garner.

— Neil — Tim disse em voz baixa —, eu o aconselho a não comentar nada. Talvez ele ache que você está gozando dele... ou, pior ainda, que procura chamar sua atenção. E isso não lhe faria bem nenhum...

— Esboçou um sorriso tímido, antes de continuar: — Além do mais, Jay é um tenente-general aposentado, como a maioria dos homens que dirigem o ERAH. Não creio que ele queira imiscuir-se em um assunto que não é de sua responsabilidade, mas sim do serviço de inteligência.

— Então...

O especialista em telecomunicações estava em dúvida. Não sabia o que fazer.

— Se eu fosse você, esqueceria isso — aconselhou seu interlocutor. — Bagdá é muito grande para procurar esse árabe de quem você está falando, e nosso trabalho não é, exatamente, espionar. Portanto, termine seu uísque e desfrute enquanto pode. Depois que estivermos na capital iraquiana, será bem difícil tomarmos algo alcoólico.

— Caramba! Tem razão! — exclamou Forrester. Levantou-se e afrouxou o nó da gravata. — Será melhor que eu vá me embriagar. Sabe-se lá quanto tempo vamos ficar nesta merda de país.

— Tempo suficiente para acabar odiando-o — Tim continuou, sarcástico.

Depois de uma breve despedida, Forrester foi voltou para dentro do bangalô e começou a remexer no móvel do bar, onde um outro companheiro tinha instalado um tocador de CD. Logo se ouviu o vocalista dos Beach Boys, que interpretava a memorável, simples e divertida “Barbara Ann”.

Buwosky desligou o televisor e continuou a beber sua cerveja. Desviou o olhar para as águas azuis do Golfo Pérsico, pensando nas palavras de Neil Forrester. Se a afirmação do engenheiro fosse correta, ele teria mesmo de investigar o assunto. Se um iraquiano estivesse pedindo um milhão de dólares em troca de uns papéis, significava que a informação contida neles valia muito mais que o preço estipulado.

Ao se dar conta de que poderia tirar proveito daquela notícia, Tim Buwosky voltou imediatamente a seu quarto.

A OESTE DE KERBALA (Iraque), 1º de abril de 2003

Sentado no chão à entrada de sua tenda, Rory guardou o telefone na pequena bolsa que levava no cinto, surpreso por Hassan ter ligado novamente antes que ele previra. Olhou para o companheiro de trabalho, que tentava abrir, sem se queimar, um pacote de comida desidratada embalada a vácuo que acabara de esquentar em uma panelinha com água.

— Posso saber o que está fazendo? — perguntou o inglês ao vê-lo ocupado com aquela manobra tosca.

— Comendo algo meio decente — respondeu, sem olhar para ele.

— Você já conseguiu o que queria, não? Falar com Hassan. Eu tento saciar minha fome.

— Não está interessado em saber o que ele me disse?

O câmara olhou ao redor, esquivando-se da pergunta. Os soldados iam de um lado para outro, cumprindo suas obrigações. Observou um grupo dos mais jovens, entre dezenove e vinte anos de idade, se divertindo com fotografias de garotas nuas baixadas na internet. Nesse instante viu, caminhando na direção do grupo, a sargento Salazar, uma jovem e atraente porto-riquenha — cujo uniforme agarrado acentuava as curvas sinuosas de um corpo de tirar o fôlego. Ela acabara de recolher suas roupas íntimas dos varais instalados no outro extremo do acampamento. Vários assobios e comentários obscenos ruborizaram a suboficial, que ignorou completamente a turma de soldados levantando o queixo com desdém ao passar por eles.

— Ouvi parte da conversa, sobretudo suas respostas — respondeu finalmente o câmara, abandonando a testosterona dos uniformizados para afundar sua colher naquela gororoba cujo rótulo afirmava serem *tortellini* com queijo. — Ele voltou a lembrá-lo da importância dos documentos, afirmando que será o maior escândalo político e militar, desde o Irã-Contras. Ora, com certeza ele prometeu lhe entregar o homem que matou Kennedy. — Começou a rir. — Mas em troca pediu um novo favor... Estou certo?

O ruivo olhou-o de soslaio. Às vezes achava que Driss tinha algo de sobrenatural. Costumava ser muito reservado, não sustentava uma conversa por

mais de dois minutos. Contudo, era capaz de controlar tudo o que acontecesse a seu redor. Nada escapava a seus olhos e ouvidos de felino à espreita.

— Correto. Disse que vai precisar de um visto para sua irmã e os dois filhos pequenos.

— Quando você pensa dizer a ele que não haverá dinheiro nem passaportes?

Embora sem querer demonstrar, o inglês ficou incomodado com a pergunta, com a crítica velada naquelas palavras. Seus músculos ficaram tensos e o olhar, ainda mais enviesado que habitualmente.

— Escute bem, porque vou dizer só uma vez... — advertiu, levantando o indicador direito. — Se existe uma informação, e se for mesmo uma “bomba” jornalística, temos de fazer tudo o que for preciso... Está me escutando? O que for preciso... — sublinhou com firmeza — ... para que ninguém a roube de nós. Esse milhão de dólares é nosso, não desse maldito iraquiano que resolveu trair seu governo. Ele me garantiu que o relatório fala de uma conspiração dirigida pelos homens mais poderosos do Ocidente, embora exista a possibilidade de que seja apenas um chamariz, para captar nossa atenção. Para mim, esses papéis escondem informação sobre a família do ditador ou, melhor ainda, talvez se trate da confissão de um dos generais de Saddam, um traidor, indicando o lugar exato onde estão escondidas as malditas armas de destruição em massa. — Sorriu, seguro de si. — De qualquer forma, você terá sua parte... e eu a minha. Esse foi o trato que fizemos.

Driss, acostumado à tradicional arrogância britânica, foi mais inteligente que o companheiro e não permitiu que seus sentimentos o delatassem. Era um homem forte, capaz de suportar essa e todas as humilhações. Não obstante, interiormente lhe doía tanto a crueldade como as mentiras do inglês.

— Por acaso você não cogitou que talvez Hassan se negue a lhe entregar esses documentos enquanto não tiver os passaportes em seu poder e possa comprovar a transferência do dinheiro para o Banco Central da Jordânia? — perguntou o natural de Bengasi, apenas por curiosidade.

— Claro, não sou tão idiota. Mas vou pensar em algo. Por enquanto, não posso ligar para o diretor da BBC até que não tenha provas de que o que ele diz é certo... — Então, depois de pigarrear um pouco, acrescentou: — Não confio em Hassan.

— Sabe? Tenho a impressão de que Hassan também não confia em você, por isso é possível que nunca vejamos esse dossiê.

— Não esteja tão seguro — replicou, agora com evidente ironia.

— Costumo ser bastante persuasivo quando me esforço.

— Está pensando em ameaçá-lo?

Driss não botava muita fé no que estava escutando.

— É possível que sim... caso ele não colabore.

Nesse instante, Rory notou o tenente Parsons se aproximando e levantou do chão. O líbio olhou para trás, apenas pela curiosidade de saber por que o companheiro se erguera. Ao ver o oficial norte-americano de quem salvara a vida em Um Qasr, esqueceu de ambos e continuou comendo aquela porcaria que os soldados chamavam de *emaris*¹¹.

— Bom-dia, tenente! — cumprimentou o inglês, quando Jack parou diante da tenda dos jornalistas. — Vem nos trazer alguma informação de interesse para nossos telespectadores? Talvez que Saddam Hussein finalmente tenha decidido se render, em benefício de seu povo?

— Vejo que seu bom humor continua sendo bastante corrosivo

— foi a resposta de Parsons, rindo do gracejo.

— Espero que não o perca no caminho até Bagdá.

— Fique tranquilo. Jamais tive medo das vicissitudes da guerra.

— Mostrou sua brilhante dentadura, dando-lhe a entender que não haveria nada que alterasse sua natureza aventureira nem seu otimismo. — Muito bem... e o que o traz aqui? Por acaso está nos vigiando?

— perguntou com uma vivacidade infantil que, ainda assim, escondia uma boa dose de sarcasmo.

— Desta vez, não — retrucou o oficial de maneira distraída, olhando ao redor e observando o rosto dos soldados que passavam. — Procuro o sargento-mor Parvis... Vocês o viram?

— Não — respondeu Rory, com certa displicência, encolhendo os ombros várias vezes. — Na verdade não estávamos muito atentos. Acabamos de enviar nossa matéria à rede de televisão que paga nossas contas, o que nos deixou ocupados a manhã inteira.

— Ele foi por ali... faz meia hora, mais ou menos. — Sem desviar os olhos dos *tortellini* com queijo, Driss apontou com o indicador para além das enormes tendas dos soldados, onde a empresa Halliburton havia instalado os *trailers* com os banhos e os sanitários, a cerca de cem metros do acampamento.

— Tem certeza? — indagou o militar, pensando por um instante que ele estava brincando.

— Absoluta... — Tim parou de comer para fitá-lo nos olhos. — Se eu fosse você, ia à procura dele, antes que cometa alguma estupidez.

As palavras do árabe deixaram o tenente em alerta. Não seria a primeira vez que um militar, levado pela ansiedade e pelo pavor da luta, estouraria os miolos em uma daquelas latrinas. De fato, desde que a guerra começara já havia ocorrido diversos casos de suicídio.

Sem se despedir, Jack esqueceu os repórteres e seguiu direto para as

instalações da Halliburton. Estranhou que o sargento-mor Parvis tivesse resolvido tomar uma ducha ao meio-dia, uma vez que a higiene pessoal costumava ser feita à primeira hora da manhã. Acelerou os passos, mas tentando evitar o ridículo de correr até os reboques.

Não havia percorrido nem a metade do trajeto, quando viu o sargento-mor sair de um dos *trailers* em companhia de dois soldados. Sentindo-se mais tranquilo, Jack gritou seu nome enquanto agitava os braços para atrair sua atenção. Parvis e os outros dois pararam por um momento, mas em vez de atender ao chamado, continuaram caminhando mais depressa como se tentassem escapulir.

Jack voltou a chamar o sargento, mas ele seguiu em frente com os soldados. Em pouco tempo, desapareceram atrás das tendas montadas na zona norte.

Parsons estranhou o comportamento daqueles homens, pois tinha certeza de que tinha sido ouvido e, por alguma razão, eles não quiseram parar. Resolveu então investigar os compartimentos e checar se não estavam usando as duchas para esconder drogas ou álcool, coisa que não estava disposto a permitir.

Entrou no recinto, onde o vapor de água quente criava um ambiente úmido e pegajoso. Devido ao peso de suas botas, o chão de metal rangia levemente a cada passo que dava. Fazia calor, talvez demais. O suor começou a escorrer em suas bochechas, enquanto olhava de um lado a outro. Procurava um lugar onde pudesse ser escondido um embrulho pequeno ou médio. Abriu devagar uma das portas dos reservados e uma onda pestilenta, com odor de urina e fezes, fez com que se retraísse imediatamente.

Ouviu um gemido angustiado à sua esquerda, em uma das duchas.

— Há alguém aí dentro? — perguntou, parando diante da porta.

Os gemidos deram lugar a soluços. Alguém chorava e era uma mulher. Sem pensar, Jack agarrou a maçaneta e abriu a portinhola, decidido a ajudá-la, temendo que pudesse estar ferida.

— Meu Deus! — exclamou, fechando de novo a porta, levado por uma mistura de surpresa, repugnância e pudor.

Reagindo com rapidez, foi ao outro extremo do local para pegar um par de toalhas limpas. Voltou trazendo-as em uma das mãos e respirou fundo antes de abrir a porta novamente.

A cena era bastante desagradável e incômoda: a soldado Franklyn, uma jovem negra de pouco mais de vinte anos de idade e que pertencia ao Grupo de Combate 1-64 Desert Rogues, da Brigada Spartan, estava nua no chão, de joelhos, enquanto tentava limpar com o dorso da mão o sangue que escorria pelo lado da boca. Alguém havia aberto seu lábio inferior com um soco. Com certeza, deduziu Jack, aquela era a menor das desgraças da moça, pois obviamente havia sido violentada ou humilhada sexualmente. A prova estava no sêmen espalhado

por suas bochechas e no que estava grudado em seus cabelos encaracolados, cor de ébano.

— Por favor... se cubra — pediu o tenente, evitando olhar para o seu corpo, a fim de não humilhá-la ainda mais. — Fique calma... Ninguém vai lhe fazer mal.

Depois de ouvir essas palavras, a soldado Franklyn se entregou à dor, chorando como não conseguira até aquele momento. Sua raiva, e o asco que sentia por ter sido ultrajada por vários dos próprios companheiros, fez com que gritasse com todas as suas forças, na tentativa de espantar a vergonha e o insulto.

Jack fechou a porta, esperando que ela se acalmasse. Ao se dar conta de que ela não poderia sair despida, procurou em cada uma das prateleiras até que encontrou a calça e a blusa militar dela. Discretamente, abriu a porta apenas alguns centímetros, o suficiente para deixar o uniforme cair no chão.

Esperou de pé quase um quarto de hora, até que a jovem parou de chorar. Então ficou ouvindo a água da ducha escorrer por vários minutos.

Depois de um momento de total silêncio, a soldado Franklyn saiu completamente vestida, o sangue no lábio ainda escorrendo. Jack estendeu a mão para limpá-lo, mas ela, em um gesto de orgulho, inclinou a cabeça para o lado. Em seguida, fitou-o nos olhos com profundo ressentimento. O tenente compreendeu que a mera presença de um homem, naquele instante, era o que ela menos precisava.

— Se quiser, pode denunciá-los — Jack lembrou-a de seus direitos como mulher e soldado.

A jovem tentou sorrir, mas só conseguiu esboçar uma careta tão insustentável e triste como sua situação. As palavras de Jack, ditas daquele jeito, pareciam insultos. Era como se seus direitos se limitassem a deixar-se violar. E isso a incomodava... Bem... sempre poderia conseguir que os culpados fossem julgados.

Mas não se tratava de denunciar o abuso e sim de ter evitado aquela terrível situação.

— Desculpe, senhor... mas não sei do que está falando — ela o provocou, enquanto se olhava no espelho e limpava o sangue dos lábios com um algodão. — Que eu saiba, não aconteceu nada, aqui.

— Mas eu... — murmurou seu superior, confuso.

— Com todo o respeito, senhor — interrompeu a soldado Franklyn, virando a cabeça para encarar o tenente. — Acho que deveria ir embora. Não sei se percebeu que neste recinto há uma mulher que precisa de intimidade para se assear.

— Ora! Você vai dar a esses filhos da puta a satisfação de se safar?

Jack começava a se sentir mal diante da frieza daquela mulher.

— E o que quer que eu faça? Que os denuncie, como sugeriu? — ela perguntou, recolhendo os cabelos em um coque, para ocultá-los sob o quepe. — Com isso, não apenas conseguiria que eles zombassem de mim, como estaria dizendo aos homens desta divisão que uma mulher não é digna de pertencer ao exército dos Estados Unidos. Se perderem o respeito por mim, senhor... voltarão a tentar, porque sou uma presa fácil.

Jack sabia que ela estava certa. No exército, por desgraça, continuavam a considerar as mulheres soldados como um estorvo. De fato, ele mesmo as criticara em mais de uma ocasião. Sem dúvida, depois de viver de perto uma situação tão ignóbil e miserável como aquela, começou a alterar sua maneira de pensar.

— Foram o sargento-mor Parvis e dois soldados... Não é verdade?

— Não importa como se chamam — resmungou a soldado, cansada de tanta conversa. — Sabe de uma coisa?... Estava ciente de que poderia acontecer algo assim, caso fosse capturada pelos iraquianos... mas jamais imaginaria isso de meus próprios companheiros.

A jovem desviou o olhar para a porta, instando-o a ir embora. Jack deu meia-volta, para deixá-la sozinha. Porém, antes de abandonar o local, virou-se para lhe fazer uma pergunta.

— De verdade, você não quer que se faça justiça? Levantando o queixo, a soldado Franklyn franziu bem o cenho, antes de responder.

— Tudo a seu tempo, senhor... tudo a seu tempo.

A 15 QUILÔMETROS DE BAGDÁ, 5-6 de abril de 2003

Depois de avançar por toda a manhã pela rodovia A-1, rumo ao norte de Bagdá, a Brigada Spartan decidiu formar o acampamento base — ao qual chamaram Objective Saints — ao redor de uma velha fábrica localizada no cruzamento com a A-8.

Quando o 10º Batalhão de Sapadores terminou de estender as enormes tendas de lona e o 26º Batalhão de Abastecimento distribuiu a munição e os alimentos entre os militares profissionais, o coronel Perkins ordenou que fizessem uma incursão pelo centro da capital iraquiana, a fim de inspecionar as linhas de defesa inimigas.

Enquanto isso, os homens da 1ª Brigada da 3ª Divisão de Infantaria tomavam posições em torno do aeroporto Saddam, apoiados pelo Batalhão Blindado 3-69.

Como era de se esperar, a missão de reconhecimento pelo coração de Bagdá foi designada para o Grupo de Combate 4-64 Tusker. Seu trabalho consistiria em percorrer os quinze quilômetros que o separavam da capital, castigar, na medida do possível, o exército republicano entrincheirado nos pontos mais estratégicos da cidade, virar à esquerda para se dirigir ao aeroporto, confirmar que a 1ª Brigada havia tomado as pistas de aterrissagem e regressar ao acampamento.

Na realidade, tratava-se de verificar os acessos por terra à capital, bem como o poder militar das tropas iraquianas, as quais, apesar de haver permitido que o aeroporto caísse em mãos do exército aliado, tentariam reorganizar-se graças ao envio de três divisões da Guarda Republicana, provenientes de Tikrit.

Naquela tarde, 5 de abril, a companhia Assassinos voltava a fazer jus a seu nome. Depois de entrar na cidade pela rodovia A-8, seguindo o curso do Tigre ao sul de Bagdá, iniciou um brutal ataque contra os anéis defensivos do exército iraquiano, com o único propósito de desmoralizar seus soldados, que tentariam

por todos os meios impedir o avanço aliado, salvaguardando suas posições.

Jack e alguns outros soldados da Companhia A dirigiram seus Bradley M-2 até as casinhas do bairro de Abu Ghraib, abrindo fogo indiscriminado contra os assentamentos de artilharia ligeira e os carros de combate que podiam ser vistos em cada uma daquelas ruas. Do outro lado do rio, os homens de Saddam defendiam a duras penas o quartel-general da Guarda Republicana, respondendo ao ataque aliado com fogo de artilharia ligeira, morteiros e lança-granadas. Graças à superioridade dos armamentos das tropas norte-americanas, que responderam de imediato com mísseis antitanque TOW2 e projéteis M919 — munição perfurante fabricada com urânio empobrecido —, os iraquianos não tiveram outro remédio senão refugiar-se atrás da Universidade de Bagdá, em uma tentativa de sobreviver ao ataque.

Um carro de combate norte-americano foi atingido em cheio por um lança-granadas, matando na mesma hora um primeiro-sargento e ferindo outros três soldados que o acompanhavam. Com a disposição de não se deixar amedrontar, a Companhia A abriu fogo contra as linhas defensivas, sem se importar que alguns dos projéteis atingissem diversas moradias próximas.

Ao sentir as detonações sobre seus telhados, vários moradores saíram para a rua impelidos pelo medo de morrer sob os escombros.

Os Assassinos, tanto ou mais exaltados que os iraquianos, começaram a disparar na população que corria de um lado para outro, temendo que fossem paramilitares ou fedains. Vários civis foram massacrados por equívoco pelos disparos das metralhadoras.

O próprio Jack sentiu o estômago revirar ao ver um carro de combate passando sobre um iraquiano ferido que se arrastava no meio da estrada. Completamente destroçado, o corpo daquele inocente se transformara em uma massa sanguinolenta de vísceras e ossos triturados, que agora se espalhavam pelo asfalto.

Parsons lembrou o que o coronel Perkins costumava dizer: “Nós não contamos cadáveres”. Isso indicava, de maneira explícita, que contar as baixas inimigas não era responsabilidade do exército aliado. Aquele espetáculo não devia afetá-lo. Não era de sua conta.

Quando regressaram ao acampamento base, depois da meia-noite, haviam deixado para trás uma centena de mortos e destruído dezenas de veículos militares iraquianos. A operação podia ser considerada um sucesso. Com essa manobra desmentiam as palavras do ministro iraquiano da Informação, Said Al-Sahaf, que de seu quartel-general no hotel Palestina afirmava que o exército republicano mantinha total controle da cidade e do aeroporto.

Tão logo desceu de seu Bradley, Jack viu ao longe a figura do sargento-mor

Parvis, que se juntava a um grupo de soldados em busca de um lugar onde estacionar os horrores da guerra e descansar seus ossos doloridos. Ali estavam os mesmos sujeitos que haviam abusado como bestas da soldado Franklyn. Ficou observando-os até que desapareceram atrás das tendas iluminadas pelas lâmpadas do acampamento. Só então caminhou para as ruínas da velha fábrica iraquiana entre as rodovias A-1 e A-8, onde fora instalado o Centro Tático de Operações.

Pouco antes de chegar, viu sair seu bom amigo, o jovem capitão Phillip Welford, conhecido como Assassino 6.

— Como foi a missão? — perguntou-lhe o oficial, passando o braço sobre o ombro de Jack. Obrigou-o a dar meia-volta.

O capitão estava inquieto, nervoso, e até parecia um tanto paranoico. Seus olhos iam de um lado a outro do acampamento, tratando de perscrutar o deserto em meio à escuridão, como se temesse um ataque noturno dos mujahedins, que podiam estar escondidos em algum lugar daquele infinito mar de areia.

Não obstante, a Jack deu a impressão de estar tentando se afastar do CTO como se aquele lugar fosse o próprio inferno.

— Fizemos bem nosso trabalho, senhor — respondeu o tenente Parsons. — Mostramos os dentes a esses filhos da puta. Nosso passeio por Bagdá alcançou seu propósito de danificar as posições do exército republicano.

— Muito bem! — Welford observou, satisfeito. — Então, será melhor você voltar a sua tenda e dormir a noite toda. Dentro de vinte e quatro horas sairemos, de novo, para Bagdá.

— A 2ª Brigada inteira?

— Não... só os grupos de combate Tusker, Desert Rogues e China. O tenente-coronel Wesley, e parte da Companhia do Estado-Maior Titans, permanecerão no CTO — informou o capitão. — Nossa missão será nos encarregarmos da zona residencial do centro da cidade e garantir as rotas de abastecimento. — Depois de cuspir para o lado, continuou: — O general Blount mandou a Spartan 6 entrar na cidade, tomar posições e ocupar os edifícios mais importantes. Mas isso não é tudo... Corre um boato entre os oficiais que, se for correto, colocará em perigo a vida de todos nós. Fala-se sobre a possibilidade de Saddam ordenar um ataque suicida contra nossas tropas caso entremos novamente em Bagdá.

— Estamos preparados para enfrentá-los, senhor — afirmou Jack, com profissionalismo militar. — Agora que as três divisões da Guarda Republicana se uniram, é possível que ofereçam certa resistência. Nada que não possamos resolver em poucos dias, se recebermos apoio aéreo suficiente.

Welford se deteve no meio do deserto, para fitá-lo nos olhos.

— Armas químicas — disse em voz baixa. — Comenta-se que Saddam

Hussein pode utilizar armas químicas ou biológicas contra nossas posições, sem se importar com o dano causado à população civil. Entende agora minha preocupação?

Jack sentiu como se o sangue congelasse em suas veias.

— Mas... isso também o colocaria em perigo.

— Não creia. Embora Saddam continue aparecendo na televisão, para dar alento a suas tropas, segundo investigações da CIA é possível que se trate de uma gravação e que o ditador e sua família tenha fugido para Tikrit, onde seus partidários farão o possível para escondê-lo até que obtenha asilo político na Jordânia.

Jack ficou sem argumentos. Depois de ouvir as palavras de Wolford, compreendeu que aquela guerra apenas começara e ainda lhe traria muitas e terríveis surpresas.

— E então?... — murmurou.

— Como eu disse, Jack... é melhor você se recolher e descansar o mais que puder. Tenha sempre à mão sua máscara protetora, as pílulas de doxiciclina e também o equipamento de descontaminação química. Pode ser que precise.

Com essas palavras, o capitão Phillip Wolford se afastou.

Uma hora depois, Jack continuava acordado em seu saco de dormir. Pensava em tudo que lhe acontecera nas últimas semanas. Voltou a reviver a cena em Um Qasr, quando esteve a ponto de voar pelos ares por causa de um erro idiota. Em seguida, recordou a passagem do Haboob e o ataque que haviam sofrido ao cruzar a ponte de Kerbala, onde comprovava com seus próprios olhos o desespero de um soldado mutilado tratando de recuperar o que, segundos antes, fazia parte de seu corpo.

Enquanto em sua mente, febril e assediada pela memória, ia se desvanecendo aquele cenário tão dramático e ele começava a pegar no sono, lembrou-se do soldado Franklyn.

O rosto daquela jovem expressava um sentimento que ia muito além do ódio a seus agressores. Reconhecera, nos olhos dela, a incerteza e o medo de que seus companheiros pudessem extrapolar a violação e tentassem acabar com sua vida, para eliminar qualquer vestígio. O temor da morte deixava as pessoas vulneráveis. Foi o que mais o impressionou naquela cena: o sobressalto do soldado Franklyn depois que ele abrira a porta da ducha e a encontrou nua, de joelhos, no chão. Seu rosto expressava o medo dos inocentes, o mesmo desespero que sua esposa Sharon devia ter sentido ao saber que não sairia com vida.

Nessa madrugada, o tenente Jack Parsons teve um terrível pesadelo: sonhou com corpos mutilados, com homens violentando mulheres... e com aviões

espatifando-se contra vários edifícios da cidade de Nova York.

BAGDÁ, madrugada de 6 de abril de 2003

— As crianças dormiram? — perguntou Rajmani da poltrona na sala principal, dirigindo-se a sua irmã.

Rashida confirmou com a cabeça, fechando a porta do dormitório com cuidado, e foi sentar-se no sofá ao lado da cunhada, Fathia. Com o coração destroçado depois de ser abandonada pelo marido em meio àquela maldita guerra, a jovem grávida chorou.

A casa de Rajmani não era tão grande como ele gostaria, embora tivesse um belo emprego no Museu Arqueológico de Bagdá. Era o preço que tinha de pagar por ter casado com uma mulher de ascendência xiita.

A moradia só tinha dois quartos, e suas três filhas foram instaladas no dormitório maior, junto dele e da mulher, para que cedesse o outro a Rashida e os pequenos. Dormiam em colchonetes, rente às paredes rachadas pelos bombardeios para que houvesse espaço por onde circular. A cozinha, não muito ampla, dava acesso pela porta de trás a um quintal — onde as roupas eram estendidas — e a um insalubre banheiro. As conservas tinham terminado havia dias e só restara farinha suficiente para o pão de uma semana. A carne e o peixe, que Fathia costumava guardar no congelador, tinham sido jogados fora depois que faltara energia em grande parte da cidade, em decorrência dos primeiros ataques. Durante o dia passaram a usar um gerador emprestado, e à noite acendiam lamparinas a querosene.

Rajmani e sua família temiam sair à rua por causa dos constantes bombardeios, por isso não abasteciam a casa com alimentos. Entrincheirar-se na casa era a melhor opção em um mundo enlouquecido, que começava a desmoronar ao redor. Contudo, ele estava disposto a resistir o tempo que fosse necessário e, acima de tudo, tinha de ligar para o jornalista inglês — a única pessoa que poderia lhe arranjar o que precisava para iniciar uma vida nova na Jordânia.

Antes, porém, era necessário averiguar as verdadeiras intenções de seu cunhado. E ninguém melhor que Rashida para lhe dizer.

— O ministro da Informação garante que a Guarda Republicana conseguiu recuperar o aeroporto — Rajmani começou a conversa. — No entanto, creio que ele apenas tenta tranquilizar a população.

— Os norte-americanos entrarão em Bagdá, mais cedo ou mais tarde — afirmou Fathia. — E quando isso acontecer será o fim da ditadura, mas não de nossos problemas.

— Concordo com você. — Rajmani colocou a mão sobre o joelho da esposa para acalmá-la. Em seguida, dirigiu-se a sua irmã. — E você, Rashida, o que acha?

A jovem estremeceu ao ouvir seu nome. Até aquele instante nem sequer se dera conta do que estavam falando. Com certeza, continuava pensando no marido e no último dos “trabalhos” dele.

— Creio que os norte-americanos deveriam ir embora de nosso país e nos deixar em paz, com nossa desgraça. Eles são os responsáveis pelo fato de que Omar tenha tido de fugir. — A resposta fora bem explícita.

As palavras de Rashida chamaram a atenção de seu irmão, que aproveitou a ocasião para iniciar um diálogo que satisfizesse sua curiosidade.

— Suponho que a CIA o perseguirá, por causa dos documentos que deixou sob minha responsabilidade — aventurou-se a dizer.

— Pode ficar tranquilo. Os norte-americanos não sabem que temos o dossiê.

— Tem certeza?

— Foi o que meu marido falou, quando o trouxe de Islamabad — confirmou a jovem, após tomar uns pequenos goles de chá.

— Então... o que tem a ver o fato de as tropas norte-americanas entrarem em Bagdá com a necessidade de Omar se refugiar no norte do Paquistão?

— Absolutamente nada — retrucou Rashida, lacônica.

— Acho que você deveria confiar em nós — disse Fathia, interferindo na conversa dos dois irmãos. — Se há algo que devemos saber, este é o melhor momento para contar.

— Vocês querem mesmo saber a verdade sobre a fuga dele? Muito bem! Omar trabalhou durante anos para o serviço secreto paquistanês, enquanto ajudava a fortalecer os grupos terroristas da Al Qaeda e do Jaish-e-Mohammed, até ser acusado de assassinar um jornalista do *Wall Street Journal*, quando foi preso em Islamabad à espera do dia de sua execução. Contudo, depois da invasão do Afeganistão pelos norte-americanos, para acabar com o regime dos talibãs, tudo mudou no SII. Musharraf e o general Mahmud Ahmad, chefe dos serviços secretos, acabaram negociando com os norte-americanos a participação do Paquistão no conflito, depois que o subsecretário de Estado norte-americano, Richard Armitage, ameaçou bombardear o país, a menos que cooperassem na prisão dos terroristas culpados pelos atentados nas torres gêmeas de Nova York. O general Ahmad então liberou meu marido, secretamente, e conseguiu uma nova identidade para ele aqui no Iraque. Em troca, Omar teria de fazer um

pequeno favor aos norte-americanos, que prometeram esquecer o assunto do jornalista assassinado.

— Fazer um favor aos norte-americanos? — Rajmani, atônito, franziu o cenho ao fazer a pergunta.

Era evidente que desconhecia essa parte da história.

— Isso mesmo — respondeu a jovem. — Agora são eles que controlam, dirigem e avaliam as missões secretas do SII.

— E qual é esse favor? — insistiu Rajmani.

Rashida cravou seus olhos escuros no irmão.

— Omar não quis me contar, para não me comprometer. Só sei que ele pretende se reunir com alguém no Paquistão, talvez com algum membro da Al Qaeda.

Rajmani suspirou, com profunda preocupação. Muitas incógnitas cercavam a vida de Omar Sheikh. Quando achava que o conhecia, surgia uma nova história para lembrá-lo de que o cunhado não passava de um mistério para ele.

— Só não entendo por que os norte-americanos confiam em Omar e o obrigam para voltar a seus antigos companheiros, quando sabem que ele foi o homem que transferiu cem mil dólares a Mohammed Atta, dias antes do atentado em Nova York — observou Fathia, que estava a par das sombrias ações do marido de sua cunhada, graças aos comentários do próprio Rajmani. — Isso o implica diretamente no sequestro dos aviões que explodiram. O normal seria que continuasse preso.

— Não... — interrompeu Rajmani, que acreditava ter compreendido a sutil manobra ianque. — É uma troca de favores. Os norte-americanos, únicos responsáveis pela libertação de Omar, querem que ele os conduza diretamente aos membros da Al Qaeda, que nem suspeitam de sua intenção de delatá-los, já que durante anos ele foi um homem-chave dentro do departamento financeiro da célula terrorista. É óbvio que ele pretende regressar ao quartel-general da Al Qaeda, para depois informar sua posição aos norte-americanos. Como disse Rashida, eles lhe prometeram esquecer o assunto do jornalista, em troca de colaboração.

A jovem desviou o olhar para o chão, evitando ter de continuar com as explicações. Seu irmão notou a mudança de atitude e isso o intrigou ainda mais.

— Por acaso você não concorda com o que eu disse? — perguntou, de novo, o arqueólogo.

— Não... não é isso — ela balbuciou, indecisa. — É que não consigo parar de pensar no vídeo que Omar entregou para você. Já sabe a que eu me refiro. Se aquelas imagens são verdadeiras, por que meu marido enviou aquela quantia em dinheiro a Mohammed Atta? Será que ele conhecia o verdadeiro jogo de Osama

bin Laden? Será possível que esteja mentindo a todos nós?

Rashida se pôs a chorar. Fathia se aproximou para consolá-la, passando o braço em volta de seu ombro.

Rajmani se levantou, refletindo em silêncio a respeito das dúvidas de sua irmã. Havia algo que ele também não conseguia compreender. A informação contida no dossiê era bastante explícita, embora não tanto as singulares imagens gravadas no DVD, e nisso dava razão a Rashida. Várias peças não se encaixavam naquele quebra-cabeça. O atentado do 11 de Setembro... o rosto duplo de Osama bin Laden... a invasão do Iraque... o roubo de informação secreta norte-americana por parte dos membros do SII... Omar Sheikh condenado por um crime que não havia cometido, e sua posterior libertação sem que o mundo soubesse e... realizar uma missão para os norte-americanos... Um quebra-cabeça totalmente sem sentido!

Já era muito tarde para continuar conversando e mais ainda para aprofundar-se naquele mistério, por isso resolveu encerrar o diálogo.

— É melhor que você vá dormir — Rajmani recomendou à irmã. — Falaremos amanhã... — para, em seguida acrescentou em voz baixa e tom fúnebre — ... se ainda estivermos vivos.

As duas mulheres se levantaram. Fathia acompanhou a cunhada até o quarto e lhe desejou boa noite, depois de lhe dar um beijo no rosto. Depois foi até seu dormitório, para ver se suas filhas continuavam dormindo.

Uma vez sozinho, Rajmani estendeu a mão para pegar o Corão que havia sobre a mesa. Abriu o livro quase no final e começou a ler:

Nós o revelamos na Noite do Destino. E o que te fará compreender o que é a Noite do Destino? A Noite do Destino é melhor que mil meses. Nela descem os anjos e o Espírito, com a permissão do Senhor, para executar todas as Suas ordens. É paz, até o romper da aurora!

Rajmani fechou o livro sagrado do islã, cerrou as pálpebras e dormiu ali mesmo, na poltrona.

A paz, no Iraque, chorava por sua própria ausência.

RODOVIA A-8 (ao sul de Bagdá), 7 de abril de 2003

Às 5 horas do chamado *The big day* (O grande dia), os grupos de combate iniciaram sua marcha pelo deserto com o 1-64 Desert Rogues à frente. Mais de cento e cinquenta veículos blindados — carros de combate Abrams e carros de assalto Bradley — rodavam sobre o asfalto, produzindo um barulho regular e estridente, que lembrava aos soldados que a batalha ainda não estava decidida e que teriam de enfrentar novos ataques por parte dos iraquianos antes de entrar em Bagdá, a sangue e fogo.

Naquele momento, outras divisões aliadas se dirigiam à capital, a partir de diferentes pontos do país, para se confrontar com os 40 mil soldados do exército republicano que tratariam de defender as imediações do aeroporto, do palácio residencial e outros edifícios governamentais.

A fim de minimizar as consequências de um ataque aberto entre ambos os lados, o que significaria a morte de centenas de soldados norte-americanos, já tinham sido enviados aviões espiões não tripulados, além de vários A-10 Warthog, para o reconhecimento do palco de operações e dos anéis defensivos do exército iraquiano. Isso facilitaria o trabalho dos diferentes grupos de combate na hora de se posicionarem.

O que a 2ª Brigada não sabia era que o Pentágono ordenara um ataque aéreo indiscriminado contra as três divisões da Guarda Republicana utilizando armas não convencionais, com a única finalidade de reduzi-las a cinzas.

O repórter inglês, que viajava na torreta de um Bradley com seu companheiro e o tenente Parsons, sentiu que os desconfortos daquela guerra miserável começavam a lhe cobrar a fatura.

— Maldição! Meus pés estão destruídos — exclamou Rory, tirando com cuidado as botas de campo, e, também, as que calçara por baixo, ou seja, as

botas NBC que o protegeriam no caso de um ataque com armas químicas ou biológicas.

Jack pôde comprovar que o jornalista não mentia. Os pés estavam em carne viva, com a pele se soltando do dorso aos tornozelos. Um cheiro nauseante e podre, devido ao suor e à falta de transpiração, o fez recuar para trás.

— Não se queixe tanto — recomendou o oficial. — Todos nós sofremos... — Tossiu duas vezes e cuspiu para o lado a areia que havia entrado em sua boca. — Você ficaria assustado ao ver a cor e o inchaço dos meus pés. A carne debaixo das unhas até apodreceu.

— Acho que tem razão — comentou o ruivo. — Ninguém escapa dos castigos desta guerra infernal.

Driss, silencioso como sempre, limitou-se a pegar um pote de hidratante de um dos bolsos de sua calça militar. Ofereceu-o ao companheiro, que agradeceu o gesto.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — disse Jack, apoiando os antebraços no cano da M2.

— Faça — respondeu o inglês, agora concentrado em passar cuidadosamente o creme na pele, que ardia um bocado.

— Alguns jornalistas, por prudência, permaneceram no CTO... Por que vocês não fizeram a mesma coisa?

— Eu já disse que queremos gravar as imagens das forças aliadas prendendo Saddam Hussein. E não somos os únicos... A CNN e a Reuters também decidiram nos acompanhar.

— Não sei se você já se deu conta de que estamos na linha de frente — lembrou o sisudo oficial — e que dentro de algumas horas vamos viver um autêntico inferno. Vale a pena morrer por uma simples gravação?

O inglês calçou de novo as botas, sorrindo para dissimular a dor que sentia.

— Para um militar, ou para qualquer outra pessoa, o fato de um jornalista arriscar a vida só para realizar seu trabalho pode parecer uma loucura. — Pela primeira vez, desde que tinham saído do Kuwait, Rory parecia ter encontrado um denominador comum entre seu trabalho e o de um soldado. O que disse, em seguida, foi com total franqueza e espontaneidade. — Mas o verdadeiro sonho de um correspondente de guerra é ser uma testemunha imparcial do que acontece em combate. Informar o mundo com objetividade faz parte do que chamamos liberdade de imprensa, que é tão importante para nós como o juramento hipocrático para os que exercem a medicina. Porém, há algo mais: alguns de nós somos viciados em aventura. E essa, acredite, é uma doença contra a qual não há remédio.

Jack, que não se deixava impressionar pelos arroubos de um civil, fosse ou

não jornalista, resolveu alertá-lo sobre os perigos que teriam de enfrentar.

— Fico contente que pense assim. — Sorriu com acentuada ironia. — Não gostaria de ver o pânico no rosto de vocês quando os iraquianos decidirem nos atacar com bombas químicas de cloro ... ou de gás mostarda.

— O que você disse? — O rosto do jornalista mudou de cor. O líbio, que permanecera à margem da conversa, encarou o tenente. Guardou o hidratante no bolso, antes de opinar.

— Esse boato corre de boca em boca entre os soldados desde que entramos no Iraque. Porém, os iraquianos não usaram nenhum tipo de arma de destruição em massa para se defender. Na verdade, não vejo sentido em Saddam Hussein fabricar um armamento não convencional, como sempre afirmaram nossos governos, e não utilizá-lo para expulsar aqueles que invadem e destroem seu país. Não sei... parece incoerente.

— Driss tem razão — concordou o inglês. — Se quisessem lançar gases contra nós, já o teriam feito há muito tempo... e não agora que estamos tão perto de Bagdá.

— De qualquer forma — disse o oficial estadunidense —, se eu fosse vocês teria sempre à mão as máscaras de proteção e os filtros, assim como o resto do material que carregam para se proteger no caso de um ataque químico. Nunca se sabe que planos oculta um desequilibrado mental como Saddam Hussein.

O comboio se deteve a poucos quilômetros da capital iraquiana. Jack ajustou seus auriculares e ouviu a voz do coronel Perkins dando instruções aos chefes dos vários grupos de combate, através da emissora de rádio. A ordem era inquestionável, já que vinha diretamente do CETCOM¹². Instava os oficiais responsáveis pelos blindados a confiscarem as câmeras e os telefones dos jornalistas literalmente “embutidos” nas tropas norte-americanas. Até que chegassem a Bagdá, só podiam levar com eles seus computadores.

Como era de se imaginar, a notícia não foi muito bem recebida pelos que usavam passaporte britânico.

— Isso é inadmissível! É a primeira vez que seu exército impede que nós, repórteres, façamos nosso trabalho! — exclamou Rory, ressentido por estarem violando seus direitos como correspondente de guerra. — Lembro que na Bósnia...

Jack estendeu a mão, olhando-o fixamente.

— Não desperdice saliva — advertiu, com voz glacial. — Aqui, ordens não se discutem... apenas são cumpridas.

— Lamento, mas não estou disposto a...

— Será melhor que obedeça — disse o líbio, entregando sua câmera ao oficial norte-americano.

A contragosto, Rory pegou seu telefone e o entregou ao tenente, que por sua vez o estendeu a um dos soldados que estavam no interior do blindado.

Minutos depois, o coronel Perkins ordenava pelo rádio que todos os membros do comboio, tanto militares como civis, colocassem suas máscaras antigás e luvas 25 ML. Jack olhou para os correspondentes. O rosto do jornalista aventureiro empalideceu na mesma hora; e até Driss parecia desconcertado após as sérias advertências de Perkins.

— Parece que a festa vai começar — foi o comentário do tenente Parsons, tentando disfarçar o temor que sentia nesse momento.

Em seguida, desceu pela escotilha ao interior do Bradley. Precisava se certificar de que os soldados sob sua responsabilidade tinham cumprido fielmente as instruções do coronel, além de verificar a reação dos mais jovens e inexperientes, que ainda tinham muito que ver naquela maldita guerra... Que não perdessem o juízo agora que estavam tão perto da vitória.

Os carros de assalto continuaram avançando pela rodovia A-8, mas agora os soldados estavam grudados a seus fuzis. Ninguém falava, mas interiormente todos rezavam.

Quando o comboio chegou às proximidades de Bagdá, Driss pegou o binóculo do tenente, que pendia da alça metálica da torreta. Achou que tinha visto depois do aeroporto, na zona árida que seguia a oeste da cidade, várias colunas de fumaça e diversos pontos escuros no meio do deserto. Movido pela curiosidade, mirou o lugar exato na linha do horizonte. Graças ao grande alcance do binóculo, conseguiu ver, como se tocasse com as próprias mãos, o que havia chamado tanto sua atenção.

Horrorizado, descobriu que as três divisões de elite do exército republicano haviam sido massacradas quase por completo, de um modo absurdo. A cena era dantesca: restos humanos espalhados por toda parte... centenas de corpos carbonizados ou ardendo no solo, junto dos carros de combate e dos outros blindados. Alguns estavam inteiramente sem pele, com muitos ossos à mostra.

O líbio pressentiu que as tropas norte-americanas haviam desrespeitado uma das principais normas que regem as guerras convencionais, utilizando algum tipo de armamento secreto, talvez mísseis de baixa potência nuclear, denominados “bombas limpas”, de meio quiloton. Era possível que se tratasse de um ataque com projéteis de fósforo branco ou que tivessem utilizado raios infravermelhos ou eletromagnéticos.

— Agora entendo por que seu maldito coronel sequestrou nosso material de trabalho e nos obrigou a usar esses ridículos uniformes— quase berrou Driss, fuzilando o oficial no comando com o olhar. Entregou o binóculo ao tenente Parsons, para que ele comprovasse, por si mesmo, o resultado do diabólico

ataque que havia dizimado dezenas de milhares de soldados iraquianos.

Jack, que não sabia do que ele estava falando, pegou o binóculo com ambas as mãos e focalizou o lugar para onde Driss apontava.

— Santo Deus! — exclamou. Então, olhou para o câmara como se procurasse uma explicação. — Estão todos mortos! Os corpos se derreteram como manteiga!

— Isso mesmo... e não creio que esse massacre tenha sido por culpa dos agentes químicos com os quais, segundo disse o coronel Perkins, os iraquianos pensavam em nos atacar antes de chegarmos à cidade.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou o oficial, na defensiva.

— Só o que vejo... — respondeu o câmara, com um tom de voz desafiador. — Que seu governo decidiu abreviar esta guerra lançando mão de armamento não convencional... — Esboçou um sorriso cáustico, antes de prosseguir: — Que ironia! Estamos aqui para procurar armas químicas e são vocês que as possuem. — O silencioso Driss tinha motivos mais que suficientes para falar. — Milhares de soldados foram executados a partir do ar, sem nenhum tipo de escrúpulo. Por isso não podemos gravar as cenas... Podem ser comprometedores, não é?

Ao intuir que estava perdendo algo de sumo interesse, Rory pediu que o tenente lhe passasse o binóculo. Em poucos segundos compreendeu o que acontecera. Aquele cenário apocalíptico representava um genocídio de grande magnitude, que nada tinha a ver com a luta regulamentar entre dois países em conflito armado. Ali haviam sido desrespeitados os direitos humanos e a legalidade internacional, bem como outras questões políticas e militares registradas na Convenção de Genebra. O que seus olhos viam estava muito longe de ser as consequências de uma guerra convencional.

— Suponho que a versão oficial será bem diferente... não é mesmo, tenente? — indagou o inglês, devolvendo o binóculo ao oficial.

A pergunta foi formulada com certa frieza. Os olhos de Rory, justamente os de quem se presumia não possuir escrúpulos, expressavam agora uma indignação difícil de descrever com palavras.

— Não estou aqui para julgar a decisão de meus superiores.

Jack se viu obrigado a defender a conduta daqueles que haviam ordenado o massacre, embora estivesse tão confuso e enfurecido como os repórteres.

— Claro! — exclamou o ruivo, mordendo os lábios enquanto voltava a sentar na base superior da torrinha. E continuou: — É mais fácil acreditar na deserção desses homens do que pensar que foram vítimas de um genocídio militar. — Então, lembrou-se de um pequeno detalhe. — Não foi isso que o coronel Perkins disse dos 120 mil iraquianos da Divisão Medina que, supostamente, fugiram de Najaf e Kerbala depois de colocar em xeque as tropas aliadas?

— Meu conselho é que vocês esqueçam disso — disse o tenente Parsons. — Falar do ocorrido sem provas poderia lhes custar caro.

— É uma ameaça? — quis saber o ruivo.

— Só procuro avisá-los... aos dois.

Um profundo silêncio se fez entre o jornalista e o militar. Ambos se olharam como dois leões dispostos a dar a vida por um pedaço de carne.

— A história é escrita pelos vencedores... mas a realidade é inegável — acrescentou o líbio, deixando claro ao oficial norte-americano que não havia meio de impedir que os observadores daquela guerra fizessem perguntas de difícil resposta. — Cedo ou tarde, tudo virá à tona. O mais triste é que, então, ninguém mais se importará com o que aconteceu... Terá deixado de ser notícia.

Parsons já estava se cansando daquela luta verbal de opiniões contrárias, então ficou em silêncio e continuou olhando para a frente, esquecendo a apreciação dos repórteres. Ele tinha as próprias convicções, embora, pouco a pouco, elas também comesçassem a ruir por terra.

Depois de testemunhar a aterradora matança de dezenas de milhares de soldados do exército republicano, o ódio inicial que sentia pelos iraquianos foi se transformando em um sentimento de piedade.

BAGDÁ, 6h15, 7 de abril de 2003

Assim que entrou na cidade mais populosa do Iraque, o Grupo de Combate 1-64 Desert Rogues, que liderava o comboio, separou-se dele para ir rumo ao norte, pela A-80, deixando que o 4-64 Tusker liderasse a marcha até o complexo residencial. O tenente-coronel DeCamp, cujo nome de guerra era Aníbal, avançou com seus homens até o centro de Bagdá com o firme propósito de enfrentar os poucos soldados que tentariam defender os diversos acessos do Palácio Republicano.

Os repórteres haviam sido conduzidos para a retaguarda, em um dos caminhões de abastecimento que viajavam com o 3-15

China. A ordem viera diretamente do coronel Perkins, que também lhes sugeriu, tanto aos jornalistas como ao restante de seus homens, que esquecessem a máscara e os equipamentos que deveriam protegê-los de um possível ataque químico-bacteriológico.

O argumento do chefe de brigada foi que estavam fora de perigo por chegar ao centro da cidade sem que houvesse nenhum ataque com armas de destruição em massa. Mas a verdadeira causa era outra, bem diferente: o vento mudara de direção e a radioatividade das “bombas limpas” lançadas contra o exército republicano, nas imediações do aeroporto, dirigia-se agora para o oeste, distanciando-se de Bagdá. Outra razão era que a indumentária poderia prejudicar a mobilidade dos soldados e era preciso que todos estivessem com cem por cento de sua capacidade.

A missão do tenente-coronel DeCamp e de seu grupo de combate era atravessar as quatro pontes que os separavam do complexo residencial, defendidas pelas tropas iraquianas. O ataque fulminante dos Assassinos contra os soldados do regime, postados do outro lado do rio Tigre, durou cerca de três horas. Enquanto isso, a Cyclon e outras companhias abriam fogo contra os diversos edifícios governamentais, situados no centro de Bagdá.

Depois de um longo e implacável confronto, finalmente os norte-americanos conseguiram tomar os acessos que os separavam do palácio. Minutos mais tarde, colocavam seus blindados diante da porta de entrada do suntuoso edifício. Tinham ordens precisas de não fazer tremular nenhuma bandeira dos Estados Unidos. Era a maneira mais diplomática de dizer aos iraquianos que seu país não

seria ocupado, mas que a presença dos norte-americanos na cidade significava o início da libertação.

Naquele momento, o ministro iraquiano da Informação, em uma coletiva de imprensa realizada no hotel Palestina, cinicamente insistia que Bagdá estava a salvo e que o exército invasor ainda estava longe da capital.

Depois de descer de seu blindado, o coronel Perkins entrou em contato com seu segundo, o tenente-coronel Eric Wesley, para informar ao CTO o resultado da missão. O capitão Phillips Wolford e o tenente Parsons desceram das torretas de seus blindados para se juntar ao chefe da Brigada Spartan. Esperavam novas instruções dele.

— Aqui fala Spartan 6 — disse o coronel Perkins, pelo telefone via satélite, ao tenente-coronel Wesley. — Objetivo conquistado... Tomamos posições diante do Palácio Republicano. Estamos prestes a ganhar a partida.

O coronel piscou para seus oficiais e, distanciando-se um pouco, continuou falando com seu segundo.

Jack se sentia satisfeito. Conseguira entrar em Bagdá são e salvo. Em contrapartida, Wolford andava de um lado para outro na rua, com certa inquietação, como se o fato de os ataques iraquianos terem parado aumentasse exponencialmente sua sensação de perigo.

Aquele silêncio, pensou Jack, era algo que em uma cidade sitiada como Bagdá causava mais preocupação do que o som dos mísseis de cruzeiro caindo sobre os edifícios. Eles, melhor que ninguém, sabiam que aquele instante de calma era, precisamente, o que prenunciava uma nova tormenta. Se não contra o exército republicano, logo teriam de combater contra os fedains fiéis ao regime, no que poderia se converter em uma interminável guerra de guerrilhas urbana.

O coronel Perkins fez um gesto brusco, afastando ligeiramente o telefone do ouvido. — Wesley? — perguntou, inquieto. — Spartan 5! Você me escuta? Câmbio... Aqui, Spartan 6! Você me ouve? Maldição! — Em seguida, dirigiu-se ao capitão Phillip, que se aproximou ao pressentir que algo terrível acabava de acontecer. — Creio que o CTO está sendo atacado.

— Tem certeza, senhor? — perguntou Wolford, impressionado.

Perkins, pálido como uma imagem de alabastro, assentiu em silêncio.

— Estava falando com Wesley... ele tinha saído da velha fábrica para evitar interferências... Então ouvi um barulho e a comunicação foi cortada — explicou o coronel.

Após ouvir o diálogo, Jack se aproximou deles, agarrado a seu M-16. A notícia instigara ainda mais seu instinto de sobrevivência.

— Se me permite, senhor... — dirigiu-se ao capitão Wolford. — Poderíamos tentar falar com algum outro oficial da Companhia do Estado-Maior Titan.

Alguém deve saber o que está acontecendo no CTO.

Sem esperar que Wolford respondesse, Perkins ligou para outro número. Nada. Tentou novamente por vários minutos, até que conseguiu contato com o major Weber, do 10º Batalhão de Sapadores. O major parecia estar sofrendo uma crise de ansiedade, a julgar pela maneira como tratava de explicar a Spartan 6 o que havia acontecido. Sua voz estava alterada e as frases eram desconexas, demorou a se fazer entender.

Pelo visto, havia caído um míssil na entrada do CTO, justamente sobre o Humvee onde se apoiava Wesley enquanto falava com o coronel Perkins. Weber relatou que, no momento do impacto, estava montando uma tenda a 200 metros do edifício, e que o míssil de cruzeiro viera do noroeste, talvez procedente do povoado Al-Hillah, danificando bastante o prédio do CTO. O míssil havia matado o tenente-coronel Eric Wesley, o cabo Henry Brown, o soldado Anthony Miller e dois correspondentes de guerra, um do *Focus Online* e um repórter espanhol do jornal *El Mundo*.

Consternado, Perkins ordenou a seus oficiais que retornassem aos blindados e verificassem a possibilidade de encontrar focos de resistência nas ruas próximas ao Palácio Republicano.

Pouco depois, Jack passava com seu Bradley pelas imediações do hotel Al-Rashid, diante de um conjunto de moradias de luxo atrás do complexo residencial. Seguiam com ele vários blindados leves LAV, equipados com mísseis antitanques e metralhadoras de 25 mm, além de uma dezena de Humvees, na retaguarda, como medida de apoio. Percorreram a área por mais de uma hora, com muito cuidado, para verificar se não havia franco-atiradores nos prédios que se estendiam do hotel até o final da rua Haifa.

Estavam indo embora, quando ouviram o inconfundível matraquear de um fuzil de assalto AK-47, disparando sobre eles do interior de um dos sobrados alinhados por toda a avenida. Aparentemente não havia muitos soldados iraquianos entrincheirados ali, nem parecia que tivessem lança-granadas ou morteiros, do contrário os teriam usado quando viram que os carros de assalto se enfileiraram diante da fachada da casa.

Sem titubear, os Assassinos abriram fogo de artilharia contra o imóvel.

Um grupo de soldados desceu do Bradley e se posicionou na porta de entrada. Pedindo cobertura, o sargento-mor Parvis entrou no sobrado com dois recrutas que participaram com ele de outro episódio.

Segundos depois, ouviram-se disparos de M-16 dentro da casa. Na sequência, Parvis retornou para comunicar aos companheiros, lá fora, que estava tudo sob controle.

A companhia de reconhecimento se pôs em marcha, regressando ao palácio

residencial. O sargento-mor não parecia ter pressa de abandonar a área, pois ficou em pé diante da moradia, observando enquanto seus companheiros se afastavam. Esse detalhe não passou despercebido ao tenente Parsons, que também estranhou não ter visto saírem da casa os dois soldados que tinham entrado com ele.

Quando o comboio começou a se movimentar pela rua Haifa, Jack abandonou a torreta do Bradley e ordenou ao cabo O'Connors, que dirigia o blindado, que seguisse em frente com o restante dos carros de assalto.

Desceu do veículo e correu para a larga calçada da avenida até apoiar as costas no muro de tijolos de um prédio em ruínas. Discretamente, e tomando cuidado para não ser alvo de algum franco-atirador, foi se aproximando do lugar de onde haviam partido os tiros. Parvis já não estava à porta. Isso significava que voltara para se unir aos companheiros e que, certamente, algo devia ter despertado o interesse daqueles homens quando decidiram ficar no interior da casa.

Quando estava a uns vinte metros do imóvel, Jack teve a impressão de ver uma figura agachada na esquina da frente. Parou um instante, ocultando-se atrás de um furgão estacionado. Imaginando tratar-se de um soldado iraquiano, esperou uns segundos antes de se aproximar do vulto, de maneira a não ser visto.

Suspirou de alívio ao ver que era a soldado Franklyn, que ele imaginava estar mais ao norte da cidade com seu grupo de combate, o 1-64 Desert Rogues. Obviamente, ela abandonara sua posição na companhia disposta a saldar uma velha dívida, pois naquele momento corria em direção à casa, empunhando seu rifle de assalto em posição de ataque. Jack percebeu que o propósito da soldado era surpreender seus agressores pelas costas. Intuindo que a jovem faria justiça ali mesmo, correu atrás dela antes que cometesse uma loucura da qual poderia se arrepender pelo resto da vida.

Nesse instante ouviu um disparo no interior da casa, e a soldado Franklyn se deteve diante da porta de entrada. Jack se aproveitou de sua indecisão e ordenou que ela se detivesse. A moça virou o rosto e reconheceu o tenente que havia lhe oferecido ajuda, dias antes, nas duchas. Sem atendê-lo, entrou rapidamente.

Jack, pedindo a Deus que a jovem não cometesse a loucura de fazer justiça com as próprias mãos, cruzou a porta em seguida. Não a viu no corredor da entrada, mas escutou um murmúrio em uma das salas do fundo e soluços de desespero de uma criança. Aproximou-se lentamente, olhando tudo ao redor, com o indicador direito sobre o gatilho, alerta para qualquer eventualidade. As paredes estavam coalhadas de buracos enormes, produzidos pelos projéteis. Havia cadáveres destroçados por obuses e balas, espalhados nos vários quartos, e o ar era tão viciado que parecia traduzir o espírito da morte e da desolação.

Seu cérebro ia assimilando os macabros detalhes enquanto ele avançava, mas Jack estava mesmo era concentrado na porta pintada de verde, entreaberta, no fundo do corredor. Do outro lado continuavam os murmúrios e o choro contínuo da criança.

Com a respiração suspensa, Jack escancarou a porta e entrou no quarto, com seu M-16 pronto para atirar. Deparou-se com algo que o deixou sem fala e com vontade de vomitar.

A soldado Franklyn mantinha sob controle os três homens que a haviam violentado, apontando para eles seu rifle de assalto. Os soldados Lee e Brandt — os cúmplices de Parvis — tinham os braços levantados e as calças abaixadas até os joelhos, com a genitália à mostra. Apavorados, tentavam dissuadi-la de seu propósito. O sargento-mor Parvis era o único completamente vestido e permanecia em silêncio.

O pior, para Jack, foi ver no chão o cadáver de uma mulher com as pernas abertas e as vestes erguidas a ponto de ocultar seu rosto. Havia sido alvejada nas têmporas, à queima-roupa, e o sangue formava uma grande poça em volta de sua cabeça. Viu, ainda, uma aterrorizada jovem iraquiana, de uns dezesseis anos de idade, com a túnica rasgada na altura do peito, e uma garotinha, de uns nove ou dez anos, chorando abraçada ao corpo da mulher que devia ser sua mãe. Tentava, em vão, despertá-la.

Jack compreendeu, na hora, o que acontecera. Depois de eliminar os últimos homens entrincheirados, Parvis e seus amigos haviam descoberto o esconderijo das mulheres e decidiram que já era hora de desfrutar as vantagens de serem os vencedores daquela cruel e dramática guerra. Pelo visto, haviam violado a mãe e trataram de executá-la, para não deixar vestígios da agressão. Depois do assassinato a sangue-frio, seria a vez da jovem, cujo final era também ser violentada brutalmente pelos três norte-americanos, para depois acabar da mesma forma que sua mãe, com um tiro na cabeça. Quanto à menininha, Jack não quis nem pensar. Teria sido uma aberração imaginar um ato tão degradante por parte de homens que eram pais de família.

Entretanto, a “festa” devia ter sido interrompida com o inesperado aparecimento da soldado Franklyn, que, consternada pela cena escabrosa e selvagem, apontava sua metralhadora na direção daqueles monstros. Seus músculos estavam tensos e o olhar ardia como a areia do deserto.

Na realidade, dois fuzis de assalto apontavam para aquelas bestas sanguinárias, com a firme intenção de abrir fogo ao menor movimento de seus corpos, já que o tenente Parsons apoiava a iniciativa da soldado.

— Você! Vá embora! — Jack fez um gesto para a moça, cuja túnica rasgada deixava grande parte dos seios à mostra. — E leve a menina!

Mesmo sem compreender o idioma, a jovem intuiu o significado daquelas palavras. Agachou-se para pegar a mão da irmã e saiu correndo, aos prantos.

— Tenente... isto não é o que parece — balbuciou o sargento-mor Parvis, lembrando que seu comportamento poderia lhe custar um conselho de guerra, sua desonra e a expulsão do exército, além de vários anos em uma prisão militar.

Jack ficou em silêncio. Desviou o olhar na direção da soldado Franklyn. Ela mal respirava, nem sequer piscava, mas tinha as veias do pescoço saltadas e gotas de suor escorriam pelo rosto. Toda sua atenção voltava-se para os homens e o gatilho de seu fuzil.

— Senhor, não deveria levar em conta o que aconteceu — pediu Lee, um asiático cheio de tatuagens nos braços. — No final das contas, fizemos o que eles fariam a nossas mulheres, se caíssem em seu poder.

— A guerra é injusta... e às vezes nos leva a fazer coisas terríveis... — acrescentou o soldado raso Brandt, um texano corpulento. — Senhor... e se esquecermos o incidente? Todos sabemos que o senhor está aqui para vingar a morte de sua esposa. Lembre-se... esses desgraçados deram asilo aos terroristas da Al Qaeda que atentaram contra os edifícios do World Trade Center... Quem se importa com o que acontece a eles?

— Vamos, tenente! — Parvis, com extremo cuidado, bateu com a ponta do pé no corpo da mulher estendida no chão. — Talvez não esteja morta ainda. Se for rápido, poderá gozar nessa cadela.

— E se... Por que não fodemos de novo a “negrinha”? — O soldado Lee deixou escapar uma risadinha nervosa e demente, indicou com o queixo a jovem soldado, que continuava lhe apontando seu M-16. — Já adianto, senhor, que tem peitos tão duros como tijolos.

O soldado soltou uma gargalhada histérica, esperando que um convite desonesto e desesperado pudesse tirá-los da situação limite em que se encontravam.

Jack não parava de observar, de soslaio, a soldado Franklyn. Naqueles instantes de tensão tinha de controlar qualquer movimento que a jovem fizesse.

— Por que vocês não vão para o inferno? — berrou o tenente, apertando os dentes com força para reprimir seu desejo de acabar com eles ali mesmo.

— Não seria má ideia, senhor. — Parvis sorriu com acentuado cinismo, começando a perder a paciência. Havia um quê de loucura em seu olhar. — A primeira coisa que farei, quando baixar aos infernos, será dizer a sua mulherzinha que fique de joelhos para me chupar... O que acha disso?

As ultrajantes palavras do sargento-mor não abalaram Jack. Ele conhecia muito bem esse jogo: o objetivo era provocá-lo para que perdesse o controle. Assim, o sargento se aproveitaria de seu erro para pegar o M-16 que permanecia

apoiado na parede a poucos centímetros de onde se encontrava. Parvis não contava com o sangue-frio do tenente.

A cena era extremamente tensa e também muito ridícula, já que os dois soldados continuavam com as calças arriadas. Jack sabia muito bem como aquela situação ia acabar, portanto prolongar o inevitável seria absurdo e até perigoso. Ali estavam sendo julgados três monstros, criminosos de guerra sem sentimentos. E ele, que até então defendera o direito de qualquer soldado a um julgamento justo, não teve outra saída senão conduzir a questão, fazendo o papel de magistrado.

— Soldado Franklyn... — dirigiu-se à jovem, sem olhar para ela. — Qual é seu veredito?

A soldado, sem tirar os olhos dos seus agressores, respondeu com acentuado tom militar.

— Culpados, senhor!

Jack retrocedeu alguns passos, sem dar as costas para os homens, e chegou ao corredor. Agachou-se para pegar uma AK-47 que viu ao lado do cadáver de um dos soldados iraquianos. Agora, levava um rifle de assalto em cada mão.

Voltou ao quarto.

— Pegue! — ofereceu o lendário Kalashnikov à soldado Franklyn. — Assim vão pensar que foram os iraquianos que acabaram com esses “heróis”.

Rapidamente, a jovem trocou de arma, diante do assombro dos outros companheiros. Olhou com generosidade para o tenente, agradecendo em silêncio por ele permitir que ela levasse a cabo sua vingança. Jack, por sua vez, sentido que havia cumprido sua obrigação, saiu do quarto. O que aconteceria dali para a frente não era de sua conta. Sua guerra era outra, muito diferente.

Logo depois de passar pela porta e iniciar sua caminhada pela avenida, escutou o inconfundível som da AK-47, vomitando pólvora. Só então se permitiu o luxo de sorrir.

Deus e a soldado Franklyn, finalmente, haviam feito justiça.

BAGDÁ, 8 de abril de 2003

Enquanto lá fora o mundo parecia ter enlouquecido, e nas ruas próximas ao Museu Arqueológico de Bagdá só se escutavam os estrondos das bombas, dos mísseis e dos fuzis de assalto, Rajmani e sua companheira de trabalho, a doutora Aisha Howeid, tentavam proteger as estátuas caso o prédio fosse atingido por algum projétil. Cuidadosamente envolviam com espuma as efígies de pedra e mármore assírias e sassânidas, obras de arte insubstituíveis que integravam a herança cultural iraquiana.

Ao terminar o trabalho, Aisha fez um gesto ao colega.

— Venha, Rajmani! Ajude-me a recolher as peças pequenas que restam.

A arqueóloga, que usava uma bonita túnica vermelha com debruns dourados nas laterais e nas mangas, e um hijab branco cobrindo-lhe a cabeça, foi até onde se alinhavam diversas vitrines. Ali estavam expostos cilindros gravados com escritura cuneiforme e pequenas vasilhas de barro cozido, de origem suméria e babilônica. Sem perda de tempo, ela pôs-se a embrulhá-los com palha e papel, antes de depositá-los em uma caixa de zinco. Rajmani aproximou-se para ajudá-la.

— Quanto tempo você acha que vai demorar até que os saqueadores comecem a espoliar o museu? — Aisha perguntou.

— Humm... é imprevisível — respondeu Rajmani. — Não sabemos se os norte-americanos vão proteger estas relíquias da mesma maneira que pensam defender o Ministério do Petróleo.

— Noto um certo ressentimento em suas palavras — ela comentou. — Acredita que eles se esquecerão de salvaguardar os tesouros de nosso povo, também patrimônio da humanidade?

— Não tenho ideia — ele admitiu, dando de ombros. — Sempre achei que o homem que decide tomar o caminho das armas não está capacitado para compreender a beleza da arte... não importa sua nacionalidade, religião ou

posição social. Basta lembrar o que aconteceu com as efígies dos budas de Bamiyan.

A doutora Howeid, vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá e responsável pelo legado assírio — a salvo na câmara subterrânea blindada do Banco Central, havia algumas semanas —, relembrou, com tristeza, o momento em que as telas de televisão do mundo inteiro retransmitiram a destruição das colossais estátuas de pedra. Embora o ministro do Interior paquistanês, Moinuddin Haider, grande colaborador do governo afegão, houvesse tentado de todas as formas evitar que fossem dinamitadas, não conseguiu impedir uma das maiores tragédias culturais dos últimos séculos: a destruição dos budas milenares pela milícia ultraortodoxa talibã, um crime iconoclasta fundamentalista sem precedentes. Mas ainda foram além, acabando com milhares de figuras arqueológicas da época em que o Afeganistão era um dos centros nevrálgicos do budismo, para impedir a adoração de ídolos pagãos.

— Tenho medo, Rajmani... — Aisha largou o que estava fazendo. — Tenho medo de que todos os nossos tesouros sejam destruídos para sempre. Seria o pior que poderia acontecer a nosso país... perder sua herança cultural.

O arqueólogo suspirou de tristeza. Sabia que cedo ou tarde teriam de enfrentar a pilhagem e o espólio, isso se o museu não ficasse reduzido a escombros por culpa dos mísseis e bombas do exército aliado.

No início da guerra havia pensado que aquele lugar seria respeitado pelas forças de ocupação. Entretanto, a julgar pela maneira como a batalha em Bagdá estava se desenrolando, a única coisa a fazer era proteger as peças menores e deixar o resto nas mãos de Deus.

— Você não deveria pensar nisso agora — foi seu equilibrado conselho. — Temos de descer ao porão para esconder as últimas caixas que faltam e preferia que você mantivesse a cabeça no lugar. Não vale a pena lamentar o inevitável.

Ela concordou em silêncio, terminando de embalar os cilindros que ainda restavam na vitrine.

Com a ajuda de um carrinho usado para o transporte de peças mais pesadas, levaram uma dúzia de caixas até a porta que dava acesso ao porão. Desceram uma a uma, com cuidado, armazenando-as ao fundo do cômodo, onde semanas antes haviam guardado umas 150 caixas com cerca de 8 mil peças arqueológicas pequenas. Só não podiam acondicionar ali as enormes estátuas de mármore e pedra expostas nas salas do museu.

A doutora sugeriu a Rajmani que ele fizesse depressa uma massa de cimento e areia, enquanto ela ia lhe entregando vários baldes com água e uns tijolos que estavam empilhados perto da escada. Disselhe que a queda de Bagdá era uma questão de horas, e que se iniciaria um período novo, em que a desordem e o

caos certamente trariam à tona todo o mal que havia dentro de cada um dos iraquianos.

— Espere! — pediu Rajmani. — Estou me esquecendo de umas peças de grande interesse histórico, no armário do meu gabinete. Foram enviadas pelo Museu de Mosul, dias antes da invasão. Algumas tabuletas de barro do período imperial acádio... Vou buscá-los!

Rajmani começou a andar, mas Aisha colocou-se em seu caminho.

— Quer que eu o acompanhe? — ela perguntou com um tom de voz íntimo e afetuoso, bem distante da conduta própria para dois colegas de trabalho.

Rajmani, que por um instante experimentou uma agradável sensação no estômago ao sentir as mãos da doutora segurando as suas, reprimiu o desejo de estreitá-la nos braços, ali mesmo, como tantas vezes fizera no passado. A antiga relação que haviam ocultado por um ano, até que decidiram romper por mútuo acordo, parecia se estreitar novamente naqueles momentos críticos em que se decidia o futuro do Iraque. Embora pelas leis do Corão pudesse tomá-la como segunda esposa, jamais quis afastar Fathia de seu principal papel na casa.

Aisha admirava a sábia decisão dele, mas não conseguia negar-se ao encanto de beijar novamente os lábios do único homem que a fizera se sentir mulher. Num arroubo de paixão, aproximou o rosto do de Rajmani, enquanto fechava os olhos.

Prudente, o arqueólogo se desvencilhou da embaraçosa situação, por dois motivos. Primero, porque não pretendia continuar aquele jogo, não depois de encerrar uma aventura amorosa que não levaria a lugar nenhum, já que ele e a família estavam dispostos a cruzar a fronteira da Jordânia em breve para iniciar uma nova vida, longe do Iraque. Segundo, porque tinham de terminar seu trabalho o quanto antes.

— Acho melhor você me esperar aqui — respondeu suavemente, retraindo-se para não cair na tentação de beijá-la. — Voltarei em poucos minutos.

Subiu as escadas, respirando aliviado. O comportamento imprevisto de Aisha o havia deixado em uma situação delicada não pelo fato de querer acompanhá-lo, nem pela insinuação provocante, mas por outro motivo bem diferente.

As tabuletas! Jamais poderia permitir que ela os visse.

Enquanto Rajmani se afastava, a doutora sentou no primeiro degrau da escada e pôs-se a lembrar de quando ambos haviam se conhecido.

Fora no dia em que ela tomou posse de seu cargo, em uma cerimônia realizada no próprio museu. Ficara muito nervosa por ser a única mulher no evento e também porque o adido cultural enviado pela Unesco dedicara parte de seu discurso elogiando-a por sua formação acadêmica. Quando chegou sua vez de falar, timidamente reconheceu que passara grande parte da vida entre os livros,

aprofundando-se na história antiga de seu país. Contudo, embora tivesse obtido excelentes notas no doutorado, tinha sido escolhida para vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá mais por laços de parentesco com o ditador, pois era prima de Imane Howeid, a última das esposas de Saddam Hussein.

Naquele dia, em que a presença de tantos homens ao seu redor a fez sentir-se como um simples objeto de desejo — intuía como aqueles prepotentes babavam à sua volta, devorando-a com olhos lascivos —, sentiu uma incrível vontade de desaparecer... de ficar invisível. Fugindo da adulação dos mais atrevidos, que manifestavam sem pudor a admiração por ela e por seu trabalho arqueológico, quando na verdade o que lhes chamava atenção eram seus olhos negros, o rosto atraente e os lábios carnudos, aproximou-se do imame Abderrazak Al Saadi, assessor religioso do *Raïs*, como forma de esquivar-se de seu compromisso com os membros do governo ali reunidos. Mas antes de chegar até ele, esbarrou em um homem que segurava uma xícara de chá, fazendo-o derramar o líquido sobre o paletó. Ela pediu desculpas e ele aceitou, com um sorriso. Depois que seus olhos se encontraram, ambos não puderam mais deixar de se mirar.

Aisha jamais perguntara a Rajmani o que ele havia pensado naquele instante. Ela, entretanto, sentira que o amor havia irrompido em sua vida. O que não suspeitara é que havia se enamorado de um homem que já entregara seu coração a outra mulher. Apesar de tudo, preferia lembrar-se dos bons momentos, da paz e da felicidade que havia experimentado naquele último ano.

Voltou ao presente quando viu que Rajmani descia as escadas trazendo nas mãos um objeto retangular, de uns dois dedos de espessura, embrulhado em folhas de jornal.

— Agora terminamos — assegurou o arqueólogo, colocando o embrulho sobre uma das pilhas de caixas ao fundo do porão. Aisha se aproximou, ajeitando o lenço na cabeça.

— É melhor nos apressarmos. Temos de levantar a parede antes que os norteamericanos reduzam a cidade a cinzas.

Rajmani, que era o mais interessado em terminar o trabalho, voltou à tarefa com a ajuda da doutora. Uma hora depois, parte do porão havia desaparecido atrás de uma nova parede de tijolos, rebocada com uma camada de gesso. Em seguida, limparam o chão para não deixar vestígios do que fora feito ali. Empilharam diante do muro algumas cadeiras quebradas e mesas de trabalho com mais de cinquenta anos de uso, e então Aisha pegou um exemplar do Corão que trazia no bolso de seu cafetã.

— Agora temos de jurar sobre ele que jamais revelaremos nosso esconderijo às tropas de ocupação.

Surpreso com a proposta da doutora, Rajmani demorou a reagir. Não podia

negar, nem prometer algo que não poderia cumprir. Ali dentro havia ocultado um objeto que teria de recuperar em poucos dias. Era seu passaporte para uma vida nova, fora do Iraque.

— Está acontecendo algo? — Aisha perguntou diante da indecisão do colega.

— Não... nada! — ele mentiu.

— Então, por favor, coloque sua mão direita sobre o Corão e jure comigo que jamais diremos aos norte-americanos o que acabamos de fazer.

Ainda vacilante, o arqueólogo assentiu. Aferrou-se à ideia de que o juramento incluía apenas os nascidos nos Estados Unidos, portanto estava livre para revelar seu segredo a um jornalista inglês.

BAGDÁ, 8 de abril de 2003

O inferno havia se instalado no centro da capital iraquiana. Não obstante, mesmo sem esperanças de deter a ofensiva dos aliados, o exército republicano resistia, atrasando o avanço das tropas norte-americanas situadas do outro lado de um Tigre cruzado por treze pontes.

O Grupo de Combate 4-64 Tusker detinha o controle das ruas que conduziam ao palácio residencial. O 1-64 Desert Rogues cercava a zona onde se localizavam os diversos edifícios governamentais. Para acabar com as posições das tropas iraquianas entrincheiradas no edifício do Ministério do Planejamento, o tenente-coronel DeCamp ordenou a seus homens que tomassem as pontes de Al Sinnaq e Al Jumhuriya, para avançar o mais depressa possível até o outro lado da cidade. As companhias A e C, da Brigada Spartan, se encarregaram de levar a cabo a missão.

Jack avançava com seu Bradley a caminho da ponte que lhe coubera, seguindo os passos do capitão Wolford; na retaguarda, os blindados dos Assassinos respondiam com fogo de artilharia ao ataque dos iraquianos postados no interior do Ministério do Planejamento, os quais os fustigavam com morteiros de 82 mm e constantes disparos dos lança-granadas antitanques RPG-7. Segurando com firmeza a metralhadora pesada do carro de assalto, o tenente dirigiu sua mira ao prédio do ministério, onde o exército republicano e os Fedains de Saddam¹³ haviam assentado suas linhas de defesa.

Finalmente, Jack abriu fogo contra as tropas entrincheiradas ao longo da rua Abu Nawas. No cálido amanhecer, o cintilar das balas desenhava linhas vermelhas entre uma e outra margem do Tigre. O ataque foi recrudescente com o apoio da aviação aliada, que lançava mísseis dirigidos por GPS sobre o edifício governamental.. Da mesma forma, um bombardeiro B-1 lançou um ataque devastador contra uma zona residencial, onde, segundo os serviços de espionagem dos norte-americanos, poderiam estar escondidos Saddam Hussein, seus filhos e alguns líderes militares.

Enquanto isso, dois carros de combate se colocaram no centro da ponte. Atrás deles, a uns cem metros, estava o Bradley do tenente Parsons. Defendendo suas posições, os blindados aproveitaram o ataque de sua aviação para abrir fogo contra o Ministério do Planejamento, localizado do outro lado da cidade.

Os blindados do exército norte-americano receberam ordens de disparar contra dois edifícios próximos, onde se acreditava que um grupo de iraquianos havia instalado diversos morteiros, para iniciar um novo ataque, quando na realidade se tratava das sedes das televisões Al Jazira e Abu Dhabi, gravando ao vivo as operações militares.

Sem pensar duas vezes, os homens do Grupo de Combate 4-64 abriram fogo de artilharia contra ambos os edifícios, destruindo as câmeras da Abu Dhabi colocadas pelos jornalistas dos Emirados Árabes.

A Guarda Republicana, por sua vez, situada naquele ministério, atacou novamente.

— Malditos filhos da puta! — exclamou Jack, surpreso, ao ouvir o silvo das balas ao seu redor e contra a torre do Bradley.

Seu primeiro impulso foi se agachar, protegendo-se do ataque inesperado dos soldados iraquianos postados ao longo de toda a rua Abu Nawas.

— Cuidado, senhor. Esses aí têm má pontaria, mas às vezes acertam — advertiu o cabo O'Connors, do interior do blindado, com certo sarcasmo.

Sem prestar atenção ao comentário, Jack ia subir novamente à torreta, mas parou a meio caminho quando ouviu uma voz pelo rádio:

— Aqui, Assassino 10 Gibson! Você me escuta, Wolford 6?

Era o primeiro-sargento Shawn Gibson, chefe de um dos carros de combate posicionados no meio da ponte. Jack fez um gesto a seus soldados para que ficassem em silêncio.

— Afirmativo, Assassino 10 — respondeu o capitão Wolford, que comandava a operação.

— Senhor... de minha posição posso ver um observador em um dos balcões do hotel Palestina, e outro no andar de cima. Parece que segura um lança-granadas. Senhor... peço permissão para disparar!

Assim que escutou a mensagem, Jack voltou a ocupar seu posto na torreta, aproveitando que os iraquianos haviam parado de disparar. Pegando o binóculo, observou o lugar apontado pelo sargento Gibson. Realmente, havia um homem na varanda e outro no andar superior, mas estavam longe de ser soldados iraquianos. Na verdade, eram jornalistas que, de forma temerária, arriscavam a vida para mostrar ao mundo a realidade da cruenta batalha que acontecia sob seus pés, em Bagdá.

Compreendendo o erro, Jack voltou a descer do blindado.

— Rápido! O rádio — exigiu, estendendo a mão.

O'Connors fez o que o oficial lhe ordenara, sem saber muito bem o que estava acontecendo.

— Fala Assassino 2 Parsons... Você me escuta, Assassino 6 Wolford?

Durante alguns segundos só se ouviu um zumbido desagradável.

Pouco depois, era a voz de seu velho amigo Phillip.

— Afirmativo, Assassino 2.

— Senhor, acho que é um alarme falso — opinou Jack. — Pude comprovar...

— Senhor! — exclamou o sargento Gibson, com evidente nervosismo, interrompendo a conversa entre os oficiais. — Peço novamente permissão para disparar. Repito... há dois observadores em balcões do hotel Palestina e um deles aponta para nós o que parece ser um lança-granadas... Estão prestes a nos atacar, senhor!

— Não! Espere! — gritou Jack, desesperado, tentando lhe explicar a verdade.

— Não é um lança-granadas, mas uma câmera de televisão... São jornalistas!

A comunicação foi interrompida. Jack pediu ao soldado encarregado do rádio para que sintonizasse de novo o canal usado por seu grupo de combate. O jovem tentou entrar em contato com o blindado do capitão Wolford, inutilmente.

— Senhor! Deve ter queimado algum condensador. Não consigo encontrar a frequência. — O rosto sardento do rapaz ficou pálido ao informar a avaria ao tenente.

Jack subiu rapidamente a escadinha. Aproveitando que ambos os exércitos haviam deixado de disparar e que tudo estava calmo, correu até o M-1 Abrams do sargento Gibson. Queria chegar antes que fosse tarde, ainda mais agora, ao ver que o poderoso carro de combate havia girado sua torre com o canhão na direção do hotel Palestina. Empenhou-se ao máximo, porém a distância era considerável.

Estava a poucos metros da parte traseira do Abrams, quando ouviu fogo de artilharia. O projétil térmico atingiu os décimo quarto e o décimo quinto andar do hotel Palestina, acabando com a fictícia manobra que, segundo o sargento Gibson, ameaçava as posições de seu grupo de combate.

Jack, sentindo como se tivesse falhado diante de seu próprio país, amaldiçoou entre os dentes a precipitada decisão do capitão Wolford. Mas regressou a seu Bradley, antes que fosse atingido por algum franco-atirador.

Fora de perigo, Jack Parsons teve o pressentimento de que seu velho amigo, o capitão Phillip Wolford, acabava de passar aos anais da história como o oficial norte-americano que fez jus ao nome de sua companhia: Assassinos.

BAGDÁ, 9 de abril de 2003

Driss guardaria aquela imagem como a cena mais arrogante e imperialista do exército norte-americano no Iraque.

Centenas de bagdalis haviam se reunido na praça Al-Ferdus para dar as boas-vindas às tropas aliadas, além de derrubar a grande imagem de Saddam Hussein que se erguia ao centro. A primeira tentativa foi feita por um grupo de iraquianos com a ajuda de uma corda, mas devido ao peso da estátua foi impossível lançar por terra o ícone totalitário do regime, erguido por ordem do *Raïs* poucos meses antes. A multidão agitada aproximou-se das tropas invasoras para pedir ajuda. Os soldados norte-americanos concordaram com a iniciativa, porque lhes pareceu divertido ridicularizar a imagem do ditador.

Segundos depois, um tanque aproximou-se da coluna onde ficava a efígie de bronze, com o firme propósito de participar da derrubada daquele símbolo odiado que representava o poder autocrático de Saddam Hussein.

Subindo em uma grua do blindado, o soldado Edward Chin, do 3º Batalhão de Fuzileiros Navais, conseguiu colocar um cabo de aço ao redor do pescoço da estátua, como se fosse um laço. Em seguida, cobriu a cabeça do sátrapa com uma bandeira norte-americana para deixar claro, a quem ainda acreditava que o exército republicano os expulsaria do Iraque, que o país estava nas mãos forças de ocupação. Entretanto, depois de receber uma advertência do coronel Perkins, que havia proibido qualquer ostentação de patriotismo na capital, como içar a bandeira de listras e estrelas em qualquer dos edifícios ocupados ou monumentos, o soldado não teve outro jeito senão substituí-la pela iraquiana, restando a arrogância inicial.

Depois de uma primeira tentativa, a estátua inclinou-se quando o tanque se colocou em movimento, mas sem chegar a cair.

Driss esboçou um sorriso. Saddam se negava a abandonar seu pedestal, como se negara a render-se diante das ameaças dos países aliados de Ocidente.

— Não acha que você deveria gravar a queda do símbolo ditatorial do regime?

A pergunta do companheiro o fez lembrar-se de qual era, afinal, o seu trabalho naquele país. Ambos estavam a uns cem metros da multidão, sentados sobre o capô de um dos Humvees do 4-64 Tusker que haviam estacionado perto do hotel Palestina.

Sem dizer uma só palavra, o líbio colocou a câmera sobre o ombro e começou a gravar. Com a objetiva, captava os rostos fanáticos dos iraquianos que lançavam flores aos norte-americanos ou lhes ofereciam tabaco, enquanto gritavam: “Liberdade! Liberdade!”. Também havia, entretanto, outros que derramavam lágrimas de impotência e dor, depois de ver a bandeira dos Estados Unidos sobre a cabeça de Saddam Hussein. Outros choravam a perda de seus lares ou, pior ainda, de familiares e amigos. Havia casas derrubadas pelos bombardeios e corpos destroçados, cujas tripas secavam ao sol enquanto as moscas voavam sobre seus ventres. Mas ninguém parecia dar a mínima para o holocausto. Ali, na praça Al-Ferdus, os sentimentos opostos faziam parte de uma realidade desonrosa.

O câmera, por inércia, desviou-se para gravar os cadáveres e veículos carbonizados que se viam pelas avenidas além da praça. Naquele instante Driss visualizou um iraquiano de costas, diante do que restava de sua casa, sustentando nos braços o corpo de uma menina. Pela maneira como ela a estreitava contra o peito, deduziu que deveria ser sua filha. Pôde ver, também, o semblante da garota aparecendo do lado direito do corpo do pai, com as bochechas manchadas de cinza e fuligem e uma expressão de surpresa estampada no rosto. O câmera se concentrou em sua perna esquerda, machucada.

Quando o homem se virou e o líbio pôde ver todo o corpo da pequena, o chão se abriu sob seus pés e levou-o ao mais terrível dos infernos. Horrorizado, percebeu que ela não tinha o outro pé, perdido de maneira brutal, provavelmente pelos tiros de uma metralhadora. Entre a carne e o sangue apareciam os ossos estilhaçados e os tendões, um pouco abaixo do joelho.

Aquela criança, que não tinha mais de onze anos, nem sequer chorava ou dava sinais de dor. Ao contrário, seus olhos demonstravam uma ausência de sensações que ia além do razoável em qualquer ser humano em semelhante circunstância. Sua atitude era impassível, de uma força e de um valor sobre-humanos, superando em coragem e valentia o mais impávido *marine* do exército dos Estados Unidos. Suportava com impressionante estoicismo a perda do pé, agarrada ao pescoço de seu pai como se apenas a presença dele, naqueles terríveis momentos, conseguisse mitigar a agonia de seu espírito. Cerrava os dentes, com força, e seus lábios tremiam, mas se negava a chorar na presença dos que a haviam mutilado para o resto da vida.

Driss continuou gravando, ainda que fosse apenas para ocultar as lágrimas que corriam por seu rosto, enquanto sentia algo como um nó na garganta, que o impedia de respirar. Tanta dor... tanta barbárie injustificada finalmente conseguiu abrir uma profunda ferida num canto esquecido de seu coração. Diante de uma cena daquelas, tão dramática quanto execrável, a única coisa que podia fazer em sua impotência era chorar em silêncio.

A outra face da guerra! Essa era a única coisa que lhe importava gravar naquele instante. Sua obrigação moral era dar um testemunho daquele inferno, e não registrar como uma estátua de bronze era arrastada pelo solo por uns soldados sem honra e uns tantos covardes iraquianos que só pensavam em conquistar a amizade do invasor, na esperança de que lhes fosse permitido continuar vivendo.

— Venha comigo! — disselhe o inglês, descendo do Humvee. — Vamos até o hotel Palestina. Quero verificar se houve vítimas depois do projétil lançado pelos norte-americanos. Ouvi que vários companheiros de trabalho ficaram feridos, entre eles um câmera espanhol e dois correspondentes da agência Reuters.

Driss, de maneira automática, desceu do blindado para seguir os passos do companheiro.

Enquanto se aproximavam do hotel, ambos testemunharam como um grupo ensandecido de iraquianos, disparando suas Kalashnikov para o ar, assaltavam os escritórios de um edifício governamental que fora castigado pelos mísseis norte-americanos. Carregavam em seus veículos tudo o que pudesse ser vendido, de computadores até cadeiras. Não se via pelas ruas nenhum soldado do exército republicano, mas sim vários civis conduzindo caminhões militares iraquianos, dos quais haviam sido retiradas as matrículas de identificação.

Bagdá se convertera em uma cidade dividida em duas, onde o caos e a pilhagem eram aproveitados pelos antigos inimigos de Saddam para vingar-se de todos aqueles que houvessem desrespeitado seus direitos no passado recente. Havia até mesmo aqueles que, tirando vantagem da confusão, se aproximavam da casa de seus adversários ou devedores para assassiná-los impunemente — a eles e a suas famílias.

Muito antes de chegar, os dois repórteres descobriram um controle militar que impedia o acesso ao hotel Palestina. A poucos metros da entrada principal, deram com uns *marines* dos Estados Unidos que lhes apontaram suas M-16, gritando que não dessem um passo a mais. Possivelmente, a presença do líbio tinha muito a ver com isso.

Depois de conversar muito e provar, com suas credenciais, que eram realmente jornalistas, lhes perguntaram se estavam hospedados no hotel. Rory mentiu, dizendo que sim, acrescentando que deveriam voltar quanto antes a seu

quarto porque tinham de fazer uma transmissão direta e já estavam atrasados. Assim mesmo, os *marines* não tiravam o olho de Driss, de quem suspeitaram, a princípio, que pudesse ser um iraquiano disposto a se imolar, com explosivos ocultos sob o uniforme da imprensa britânica.

Como pôde comprovar o inglês, a grande maioria dos soldados norte-americanos se comportava de maneira irascível com todos aqueles que não conseguissem identificar prontamente, como se a qualquer momento pudessem ser novamente atacados, não por membros do desmoralizado exército republicano, que na ocasião fugiam em franca debandada até o rio, livrando-se de seus uniformes para não ser reconhecidos, mas sim pelos fedains e guerrilheiros fundamentalistas que pululavam por toda a cidade, vestidos de civis.

Como os integrantes do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos tinham obrigação de checar os motivos de entrada e saída de qualquer correspondente de guerra, um dos soldados pediu-lhes que não saíssem de onde estavam até que pudessem comprovar a veracidade de sua história. Sentindo-se em risco, o inglês pensou que lhes dizer a verdade seria mais razoável.

Mas antes que abrisse a boca, ele e Driss ouviram uma voz conhecida, às suas costas.

— Sou o tenente Parsons, da 2ª Brigada, da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada... e eles estão comigo.

Ambos os jornalistas se viraram, deparando-se com o amplo e irônico sorriso do homem que lhes permitira viajar com os membros da Companhia A do capitão Welford.

Sem desmentir a versão do oficial norte-americano, Rory fez um gesto ao câmara para que começasse a andar, aproveitando que os *marines* lhes davam passagem.

Já no *hall* do hotel, Jack se deteve para lhes perguntar o motivo de sua visita ao hotel Palestina.

— Podem me dizer o que procuram aqui? — inquiriu, franzindo o cenho.

O britânico respondeu com outra pergunta:

— O que podem procurar dois jornalistas em um lugar onde há outros jornalistas?

Jack olhou ao redor. Profissionais de comunicação de vários países corriam de um lado para outro, com papéis nas mãos ou falando ao telefone.

— Suponho que a única coisa que desejam é informação — deduziu o militar finalmente, considerando um erro suspeitar deles de uma forma tão irracional.

No entanto, continuava com a intuição de que escondiam algo e isso não mudaria até que descobrisse do que se tratava.

— Isso mesmo, tenente — confirmou Rory, veemente. — Sinto decepcioná-lo. Não somos do MI-6 nem de nada parecido. Somos apenas dois repórteres de guerra que tentam fazer bem seu trabalho. Agradecemos muito por tudo o que fez por nós, mas aqui nossos caminhos se separam. Temos de procurar notícias para os telespectadores de nosso país. E você... Bem... suponho que tenha suas próprias obrigações.

Rory fez um sinal ao líbio para que o acompanhasse, afastando-se do oficial enquanto levantava a mão em sinal de despedida.

Antes de tomarem o elevador, Parsons ergueu a voz para lhes fazer uma nova pergunta.

— Continuam com a ideia de gravar Saddam?

O ruivo sorriu ao ouvir a ironia do oficial.

— Ninguém sabe onde está Saddam — respondeu, do outro extremo do *hall*. — Agora só nos importa saber quem são as vítimas do tremendo erro do capitão Welford, seu chefe imediato de unidade. O mundo tem direito de saber a verdade.

Naquele instante abriram-se as portas de cor metalizada. Jack pensou em dizer-lhes para não cometerem nenhuma bobagem, como levar ao ar uma notícia sem base suficiente, mas antes que pudesse fazê-lo os dois repórteres já haviam entrado no elevador.

— Ele está desconfiado — sussurrou Driss, quando seu companheiro apertou o botão do décimo quinto andar.

— Por acaso você pensa que sou imbecil? Claro que sim! — fustigou o outro, dando sinais de um repentino mau humor. — O tenente pode colocar tudo a perder, se continuar rastreando. O pior de tudo é que desde que nos juntamos à Companhia A, ele se converteu em nossa sombra.

— Acho que você está muito tenso — afirmou Driss, esboçando um ligeiro sorriso.

Rory o encarou, enrugando a testa.

— Se estou é porque tenho motivos.

— Tem algo a ver com o fato de Hassan não ter entrado em contato com você?

— Sei que fará isso, mais cedo ou mais tarde... se é que continua vivo. O que realmente me preocupa é outro assunto, também relacionado com nosso amigo Hassan.

Sem demonstrar demasiado interesse, o líbio lhe assegurou, em seguida:

— Pode contar com minha mais absoluta discrição.

Rory meneou a cabeça ligeiramente, concordando.

— Sabe?... Há um pequeno detalhe que não me sai da cabeça. Recebi a

primeira ligação de Hassam dois dias depois que o ministro da Defesa aceitou meu pedido de viajar integrado aos *marines* de nosso país. A princípio pensei que fosse uma casualidade, coisas do destino. Entretanto...

O inglês guardou silêncio, sem saber como explicar ao companheiro o motivo de sua inquietação. Foi o próprio Driss que teve de terminar a frase:

— O que você não entende é como um funcionário do regime de Saddam poderia ter seu número de telefone, que deveria ser privado. É evidente que alguém facilitou as coisas para ele... alguém que neste mesmo instante deve estar vigiando nossos movimentos.

CIDADE DO KUWAIT, 9 de abril de 2003

Tim Buwosky foi testemunha da queda da estátua de Saddam, sem ter que se mover do Kuwait. Sentado no terraço de seu bangalô, diante das águas do Golfo Pérsico, o agente da AID acompanhava de perto as notícias da invasão do país vizinho.

O canal de televisão CNN transmitia direito a tomada de Bagdá, mostrando imagens de como centenas de iraquianos assaltavam os diversos edifícios governamentais, bem como propriedades privadas, roubando e destruindo tudo o que encontravam em seu caminho, enquanto o exército norte-americano, fazendo vista grossa aos atos de pilhagem que poderiam destruir a infraestrutura informática e documental do Estado vencido, era acolhido pela população civil.

Buwosky lamentou que não tivesse sido enviada uma unidade militar para proteger as informações que pudessem estar armazenadas em disquetes e arquivos. Era uma irresponsabilidade imperdoável da parte das tropas aliadas, as quais não deveriam ter permitido que esse vazio de poder, na sequência da derrubada do ditador, fosse ocupado por uma população civil fora de controle. Se os saques não fossem freados, Garner e os demais membros do ERAH teriam de fazer um esforço titânico para que fosse restabelecida a ordem e a justiça, na capital, pois depois dos vandalismos não restaria nada para ler ou consultar nos computadores dos diferentes ministérios.

Garner e sua equipe haviam elaborado uma lista prioritária com os edifícios que deviam ser protegidos pelas forças de ocupação, relação essa encabeçada pelo Banco Central iraquiano e pelo Museu Arqueológico de Bagdá. Entretanto, o Pentágono parecia ter esquecido de transmitir essa informação aos chefes das várias divisões de combate, já que os soldados norte-americanos observavam, impassíveis, o saque de armazéns, hospitais e edifícios públicos, como se aquela barbárie não tivesse nada a ver com eles. Contraditoriamente, tinha notícias de que o Ministério do Petróleo fora tomado pelos *marines*, como proteção contra qualquer tentativa de pilhagem por parte da enlouquecida turba de iraquianos.

Buwosky ficou um bom tempo observando como Bagdá se convertia, da noite para o dia, em uma cidade em chamas, dominada pela anarquia, até que seu telefone tocou. Desligou o televisor e se levantou, para atender à chamada debruçado sobre o parapeito do terraço observando o azul do mar.

— Buwosky falando.

— Boa-noite, Tim... ou deveria dizer bom dia?

Era Douglas J. Feith, subsecretário de Defesa para Assuntos Políticos.

— A última alternativa é a mais correta, senhor — disse o agente da AID.

— Bom! Como lhe prometi, comprovei a história do engenheiro de telecomunicações. E há algo de que não gosto nem um pouco — disse o subsecretário, medindo suas palavras. — Há alguns dias, a CIA negava que havia agentes infiltrados em Bagdá, embora ontem tenha reconhecido que alguns de seus agentes viajam com os oficiais do Estado-Maior da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada. Horas depois recebi um telefonema do secretário de Estado. Powell me pediu, em nome do presidente, que nos esqueçamos de questões sem importância, como é o tema da conversa telefônica, e nos concentremos no plano de ajuda e de reconstrução do Iraque. Em outras palavras, que dediquemos nosso tempo a refletir sobre como vamos dirigir um país arrasado pela guerra.

— Direto demais... Não lhe parece, senhor?

— Essa foi minha primeira impressão — admitiu Feith. — E isso dei a entender a Powell.

— Posso saber o que ele respondeu? — perguntou Buwosky.

— Suas exatas palavras foram: “Douglas! O presidente me pediu encarecidamente que esqueçamos esse assunto e para mim já é caso encerrado”.

— Tudo isso é muito estranho — comentou, de imediato, Buwosky. — E fede que empesteia.

— Há mais, ainda. Bem cedo, recebi a visita extraoficial do diretor-geral da CIA. Ele me confirmou que existe um deslocamento de nossos agentes por diversos países do Oriente Médio, realizando uma missão de máximo segredo, cuja finalidade seria localizar o paradeiro de Osama bin Laden. Ele me pediu, como um favor especial, que não me intrometa.

— Muito bem! Isso explica tudo, senhor.

— Ao menos parece... Entretanto, não seria exagero que você investigasse o assunto da ligação telefônica. Não sei por que, mas farejo que há algo sujo em tudo isso. O conteúdo da conversa, de acordo com esse tal Forrester, não parece estar relacionado aos terroristas da Al-Qaeda.

— Deixe por minha conta. Uma vez em Bagdá, a primeira coisa que farei será seguir os passos do jornalista britânico.

— Ótimo! Vejo que você entendeu. Portanto, e esse é seu trabalho prioritário, espero que vá me informando de tudo o que acontece no Iraque.

Feith desligou.

Buwosky resolveu planejar uma estratégia que lhe permitisse entrar em

contato, casualmente, com o correspondente de guerra que viajava com o Grupo de Combate 4-64 Tusker. Ele o levaria até seu cúmplice iraquiano.

BAGDÁ, 9 de abril de 2003

— Tudo aconteceu passando de um estado de tranquilidade a um autêntico inferno — lhes contou Samia Nakhoul, editora-chefe da agência britânica Reuters, cujos ferimentos na cabeça e no rosto ainda não estavam cicatrizados. — Lembro que estávamos discutindo a possibilidade de os norte-americanos chegarem naquela mesma tarde até as imediações do hotel Palestina, quando o míssil explodiu e fomos atirados, com violência, contra a parede. Quando nos recuperamos do impacto, descobrimos que havia um enorme buraco na janela, através do qual podíamos ver a estrutura metálica de um dos pilares da varanda. Taras estava de joelhos sobre um mar de estilhaços de vidro... com a cabeça agachada. Quando cheguei a ele, percebi que nada poderia ser feito para salvá-lo... Havia sido destruído por dentro. Ainda estava vivo, mas morreu logo depois, no hospital. Faleh e eu tínhamos uns cortes na cabeça e na fronte. — Olhou para o companheiro, que estava a seu lado. — De fato, Paul Pascuale, nosso técnico de antenas de satélite, permanecia caído no chão, com múltiplos ferimentos, nas pernas e nos braços... Havia sangue por todos os lados. Lembro que pedi ajuda, que gritei em desespero para que alguém nos socorresse. Vieram colegas de várias agências e poucos minutos depois levamos Taras e Paul. Estávamos muito assustados, pois temíamos um novo ataque das tropas aliadas.

Faleh Kheiber e outros jornalistas acompanhavam a responsável pela Reuters no Golfo Pérsico. Rory se encontrou com eles, em seu quarto, para que lhe contassem o que acontecera.

— Hoje soubemos que o câmara espanhol da Telecinco, José Couso, morreu na sala de cirurgia — acrescentou Jorge Priego, jornalista mexicano da Televisa. — Eu mesmo ajudei Jon Sistiaga, seu companheiro de trabalho, a transportar o corpo de Couso, sobre um colchão. Descemos do jeito que foi possível até a porta do hotel. Depois o colocamos em um táxi e ele foi levado ao hospital.

— É verdade que alguém estava como observador, no hotel, como afirmam os oficiais da 3ª Divisão de Infantaria? — inquiriu o repórter britânico.

Driss gravava o encontro de jornalistas, para registrar seus comentários.

— Não! Em nenhum momento! — retrucou, indignado, David Chater, correspondente da cadeia Sky News. — O pessoal da France 3 gravou a cena. Eu mesmo vi o vídeo e posso dizer que na fita se vê claramente como a torreta do

tanque gira na direção do hotel, ergue o canhão e, depois de algum tempo, abre fogo contra o balcão, de onde Taras estava filmando com sua câmera. Em nenhum momento tratou-se de um ataque involuntário.

— Mas se foi assim mesmo... estamos diante de uma grave violação do direito internacional — disse Rory, furioso com a conduta dos homens com os quais ele e seu companheiro haviam viajado desde Najaf.

— A Federação Internacional de Jornalistas assumiu a responsabilidade de cuidar da questão — afirmou Samia. — A manobra norte-americana foi qualificada de “crime de guerra”.

Rory ia perguntar a eles se sabiam algo sobre a morte dos jornalistas Christian Liebig e Julio Anguita Parrado, depois do impacto de um míssil de cruzeiro iraquiano, no Centro Tático de Operações da 3ª Divisão, a uns vinte quilômetros de Bagdá, quando seu telefone tocou. A chamada que estava esperando com tanta ansiedade.

Desculpando-se, o inglês saiu para o corredor, onde ninguém poderia escutar sua conversa. Driss parou de gravar, para continuar dialogando com os jornalistas da Reuters, da Televisa e da Sky News. Não queria que desviassem sua atenção para Rory, enquanto ele estivesse falando ao telefone.

— Hassan? — perguntou o ruivo, em voz baixa.

— Desculpe não ter ligado antes, mas os bombardeios tornam cada vez mais difícil encontrar um aparelho que funcione — disse o iraquiano. — Você está no Iraque?

— Sim... no hotel Palestina.

— Bem... aqui está o que faremos... — continuou o tal Hassan, que não era outro senão Rajmani Jalil Sadun, funcionário do Museu Arqueológico de Bagdá. — Vou chamá-lo dentro de poucos dias, quando as tropas aliadas tiverem acabado com os focos de resistência que ainda persistem em alguns bairros da cidade. Informo o lugar de encontro e você irá sozinho... sem nenhum acompanhante. Entendeu?

— Sinto muito, mas Driss, meu companheiro de trabalho, tem de ir comigo.

— Driss...? Um árabe?

— Sua família é da Líbia, mas ele estudou na Inglaterra, aonde chegou muito pequeno. É de confiança.

Rajmani ficou em silêncio alguns segundos.

— Está bem! Só vocês dois e ninguém mais.

— De acordo. Mas preciso lhe fazer uma pergunta.

— Diga.

— Vai levar os documentos?

Rajmani reprimiu uma gargalhada. Em todo caso, soube dissimular o desprezo

ante a sutil tentativa do inglês.

— Sinto muito, mas já lhe disse que está tudo escondido. E, também, que ia precisar de sua ajuda para recuperar o dossiê. Agora é impossível chegar até ele, já que o edifício onde está enterrado... Bem... o edifício está à mercê dos saqueadores. Daqui a uns dias, quando não tiverem mais nada que levar, poderemos ir até lá sem que nos vejam, para resgatar os documentos.

— Você me prometeu que estariam a salvo — interrompeu Rory, agora ostensivamente mal-humorado.

— Sim... dos bombardeios. Ninguém contava, porém, que os cidadãos saíssem à rua para pegar tudo o que pudessem vender em troca de algumas moedas.

— E como sabe que esses bárbaros não conseguiram descobrir seu esconderijo?

— Vou repetir de novo. Tanto o DVD como os documentos estão encerrados em um lugar onde ninguém pode encontrá-los.

— Tudo bem — Rory concordou. — Vou esperar sua chamada. Já ia desligar, quando ouviu Rajmani outra vez.

— Há algo mais que quero lhe dizer, antes de terminar a conversa. Primeiro, e isso não o pegará de surpresa, não penso lhe contar onde está o dossiê antes que me entregue os vistos britânicos e um comprovante bancário da transferência de um milhão de dólares norte-americanos para uma conta em meu nome, no Banco Central da Jordânia. E, segundo, eu me chamo Rajmani Jalil Sadun... e não Hassan. — E desligou.

Depois de refletir por uns segundos, Rory chegou à conclusão de que para conseguir os documentos teria de entrar em contato com os melhores falsificadores de Bagdá. Ia precisar de vários passaportes e, também, de uma ordem de transferência bancária para Rajmani Jalil Sadun.

BAGDÁ, 10 de abril de 2003

Naquela mesma manhã começou o êxodo dos meios de comunicação. A grande maioria dos correspondentes de guerra se reuniu em frente ao hotel Palestina para, em conjunto, abandonar o país. Várias dezenas de carros começaram a sair da praça Al-Ferdus, formando um comboio que iria levá-los, por terra, até a fronteira da Jordânia e, dali, para Amã, de onde partiriam para seus países.

A nota mais deplorável foi o fato de os jornalistas da Reuters terem de levar com eles, no interior do carro, o cadáver de Taras Protsyuk, o repórter morto pelo míssil norte-americano. Ninguém quis se responsabilizar por isso. Nem a Cruz Vermelha, nem as forças aliadas. Argumentaram que estavam ocupados demais tentando controlar o vandalismo e a pilhagem.

Rory e seu companheiro, que foram se despedir dos colegas, sabiam que mais cedo ou mais tarde teriam de entrar em contato com o diretor da BBC World News, com uma desculpa consistente, para ficar mais uns dias na cidade.

O ruivo regressou ao hotel, em busca da garrafa de uísque que mantinha guardada em sua mochila. Esperava, assim, esquecer os horrores da guerra ou torná-la, ao menos, menos difícil de enfrentar.

Ao seu redor, as ruas tinham se transformado em um silencioso cenário de guerra, onde só restavam os veículos incendiados, os prédios fustigados pelas bombas, os cadáveres insepultos e alguns iraquianos que, com suas AK-47, os observavam com claro ressentimento, enquanto saqueavam a cidade diante do olhar impassível dos soldados norte-americanos.

Temendo ser vítimas de fedains ou de saqueadores, Driss e Rory entraram de novo no hotel, antes que aqueles indivíduos se deixassem levar por um repentino impulso criminoso.

— Nesta manhã recebi uma nova ligação de Hassan... quero dizer... de Rajmani — contou Rory a seu companheiro. — Ele me passou uma lista com os nomes dos membros de sua família. Para os passaportes.

— Espero que você encontre uma boa desculpa para dar a ele, quando nos encontrarmos — lembrou Driss, que suava abundantemente, pois devido à falta de energia, eles estavam subindo as escadas a pé e ele carregava seu pesado equipamento.

Rory sorriu descaradamente, sem se importar a mínima com o comentário do líbio.

— Não se preocupe... está tudo sob controle, embora você ainda tenha de me dar uma ajuda.

— Por meio milhão de dólares?... O que for preciso, irmão. Driss também demonstrou satisfação, contagiado pelo otimismo do inglês.

— Ótimo! O plano é este... precisamos entrar em contato, aqui, com alguém de confiança.

— Posso saber para quê?

— Simplesmente para que nos forneça, por alguns dólares, o que tanto deseja nosso amigo Rajmani: um certificado bancário provando a transferência de dinheiro ao Banco Central da Jordânia e os vistos para ele e sua família.

Driss compreendeu, imediatamente, a jogada do colega.

— Você pretende entregar a ele documentos falsificados?

— Por acaso você tem uma ideia melhor? — quis saber Rory, transbordando ironia.

Depois de uma rápida mas profunda reflexão, o câmera chegou à conclusão de que valia a pena prosseguir com o plano de Rory.

— Não. O certo é que é uma manobra perfeita. Rajmani não terá ouro jeito senão nos levar até esses documentos.

— Isso mesmo... Mas antes temos de conseguir que o diretor nos permita ficar mais uma semana no Iraque.

Continuaram a subir as escadas, sem falar, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos. De repente, Driss parou. Inclinando a cabeça, olhou seu colega. A pergunta era inevitável.

— O que você acha que há nesse dossiê, para que uma cadeia de televisão esteja disposta a pagar um milhão de dólares por ele?

Rory deu de ombros.

— Na verdade... não sei. Mas lhe asseguro que se é mesmo tão impactante como diz Rajmani, nós dobraremos a aposta: um milhão para cada um.

BAGDÁ, 11 de abril de 2003

Jack recebeu, como os demais integrantes da 3ª Divisão de Infantaria, um maço com 52 cartas de pôquer com as fotografias dos homens mais procurados do Iraque. A ordem de captura trazia implícita uma fria condição: prendê-los custasse o que custasse, vivos ou mortos.

Deu uma olhada nos naipes, minutos antes de sair em uma tarefa de reconhecimento que ele e seu grupo deveriam realizar no Palácio Republicano. Entre as fotografias, reconheceu os rostos de Saddam Hussein, de seus dois filhos — Uday e Qusay —, de Mohamed Said al-Sahaf ministro da Informação, de Ali Hassan al-Majid — aliás, *O Químico* —, de Izzat Ibrahim al-Douri — mão direita do ditador — e também de outros tantos generais e ministros, pertencentes ao partido Baas, todos na mira do governo dos Estados Unidos. Era um completo elenco de dignitários iraquianos que, mais cedo ou mais tarde, haveriam de ser caçados como animais.

Meia hora depois, o tenente Parsons e seus subordinados O'Connors e Juárez — este, um soldado raso, natural do estado do Novo México —, integrantes de seu pelotão, entraram na luxuosa mansão de Uday Hussein para efetuar um reconhecimento intensivo do lugar, por ordem do capitão Wolford. Enquanto isso, o resto do 4-64 invadia as instalações do palácio residencial, onde morava a família do ditador, procurando informações que pudessem facilitar a localização exata de Saddam Hussein e seus filhos.

Depois de uma exaustiva busca na residência de Uday, Jack e seus homens encontraram no dormitório dele várias caixas de charutos cubanos e um enorme jarro de cristal com heroína, além de uma interminável coleção de automóveis de luxo na garagem e uma adega, no porão, cujo valor deveria superar um milhão de dólares norte-americanos.

Obviamente, Jack concluiu que o filho mais velho de Saddam era um megalomaníaco que vivia por e para o prazer, um ser abjeto e prepotente, dominado por uma irresistível necessidade de assemelhar-se aos narcotraficantes e mafiosos dos Estados Unidos, tanto no estilo de vida como na hora de torturar suas vítimas.

Ouvira algumas histórias sobre as maldades dos irmãos Uday e Qusay, mas ainda havia muito que descobrir.

Depois de examinar, um a um, todos os cômodos do majestoso palácio, sem encontrar ninguém, foram até a parte de trás, aferrados a suas M-16, pois temiam uma emboscada da Guarda Republicana.

Encontraram uma piscina quase vazia, com água podre. Mais adiante, um grande terraço, com uma bela vista para o jardim. À esquerda, em meio a um oásis artificial, encontraram um homem que atirava, pelas barras de uma jaula, pedaços de carne crua a vários leões. Seus cabelos começavam a ficar grisalhos e vestia umatúnica azul. Como a maioria dos iraquianos, usava uma basto bigode, semelhante ao de Saddam Hussein. Além dos leões, havia guepardos e um urso, em uma jaula à parte.

O iraquiano levantou o rosto, intuindo a presença de intrusos. Deparou-se com os soldados norte-americanos. Não demonstrou, porém, nenhum temor, nem mesmo quando o obrigaram, sob a mira de armas, a deitar no chão.

Mahmet era seu nome. Foi obrigado a ficar de joelhos sobre a grama, com as mãos atrás da cabeça. Ele suplicava que não o machucassem, falando em um inglês bastante compreensível, fato que os militares estranharam.

— Fala nossa língua? — perguntou o tenente.

Mahmet confirmou, explicando:

— Trabalhei na embaixada do Iraque em Londres, em meados dos anos oitenta.

Jack se surpreendeu, porque não esperava encontrar um diplomata iraquiano naquele zoológico excepcional.

— Bem... quem é você e o que faz aqui? — exigiu que se identificasse, depois acrescentou: — Por acaso não é um dos saqueadores que invadiram as casas próximas ao Palácio Republicano?

Mahmet achou graça da menção do tenente.

— Meu nome é Mahmet Boukhanfra... e vivo aqui. — Fez uma careta de tristeza. — Não estou interessado em pilhagem. Se quisesse levar algo de valor, quem teria me impedido? Há dias eles foram embora.

Dando uma pausa no interrogatório, Jack se dirigiu a seus homens.

— Vejam se não há mais ninguém no jardim ou escondido entre as palmeiras — ordenou. — Não quero que se repita o que houve ontem.

Ele se referia ao ataque suicida perpetrado por um iraquiano, na tarde anterior, diante do hotel Palestina, em que morrera um fuzileiro norte-americano e vinte e duas pessoas tinham ficado feridas. Em nenhum momento o homem suspeitara do controle militar aliado, até que detonou a carga explosiva que levava amarrada ao corpo, oculta sob a túnica larga.

Quando ficou a sós com o prisioneiro, Jack o encarou.

— E então... por que não foi embora com o resto?

— Ainda que você não acredite, esperava sua chegada.

A enigmática resposta de Boukhanfra não satisfez o tenente Parsons.

— Seja mais explícito — exigiu. — Não tenho tempo para adivinhações.

O iraquiano olhou para ele com certa melancolia. Jack viu naqueles olhos a sombra de uma terrível tragédia.

— Todas essas riquezas que vê ao seu redor — indicou — foram as barras de minha cela durante os últimos onze anos de minha vida. Mas não é o pior... o terrível é ter tido de compartilhar o espaço com o homem que torturou e assassinou, de um modo ou de outro, grande parte de minha família.

O rumo que a conversa estava tomando incomodou bastante o oficial norte-americano. Sua própria ferida ainda não estava completamente curada, de maneira que ter de escutar a desgraça do outro homem não ia ajudá-lo a superar a morte de sua esposa. Poderia, isso sim, machucar mais ainda seu destruído coração.

Apesar de tudo, sentiu uma curiosidade mórbida.

— Refere-se a Saddam? — perguntou, depois de alguns segundos de indecisão.

Mahmet negou, em silêncio.

— Falo de seu filho Uday — disse, com um tom de voz fraco. — Qusay, o caçula, é um assassino frio e calculista, mas Uday... Uday é um monstro! — exclamou, fora de si. — Um desequilibrado psicopata que tortura suas vítimas por puro prazer!

— Fique tranquilo, mais cedo ou mais tarde prenderemos os dois... e pagarão caro por suas atrocidades — disse, irritado, o oficial do exército norte-americano, fazendo um gesto para que o homem se levantasse. — Agora, temos de ir embora.

Longe de atendê-lo, o velho esboçou um sorriso murcho.

— Por favor, preciso que ouça minha história... porque alguém tem de contar as atrocidades que tivemos de suportar. Não me escutarão, mas você... tenho certeza que sim... — Então, juntando as palmas das mãos, pediu encarecidamente que o oficial prestasse atenção.

— Eu suplico! Serão apenas uns minutos de seu tempo.

— Lamento, mas tenho ordem de regressar imediatamente para junto dos outros homens de minha companhia. E você tem de vir conosco.

O iraquiano, consternado, insistiu de novo.

— Eu suplico... — foram suas únicas palavras.

O'Connors e Juárez voltaram, depois de inspecionar o jardim, interrompendo a conversa entre o tenente e o prisioneiro.

— Não há ninguém, senhor... apenas animais — disse o sujeito do Novo

México, mascando seu chiclete.

— Tudo bem... Levem esse homem — ordenou. — Vamos embora daqui.

Enquanto os soldados se encarregavam do iraquiano, Jack pegou o rádio para se comunicar com o capitão Welford. Depois de informar a seu superior a presença de um empregado no palácio de Uday, e de receber instruções para conduzir o prisioneiro até o posto de comando para ser interrogado, o tenente e seus homens abandonaram a luxuosa mansão do primogênito do ditador, levando Mahmet com eles.

Depois de prender as mãos do prisioneiro com fita plástica e de tirar seus sapatos — era o procedimento a seguir com os iraquianos detidos —, o obrigaram a subir em um dos Humvees estacionados perto do palácio residencial. Juárez postou-se diante da metralhadora pesada M2. Mahmet foi sentado entre o tenente Parsons e o cabo O'Connors, que conduzia o blindado.

Enquanto percorriam as ruas de Bagdá, na expectativa de um ataque surpresa e de disparos de franco-atiradores, Mahmet pôde comprovar os horrores da guerra. Dezenas de cadáveres continuavam abandonados nas ruas à espera de que algum familiar viesse buscar seus corpos. Grupos de *marines* e de membros da Cruz Vermelha Internacional tentavam impedir os assaltos a prédios públicos, casas e lojas. Mas, diante do caos, não conseguiam evitar os movimentos de todos os moradores da cidade.

Os olhos do iraquiano observavam impassíveis aquela barbárie, sem manifestar nenhum tipo de ódio ou ressentimento para com os norte-americanos. Na verdade, sorria.

É que, Mahmet, em seu delírio, imaginava o rosto do ditador e de seus filhos. Agora, eles eram as presas, procurados diligentemente, para que fosse feita justiça e pagassem por suas atrocidades. O irônico da situação é que conseguiu avivar seu macabro sentido de humor. Dirigiu-se ao tenente Parsons.

— E agora? Tem tempo para me ouvir?

Jack assentiu, com um leve grunhido. Embora não parecesse interessado na história de Mahmet, sentia uma curiosidade mórbida.

— Então... — começou o ex-diplomata — há anos, eu era secretário do embaixador do Iraque no Reino Unido e vivia em Londres... muito perto do consulado. Na época, depois de ter sofrido, na década de oitenta, as consequências de um prolongado confronto com os iranianos, minha mulher e eu viajamos para a Inglaterra para criar nossas filhas longe das consequências daquela guerra sem sentido.

Ele continuou:

— Depois da agressão ao Kuwait ordenada por Saddam e da posterior invasão do Iraque pelas tropas de seu país, fomos obrigados a regressar. Felizmente,

conseguimos evitar o inferno dos bombardeios, refugiando-nos em um vilarejo a noroeste de Bagdá.

Boukhanfra fez uma pequena pausa.

— Terminada a guerra contra os Estados Unidos, Saddam celebrou, com uma festa privada em seu palácio, a retirada das forças de ocupação. Minha família e eu fomos convidados, bem como outros diplomatas do partido Baas. Foi quando começou meu inferno particular.

— “Estávamos, minha família e eu, sentados em uma mesa para oito pessoas, diante do governador de Tikrit, sua esposa e dois de seus filhos. Minhas filhas, de doze e catorze anos, estavam ao lado da mãe. Jovial como sempre, Uday, fedendo a álcool, se aproximou de nós. Disse que precisava da colaboração de nossa filha Ouahiba, a mais velha, para fazer uma surpresa a seu pai e que, durante a cena, Saddam faria um discurso para ponderar o que eles, o ditador e seus generais, haviam interpretado como uma “vitória” sobre o Ocidente. Nossa filha deveria levar um ramo de flores até a mesa do *Raïis* tão logo acabasse o discurso.

— “Os guarda-costas de Uday levaram minha filha, para que fosse adornada com joias e vestida com uma túnica de ouro. Asma, minha mulher, quis acompanhá-la, mas disseram que não era preciso, que ela estaria bem protegida e cuidada. Tivemos de aceitar. Meia hora depois, quando Saddam se retirou com seus generais sem fazer discurso, começamos a nos preocupar. Procuramos nossa filha nas áreas acessíveis do palácio, tentando localizar Uday. Ninguém sabia dizer onde ele estava. Nosso desespero aumentou quando os soldados da Guarda Republicana nos advertiram que tínhamos de ir embora do palácio.

— “Fomos obrigados a voltar para casa sem saber o que acontecera com Ouahiba. Minha esposa e eu só pensávamos nela, pois no fundo de nossos corações suspeitávamos do que poderia ter, na verdade, acontecido. Ouahiba era muito atraente e desenvolvida para sua idade, e Uday a teria sequestrado para abusar dela.

— Na verdade... não acho que seja uma boa ideia que continue falando — foi interrompido por Jack, a quem aquela história começava a revolver as tripas.

Mahmet engoliu saliva, esforçando-se para não derramar uma só lágrima.

— Acredite, por favor... tenho de continuar. E você precisa me ouvir... — Olhando para a frente, o iraquiano prosseguiu: — No dia seguinte, minha filha voltou, sem um arranhão, vestida como uma rainha, com um cofre cheio de joias e dinheiro. Aquilo confirmou minhas suspeitas. Levei-a ao médico: minha filha fora violada.

— “Indignado, pedi uma audiência privada com Saddam, em vão. Senti tanta vergonha e desonra que decidi queixar-me publicamente. Quando soube do que

eu apregoava pelas ruas de Bagdá, Uday, encolerizado, mandou nos prender, eu e minha esposa. Fomos levados a uma câmara de torturas que o primogênito do *Raïs* mandara construir às margens do rio Tigre, conhecida como *al-Ghurfa al-Hamra*, ou casa vermelha... um edifício camuflado de tal forma, por fora, que mais parecia uma central elétrica.

“Ali, os guarda-costas de Uday desnudaram minha esposa violentamente. Prenderam meus punhos a umas argolas que pendiam da parte superior da parede. Dali, eu via que aquelas bestas violavam continuamente Asma, que gritava e chorava, de terror e vergonha. Depois, prenderam as mãos dela atrás das costas e a levantaram, devagar. Em pouco tempo, ouvi um ruído seco, de ossos quebrados. Sua clavícula deslocara. Sem forças para gritar, minha esposa me olhava em silêncio, suplicante. Incapaz de evitar aquele suplício, lembro que chorei de raiva e impotência.

“Mais tarde, o próprio Uday a submeteu a choques em diversas partes do corpo: vagina, orelhas, língua, axilas. Cansado do jogo, começou a acender um cigarro atrás do outro, apenas para apagá-los nos seios de minha pobre esposa, tortura que parecia uma diversão para aquele monstro. Em seguida, cortou a língua dela com uma navalha de barbear e foi destroçando, um a um, os dedos de seus pés com tiros de revólver. Antes que ela morresse de hemorragia, eles a soltaram para decapitá-la, diante de meus olhos.”

— E o que aconteceu com suas filhas? — perguntou O’Connors.

O tenente Parsons dirigiu ao cabo um olhar de reprovação. O iraquiano ignorou a atitude do oficial e respondeu:

— Uday desfrutou da companhia de minhas filhas até que se cansou delas. Então, como presente de despedida, queimou seus rostos com ácido, antes de mandá-las aos piores prostíbulos de Bagdá. Nunca mais soube de nada a respeito delas, nem se estão vivas ou mortas. Quanto a mim, o pior castigo do bestial Uday foi deixar-me vivo, para que pudesse recordar, dia após dia, o castigo que minha família sofreu... só porque fiz o que qualquer pai faria: exigir justiça para o canalha que violou sua filha mais velha.

Um terrível silêncio se fez no interior do Humvee, um silêncio de morte, que arrepiou todos os soldados. Jack afastou de sua mente a imagem de um homem adulto abusando de duas meninas, doze e catorze anos. Era nauseante.

— Essa atitude de Uday era costumeira... ou se comportava assim só quando era contrariado? — perguntou, mais para se esquecer da terrível história.

Mahmet sorriu com tristeza.

— Não creio que haja ninguém, sobre a face da Terra, mais cruel, desumano e sanguinário que Uday. Chegou a viajar à Espanha para se inteirar das técnicas de tortura usadas pela Santa Inquisição. É um doente mental cuja diversão é ver as

pessoas sofrerem.

— Certa vez, anos antes de destruir minha vida, ele assassinou, diante de vários ministros, Hanna Jaio, camareiro e enólogo de seu pai, porque ele apresentara ao pai a mulher que mais tarde se converteria em sua segunda esposa. Irado, o ditador mandou prender seu próprio filho, que poucos meses depois estava em liberdade.

“Os crimes de Uday são inúmeros. Certa vez, com a ajuda do irmão Qusay, tentou desprestigiar o tenente-general Husein Hasan Kamel e seu irmão, casados com filhas do ditador. Intuindo a manobra, os cunhados fugiram com suas mulheres para a Jordânia. Foram convencidos, porém, a voltar, encontrando-se com Uday e Qusay na fronteira com o Iraque. Foram executados, também, como seus pais e mais alguns membros da família Kamel.”

— E o que houve com Qusay? — perguntou o tenente Parsons.

— Outro criminoso, mas que age de maneira precisa e organizada, não como Uday, que é totalmente imprevisível. Quase sempre está envolvido com o extermínio em massa de minorias étnicas, cumprindo ordens de seu pai — respondeu Mahmet. — Sua tarefa era controlar os movimentos dos iraquianos, na base do terror. Etambém matar xiitas e curdos, que se sublevaram contra o regime de Saddam. Já Uday torturava apenas para ver a dor refletida no rosto de suas vítimas. Suas atrocidades eram arrepiantes, quando não doentias. Um exemplo: costumava mergulhar, em um tanque de ácido, lentamente, qualquer pessoa que ousasse contradizê-lo... iniciando pelos pés, para prolongar a agonia.

“Sua tortura favorita era a *falaqa*, que consiste em colocar a vítima deitada de cabeça para baixo e bater nas plantas de seus pés até não aguentar mais de dor. Quanto a seus caprichos sexuais, durante anos cometeu violações em série, inclusive raptando noivas durante a cerimônia de casamento, e assassinou cruelmente centenas de mulheres... Se vocês realmente procuram armas de destruição em massa de Saddam Hussein, basta que encontrem seus filhos. São o verdadeiro vírus que ameaça a debilitada força dos iraquianos.”

— Dou-lhe minha palavra de que serão julgados... e que pagarão caro por suas canalhices — sentenciou Jack.

— Posso ajudá-los... — acrescentou o ex-diplomata. — Sei onde pensam refugiar-se.

— Tem certeza?

— Ouvi uma conversa entre Uday e seu irmão, antes que decidisse fugir do palácio. Sua intenção era esconder-se em Tikrit, em um *bunker* da família, depois seguindo para Mosul, na casa de Mohamed al-Zaidan, chefe da tribo Bu Issa e primo do ditador, que se encarregará de levá-los à Jordânia, junto com sua mãe e irmã... que já devem estar a salvo, no país vizinho.

Era uma revelação.

— E Saddam? Sabe onde ele se encontra?

Mahmet cerrou os lábios, contrariado, por ser incapaz de oferecer outra resposta.

— Agora, o *Raïs* é um leão que foge com o rabo entre as pernas, portanto deve estar lambendo as feridas. Seus generais já não têm nenhum poder sobre o povo, não podem protegê-lo. Queira ou não... Saddam é um homem morto, um cadáver ambulante.

BAGDÁ, 15 de abril de 2003

Enquanto na cidade bíblica de Ur acontecia a primeira reunião entre os líderes tribais iraquianos e as forças de ocupação, para determinar o futuro governo do Iraque, Rory e seu companheiro de trabalho abandonavam uma das tantas casas danificadas pelos bombardeios, a sudeste da capital, no bairro Al Sadr, de maioria xiita. Escoltados por dois iraquianos armados com rifles de assalto AK-47 e pistolas automáticas Tokarev, que haviam contratado como guarda-costas, subiram na velha caminhonete que fora do extinto exército republicano para voltar ao hotel Palestina, agora em mãos das tropas aliadas.

Minutos depois, o veículo parou do outro lado do cruzamento. Os bagdalis, certos de que haviam cumprido sua tarefa e com receio de serem confundidos com insurgentes, avisaram que os jornalistas deveriam descer ali, bem longe de seu destino. A dupla concordou e seguiu adiante, rapidamente.

Os *marines* eram chamados de Geração Assassina, com justa razão, pois a maioria era de jovens adolescentes que facilmente apertavam o gatilho, como se estivessem jogando virtualmente. Era fácil atingir a população civil, com a desculpa paranoica de que não dava para confiar em ninguém em Bagdá.

Rory e seu companheiro subiram ao quarto que ocupavam extraoficialmente, no quinto andar. Ao entrar, o ruivo fechou a porta à chave e se sentou na beira da cama. Enquanto isso, Driss tirou do bolso um maço de cigarros. Acendeu um.

— O que você acha? — Rory mostrou ao companheiro os vistos que acabara de tirar do bolso. — Para mim, aquele velho fez um bom trabalho.

Referia-se ao falsificador que lhes proporcionara a documentação para Rajmani e sua família.

— Não creio que nosso homem chegue a descobrir o engano... — afirmou o câmera, soltando fumaça. — E mais... eu me atrevera a lhe dizer que nunca viu um passaporte em sua vida e, muito menos, um recibo bancário com tantos zeros.

— De qualquer forma, tenho um plano alternativo... caso ele suspeite e se negue a falar. — O jornalista levantou o travesseiro da cama e pegou uma garrafa de Four Roses que mantinha escondida.

O líbio fez um gesto de fastio e disse, devagar:

— Prefiro não ouvir.

Seu companheiro deu de ombros.

— Não se preocupe. Vai dar tudo certo. Agora, será melhor que a gente durma um pouco. Rajmani só ligará dentro de duas horas.

— E O'Malley? — Driss se referia ao diretor da BBC World News.

— Quando você pensa em lhe contar que estamos atrás de uma notícia incrível?

— Só quando tiver certeza de que Rajmani disse a verdade. Agir precipitadamente pode nos levar a cair no ridículo, com a bunda à mostra.

Em seguida, o inglês se preparou para dormir. O companheiro saiu à varanda, levando a câmera. Começou a gravar um grupo de norte-americanos que repreendiam severamente um jovem iraquiano, que fora surpreendido roubando o interior de uma das casas destruídas. O líbio fez um *zoom*, para ver de perto o rosto dos soldados.

Um deles exigia que o rapaz colocasse as mãos atrás da cabeça, depois de colocá-lo de joelhos. Os outros apontavam para ele seus fuzis. O rosto do garoto expressava um indescritível temor, certamente justificado, ameaçado pelos militares. Era tamanha a tensão, lá embaixo, que Driss sentiu a boca seca.

Ficou literalmente sem fôlego, ao ver que o jovem começava a chorar, intimidado. O prisioneiro urinou nas calças. E os *marines* se puseram a rir. Era o começo de um drama cujo final parecia irremediável. Aproveitando que os invasores de sua pátria haviam baixado as armas, o rapaz se levantou e começou a correr em direção à praça Al-Ferdus. Foi abatido a tiros pelos soldados. O matraquear dos fuzis se incrustou nos tímpanos do líbio. Era o terrível som da morte.

Driss, lamentando ter testemunhado a execução, desligou a câmera. Farto de gravar atrocidades e assassinatos sem sentido.

Aquela guerra estava levando a algo que nenhuma outra conseguira: que ele odiasse seu trabalho.

CIDADE DO KUWAIT, 15 de abril de 2003

Jay Garner, tenente-general aposentado no comando do Escritório para a Reconstrução e Ajuda Humanitária, estava furioso com os chefes do Estado-Maior do exército norte-americano no Iraque. Atirou na cara deles que as tropas acantonadas na capital haviam cometido o erro de descuidar dos ministérios onde teriam de se fixar os homens enviados pelo governo, bem como de ter permitido a invasão do Museu Arqueológico de Bagdá, quando teria bastado apenas colocar um pelotão de homens bem armados nos arredores do edifício para manter a população civil distante. Também reprovou o fato de haverem decidido proteger a todo custo o Ministério do Petróleo, relegando qualquer outra responsabilidade relacionada com o imenso trabalho que ele e sua equipe teriam de realizar na capital. O certo é que defender tal ministério estava em último lugar na lista de prioridades elaborada pelo ERAH. Ao contrário, proteger o museu e outros edifícios governamentais encabeçava a relação.

Sua irritação aumentou quando recebeu uma ligação da coordenadora para a reconstrução do Iraque, a diplomata Bárbara Boudine, advertindo-o de que um grupo de baderneiros estava a ponto de invadir as câmaras blindadas do Banco Central de Bagdá, lugar onde a vicediretora do Museu Arqueológico, Aisha Howeid, escondera o chamado “legado assírio”, uma coleção única de peças de ouro que, sem dúvida nenhuma, era da civilização mais antiga do planeta. Mas o que mais afetou Garner foi a resposta do secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, quando um jornalista lhe perguntou sobre os distúrbios na capital iraquiana e ele respondeu, com desmedida soberba: “A liberdade implica desordem”.

Depois daquilo, e de entender que se impunha a presença do ERAH em Bagdá, Garner decidiu que tinha de viajar a Catar, dali a alguns dias, para conversar pessoalmente com o general Tommy Franks. Sua intenção era pedir autorização do comandante-chefe do exército aliado para que ele e seu grupo pudessem deslocar-se até a zona em conflito, uma vez que os altos comandos militares baseados na capital iraquiana continuavam pensando que era demasiado perigoso para um punhado de burocratas, alguns sem experiência militar, instalar-se em uma cidade assediada pela barbárie.

Enquanto a equipe de Garner se concentrava em reorganizar e estudar a fundo o chamado Projeto para o Futuro do Iraque, Buwosky foi ao encontro de Neil

Forrester, o engenheiro de telecomunicações que interceptara a conversa entre um jornalista britânico e um misterioso iraquiano, que parecia disposto a lhe vender certa informação de caráter reservado em troca de uma grande soma de dinheiro.

Uma vez no bangalô que compartilhava com Forrester, o agente da Agência Nacional de Segurança bateu com os nós dos dedos na porta do aposento onde o profissional costumava trabalhar.

— Entre! Está aberta! — ouviu a voz tonitruante de Forrester, do outro lado.

Buwosky entrou sem demora. Encontrou Neil sentado diante da mesa de um pequeno escritório, atento à tela de seu computador.

— Atrapalho? — perguntou Buwosky timidamente, sem forçar a situação.

— De jeito nenhum! — Forrester fez um gesto para que ele se aproximasse, enquanto apertava o botão *enter*. — Acabo de enviar um *e-mail* à EDS¹⁴ informando sobre as negociações de nossa subsidiária mexicana, a Hitachi Data System. Se tivermos sorte, em menos de um ano haverá retorno dos investimentos das grandes empresas, bem como uma forte redução dos gastos, de até trinta e cinco centavos por *gigabyte* de informação, caso decidam utilizar a Thunder 9500 V... — Tirou os óculos para encarar Buwosky, como se o outro realmente se interessasse pelas transações da multinacional. — Você sabia que a Electronic Data System desponta como o possível vencedor na luta pela conquista de um contrato nacional avaliado em mais de 8 bilhões de dólares? Se for assim, a empresa poderia conduzir, sem dificuldades, as gestões administrativas da Procter & Gamble.

Tim Buwosky sentou. Falar da Electronic Data System e da Procter & Gamble era lembrar de Richard Cheney, que estava ligado comercialmente a ambas, da mesma forma que à petroleira e empresa de serviços Halliburton. Obviamente alguém estava enriquecendo com as empresas colocadas a serviço de uma guerra tão lucrativa como aquela. O Iraque não apenas beneficiava diretamente o vice-presidente dos Estados Unidos, como também a seu presidente e ao secretário de Defesa, que tinham, igualmente, interesses econômicos prosperando ao amparo do petróleo e da informação.

— Isso é fantástico! — Tim comentou. — O motivo de minha visita, entretanto, não tem nada a ver com nosso trabalho, mas sim com a conversa telefônica que você interceptou há algumas semanas... lembra-se?

Forrester assentiu, um tanto surpreso. Não entendia a que vinha aquela pergunta sobre algo a que não dava importância.

— Veja... — Buwosky inclinou o corpo para a frente. — Como você sabe, a maioria dos correspondentes de guerra está regressando a seus países... Fico me perguntando se aquele jornalista que viajou com o Grupo de Combate 4-64

Tusker continuará no Iraque ou se foi embora com seus companheiros.

— Até onde sei, continua em Bagdá.

— Tem certeza?

— Absoluta — respondeu o engenheiro. — Está hospedado no hotel Palestina. Desde aquele dia, não fiz outra coisa senão interceptar suas chamadas.

Buwosky se surpreendeu com a persistência de Forrester, mais ainda pelo fato de ele não ter falado a respeito durante todo aquele tempo.

— Disseram algo sobre essa informação que o iraquiano diz ter? — Ao ver que o engenheiro franzia a testa, acrescentou: — Simples curiosidade.

— A mesma que o trouxe a meu quarto? Ouça, Timmy... sei que não é de minha alçada, mas acredito que seu trabalho aqui, no Kuwait, está muito distante dos projetos do ERAH. Estou enganado?

— Olhe, Neil... todos navegamos no mesmo barco... Só preciso que você me diga do que falaram e eu farei o resto... Entende?

O engenheiro de telecomunicações, que havia muito tempo suspeitava que Buwosky pudesse ser um agente da CIA, infiltrado, não teve outra saída senão atender ao pedido. Qualquer impedimento, de sua parte, seria prejudicial à sua carreira. Acreditava tratar-se de uma missão secreta da “Companhia”, com a finalidade de prender Saddam Hussein, portanto isso poderia ser considerado uma falta grave.

— Vou contar... Mas gostaria de saber o que você fará com essa informação.

— Isso não é assunto seu — disse Tim, friamente.

— O iraquiano pretende vender determinada informação ao jornalista britânico. Pelo que ouvi deles, estávamos falando de uns relatórios de grande transcendência, já que a rede de televisão britânica BBC World News está disposta a pagar um milhão de dólares por eles. Caso se trate do paradeiro de Saddam Hussein ou de alguns de seus filhos ou de seus generais... quero que o governo leve em conta meu trabalho.

Forrester pretendia ganhar a medalha, caso o ditador fosse preso por sua eficiência. E só pedia isto: que reconhecessem ter sido ele o homem que facilitou a captura de algum deles.

Buwosky concordou, em silêncio. Era a única maneira de fazê-lo falar.

— Você acha que é possível entrar em contato com o militar no comando do Grupo de Combate 4-64? — perguntou o agente da AID.

— Sim... só tenho de me comunicar com Catar.

— É melhor que faça isso... e sem demora. Virei ver você amanhã cedo. Quero que me consiga, então, a linha direta com o oficial que autorizou o jornalista britânico a viajar com o Grupo de Combate Tusker.

— Há algo que você precisa saber. O encontro entre o iraquiano e o repórter

da BBC vai acontecer dentro de poucos dias. Depois, é possível que desapareçam. O iraquiano pretende viajar para a Jordânia com sua família.

— Fique tranquilo. Eu me encarregarei pessoalmente de que ainda estejam lá, quando formos para Bagdá. Esse é meu trabalho.

— Mas isso não é tudo... — continuou o engenheiro. — Há alguns dias, o iraquiano lhe passou uma lista com o nome dele e os de seus familiares, para que constassem nos passaportes.

— O que mais? — quis saber Buwosky, intrigado.

— O iraquiano se chama Rajmani Jalil Sadun. Constatei que é um arqueólogo que trabalha no Museu Arqueológico de Bagdá. Com ele e sua esposa viajará uma de suas irmãs, Rashida Sadun... casada com Ahmed Omar Said Sheikh, mais conhecido como xeique Omar, o agente paquistanês que planejou o assassinato do jornalista Daniel Pearl, do *Wall Street Journal*... e que transferiu 100 mil dólares para Mohamed Atta, dias antes do atentado contra o World Trade Center.

Ambos se olharam, em silêncio. Nenhum deles estava disposto a admitir que a presença daquela mulher, no Iraque, fosse uma simples casualidade, menos ainda depois de saber que era irmã do homem que pensava vender informação para a rede de tevê.

BAGDÁ, 15 de abril de 2003

A campanha do telefone os despertou. Driss se levantou, sobressaltado, olhando para a direita e a esquerda, inquieto.

— Calma... — Rory foi atender. — Deve ser Rajmani.

O câmara se sentou na borda do sofá. Acendeu um cigarro e ficou atento à conversa de seu companheiro com o iraquiano.

— O dinheiro foi transferido... Sim, os passaportes estão em ordem... Sem problemas... — Rory andava de um lado para outro, no quarto, ouvindo a cantilena de Rajmani. — Não... eu lhe garanto que não haverá nenhuma surpresa. Dou minha palavra. Aviso, porém, que a conta bancária está bloqueada, sob os cuidados do diretor da BBC, para que se possa verificar a autenticidade da notícia... De acordo... Lá estaremos.

— Muito bem... ele engoliu sua história? — quis saber o câmara.

— Sem dúvida... — Rory sentou-se na cama. — Não tem alternativa, senão confiar em nós.

— Ele disse quando e onde nos encontraremos com ele? — insistiu.

— Dentro de três dias, diante do Museu Arqueológico de Bagdá. Será às quatro da madrugada. Não lhe parece um lugar estranho para uma reunião?

— Para mim, é perfeito. Sempre quis ver de perto o Código de Hammurabi, se é que não foi levado pelos saqueadores... — Bufou indignado. — Malditos norte-americanos!

Seu descontentamento devia-se, obviamente, ao fato de que sentia como ninguém a espoliação dos tesouros artísticos da antiga cultura mesopotâmica, bem como a indiferença das forças aliadas diante da selvageria dos saqueadores. Era um colecionador e um apreciador de antiguidades. Tudo o que se referisse à destruição e ao roubo de peças de arte e de arqueologia o afetava.

— O que mais me preocupa é como vamos nos dirigir ao museu. Não confio nos iraquianos... — disse o inglês. — Além disso, Rajmani me fez prometer que iríamos sozinhos. É muito longe do hotel para irmos a pé e é perigoso tentar de madrugada. Poderíamos ser vítimas dos insurgentes e inclusive nos defrontar com alguma patrulha de soldados norte-americanos que percorre as ruas de Bagdá depois do toque de recolher.

— Nós podemos nos servir deles — sugeriu o câmara. — Refiro-me aos

militares.

Rory o fitou com estranheza. Não sabia aonde seu companheiro queria chegar.

— Explique-se.

— Muito simples. Na tarde anterior ao encontro, pedimos ajuda do tenente Parsons para que nos leve até aquela área, dizendo que o diretor da cadeia de tevê nos encarregou de fazer uma reportagem sobre o saque do museu.

— Não sei... me parece muito arriscado — Rory vacilou. — Você já sabe que ele suspeita de nós. Além disso... você acha que ele se prestaria a isso?

— Talvez.

— Não daríamos um passo sem que ele estivesse em cima de nós — lembrou o outro.

— E se conseguirmos que ele seja cúmplice de nosso segredo? — O líbio disse de imediato, como se já tivesse amadurecido a ideia. — Você mesmo disse que poderíamos obter o dobro, se a notícia for boa. Há o suficiente para três... Além de tudo estaríamos protegidos pelo exército norte-americano.

— Você ficou louco? — Fitou-o atentamente, desconcertado.

— Pense bem. Todo homem tem um preço e acredito que o tenente Parsons estaria disposto a colaborar se for para ganhar uma pequena fortuna.

Rory refletiu sobre as palavras do câmera. Mentalmente, avaliou que ele talvez tivesse razão... Seria a única maneira de conseguirem o dossiê sem o risco de terem seus miolos estourados por um grupo de iraquianos. Então, concluiu:

— Está bem! Coloquemos à prova a honra do tenente Parsons.

BAGDÁ, 16 de abril de 2003

Depois de uma dura noite de combate contra os insurgentes, em vários bairros da capital, onde ainda resistiam os sunitas fiéis ao ditador, o sol apareceu em Bagdá com a mesma rapidez que uma lâmina afiada desliza pelas guias de uma guilhotina. A manhã irrompeu ferozmente, fazendo eco ao som ruidoso e metálico dos pesados carros de combate que rodavam sobre o asfalto, bem como às vozes iradas dos que se manifestavam contra os soldados norte-americanos às portas do hotel Palestina, exigindo que lhes dessem comida, trabalho e um pouco de lei e ordem; tudo para que aquela cidade imersa no caos recobrasse o bom senso que seus cidadãos pareciam ter perdido.

Sem dúvida, havia quem pensasse que a guerra era coisa do passado. Bastava observar os estudantes que se atreviam a se dirigir às aulas na universidade corânica ou os comerciantes que abriam seus negócios para oferecer alimentos de primeira necessidade às famílias afetadas pela fome, como frutas, verduras ou tortas e doces.

Pouco a pouco, os cadáveres iam desaparecendo das ruas, graças aos grupos de voluntários, tanto iraquianos como soldados norte-americanos e membros da Cruz Vermelha Internacional, que se encarregavam de envolver em lençóis brancos os corpos destroçados das vítimas, amarrando-os fortemente com cordas para levá-los, em seguida, às cercanias de Bagdá, onde eram enterrados em covas comuns caso nenhum familiar fosse reclamar pelo cadáver.

O tenente Parsons e alguns soldados da Companhia A controlavam a rua diante do hospital Al-Rashad, para servir de escolta ao pessoal do CICV¹⁵, que na ocasião visitava o lugar. A Cruz Vermelha estava ali para verificar se tudo havia voltado ao normal depois dos saques e agressões que os doentes haviam sofrido, quando um grupo de iraquianos descontrolados assaltara o edifício. Muitas pacientes femininas foram violentadas e parte dos homens foi assassinada. A bestialidade provocara a fuga de mais de mil pessoas

convalescentes e, até aquele momento, desse total só haviam regressado umas 300. E em estado lamentável.

Jack observava os que entravam e saíam pela porta principal. Uma camionete estacionou. Dois homens retiraram dela um ataúde, fabricado com diferentes pedaços de madeira velha já usada, onde colocaram o corpo de um jovem morto. Pouco depois, ignorando a dor dos pais, levaram-no para enterrá-lo. A família chorava, mas ninguém parecia se importar. Estavam sozinhos; eles e seu próprio drama.

— Deus! Que merda de guerra é essa? — exclamou um jovem soldado ao observar a cena. — Quero ir embora daqui! Preciso ver minha família! Pode me ouvir, George W. Bush? Quero que se digne a vir a este inferno, para que beije meu cu!

Jack lhe dirigiu um olhar condescendente, fazendo um gesto para que se contivesse, ao menos diante daquelas pessoas. Não era prudente mostrar sentimentos em público, pois isso expressava fraqueza. E não era essa a impressão que os norte-americanos deveriam causar no povo iraquiano.

A manifestação do rapaz era semelhante à de muitos homens que integravam sua brigada, incluído o tenente Parsons, que começava a sentir, internamente, certo desapego emocional que afetava seu modo de ver a guerra. Já não sentia aquele ódio irreconciliável contra tudo que representasse o mundo islâmico, não depois de conhecer a fundo as truculentas dificuldades que o povo iraquiano fora obrigado a suportar, submetido à repressão e à miséria; primeiro, com Saddam Hussein e seus filhos, e agora com as forças de ocupação.

Tanta hostilidade nos homens que, segundo lhes fizeram acreditar, estavam ali para lhes proporcionar uma vida melhor... tantas crianças assassinadas... tantas mulheres violadas... tantos lares destroçados... começavam a cobrar a conta, em sua consciência. Estava cansado de todo aquele horror; por isso não era capaz de recriminar o soldado raso por sua manifestação de inconformismo. No fundo, compartilhava de sua opinião.

Armados com seus fuzis de assalto, os norte-americanos controlavam a passagem de todos os veículos que circulavam diante do hospital, detendo os ocupantes que lhes pareciam suspeitos. Dois Humvees, estrategicamente colocados em ambos os lados da rua, serviam como apoio à tarefa.

Mulheres e crianças se aproximavam dos jipes para suplicar por um pouco de comida ou para que encontrassem algum familiar desaparecido. A primeira coisa era fácil de resolver, com barras de chocolate, mas não a segunda. Os soldados lhes diziam que aquele era um assunto da polícia iraquiana. Mas as temidas forças da ordem pública de Saddam haviam desaparecido. Naqueles dias, ninguém se responsabilizava por nada em Bagdá.

— Senhor... quanto tempo acha que vamos continuar no Iraque? — perguntou o soldado Jeff Manson.

— Não sei — respondeu o tenente. — Semanas... ou talvez meses.

— Para mim, o importante é voltar para casa inteiro — comentou Tommy García, um cubano que vivia na Flórida e odiava Fidel Castro mais que ao próprio diabo.

Ao ouvir a conversa, O'Connors, que controlava a passagem dos veículos pela avenida, caminhou até seus companheiros, mas sem tirar os olhos da rua nem um instante.

— Concordo com você, irmão... desde que seja na vertical, não na horizontal — disse o cabo, soltando uma gargalhada.

A brincadeira de O'Connors aliviou um pouco a tensão a que estavam submetidos. Até mesmo Jack, que devia conservar a sobriedade de um oficial no comando para dar exemplo, sorriu, deixando-se levar pelo macabro senso de humor do cabo, que o acompanhava desde o começo da guerra.

Enquanto isso, membros do 26º Batalhão de Abastecimento encarregavam-se de retirar caixas com material cirúrgico, água potável engarrafada, garrafas de oxigênio, anestesia e outros medicamentos de primeira necessidade, dos caminhões estacionados diante da entrada principal do centro hospitalar.

Um dos soldados que cuidavam dos Humvees gritou, chamando seu oficial, mas teve de atravessar a rua para ser ouvido.

— Senhor! Uma chamada no *Iridium* — disse.

— O capitão Welford? — Jack perguntou, achando que poderia ser seu chefe da Companhia A.

— Não, senhor, é o tenente-coronel DeCamp.

Aquilo lhe pareceu muito estranho, já que nenhum oficial costumava passar por cima da rígida hierarquia de comando. O normal, naquele caso, seria que DeCamp tivesse transferido as ordens a Welford, e este, em última instância, é quem devia transmiti-las a ele.

Jack foi até o Humvee e sentou no lado do condutor, deixando fora sua M-16. Atendeu a ligação.

— Assassino 2 Parsons falando, senhor.

— Bom dia, tenente — ouviu a voz do chefe de seu grupo de combate. — Prefiro falar diretamente com você por motivo de segurança. O que vou lhe dizer é estritamente confidencial, portanto conto com sua total discrição.

— Pode confiar em mim, senhor.

Jack Parsons, mesmo desconhecendo o motivo da chamada, teve o pressentimento de que seria implicado em um assunto duvidoso.

— Nesta manhã recebi uma ligação telefônica do Kuwait, de um tal Buwosky.

Disse que trabalha no Escritório para Reconstrução e Ajuda Humanitária... Você sabe, os homens enviados pelo governo para restaurar a ordem, no Iraque, assim que terminar a guerra — explicou. — Ele me pediu que vigiemos os dois jornalistas britânicos que viajaram, desde Najaf, integrados em nossa Companhia A. Pelo visto, a CIA tem motivos para pensar que esses repórteres esperam entrar em contato com alguém daqui, talvez com um funcionário de Saddam Hussein. Acreditam que tratarão de comprar informação em troca de uma grande soma de dinheiro, portanto é possível que se trate do paradeiro do ditador... ou o das armas de destruição em massa.

“Eu sabia!”, pensou Jack, lamentando ter sido tão bobo para se deixar enganar por aqueles dois.

— E qual é a ordem, senhor? — perguntou, em tom muito profissional, procurando abreviar ao máximo a conversa.

— Você tem de vigiá-los dia e noite... Ouviu? Tem de me manter informado sobre cada um dos movimentos deles, mas só até que os membros do ERAH cheguem a Bagdá. A partir daí, os agentes do serviço de inteligência vão se encarregar de tudo.

— Sem problemas, senhor.

— Mais uma coisa, tenente... Tenha muito cuidado.

— Terei, senhor.

Depois de desligar o telefone, em voz baixa, Jack imprecou contra os homens que lhe salvaram a vida em Um Qasr.

— Vocês vão ver só, seus filhos da puta! — rugiu, irritado.

BAGDÁ, 17 de abril de 2003

O sol ostentava um tom carmesim, cujo reflexo se estendia sobre as águas tranquilas do rio Tigre. O forte vento da tarde arrastava pequenas partículas de areia, que arranhavam o rosto de quem se atrevia a caminhar a essas horas pelas ruas da capital. Uma concentração de nuvens rosáceas se dividia no céu da mesma maneira que se partiam em mil pedaços as ilusões dos iraquianos, enquanto o sol desaparecia atrás do horizonte e o crepúsculo se apoderava daquele instante mágico e fugaz que nasce no final da tarde e morre com a chegada da noite. Era o momento da reflexão, tanto para os invasores como para os submetidos. Alguns aproveitavam para fazer exame de consciência, outros para se aferrar a seu ódio e ampliá-lo com uma boa dose de ressentimento, e poucos para atingir seus objetivos e multiplicar as cifras de suas contas correntes.

Era esse o caso dos jornalistas britânicos. Depois de falar com uns *marines* que guardavam a entrada do complexo presidencial, Rory e seu companheiro se dirigiram ao hotel Al-Rashid, agora convertido em quartel-general da 3ª Divisão de Infantaria.

A distância era considerável, de maneira que arriscar-se a caminhar pelas ruas de Bagdá sem escolta, naqueles dias, podia ser considerado um autêntico suicídio. Apesar de tudo, os repórteres arriscavam a vida porque a cobiça era maior que a sensatez e estavam dispostos a chegar até o fim, sem se importar com as consequências. Não obstante, ambos estavam armados com pistolas automáticas de nove milímetros e usavam seus coletes de proteção contra balas, blindados com placas de cerâmica.

Enquanto caminhavam pelas ruas do bairro residencial, erguido sob a proteção do Palácio Republicano, puderam ver como um grupo de soldados pertencentes ao 10º Batalhão de Sapadores levantava um muro de concreto armado com partes pré-fabricadas e que ia de um lado a outro da rodovia de seis pistas, ao mesmo tempo que outros se encarregavam de cercar a zona com arame farpado, protegendo, assim, o lugar onde ficariam as tropas aliadas até que chegasse o comitê logístico que aguardava, no Kuwait, o final oficial da guerra.

Havia todo tipo de lixo sobre o asfalto, carregado pelo vento. O panorama,

durante a passagem deles pela ampla avenida, era tão deprimente como apocalíptico: o cenário de um conflito armado.

Faltava apenas uma centena de metros para chegar ao hotel, quando um grupo de soldados fez com que eles parassem. Era um dos controles de segurança que havia ao longo de toda a avenida. Os britânicos se aproximaram com as mãos levantadas, identificando-se como correspondentes de guerra. Os *marines* verificaram a identidade deles com toda cautela.

Driss ficou observando outro grupo de membros do Corpo de Fuzileiros Navais que haviam detido várias famílias de iraquianos que seguiam para suas casas. Viu como as mulheres eram revistadas sem nenhum pudor pelos norte-americanos. Alguns, zelosos por suas obrigações, se atreviam a apalpar o corpo das iraquianas para se assegurar de que não ocultavam explosivos, algo inadmissível em uma sociedade machista, onde as mulheres mal saíam de casa para não ser “manuseadas” com lascívia pelos olhares dos outros homens.

Obviamente, Driss imaginou a indignação e a vergonha que deviam estar sentindo, naquele momento, os maridos e os filhos que as acompanhavam. Bastava notar como reprimiam sua frustração e raiva, mordendo os lábios até sair sangue, para perceber que faziam grandes esforços para conter o impulso de enfrentar as forças de ocupação. Qualquer movimento de sublevação de sua parte e os soldados abririam fogo contra eles com a mesma facilidade com que se esmaga uma barata nojenta.

O líbio sentiu um ligeiro rubor queimando suas faces. Os norte-americanos não sabiam, ou não desejavam saber, que estavam desobedecendo uma das normas sociais mais rígidas do mundo islâmico e isso só aumentava o ódio dos iraquianos, que jamais esqueceriam aquela profunda humilhação.

— Algum problema? — lhe perguntou seu companheiro, assim que ultrapassaram o controle.

Driss decidiu esquecer as dificuldades dos iraquianos submetidos, para se concentrar no que realmente importava: encontrar o tenente Parsons e envolvê-lo no “negócio”.

— Não... não é nada — titubeou. — Pensava no oficial norte-americano e em como ele reagirá à nossa proposta.

— Foi você quem fez a sugestão — Rory refrescou a memória dele. — Não vai dizer, agora, que se arrepende, verdade? Lembro que ainda temos tempo para pensar em um novo plano... — Olhou para ele de soslaio, com certa preocupação.

— Foi só um comentário. Não deveria levar em conta. Tudo vai dar certo... você verá.

Logo que chegaram ao hotel, foram testemunhas do contínuo movimento de

tropas no interior do edifício. Soldados, cabos, suboficiais e oficiais andavam de um lado para outro, cada um envolvido em seu trabalho. Poucos, os mais afortunados, falavam com suas famílias, usando telefones via satélite; outros, a grande maioria, cumpriam ordens de seus superiores. Na parede atrás do balcão da recepção e junto ao painel de avisos onde estavam registradas as várias operações militares e de logística a realizar durante o dia, alguém havia pendurado um pôster gigante onde se viam os edifícios do World Trade Center, antes de serem destruídos. Abaixo, havia uma frase muito significativa: “Pedimos a Deus por todos os soldados que caíram na luta pela liberdade”.

Viram um homem de cabelos brancos, corpulento e de olhar misterioso, aproximando-se deles ao mesmo tempo que franzia as cerradas sobrancelhas. Driss percebeu que aquele indivíduo usava um colarinho engomado, sob a camisa preta.

— Boa tarde! — lhes disse, assim que se deparou com eles. — Sou Jesse Osmond, assessor espiritual da 3ª Divisão de Infantaria. Em que posso ajudá-los?

— Reverendo, estamos procurando o tenente Parsons, do Grupo de Combate 4-64 Tusker — respondeu o ruivo, sem se impressionar com o fato de encontrar um homem de Deus naquele inferno. — Disseram-nos que a maior parte da 2ª Brigada se aloja neste hotel.

— Posso saber quem são vocês? — perguntou o pastor da Igreja Presbiteriana, esperando por uma resposta.

O repórter sorriu, envergonhado, ao perceber que não havia cumprido a norma número um de cortesia.

— Desculpe... — respondeu, amavelmente. — Sou Rory Moore, correspondente da BBC World News... e ele é Driss Moqtari, o câmara.

O líbio, carregado com sua “arma” de trabalho, assentiu com um movimento de cabeça e um leve sorriso.

— Seria indiscrição perguntar a vocês o que desejam do tenente Parsons?

Rory começava a se cansar daquele interrogatório, mas respondeu à pergunta do reverendo Osmond, mesmo que só fosse para que os deixasse em paz.

— Viajamos com ele desde Najaf... — explicou, com calma premeditada. — Só queremos agradecer por tudo que fez por nós, antes que regressemos a nosso país.

O pastor ia lançar outra série de perguntas, quando se aproximou o cabo O’Connors, surpreso por vê-los ali.

— *Hey*, ingleses! — aumentou a voz, indo ao encontro dos jornalistas. — Por onde vocês andavam? Ontem mesmo o tenente perguntou por vocês.

Depois de cumprimentar o reverendo, o cabo os afastou do pastor.

— Olhem só! Creio que os livreiros do chato sermão do reverendo Osmond. Só por isso, já deveriam me agradecer.

Rory riu. Mas voltou a ficar sério antes de perguntar diretamente:

— Com certeza... Você sabe o que o tenente queria de nós? O'Connors encolheu os ombros.

— Isso você terá de perguntar a ele.

— Ele está aqui, no hotel? — insistiu o jornalista do Reino Unido. O soldado moveu a cabeça de um lado para outro.

— O tenente e o resto da Companhia A saíram em missão de reconhecimento — disse, finalmente, enquanto se dirigiam à porta de saída do hotel. — Mas tenho ordem de conduzi-los à presença dele, o que significa que temos de nos deslocar até uma zona de conflito localizada a alguns quarteirões daqui... Estão preparados?

Rory Moore olhou para seu companheiro, procurando aprovação. Driss consentiu, com um gesto.

— Estamos — respondeu, depois, o ruivo.

Pouco depois se incorporavam a um pequeno comboio que ia se juntar ao resto da Companhia A, que realizava seu trabalho de observação em um bairro situado entre a rua Haifa e a ponte Sinak. Na vanguarda seguiam dois Humvees cor de avelã, onde se instalaram os britânicos e o cabo O'Connors junto com dois soldados; um dos jipes estava equipado com uma metralhadora de calibre 50 e o outro, com um lança-granadas Mark-19. No veículo a seguir viajavam quatro soldados armados com suas M-16 e pistolas automáticas de nove milímetros. Atrás dos blindados iam dois Amtrak e, em último lugar, meia dúzia de caminhões M-35.

Os repórteres do Reino Unido tinham sido acomodados no assento traseiro, junto com um soldado que não fazia outra coisa senão olhar pelas janelas blindadas. E naquele dia tiveram oportunidade de testemunhar a condução imprudente de um Humvee pelas ruas de Bagdá.

Como os norte-americanos tinham ordens de não parar por nenhuma razão a marcha do comboio, e a avenida estava lotada de carros cuja velocidade não superava os cinquenta quilômetros por hora, o jipe que levava o cabo O'Connors não parava de importunar os automóveis mais lentos, empurrando-os por trás. Esses, ao sentir o choque do Humvee em seus para-choques, se afastavam para o lado rapidamente temendo ser amassados.

A manobra se repetiu várias vezes, até que houve um momento em que chegaram a um congestionamento difícil de superar. Mesmo assim, o condutor tinha de cumprir as ordens a qualquer custo, de maneira que atravessou o

canteiro de cimento de um palmo de altura e continuou, na contramão. Os carros que vinham na direção correta não tiveram outra saída senão abrir caminho, diante da temerária improvisação dos norte-americanos.

— Vocês não acham perigoso guiar dessa maneira? —perguntou Rory, dirigindo-se a todos.

O soldado que estava do lado direito do câmara afastou seu olhar da rua por um instante, para informar a ele qual era a situação.

— Mais perigoso seria se ficássemos presos no meio da cidade. Poderíamos nos converter em um alvo fácil.

Aceitando a justificativa do militar, o inglês esboçou um sorriso forçado que expressava inquietação.

Tão logo deixaram para trás o tráfego intenso, entraram em uma reta onde havia alguns carros estacionados, bem separados uns dos outros. O jipe acelerou, aproveitando que ninguém circulava pela rua, e talvez tenha sido isso que salvou a vida deles, pois ao passar por um automóvel vermelho, parado à direita, o veículo explodiu com um grande barulho, fazendo com que o Humvee, ao frear, derrapasse de lado.

Houve uma comoção dentro do jipe: gritos, maldições e lamentos. Os vidros do blindado haviam aguentado o tranco, mas estavam partidos de um lado ao outro e mal se podia ver através do cristal. Driss e o soldado a seu lado, justamente os que estavam mais próximos do carro-bomba quando houve a explosão, apresentavam alguns ferimentos causados pelo impacto. O câmara havia machucado a sobancelha esquerda depois do choque contra o capacete do companheiro. O sangue escorria abundantemente por todo o rosto. O militar ostentava um corte na maçã do rosto.

— Vamos! Vamos! Vamos!... Mexa seu negro traseiro de uma vez! — disse a si mesmo o cabo O’Connors, girando o volante ao mesmo tempo que acelerava, com o firme propósito de sair daquele inferno de fogo e fumaça.

O soldado que ia na torreta do segundo jipe começou a disparar com sua metralhadora contra todos os civis que estavam em seu perímetro de ação. Alguns iraquianos que, atraídos pela curiosidade, começavam a se aproximar do carro sinistrado, tiveram de se deitar no chão, embora houvesse quem permanecesse em pé para repreender a atitude hostil do exército norte-americano.

Dois iraquianos caíram vítimas da terrível vingança dos soldados.

— Maldição! — exclamou Rory, tentando estancar a hemorragia do parceiro com vários lenços de papel. — Pelo amor de Deus!... Tirem a gente daqui!

Sua súplica era dirigida ao cabo O’Connors.

— É o que estou tentando, porra! — gritou o militar, que dirigiu a toda

velocidade pela rua Haifa, seguido pelo resto do comboio.

Rory voltou a prestar atenção no companheiro.

— Não se preocupe colega, não é nada. Só um cortinho — disse o líbio, apertando os lenços com força contra o ferimento.

Com isso, deu a entender que estava em condições de seguir adiante.

Mesmo ainda afetados pelo atentado, os soldados trataram de manter a calma. Enquanto isso, o comboio continuava avançando.

Embora quisessem convencer-se de que eram homens que nada temiam, nem sequer a morte, não passavam de soldados inexperientes, jovens assustados diante da possibilidade de regressar a seus lares em um ataúde de alumínio. E teria sido esse o fim deles se a forte blindagem do Humvee não houvesse amortecido o impacto.

Quando chegaram aonde estava o resto da Companhia A, Jack Parsons e vários de seus homens se aproximaram imediatamente, ao ver o estado em que se encontrava o jipe. Os membros da DCT¹⁶ atenderam com rapidez os feridos, encaminhando-os a um dos caminhões onde estavam guardados o material cirúrgico e o estojo de primeiros socorros. Tanto Driss como o soldado Schwitz precisavam levar alguns pontos nos cortes.

Rory, que continuava abalado depois de experimentar ao vivo um atentado com carro-bomba, desceu do Humvee com uma forte dor nos tímpanos. Um dos médicos examinou suas pupilas; outros atendentes fizeram o mesmo com o cabo O'Connors e com o soldado Bauman. Depois de verificar que não haviam sofrido contusões ou ferimentos graves, saíram para atender os outros afetados pela explosão.

Jack aproveitou para se aproximar do inglês.

— Tiveram sorte por sair ilesos — disse, cruzando o fuzil de assalto sobre o peito.

— Esses filhos da puta explodiram um carro-bomba justamente quando passávamos a seu lado — disse Rory, com uma tremenda dor de cabeça.

O tenente se esforçou para dar um sorriso de cortesia. Em seguida, fez um gesto.

— Venha comigo... quero que veja uma coisa. Trata-se de uma ilha de resistência iraquiana abandonada.

O jornalista o seguiu, intuindo que o oficial desejava algo mais do que lhe mostrar um posto de defesa inimigo. Foram até um edifício parcialmente em ruínas diante do posto de controle da ponte Sinak. Enquanto subiam as velhas escadas do imóvel, Rory decidiu que havia chegado a hora de colocar seu plano em prática.

— Tenente... posso lhe pedir um favor?

Jack colocou seu dedo indicador sobre os lábios, indicando-lhe que ficasse em silêncio.

O repórter se armou de paciência. Não sabia o que pretendia o oficial nem a finalidade daquela visita, mas teve um mau pressentimento. Então lembrou que o militar havia perguntado por eles, segundo o cabo O'Connors. E isso aumentou ainda mais sua desconfiança.

Finalmente chegaram a um terraço, de onde puderam ver, em meio aos escombros, uma bateria antiaérea, um lança-granadas RPG-7, caixas com projéteis, roupa militar espalhada no chão, latas de comida vazias, restos de uma fogueira que os iraquianos usavam para aquecer os alimentos, panelas, pratos e talheres com restos de comida ressecada, uma fotografia do ditador, cápsulas de projéteis *etc.* Uma série de objetos insignificantes a serviço da guerra.

Jack Parsons desviou seu olhar para uma estrela que começava a cintilar no alaranjado céu do Iraque.

— Quando cai a noite, tudo parece diferente em Bagdá... — A voz do tenente denotava um matiz de nostalgia. — Há momentos em que as luzes de localização deixam de brilhar e as balas sinalizadoras desaparecem para dar lugar ao silêncio... Há momentos em que a cidade parece dormir em paz, quando na realidade é apenas um descanso no interminável pesadelo em que estamos mergulhados... — Suspirou. — Há momentos em que um homem tem de decidir se continua e enfrenta seus demônios ou dá um tiro na própria cabeça para calar essa voz que o faz lembrar, a cada instante, a violência de seus atos. Sabe a que me refiro?

Virou-se para olhar o rosto pálido e inexpressivo do britânico.

— Conheço essa sensação — afirmou o ruivo, que de fato não sabia aonde o tenente queria chegar. — Já vivi isso há anos... na Bósnia-Herzegovina — confessou com voz baixa.

— Matou alguém?

— Sim, uma vez... e foi em defesa própria — reconheceu. — Mesmo assim, vejo o rosto daquele jovem soldado cada vez que fecho os olhos para dormir.

Parsons fez um gesto com a mão, como se quisesse afastar a dor na consciência.

— Sabe por que o trouxe até aqui? — perguntou, diretamente.

— Não... embora tenha certeza de que você vai me contar.

— Sim, eu o trouxe aqui porque não quero que ninguém ouça nossa conversa. Creio que seja algo que devemos resolver entre nós. — Não entendo...

Jack inclinou o rosto, olhando fixamente para o britânico. Era óbvio que não sabia do que ele estava falando.

— Estou disposto a fazer um trato.

— Um trato? — Rory franziu a testa.

— Sim... — afirmou o tenente, sacando com rapidez sua Beretta FS 92 da cartucheira que pendia de seu cinturão. Com pulso firme, apontou para a cabeça do jornalista. — Você me explica os motivos que o levaram a fazer contato com um funcionário iraquiano... e eu prometo não apertar o gatilho.

BAGDÁ, 17 de abril de 2003

Naquela mesma noite, Fathia, a mulher de Rajmani, postou-se diante da porta de sua casa para impedir que o marido cometesse uma loucura.

— Não entendo por que você tem de sair a esta hora, se sua reunião com os britânicos é amanhã — provocou-o, olhando-o com certa preocupação. — Por acaso não sabe que os fedains semeiam o terror pelas ruas de Bagdá e que os norte-americanos decretaram que nenhum iraquiano deixe sua casa depois do pôr do sol?

Ele a fitou, suspirando, com a paciência no limite.

— Eu já lhe disse... tenho de comprovar que a parede continua em pé. E isso não é algo que possa fazer de dia, já que poderia ser confundido com um vulgar saqueador de peças arqueológicas... Não posso me arriscar a ficar como um idiota diante dos jornalistas se os conduzo a documentos caso esses tenham desaparecido... Entende?

— E o que você vai fazer caso eles não estejam mais lá, se tiverem derrubado a parede a que você se referiu em várias ocasiões... e se levaram tudo? — ela perguntou, baixando a voz. — Vai desistir da ideia de continuar o jogo com Omar Sheikh? Já sabe que nunca aprovei sua decisão de vender esses relatórios aos ingleses. Você pode se meter em um assunto de consequências terríveis. Mas o pior de tudo é que você também nos envolve... a mim e às crianças.

— Jamais faria algo que pudesse colocá-las em perigo — ele respondeu, decidido a acalmá-la. — Ao contrário, espero sair deste inferno o mais breve possível, para oferecer-lhes uma vida melhor, na Jordânia.

Fathia se calou por respeito ao marido. Logo depois, porém, levada por um impulso instintivo, nesse caso pelo ciúme, lhe fez uma nova pergunta:

— Ela estará no museu?

Rajmani sentiu um suor frio percorrendo seu corpo. A questão não era fácil de responder, por isso tentou ostentar uma atitude natural e espontânea, para

dissimular a surpresa que lhe causou as palavras da esposa.

— Ela?... A quem você se refere?

— Você sabe muito bem do que estou falando. Não sou nenhuma tola — respondeu Fathia. — Diga-me... você vai se encontrar com a doutora Aisha Howeid?

Rajmani fechou os olhos por alguns segundos. Era evidente que sua esposa estava a par de sua antiga relação sentimental com a vicediretora do Museu Arqueológico.

— Desde quando você sabe? — perguntou, envergonhado, depois de abrir novamente as pálpebras.

— Isso não importa — ela respondeu, demonstrando certa compreensão a respeito dos deslizes do marido. — O fato de não a ter tomado como esposa significa que eu ainda tenho importância para você e lhe agradeço por isso. Mas não gostaria de vê-lo sofrer de novo, por culpa dessa mulher.

— Tudo isso ficou para trás... eu lhe dou à minha palavra.

— Acredito. Mas você ainda não respondeu minha pergunta... Ela estará no museu?

— Sim — afirmou sem rodeios. — Eu lhe pedi que se encontrasse comigo nesta noite porque terei de lhe dar certas instruções... caso me aconteça alguma desgraça nos próximos dias.

— Instruções? — Sua esposa arqueou as sobrancelhas.

— Ouça... caso eu sofra algum acidente durante meu encontro com os britânicos, ela ficaria encarregada de negociar as mesmas condições com outro meio de comunicação, talvez com a cadeia de televisão Al Jazira, por exemplo... bem como de levar vocês para o outro lado da fronteira. Por isso, se algo me acontecer, você deve entrar em contato com ela em seguida.

— Não vai acontecer nada com você... — Fathia acariciou o rosto do esposo, com especial carinho e devoção. — Sei que você vai voltar são e salvo de seu encontro com os jornalistas, e que vai cuidar de suas filhas... e de sua mulher.

Fathia se afastou da porta. Não tinha a intenção de retê-lo. O que ele tivesse de fazer assim seria, sem que ela tentasse impedi-lo. Sempre havia sido deste jeito: os homens, pilar da sociedade muçulmana, eram os que tomavam todas as decisões que interessavam à família.

O arqueólogo abriu a porta para sair, mas antes se aproximou de Fathia para abraçá-la. Depois, afastando-se, foi embora para mergulhar nas sombras que engoliam as ruas de Bagdá.

Enquanto andava no escuro por uma cidade consumida pela barbárie, temeroso de ser vítima dos insurgentes que pululavam pela capital ou de cair morto por um disparo norte-americano, Rajmani pensava em uma maneira de

concluir a transação sem que os ingleses o traíssem. Precisava se certificar de que eles lhe entregariam documentos verdadeiros, e não uma tosca falsificação. No Iraque, depois da queda do regime, tudo era falsificado: documentos de identidade, registros de nascimento, certidões de óbito *etc.* Era a única maneira de sobreviver em um país onde a grande maioria dos funcionários do partido Baas era perseguida pelas tropas de ocupação e pelos radicais xiitas residentes no bairro de Al Sadr. Teria deser prudente, como lhe aconselhara seu cunhado Omar, e não revelar seu esconderijo até estar seguro de que o repórter britânico realmente tenha intenção de ajudá-lo.

Rajmani foi obrigado a parar quando ouviu o som metálico de vários carros de assalto, que vinham em grande velocidade pela ampla avenida Abu Nawas. Reagiu imediatamente, correndo até uma casa que mal se mantinha em pé por causa dos bombardeios recentes que a cidade sofrera. Tomando cuidado para não se cortar nos vidros quebrados e afiados que se mantinham presos na esquadria de madeira, ele entrou por uma das janelas do térreo. Oculto na obscuridade e escondido atrás das cortinas, observou o exterior para se certificar de que não tinha sido visto pelos norte-americanos que, naquele instante, passavam diante da fachada principal da casa, fazendo um barulhão. Suspirou de alívio quando os blindados continuaram seu caminho até o hotel Palestina.

Restabelecido o silêncio, ele saiu do esconderijo. Sem mais demora, seguiu adiante. Tinha de chegar ao museu quanto antes.

Depois de uma corrida, o arqueólogo se deteve ao ver a fachada do Museu Arqueológico. Olhou de um lado e do outro. Não viu ninguém. O medo pairava no ambiente naquela noite, ele notou com seus cinco sentidos. Tanto que nem os cães se atreviam a ladrar, em Bagdá, pelo temor de serem descobertos.

Cruzou a rua depois de se assegurar de que não havia ninguém escondido na escuridão. Foi até a porta do museu, que estava totalmente destroçada, por causa das investidas da multidão. Desviando-se dos escombros, ingressou no interior do prédio depois de acender uma lanterna que estava guardada no bolso de sua calça.

— Aisha? — perguntou a meia-voz, temendo que o som de suas palavras fosse ouvido na rua. — Aisha! Você está aí?

Ouviu um ruído, à sua direita, como se fossem passos.

— Rajmani? É você?

Era a voz da doutora, que se aproximava lentamente pelo vestíbulo. Focalizou-a com a luz da lanterna. Aisha se lançou aos braços dele, colando-se a seu corpo. O arqueólogo sentiu a pressão de seus seios contra o peito. Desarmado diante da angústia de sua companheira, abraçou-a com carinho para tranquilizá-la.

— Vamos, Aisha! Não há nada a temer.

Ela começou a chorar, levada pela angústia e pelo medo que sofrera nos últimos dias. Descarregou nele toda a ansiedade que havia acumulado desde a última vez em que haviam estado juntos, deixando-se levar pelas emoções.

— Esses bárbaros destruíram tudo! — gemeu a doutora. — Roubaram os leões de argila que decoravam o antigo templo de Tell Harmal e mutilaram grande parte das estátuas!

— Eu sei... as perdas são terríveis. Mas o importante é que continuamos vivos.

Depois de afastar seu corpo do de Aisha e de limpar, com o dorso da mão, as lágrimas que corriam por suas faces, fez com que ela caminhasse pela sala, segurando-a pela cintura.

O edifício tinha um aspecto bastante sombrio. O chão estava coberto de papéis e vasilhas de barro pisoteadas. Havia estátuas das quais haviam arrancado a cabeça e algumas extremidades, bem como jarras quebradas e vitrines rompidas. Só ficaram intactos alguns expositores vazios, cujas peças haviam sido levadas ao porão, havia mais de uma semana.

Tratando de manter a calma, Rajmani alertou que eles deviam descer quanto antes, para averiguar se tudo continuava em ordem e as paredes permaneciam intactas. Aisha concordou, sem se afastar dele, talvez por causa da sensação de perigo que a acompanhava desde que saíra de casa para ir ao encontro dele.

Assim que chegaram ao porão, descobriram que os assaltantes tinham derrubado estátuas e peças de valor que haviam sido escondidas antes da guerra. Os móveis velhos colocados diante das paredes falsas pareciam ter sido destruídos a machadadas. Ambos suspiraram de alívio ao comprovar que os saqueadores não tinham descoberto o esconderijo secreto.

— Bendito seja Alá por nos ter permitido proteger grande parte de nosso legado histórico e religioso! — exclamou Aisha.

— Realmente, foi um milagre. — Rajmani demonstrou sua alegria sorrindo como uma criança. — Aí atrás nos esperam milhares de peças arqueológicas que sobreviveram à voragem dos saqueadores graças a nosso esforço. É... é... incrivelmente fantástico!

Eles se abraçaram, levados pela euforia do momento. Foi tanto o entusiasmo de Aisha que, desinibidamente, segurou o rosto de Rajmani para beijar seus lábios. Rendendo-se ao prazer de sentir de novo o hálito fresco daquela boca e o roçar de suas línguas, ele calou a voz de sua consciência para entregar-se à iniciativa de sua companheira de trabalho e ex-amante.

Aprisionada entre a parede que ambos haviam levantado e o vigoroso corpo de Rajmani, a doutora Howeid sentiu arder o fogo do desejo e seus beijos se tornaram cada vez mais violentos e desesperados. O arqueólogo, igualmente

febril, sucumbiu à magia do instante, acariciando o corpo da mulher, percorrendo, com as pontas dos dedos, as sinuosas curvas dos seios dela, os mesmos que tanto prazer lhe haviam proporcionado no passado. Com um gesto arrebatado, Rajmani tirou o *hijab* que cobria sua cabeça. Os cabelos da doutora, liberados, exalavam o perfume da *henna*.

Antes que se desse conta, suas mãos haviam erguido a túnica de Aisha até as coxas. Então, ao perceber que a doutora não estava com roupa íntima, o sangue correu velozmente pelas veias de seu corpo.

Preso por um feitiço que atordoava seus sentidos e sua memória, ele a possuiu ali mesmo, entre as ruínas de um império que chegava ao fim. Primero, devagar; depois, com a fúria desenfreada de um amante enlouquecido de paixão. E ao viver o momento mais crucial e vibrante do clímax, entre objetos milenares destruídos pela turbulência dos saqueadores, ele se deu conta de que havia falhado, novamente, com Fathia.

Aisha deve ter intuído seu sentimento de culpa, pois imediatamente sussurrou a seu ouvido:

— Você não me deve nada... nem eu a você.

Em seguida, se separaram. Transcorridos alguns minutos voltaram a se dirigir a palavra. Ambos se sentiam envergonhados e falar do que acontecera só ia piorar a situação.

Foi Rajmani que rompeu o silêncio, depois de levantar e abotoar a calça.

— Se vim vê-la esta noite foi para lhe pedir um favor.

A doutora, sentindo sob a túnica o sêmen de seu amante escorrendo pelas coxas, teve de fazer um esforço para esquecer o prazer que acabava de experimentar para se concentrar no significado daquelas palavras. Mas, antes de mais nada, deu graças a Alá por não ter sofrido, quando era criança, o suplício da ablação, como acontecia em outros países islâmicos de costumes mais rigorosos e intolerantes.

— Você quer que eu lhe faça um favor? — Aisha franziu a testa. — Não sei... diga-me do que se trata e talvez possa ajudá-lo.

— Caso me aconteça algo, alguma desgraça...

— Do que você está falando? — ela o interrompeu, aproximando-se dele.

— Ouça... agora não posso explicar. Mas você precisa confiar em mim.

Embora tivesse certeza de que ele estava ocultando uma informação de vital importância, ela aceitou as condições sem reservas nem perguntas.

— De acordo. Continue...

— Insisto... caso alguém acabe com minha vida, quero que você leve para sua casa as tabuletas de barro que guardei atrás dessa parede na última vez em que estivemos aqui. Lembra?

Ela assentiu, em silêncio. No entanto, a história de Rajmani começava a despertar sua curiosidade.

— Bem... — continuou o arqueólogo. — Assim que estiverem em seu poder e a salvo, espere que Fathia entre em contato com você — ruborizou-se ao pronunciar o nome de sua esposa. — Ela vai lhe explicar tudo.

— Como assim? — exclamou a doutora, surpresa, sem compreender o comportamento estranho de seu companheiro de trabalho.

— Espera, ainda há mais. — Ele sentiu um nó na garganta, pois sabia que o que ia pedir significaria um tremendo sacrifício para a doutora. — Minha esposa necessitará que a ajude a sair do Iraque... ela, minha cunhada e nossos filhos.

— Mas...

Rajmani colocou a mão sobre os lábios da mulher com quem acabara de fazer amor com extraordinária intensidade, fitando-a nos olhos.

— Prometa-me que as ajudará — exigiu, com doçura.

Ela afastou a mão que, suavemente, apertava sua boca.

— Farei isso... — disse, totalmente convencida. — Vou fazer só porque você me pediu. Eu lhe dou minha palavra.

Era só o que Rajmani desejava escutar.

BAGDÁ, 17 de abril de 2003

— Vamos ver se eu entendo... Esse safado já sabia de nosso negócio com Rajmani? — Driss olhava para seu companheiro sem conseguir acreditar na história que ele acabava de contar.

— Isso mesmo — respondeu o inglês, dissimulando seu mau humor. — E não creio que seja o único a saber. Nenhum militar teria essa informação se não fosse avisado previamente pelos serviços de inteligência.

Ambos seguiam na traseira de um caminhão do exército norte-americano, entre caixas de remédios e fardos com alimentos. E tudo graças aos soldados da Companhia Cyclon, que se ofereceram para levá-los ao hotel Palestina, aproveitando que deviam entregar aqueles produtos de primeira necessidade aos membros da Cruz Vermelha Internacional encarregados de distribuí-los à população civil. Essas manobras só podiam ser realizadas à noite: durante o dia, corriam o risco de serem atacados pela insurgência, que estava à espreita de seus movimentos.

— Não me agrada o rumo que o assunto está tomando — refletiu o líbio, em voz alta. — E o que aconteceu depois que ele ameaçou mandar sua cabeça para os ares? Falou com ele sobre nossa oferta?

— O que é que você pensa? Claro que sim! Era a única maneira que eu tinha de sair daquela enrascada. Eu lhe fiz uma proposta que ele não pôde recusar... meio milhão de dólares para nos acompanhar, amanhã, ao museu e por guardar silêncio.

— Portanto... ele aceitou. — O câmara esboçou um amplo sorriso, satisfeito pela decisão tomada pelo tenente Parsons.

— Sim, e isso é o que mais me preocupa.

— A que você se refere? — perguntou Driss.

— Acho estranho que ele tenha aceitado minha oferta sem nenhuma objeção.

— Eu já lhe disse: todo homem tem seu preço.

Rory não estava tão seguro disso. Não confiava no oficial do exército norte-americano.

— Mesmo assim, deveria ter defendido sua honra, ainda que fosse por mera dignidade. Conheço muito bem esse tipo de homem, que vive alardeando o estrito cumprimento do código de honra e todo esse lixo da propaganda militar.

Mas ele apenas ouviu minha proposta, sorriu, baixou sua pistola e me apertou a mão. Não sei... Foi fácil demais, como se tudo estivesse estudado antecipadamente.

— Que diabos acontece com você? Preferia ter acabado em uma sala de interrogatórios?

— Claro que não! Que tremenda bobagem! — Bufou, perdendo a pouca paciência que lhe restava. — Mas qualquer um notaria que esse Parsons esconde um ás na manga.

Driss teve de admitir que a atitude do tenente não era a que se esperava de um oficial do exército aliado.

— Concordo — afirmou, convencido. — Se for assim, o que podemos fazer?

O inglês fixou o olhar perdido no teto de lona do M-35, meditando em silêncio sobre a pergunta do câmara. Depois, voltou a olhar fixamente para o companheiro.

— Não se preocupe... já pensaremos em algo.

BAGDÁ, madrugada de 19 de abril de 2003

Quando todo sinal de violência parecia ter cessado em Bagdá, regressou às ruas o som das AK-47 e dos morteiros iraquianos, bem como dos carros de combate norte-americanos, rodando pelo asfalto de suas amplas avenidas e, ainda, dos helicópteros de ataque Apache, sobrevoando as zonas em conflito. No bairro de Abu Ghraib, ao norte da capital, um grupo de insurgentes sunitas atacara, com lança-granadas, um posto de controle anglo-americano, enquanto no bairro residencial de Al Qasidiya, no sudeste da cidade, as milícias xiitas protestavam contra o exército de coalizão à sua maneira, queimando veículos, disparando para o alto com seus fuzis de assalto e gritando com completa inconformidade sem medo das fortes e duras represálias dos militares norte-americanos. Houve, também, um atentado com carro-bomba diante do hotel Al-Rashid, que deixou quatro mortos e onze feridos. Além disso, um franco-atirador foi morto pelos *marines*, depois de ter abatido dois jovens soldados que faziam guarda na frente do intocável Ministério do Petróleo.

Era o início de uma guerra de guerrilhas que haveria de se prolongar indefinidamente.

A noite estava fria e com um céu de primavera, no qual as estrelas cintilantes do firmamento se confundiam com os sinalizadores que iluminavam os operadores do exército dos Estados Unidos e as balas traçadoras, lançadas dos carros de assalto.

A Companhia A, liderada pelo capitão Wolford, tinha ordens de sair às ruas e realizar uma operação de reconhecimento nas imediações da Universidade Islâmica de Al Mustansiriya, casualmente, muito perto do Museu Arqueológico de Bagdá. Aquilo favorecia os interesses dos repórteres britânicos, os quais, depois de se juntar à Companhia dos Assassinos, foram novamente admitidos como integrantes graças às recomendações do tenente Parsons, que intercedeu em favor deles para que, tal como haviam planejado, pudessem encontrar-se com

Rajmani, diante das portas do Museu Arqueológico de Bagdá. O que obviamente os jornalistas não sabiam é que Jack cumpria ordens diretas do chefe de seu grupo de combate e que sua missão era controlar os movimentos deles até o momento da transação e detê-los, quando o iraquiano lhes entregasse os documentos que tanto haviam chamado a atenção da CIA.

Meia dúzia de Humvees e vários caminhões militares, liderados por dois carros de combate — ambos equipados com GPS, captador térmico de imagens e contador a laser —, que serviam de apoio, seguiram pelas margens do rio de águas negras que serpenteava no meio da cidade, como se quisesse dividir ainda mais a população civil. Na ocasião, o tenente Parsons viajava em último lugar em companhia do cabo O’Connors e dos jornalistas. Na torreta do jipe, no comando da pesada M-2 e com o rosto coberto por uma bandana e óculos de visão noturna, ia o primeiro-sargento Oswald Bonetti, um dos melhores atiradores de seu pelotão.

O frio da noite envolveu a cidade da mesma maneira que o moribundo recebe o gélido abraço da morte. Só o calor da conversa poderia devolver o palpitar de seus corações.

— Sabe, tenente? — o cabo O’Connors se dirigiu ao oficial sem tirar os olhos da rua. — É impossível, para mim, não sentir falta da paz do meu lar, de brincar com meus filhos e de dormir com minha esposa.

— A paz, aqui no Iraque, só existe nos cemitérios onde se amontoam centenas de cadáveres mutilados pela guerra — comentou Driss, rompendo o instante mágico que o norte-americano parecia viver.

Rory, surpreso com a intervenção do companheiro, interferiu para suavizar a tensão que suas deprimentes palavras pudessem ter provocado.

— Em toda guerra há vencidos, tanto de um como do outro lado. Só quem sobrevive tem direito de se considerar vencedor — disse o ruivo.

O tenente se virou para observar seus novos sócios. Ele também tinha algo a dizer.

— Há outras vítimas das quais ninguém se lembra, pelo que vejo.

— Por exemplo? — perguntou Rory.

— As vítimas do terrorismo... homens e mulheres inocentes que morrem nas mãos de inescrupulosos que tratam de impor seus ideais à força... por meio do terror — respondeu Jack.

O ruivo conhecia por alto a história do tenente, graças à indiscrição de alguns soldados. Ouvira dizer que a esposa dele tinha sido uma das vítimas do atentado contra o World Trade Center. Não quis, portanto, dizer nada que pudesse ferir seus sentimentos.

— Sim... acho que você tem razão — concluiu, dando por finda a polêmica.

Parsons recobrou sua posição, olhando fixamente para a rua.

O comboio passou diante de vários edifícios destruídos pelos bombardeios e mísseis de cruzeiro do exército aliado. Na zona leste da cidade puderam observar os reflexos alaranjados dos sinalizadores, bem como escutar o eco dos disparos misturados das M-16 norte-americanas e dos Kalashnikov iraquianos. O confronto parecia ter recrudescido naquela área. Entretanto, eles seguiram pela ponte Al Ahrar, dando as costas ao conflito.

Finalmente, o comboio se deteve diante da Universidade de Al Mustansiriya. Os homens do capitão Wolford, abandonando os caminhões M-35, se dispersaram pelas várias ruelas, depois de formar unidades de reconhecimento: desde o posto de controle da ponte até a estátua de Al-Rusafi.

Jack, em companhia do cabo O'Connors, do primeiro-sargento Bonetti e dos repórteres britânicos, foi até a porta de entrada do Museu Arqueológico de Bagdá, afastando-se dos outros.

O correspondente da BBC World News, depois de se aproximar do tenente Parsons, lhe recordou quais tinham sido as condições de Rajmani.

— Se nosso homem descobre que estamos acompanhados por soldados dos Estados Unidos, não creio que apareça — frisou, em voz baixa.

Jack concordou, com um gesto discreto. Em seguida, virou-se para se reunir a seus homens. Deu a eles certas instruções, que os jornalistas não chegaram a ouvir. Depois, apontou para um grupo de casas que havia do outro lado da rua. Sem discutir a ordem, os soldados se dirigiram ao lugar indicado pelo tenente.

Quando Bonetti e O'Connors já estavam a vários metros de distância, Parsons perguntou aos ingleses:

— Que horas são?

Rory consultou seu relógio digital.

— São 3h42 — respondeu rapidamente.

— Quanto falta para que nosso homem chegue? — insistiu o oficial.

— Uns dezoito minutos.

— Muito bem! — O tenente do exército dos Estados Unidos tirou um pequeno radiotransmissor do bolso da jaqueta e o escondeu sob o colarinho da camisa do inglês. Ele recebera o equipamento de um membro do serviço de inteligência, por solicitação do tenente-coronel DeCamp. — Não o tire em nenhum momento. Desse modo saberei sobre o que conversam, mesmo que não esteja presente ao encontro. E agora... será melhor que entrem no museu até que nosso homem resolva aparecer. Nós ficaremos de guarda, lá dentro, caso haja complicações — indicou a eles, com o olhar, o lugar para onde se dirigiam os soldados de seu pelotão —. Espero que tudo vá bem.

Rory não achou graça nenhuma em ter de levar um microfone. Isso o colocava

em uma situação bastante embaraçosa, caso o iraquiano descobrisse o engano e se negasse a colaborar. Enquanto os norte-americanos estivessem a uns vinte metros escutando sua conversa, dificilmente ele poderia ameaçar seu interlocutor para que dissesse onde estavam os relatórios, caso ele descobrisse que estava sendo enganado.

Mas teve de aceitar a condição do oficial no comando. Não havia espaço para discussão.

— E seus homens? — quis saber o líbio, que não parecia estar de acordo com a presença de soldados diante do lugar do encontro.

— Não se preocupe... Eles só cumprem seu dever. Além disso, nem sequer sabem por que estamos aqui.

Ao terminar a frase, Jack Parsons foi ao encontro de seus subordinados.

— Vamos! — Rory instou seu companheiro a acompanhá-lo. — Lá dentro, estaremos a salvo... — Em seguida, acrescentou em voz baixa: — Não gostaria de ser alcançado pelo disparo de um franco-atirador.

Depois de ultrapassar as portas do museu, derrubadas por pessoas levadas pelo ressentimento e pela cobiça, os repórteres resolveram esperar pela chegada de Rajmani na obscuridade do amplo vestíbulo.

O tempo passava com muita lentidão naquele lugar devastado pela voragem da guerra.

BAGDÁ, madrugada de 19 de abril de 2003

Apesar dos distúrbios existentes na cidade, Rajmani não teve outro jeito senão se entregar à proteção de Alá e, novamente, percorreu as escuras vielas daquele labirinto étnico-religioso que era Bagdá, convertida em um devastador campo de batalha e onde, agora, sobreviver era uma verdadeira aventura. Percorreu o mesmo trajeto da noite anterior, mas dessa vez era diferente. Não muito longe dali era possível escutar o som estridente dos morteiros e das metralhadoras, semeando o terror nas ruas.

Distinguiu, do outro lado do rio Tigre, o resplendor do fogo e as colunas de fumaça que subiam ao firmamento. Como pôde comprovar, a guerra prosseguia mais viva do que nunca em Bagdá.

Depois de pular o muro que circundava uma casa destruída pelos bombardeios, atravessou o jardim até alcançar a rua que se estendia do outro lado do tapume. Ao chegar ali, olhou a avenida, de um lado a outro. Aproveitando a ausência de tropas aliadas, correu o mais que pôde até chegar ao cruzamento onde se erguia a estátua de Al-Rusafi, que havia sido cercada de arame farpado para evitar que a turba enlouquecida terminasse por derrubá-la, como haviam feito com a de Saddam Hussein. Não viu ninguém, embora lhe parecesse ter ouvido vozes de soldados norte-americanos e o eco metálico de seus fuzis de assalto.

Em algum lugar, não muito distante, estava sendo travada uma cruenta batalha.

Olhou seu relógio de pulso. Eram pouco mais de 4 horas, o que indicava que os britânicos deviam estar esperando por ele. Como tudo parecia calmo, pelo menos no trajeto que o separava do museu, esgueirou-se em silêncio até seu antigo lugar de trabalho, protegido pela escuridão da noite.

Sentiu uma profunda decepção ao descobrir que a rua estava completamente vazia: nem sinal dos jornalistas.

Foi se aproximando da porta de entrada do Museu Arqueológico, para esperá-los lá dentro, quando lá do interior veio a voz de um homem que falava com marcado sotaque anglo-saxão.

— Não dê nem mais um passo! — exigiu o britânico. — Se é você, Rajmani, continue com as mãos ao alto. Caso contrário, aconselho que vá embora...

Estamos armados!

O arqueólogo fez o que ele havia pedido. Entrou no vestíbulo com as mãos acima da cabeça.

— Senhor Moore? — perguntou em voz alta, avançando na escuridão.

Driss acendeu sua lanterna e o vestíbulo se iluminou no mesmo instante. Rajmani, olhando para ele de cima a baixo, compreendeu que aquilo que foi dito, de estarem armados, era um falso alarme. O homem havia falado apenas por cautela.

Seus braços desceram, ao constatar que só levavam mesmo uma câmera de televisão.

— Lamento tê-lo assustado, mas não tínhamos certeza de que era você. — O inglês se aproximou, com o objetivo de se apresentar. — Sou Rory Moore, correspondente de guerra da BBC World News, o homem com quem tem falado nas últimas semanas. E ele é Driss Moqtari, meu companheiro de trabalho.

— É um prazer conhecê-los — saudou o iraquiano, aliviado. Apertou a mão deles da maneira ocidental, reforçando o pacto que os unira apesar da distância. — Suponho que trouxeram o recibo da transferência e os vistos britânicos para a viagem à Jordânia.

Rajmani foi direto ao assunto. Era desnecessário permanecer ali por muito tempo. Logo iria amanhecer.

— Sim... estão aqui. — Rory deu uma batidinha no bolso de sua calça. — Mas antes quero saber qual é a notícia que, de acordo com vocês, vale um milhão de dólares.

— Já o avisei de que não entregaria o dossiê até ter certeza de que cumpriu sua parte no acordo.

— A única coisa que lhe peço é que me explique do que se trata — afirmou, friamente. — Trata-se de Saddam? Sabe onde ele está escondido?

O arqueólogo, desconcertado, arqueou as sobrancelhas.

— Mas... por acaso não se lembra? — perguntou, refrescando sua memória. — Já lhe expliquei que o relatório fala de uma confabulação de nível mundial, implicando os homens mais poderosos do planeta.

Rory estreitou os olhos. Até então acreditara que tudo aquilo, a tal conspiração, se tratava de uma isca para despertar seu interesse.

— Nossa! Jamais pensei que essa história fosse verdadeira.

O olhar impassível de Rajmani confirmou como as conjecturas do inglês estavam equivocadas.

— Lamento, mas não tenho o hábito de mentir.

— Então?... — Rory franziu a testa, à espera de uma resposta.

Rajmani caminhou pelo vestíbulo, sentindo sob seus pés os vidros quebrados

das vitrines. Aproximou-se deles, fazendo um sinal para que o seguissem. Não tiveram outro jeito senão aceitar o convite.

Passaram por várias salas saqueadas apenas alguns dias antes, até chegar ao gabinete do arqueólogo. Ali, depois de tirar o pó de umas cadeiras de encosto rusticamente torneado, sentaram-se frente a frente.

Os olhos do iraquiano adquiriram um brilho especial ao reflexo da luz da lanterna. Era como se a emoção de lhes revelar seu segredo o ajudasse a se sentir um pouco mais livre.

— Tudo o que vou lhes dizer é absolutamente certo... é justamente o que vão ler nos relatórios que permanecem enterrados em um lugar deste edifício. Não me perguntem como chegaram a minhas mãos, porque esse detalhe mantereí reservado. Prometi manter no anonimato a pessoa que teve acesso a tal informação. Só o que importa, neste caso, é o conteúdo do dossiê.

— De acordo... — disse o correspondente britânico. — Nada de perguntas indiscretas.

Driss permaneceu em silêncio, como de costume.

— A primeira coisa que devem saber é que dois grandes e endinheirados personagens do Ocidente iniciaram um plano diabólico, há alguns anos, com a única finalidade de apoderar-se do controle de todas as nações do planeta — começou dizendo Rajmani, inclinando seu corpo para a frente. — Tal projeto, baseado em um relatório norte-americano de meados dos anos sessenta, viria a substituir o modelo de sociedade que existe atualmente no mundo, não importa o país em que se viva, por um Estado preponderante de hierarquias: uma classe social decadente que se torne cada vez mais pobre e uma classe social alta disposta a governar sobre o resto dos países. Chamam isso de “A Nova Ordem Mundial”. Em síntese, é uma filosofia baseada no extermínio e na dominação.

— “Para isso, era preciso criar uma necessidade nas massas, um inimigo comum contra quem lutar. A ameaça soviética havia desaparecido, naquela época, e com ela a Guerra Fria e o medo de uma guerra nuclear, razão pela qual tiveram de procurar um novo adversário... e também um novo conflito. Daí que concentraram sua atenção sobre o mundo árabe, uma sociedade oposta à ocidental, cujos cidadãos se vestiam e pensavam de maneira diferente... pessoas que não só representavam um perigo iminente para Israel, o eterno aliado dos Estados Unidos, mas também que possuíam, em abundância, um dos bens mais escassos e preciosos da Terra: o petróleo.

“Foi quando decidiram forjar uma grande mentira e colocar em marcha um plano terrível: invadir o Oriente Médio. Porque a guerra, segundo o critério das pessoas que escreveram o dossiê, é indispensável para o bom funcionamento da economia de suas nações. A gestão bélica constitui, de acordo com a maneira de

ver deles, um elemento rigidamente positivo sobre a ampliação do produto nacional bruto e sobre a produtividade de cada indivíduo. Porém, ainda há mais. Afirmam que a guerra ajudará a assegurar a estabilidade da raça humana, em perigo há muito tempo, devido à superpopulação do planeta, sobretudo no mundo árabe e asiático. Em outras palavras, pretendem levar a cabo uma série entrelaçada de conflitos bélicos, para iniciar a Terceira Guerra Mundial, reduzindo, assim, de maneira considerável, o número de seres humanos que se nutrem economicamente dos resultados finais do conflito... Não lhes parece que a ideia seja tremendamente diabólica?”

— Se é você quem diz... — comentou Moore, que em seguida encolheu os ombros.

— Além disso — continuou o iraquiano —, existem outros propósitos para a execução do tal plano. Do lado político e social, por exemplo, uma guerra global contra o terrorismo envolveria todos os países do Ocidente, de forma direta ou indireta. Eles, que se acham os donos do mundo, pensam se aproveitar do terror que sentem os cidadãos ocidentais do mundo árabe, depois dos atentados do 11 de Setembro, para implantar um rígido método de conduta, semelhante ao que se costuma aplicar no exército com a única finalidade de ir se impondo como poder absoluto na sociedade civil e instaurando a lei marcial e o estado de exceção.

“Ainda que pareça inacreditável seus líderes estão desenvolvendo, às costas de vocês, uma forma sofisticada de escravidão para conquistar o controle social do indivíduo, que, obrigado pelas circunstâncias e pela ignorância, não terá outro remédio senão acatar as leis da Nova Ordem Mundial, ainda mais que lhes dizem que seu modo de vida está sendo ameaçado por um inimigo exterior que deseja destruí-los. Isso haverá de gerar um indestrutível sentido de lealdade para com a nova sociedade e seus valores, sobretudo se a presumível ameaça é de uma magnitude e de um terror sem precedentes, o que outorgará aos Senhores da Guerra um papel decisivo na organização social, e assim terão autoridade para decidir sobre a vida e a morte de todas as pessoas que povoam a Terra, ainda que isso seja em detrimento dos direitos humanos. De fato, foi o que fez o presidente Bush, nos Estados Unidos, ao promulgar a lei USA Patriot¹⁷, semanas depois dos atentados do 11 de Setembro.

— Poderia ser mais explícito? — perguntou o britânico, intrigado com aquela história.

Havia compreendido o significado das palavras de seu interlocutor, mas não era capaz de digerir a mensagem. Não conseguia aceitar que aquilo pudesse ser verdade.

— Como poderá comprovar dentro de alguns minutos, o que esse relatório expressa, com total clareza, é que o governo dos Estados Unidos precisava de

um motivo de peso para iniciar uma guerra de civilizações e que a causa foi encontrada nos atentados contra o World Trade Center... — Um ligeiro sorriso se esboçou no rosto do iraquiano. — Por acaso não entende? Nada do que aconteceu foi real, somente as vítimas e a hecatombe. Tudo estava preparado há anos. Foram eles, os políticos e magnatas que governam os Estados Unidos e o resto do mundo, que planejaram o atentado, assassinando milhares de inocentes apenas para culpar uma célula terrorista chamada Al-Qaeda, que eles mesmos haviam treinado, anos atrás, para ajudá-los a expulsar as tropas soviéticas do Afeganistão. Paradoxal! Não lhes parece?

Os jornalistas se olharam furtivamente, com certo ceticismo.

Aquilo não podia estar certo. Se assim fosse, o governo dos Estados Unidos teria deixado de ser uma nação que defendia até as últimas consequências os direitos democráticos dos seres humanos para se converter em um governo de psicopatas criminosos. Sem dúvida, se Rajmani estava dizendo a verdade, as informações que guardava com tanto zelo em algum lugar do edifício provocariam uma comoção no mundo. E isso, traduzido em lucros, superava em muito o milhão de dólares exigido pelo iraniano. Qualquer governo multiplicaria por dez aquela cifra, sobretudo o norte-americano, que faria todo o possível para ocultar as provas que, supostamente, os relacionava com os atentados.

— Não é minha intenção duvidar de sua palavra, mas um montão de folhas escritas, não se sabe por quem, não é argumento suficiente para difundir uma notícia dessa magnitude. Você tem de entender... Poderia ser o fim de minha carreira! — lembrou Moore com certa ênfase, procurando ocultar sua surpresa ao ouvir as palavras do iraquiano.. — O diretor da rede de televisão para a qual trabalhamos quer provas tangíveis e não teorias delirantes sobre conspirações maquiavélicas.

— Eu tenho essas provas — afirmou Rajmani, dogmático. — Existe um DVD.

— Um DVD?... Que DVD? — Dessa vez foi o líbio que perguntou e o fez inclinando o corpo para a frente, movido pela curiosidade.

O arqueólogo desviou seu olhar para Driss, percebendo certo interesse no tom de voz de quem até aquele momento não havia aberto a boca para falar.

— É uma gravação distribuída pela Al Jazira, um ano depois dos atentados... Nela se pode ver Osama bin Laden nas montanhas do Afeganistão, ameaçando o mundo ocidental com novos ataques terroristas na Europa e nos Estados Unidos — respondeu finalmente. — Na época, quando tive oportunidade de ver o vídeo, chamou minha atenção o fato de que o saudita desviou o olhar, de maneira inconsciente, na direção de vários pontos, fora da câmera. Era como se alguém estivesse ditando suas palavras, enquanto gravava a mensagem. — Sorriu, com

perspicácia. — Só quando pude ver o DVD original, e não o enviado à cadeia de televisão Al Jazira, supostamente pelos líderes da Al-Qaeda, descobri o que tanto chamava a atenção do saudita.

— E daí? — pressionou o britânico.

— Tratava-se de uma montagem. A gravação do vídeo aconteceu, efetivamente, nas montanhas do Afeganistão. Porém, o mais surpreendente do vídeo é que depois do discurso de Osama, dele se aproximam vários soldados paquistaneses e um grupo de ocidentais disfarçados de guerrilheiros afegãos... — Dirigiu a eles um olhar de ironia que, certamente, dizia tudo. — Por sua maneira de agir, deviam pertencer aos serviços de inteligência dos Estados Unidos. E o mais estranho é que entre eles e o terrorista parecia haver um bom entendimento. É o que se deduz da conversa.

— Agentes da CIA? — quis saber o ruivo, tão surpreso como seu interlocutor. — Isso quer dizer que...?

— Sim, isso significa que tudo o que está escrito nesses documentos é correto — acrescentou Rajmani —, embora eu reconheça que ainda não entendo muito bem qual é o papel da Al-Qaeda em toda essa farsa, nem sua relação com o governo dos Estados Unidos.

Foi tão terrível o silêncio que pairou no gabinete do arqueólogo que, por um instante, eles sentiram uma forte pressão em seus cérebros, impedindo-os de raciocinar. O som distante de uma explosão, seguido do matraquear dos fuzis de assalto, os trouxe de volta à crua realidade.

— Vamos! — instou Rajmani, com certa inquietação mal reprimida. — Já lhes disse o que queriam saber. Entreguem-me, agora, os passaportes e o dinheiro e, em troca, os levarei aonde guardo o dossiê e o DVD.

Disposto a continuar com seu plano, Rory se levantou para colocar a mão no bolso de sua calça.

Mas, antes que pudesse tirar os documentos, o tenente Parsons e os dois soldados entraram no gabinete do arqueólogo. O rosto de Jack estava completamente desfigurado e sua M-16 permanecia em posição de tiro. No mesmo instante, o inglês lembrou do microfone que ele o obrigara a esconder no colarinho da camisa.

Se o tenente escutara a história de Rajmani, em relação aos atentados do 11 de Setembro, Parsons tinha motivos pessoais mais que suficientes para se interessar por aqueles relatórios e faria todo o possível para se apropriar deles. O que havia de alterar os planos do ruivo.

O iraquiano amaldiçoou, em voz baixa, sua má sorte.

— Não se preocupe, não vamos prejudicar você. — Jack fez um gesto com a mão, sugerindo ao arqueólogo que mantivesse a calma. — Só lhe peço, em troca,

que me entregue esses documentos.

Rajmani, surpreso, dirigiu um olhar fulminante ao britânico, levantando-se.

— Você me prometeu que viria sozinho! — gritou, sentindo-se enganado. — Acaba de cometer uma besteira imperdoável... Jamais lhe direi onde está escondido o dossiê.

O oficial do exército dos Estados Unidos se colocou diante do iraquiano. Seu olhar duro expressava claramente que não estava para brincadeiras. A uma ordem sua, os soldados apontaram para a cabeça de Rajmani, com seus fuzis de assalto. Ele mesmo também colocou o cano de sua arma na testa do arqueólogo.

— Não sei se me expressei com clareza — sussurrou o tenente Parsons, em tom ameaçador. — Quero que me diga onde oculta esses malditos papéis... ou juro que mando sua cabeça pelos ares sem nenhum tipo de escrúpulo.

Rajmani estava tão assustado que mal conseguia organizar os pensamentos, embora tivesse bem claro que não cogitava romper o juramento levado a cabo sobre o Corão que lhe pedira a doutora Howeid.

Por outro lado, Rory decidiu manter-se à margem, enquanto os norteamericanos assumiam o domínio da situação.

Ninguém notou, porém, o ligeiro deslocamento de Driss, que deslizou a cadeira até se colocar atrás dos militares, deixando sua câmera sobre a mesa do gabinete, para se levantar sorrateiramente. Aproveitando que todos estavam atentos a Rajmani, o líbio sacou uma Glock da cartucheira que ocultava sob a jaqueta sem mangas, de estilo militar.

Sem nenhum aviso nem motivo aparente, disparou à queima-roupa na cabeça do cabo O'Connors, que estava de costas para ele. Parte da massa cinzenta do cérebro dele salpicou o rosto do primeiro-sargento Bonetti, que se virou, em um ato reflexo.

— Mas o que...

Antes que o soldado pudesse reagir, o câmera abriu fogo contra seu rosto, convertendo-o em uma massa informe de carne, ossos e sangue. Desabou ao chão, sobre o corpo de seu companheiro.

Tudo acontecera com tal rapidez que Jack mal teve tempo de virar sua M-16 para o câmera da BBC World News.

— É melhor que não faça nenhuma bobagem! — exclamou o câmera, cravando seu olhar glacial sobre o tenente, que percebeu estar em desvantagem, pois seu oponente apontava a pistola diretamente para sua cabeça, enquanto o cegava com a luz da lanterna.

— Você enlouqueceu? — berrou Moore, dando alguns passos na direção do companheiro.

— Não se mova de onde está! — advertiu Driss, sem tirar os olhos do oficial

norte-americano. — A menos que queira se unir a esses dois... — disse, asperamente. Em seguida, dirigiu-se ao tenente. — Vamos! Largue a arma no chão e se afaste!

Sem se atrever a discutir, Parsons não teve outro jeito senão obedecer.

— Pode-se saber o que está pretendendo? — perguntou, dando uns passos para trás, depois que se desfez de seu fuzil de assalto.

— É inútil explicar... Você jamais acreditaria em mim — respondeu o câmera, com um ar grave.

Como o corpo do tenente se postava entre ele e aquele assassino tão bem treinado, Rajmani tratou de fugir até a porta do gabinete. Ao perceber o movimento, Driss abriu fogo contra ele, ferindo-o no braço esquerdo.

O arqueólogo foi obrigado a parar, tomado pela dor.

Rory, acreditando que seu companheiro pretendia eliminar todos para ficar com o dinheiro que poderia ganhar com a notícia, se lançou sobre ele com o intuito de desarmá-lo, segurando-o, com força, pelos pulsos. Sua iniciativa pegou o outro desprevenido, embora ele tenha tentado, inutilmente, atirar, antes que fosse desarmado.

Durante alguns segundos eles se encararam, ocasião aproveitada pelo tenente para se adiantar, em busca de sua arma.

Entretanto, o líbio deu uma forte cabeçada no repórter britânico, que retrocedeu. Apagou a lanterna, fazendo com que as sombras se apoderassem do gabinete.

Ouviram-se um disparo. Em seguida, o tenente Parsons se agachou para pegar sua arma apalpando em meio à escuridão. Quando a alcançou, disparou em série de um lado a outro, para acabar com a vida do líbio. O incandescente rastilho das balas resplandecia na escuridão, iluminando fugazmente o gabinete. Um lamento ecoou e também passos de alguém que corria pelos corredores do museu.

Segundos depois, um terrível silêncio tomou conta do recinto.

Jack baixou os óculos de visão noturna que estavam em seu capacete. Graças aos raios infravermelhos do visor, viu os cadáveres de seus homens, estendidos no solo em meio a uma poça de sangue, bem como o corpo do jornalista britânico, que tinha várias marcas de projéteis em seu colete à prova de balas, mas também no pescoço e na cabeça... os que acabaram com sua vida.

Mas não encontrou rastro do líbio nem de Rajmani. Ambos haviam fugido.

Sem baixar a guarda e observando cada detalhe do panorama de cor verde esmeralda que tinha diante dos olhos, o tenente abandonou o gabinete para ir atrás deles. Escutou vozes no piso inferior, seguidas de uma nova detonação. Acelerou o passo até chegar ao vestibulo, onde viu o câmera correndo atrás do arqueólogo, que apertava com força o ferimento de seu antebraço.

Parsons levantou seu fuzil de assalto para apontar para as costas de Driss, mas ele se movia de um lado para o outro, tratando de se esquivar, na escuridão, e quase por instinto das vitrines da sala inferior do museu.

Finalmente, disparou sobre seu novo inimigo, mas o projétil, longe de alcançá-lo, deixou uma marca em uma coluna de mármore que havia depois da galeria. Ao ouvir o disparo, Driss resolveu se esconder atrás da pilastra, respirando com dificuldade. Jack abriu fogo novamente, em rajadas, fazendo com que a sala se convertesse em um inferno, em que o cimento e a pedra das paredes iam pelos ares, devido ao impacto das balas. O líbio aproveitou que o tenente havia parado de disparar para correr até a porta. Jack imprecou em voz baixa, porque ele saiu de seu campo de visão.

Foi de novo atrás dele, sem prestar muita atenção no eco das explosões que provinham do exterior e que cada vez pareciam mais próximas.

Segundos depois, o tenente chegava à porta de entrada do museu. Viu como Rajmani corria até o outro lado da rua, seguido pelo câmera. Este se deteve para levantar a pistola com ambas as mãos, para ajustar bem a pontaria. Finalmente, disparou contra o arqueólogo. A bala entrou pelas costas e saiu na altura do coração, provocando um enorme buraco no peito. Caiu de bruços, no solo, morto. Parsons se deslocou alguns passos, até se postar a cerca de dez metros de distância do repórter, mantendo a pontaria de seu fuzil de assalto. Driss se virou, dirigindo a pistola contra ele. Eles se olharam, exaltados, respirando com dificuldade por causa da corrida, mas nenhum dos dois apertou o gatilho. Cada um tratava de descobrir o que o adversário estava pensando.

Estavam tão concentrados em controlar os movimentos um do outro que nem sequer escutaram o silvo de um projétil que se aproximava deles a grande velocidade. Antes que tivessem a chance de raciocinar, a granada explodiu no meio da avenida, diante do Museu Arqueológico. Ambos os corpos foram lançados para trás.

A guerra havia feito duas novas vítimas. Entretanto, seus corações ainda continuavam batendo.

CAMP DOHA (norte do Kuwait), 21 de abril de 2003

Aproveitando que o chefe do ERAH, Jay Garner, voava em direção a Bagdá com a tarefa de assumir a nova administração e conversar com o chefe do Congresso Nacional do Iraque — Ahmad Chalabi — para iniciar o processo de democratização do país, Tim Buwosky viajou ao norte do Kuwait para se inteirar sobre o estado de saúde do homem que se encarregara da tarefa de vigiar os movimentos dos jornalistas britânicos. Depois de conversas por telefone com o tenente-coronel DeCamp, soube que o oficial da Companhia A fora trasladado a Camp Doha, após ser ferido pela onda expansiva de uma granada. Sua intenção era verificar, pessoalmente, se ele estava em condições de lhe contar o que acontecera às portas do Museu Arqueológico, para averiguar a verdadeira causa da morte do funcionário iraquiano e do repórter da BBC World News, os maiores implicados na compra e venda de informação secreta.

Ouvira dizer, também, que junto ao cadáver do jornalista Rory Moore haviam sido encontrados os corpos sem vida de dois soldados da mesma Companhia A, em um dos gabinetes do museu. O fato de terem sido encontradas vítimas dentro e fora do edifício lhe deu o que pensar. Era bastante estranho. Uma cena sem nenhuma lógica. Também havia o fato de que Rajmani tinha sido alvejado pelas costas, além da constatação de que o oficial e o câmara de televisão líbio estavam a pouca distância, um do outro, ambos feridos pela explosão de uma granada lançada pela resistência iraquiana. Do repórter só se sabia que havia sido levado para uma base britânica, no Catar, em estado lamentável.

Assim que chegou ao acampamento norte-americano de Camp Doha, Buwosky foi direto ao hospital militar de campanha e perguntou pelo oficial ferido diante do Museu Arqueológico. Mas, para sua surpresa, um dos doutores lhe disse que o paciente fora trasladado a Washington, D.C., e internado no hospital militar Walter Reed. Fora uma desesperada tentativa para lhe salvar a vida, já que além de estar em coma, ele estava com vários ferimentos graves por todo o corpo, incluindo uma perfuração do baço que provocara uma hemorragia interna a ser estancada com a máxima urgência.

O agente, sabendo que perdera a oportunidade de saber o que ocorrera na

madrugada do dia 19 de abril, imprecou contra sua má sorte, enquanto retornava ao veículo estacionado diante do acampamento.

Apesar de tudo, estava disposto a chegar ao final de sua missão, fosse como fosse.



SEGUNDA PARTE
MERCENÁRIOS
NO IRAQUE

WASHINGTON, D.C. (Estados Unidos), 29 de maio de 2003

Jack Parsons sentiu uma dor pungente no estômago, acompanhada de uma terrível vontade de vomitar, que o acordou do profundo sono em que estava mergulhado havia semanas. Abriu os olhos, exausto, graças a um grande esforço. Imediatamente notou que estava deitado numa cama do que parecia ser um hospital.

“O que estou fazendo aqui?”, foi a primeira coisa que se perguntou, ainda sem saber nem quem era ele mesmo.

Sua mente girava como um tornado: tudo dava voltas a seu redor. Um suor frio umedeceu a pele morna de seu corpo, fazendo com que os lençóis grudassem nele, ficando como o sudário dos mortos antes de serem levados à sepultura. Fez um esforço para manter a calma, para conservar o bom senso. Tentou refletir, mas o esforço foi tão grande que ele ficou esgotado, rendendo-se ao fato de que mal se lembrava do que havia acontecido.

Olhou ao seu redor. Estava em uma sala enorme, onde viu umas vinte camas metálicas alinhadas de um lado a outro das paredes, todas ocupadas por convalescentes que estavam dormindo naquele momento. Em razão da escuridão não pôde distinguir seus rostos, mas o fedor de sangue e ferimentos infectados se espalhava por todos os cantos do hospital e era insuportável.

Fechou os olhos, de novo, vencido pelo cansaço. Mas foi pior ainda.

Apareceram em sua mente vagas imagens de uma guerra que se converteu no pior dos infernos, cenas de destruição, de violência, situações tão terríveis que pareciam desafiar os limites da razão e da consciência humana.

Agitado, por causa da febre, começou a sentir passos ao seu redor, um ciciar de vozes espectrais que lhe contavam, ao ouvido, histórias de morte e dor, ao mesmo tempo que espargiam sobre seu rosto o hálito pútrido de suas bocas. As almas descarnadas dos iraquianos rondavam sua cama, incitando-o a parar de

lutar para se juntar a eles no obscuro abismo de que eram prisioneiros.

Os demônios de sua consciência o fizeram lembrar de coisas terríveis, como as que fora obrigado a viver no Iraque. Visualizou, no recanto mais tenebroso de seu cérebro, um grupo de *marines* norte-americanos decapitando bebês recém-nascidos, enquanto outros violavam brutalmente suas mães. Viu homens inocentes atropelados sob as rodas dos carros de combate ou destroçados em razão dos incessantes bombardeios. Descobriu seus cadáveres apodrecendo nas ruas de Bagdá, envoltos em nuvens de moscas, alimentando-se da carniça. Reconheceu o medo e a raiva nos rostos dos anciãos que eram massacrados pelos combatentes, cujo coração se endurecera a ponto de fossilizar-se, ou na dor dos sobreviventes que choravam sua desgraça sentados sobre os escombros de seus lares.

Havia chegado a hora de avaliar a experiência e julgar se valia mesmo a pena tanta destruição em nome da vingança. “O ódio gera o ódio”, costumava dizer sua mãe, quando ele era criança. Por um instante, a frase ganhou significado para Jack.

Para afastar da memória os horrores da guerra, fez um novo esforço e tratou de averiguar que lugar era aquele onde se encontrava e por que estava caído em uma cama, conectado a um equipamento de remédios a conta-gotas, ligado a seu braço por via intravenosa. A última coisa que conseguia recordar, e mesmo assim com dificuldade, era que o Mercenários no Iraque haviam enviado em uma missão de reconhecimento nas proximidades da Universidade de Al Mustansiriya. Aquele foi o primeiro passo. Em seguida recordou o falso pacto que fizera com o jornalista britânico, bem como a ordem do tenente-coronel DeCamp de vigiá-los de perto — tanto ele como seu companheiro de trabalho, o câmara.

Tão logo se lembrou do câmara, lhe veio à memória o instante em que ambos fizeram o mundo estancar para se olhar fixamente, um segundo depois que o tal Driss assassinara a sangue-frio, e pelas costas, o arqueólogo que afirmava ter escondido no museu uns relatórios que falavam de uma conspiração urdida pelo governo dos Estados Unidos.

O que acontecera, a partir daí? Isso era algo que não conseguia recordar. Ainda que por um momento pensasse ter sido vítima de sua própria indecisão, permitindo que o líbio abrisse fogo antes dele. Se fosse isso mesmo, tinha sido uma sorte que ainda estivesse vivo.

Não! Não tinha certeza de nada! Nem tinha forças para continuar pensando.

Esqueceu por completo de tudo que se relacionasse a armas, guerra e morte; afinal de contas, eram uma coisa só.

Inevitavelmente, devido à febre e ao cansaço, Jack Parsons voltou a

adormecer. A realidade fechou de novo suas portas, deixando-o preso no mundo dos sonhos.

BAGDÁ, 2 de junho de 2003

Desde que o ERAH assumira o governo provisório do país, no final de abril daquele mesmo ano, as coisas haviam mudado consideravelmente na capital do Iraque.

A primeira surpresa foi a visita, a Bagdá, de Lewis Paul Bremer III, em meados de maio, para substituir Jay Garner em suas funções. Bremer e sua equipe da APC¹⁸, com a ajuda das empreiteiras privadas que trabalhavam para o governo norte-americano — como a Betchel, a Halliburton ou a General Electric —, decidiram ampliar o perímetro do luxuoso “bairro de Saddam” até alcançar o Centro de Convenções e o hotel Al-Rashid, fortificando as ruas adjacentes com enormes muros de concreto armado de trinta centímetros de espessura por cinco metros de altura, no alto dos quais esticaram diversos rolos de arame farpado. Assim garantiam sua proteção e privacidade.

Depois de fixar uma fronteira entre o lugar onde sua equipe teria de viver nos próximos meses e a miséria em que viviam os moradores de Bagdá, o vice-rei do Iraque promulgou uma lei para realizar a “desbaasificação” do exército iraquiano e de todos seus agentes de polícia. Tal decreto fez com que centenas de milhares de militares ficassem desempregados, os quais, por causa da fome e do rancor, se viram obrigados a juntar-se aos insurgentes na clandestinidade, criando assim um exército de libertação como nunca antes fora organizado em Bagdá, desde a invasão do país pelos aliados.

Bremer era um homem acostumado a governar sem limitações e não aceitava críticas de ninguém. Suas ordens vinham diretamente da Casa Branca e ele só prestava contas ao presidente Bush.

Os homens de *Jerry* Bremer — como costumavam chamá-lo seus amigos — haviam transformado o Palácio Republicano e seus arredores em uma pequena cidade dentro da própria capital, a que denominaram Zona Verde. Nela viviam os empregados da APC, bem como uma amálgama de pessoas que haviam chegado de todas as partes do mundo. Além das tropas aliadas de ocupação, dentro da Zona Verde viviam os trabalhadores das empresas de serviços contratadas pelo governo norte-americano; os cozinheiros e empregados domésticos procedentes do Paquistão ou da Índia, pagos pela Halliburton; certos empresários que faziam negócios na Europa e nos Estados Unidos e que enxergaram uma oportunidade

única de enriquecer graças ao processo democrático do Iraque; uma coalizão de voluntários dedicada a tarefas humanitárias, composta por australianos, britânicos, espanhóis, poloneses e italianos; os Mercenários no Iraque homens contratados pelas companhias de segurança, como a Dyncorp, a Triple Canopy ou a Blackwater, para fazer as vezes de guarda-costas; havia inclusive iraquianos atuando sob as ordens dos funcionários norte-americanos.

A Zona Verde, depois de várias semanas, acabou se convertendo em réplica exata das típicas cidades do Ocidente. Bastava ver as piscinas do complexo residencial cheias de soldados — homens e mulheres que tomavam sol em roupas de banho e camisas havaianas, recostados em suas espreguiçadeiras, enquanto comiam batatas fritas e bebiam água mineral engarrafada e gelada — para perceber que ali dentro ninguém parecia temer o constante perigo em que poderiam se envolver por causa da guerra, que, apesar do que diziam o presidente dos Estados Unidos e o Pentágono, continuava sendo uma crua realidade.

Como não era permitido ingerir produtos elaborados no Iraque, pelo temor de que pudessem estar envenenados, os alimentos chegavam diariamente do Kuwait, em caminhões escoltados pelas agências de segurança contratadas para o bom funcionamento dos serviços básicos, nas diversas cidades do país. Os que viviam dentro daquele oásis artificial, criado no coração de Bagdá para conveniência dos oficiais e burocratas norte-americanos, podiam degustar o tipo de comida a que estava acostumada a sociedade de consumo de seu país de origem, como cachorros-quentes, pasta de amendoim, a indefectível Coca-Cola, hambúrgueres *etc.* Havia até uma pizzeria, dirigida por um iraquiano que vivera na Itália, onde os soldados faziam fila diariamente. Mais ainda: restaurantes chineses, bazares, quiosques onde era possível comprar telefones móveis e DVDs ou lugares como o PX, uma tenda administrada pelos militares, onde os soldados podiam se abastecer com frituras, sorvetes, chicletes, cereais, ou mesmo comprar camisetas com *slogans* propagandísticos. Na JJ Stores for Arab Photos era possível se deixar fotografar com roupas orientais; alguns soldados as enviavam a seus familiares como se fosse um belo e original souvenir.

A vida na Zona Verde se converteu em ócio e diversão, onde se podia encontrar de tudo, inclusive sexo.

Além das atividades organizadas pela APC, incluindo aulas de dança e ioga, sessões de cinema, visitas aos salões de beleza¹⁹ ou exercícios nos sofisticados ginásios do exército, os homens buscavam uma válvula de escape nos bares noturnos da Zona Verde. Embora os militares fossem proibidos de ingerir bebidas alcoólicas, essa limitação não incluía o pessoal e os funcionários que tinham ido para Bagdá com a missão de criar um governo provisório e ajudar os

iraquianos a reconstruir seu país.

Havia muitos locais que os homens e mulheres podiam frequentar. O mais popular era o bar-discoteca do hotel Al-Rashid. Costumava ficar lotado de jovens no fim do dia. Ali, onde soldados de ambos os sexos dançavam sem inibições, era evidente a necessidade de liberar os instintos sexuais mais primitivos. Mas a coisa se complicava porque a proporção era de dez homens para cada mulher, o que obrigava os rapazes a chamarem atenção das moças, se vestindo de maneira original ou elegante, mas, sobretudo, agindo com cortesia. Havia muitos prostíbulos além dos muros da Zona Verde, mas poucos se arriscavam a perder a vida nas mãos da resistência por causa de um “calor” no meio das pernas.

Comentava-se que fora montado um bordel perto do Palácio das Convenções, mas ninguém sabia exatamente onde se localizava, apenas os *marines* e os garotos do exército dos Estados Unidos, mas eles desmentiam o falatório para garantir sua privacidade. De qualquer forma, nas noites de sábado, as latrinas erguidas pela empresa Halliburton se convertiam em um lugar seguro para os casais que procuravam uma forma de liberar as tensões.

Enquanto isso, fora dos limites da Zona Verde, os iraquianos continuavam sentindo o amargo sabor da derrota, bem como o medo dos contínuos e brutais assassinatos perpetrados pelas facções religiosas. A cidade havia sido dividida em bairros-Estado, devido ao pensamento heterogêneo de seus moradores. A zona oeste ficou nas mãos dos sunitas, que continuavam lutando para defender o pouco que restava do regime baasista. Os bairros do leste e do sul, como Al Sadr e Al Qasidiya, haviam se convertido no bastião dos xiitas, os quais começavam a ouvir as vozes de seus líderes religiosos e se organizavam contra seus eternos inimigos, aqueles que durante tantos anos os haviam oprimido até reduzi-los à pobreza.

Esse era o panorama político e social de Bagdá, semanas depois de Tim Buwosky deixar o Kuwait para dirigir-se à capital iraquiana.

Naquela tarde, o agente da Agência Nacional de Segurança se atreveu a sair da Zona Verde sem nenhum tipo de proteção militar ou privada, apenas com a Beretta que guardava na cartucheira oculta sob sua jaqueta de linho. Pegou emprestado um dos Suburban usados pelos agentes de segurança de Bremer, dizendo aos mercenários que os custodiavam que estava encarregado da missão de se encontrar com a vicediretora do Museu Arqueológico, para avaliar os prejuízos que o edifício sofrera durante o assalto à cidade, bem como para elaborar uma lista dos objetos milenares roubados, algo que, por outro lado, era absolutamente correto.

Enquanto entrava no núcleo principal de Bagdá, Buwosky tratou de

reorganizar mentalmente as perguntas que teria de fazer à doutora Howeid, com quem havia agendado uma reunião, por intermédio do diretor-geral do museu. Ela era a única pista com que contava, já que, segundo se depreendia dos relatórios entregues por funcionários do Ministério de Cultura, a vicediretora e Rajmani eram muito bons amigos e costumavam trabalhar juntos em quase todos os projetos de escavações e restauração.

Outra das presumíveis implicadas era a esposa do arqueólogo, com quem tentou entrar em contato depois que chegou à capital, mas em vão, porque ela fugira de Bagdá levando sua cunhada e os filhos de ambas. Ninguém sabia do paradeiro delas.

Ainda assim, Buwosky esperava que a doutora fosse capaz de lhe proporcionar uma nova pista, capaz de conduzi-lo a esses relatórios secretos, pelos quais quatro pessoas já haviam morrido.

A reunião aconteceu no gabinete da vicediretora, situado no primeiro andar do museu, que começava a recobrar o aspecto que tinha antes da invasão. Buwosky achou que ela era uma mulher inteligente, além de muito atraente e de aspecto jovial, não obstante seus trinta e tantos anos.

Conversaram durante cerca de uma hora sobre os objetos roubados do museu e os poucos que haviam sido recuperados, graças à intervenção da Unesco. A doutora Howeid, sem levar em conta a nacionalidade de seu convidado nem seu suposto cargo na agência, atreveu-se a lhe dizer que suspeitava da extrema meticulosidade de alguns dos saqueadores na hora de escolher as peças arqueológicas de maior valor, acrescentando estranhar que houvessem aumentado os roubos de determinadas obras — de grande valor econômico — nos vários museus do país, depois que o presidente Bush se reunira, em Washington, D.C., com um destacado grupo de comerciantes de arte. Era uma coincidência que dava o que pensar.

Buwosky agiu de forma inteligente, sem se comprometer com uma resposta que pudesse ser inadequada. Ao contrário, mudou o rumo da conversa, para o que realmente o interessava.

— Sabe... — Fitou-a diretamente nos olhos, franzindo a testa. — Há outro motivo pelo qual ousei sair da Zona Verde para vir falar com você. É que preciso de sua ajuda.

Aisha arqueou as finas sobrancelhas, surpresa.

— No que poderia ajudá-lo uma mulher iraquiana, cujo país está nas mãos de seu governo? — perguntou, inclinando ligeiramente o rosto ao mesmo tempo que sorria com alguma relutância.

Buwosky desconsiderou o ácido comentário da doutora.

— Já vai ver... Um jovem, meu amigo, morreu há mais de um mês no interior

deste edifício. O nome dele era Oswald Bonetti, um primeiro-sargento da 3ª Divisão de Infantaria. — O agente usou a informação que recebera de vários membros da CIA, destacados para Bagdá, e que estiveram investigando o caso, por ordem do diretor-geral da “Companhia”. — Foi encontrado morto ao lado de outro Mercenários no Iraque militar, um jovem chamado O’Connors, que era cabo, e um jornalista britânico que...

— Não creio que possa ajudá-lo — interrompeu Aisha, antes que ele continuasse falando dos mortos. — É a primeira vez que ouço esses nomes.

— Espere! Eu ainda não terminei... — Fez um gesto com a mão erguida, para que ela tivesse paciência. — Aquela noite também morreu, em frente do museu, um de seus mais queridos colegas de profissão. Estou me referindo ao arqueólogo Rajmani Jalil Sadun. Suponho que ele, sim, você conhecia.

A doutora apertou com força seus lábios carnudos. Não esperava semelhante comentário. O certo é que ficou muito surpresa com o fato de que aquele funcionário da APC lhe falasse do homem ao qual estivera sentimentalmente ligada durante um ano inteiro.

— Claro que eu o conhecia — respondeu, lacônica.

— Na realidade, minha intenção é realizar algumas averiguações, em nome da família Bonetti. Como já lhe disse antes, uma forte amizade me unia ao jovem Oswald.

Aisha fez um gesto afirmativo com a cabeça, dando a entender que compreendia o empenho dele para saber a verdade sobre o que acontecera.

— A única coisa que seus companheiros de trabalho nos disseram é que ele foi baleado pelas costas — afirmou a vicediretora, com voz glacial, referindo-se à morte de Rajmani. — A razão pela qual ele estava diante das portas do museu naquela hora da madrugada continua sendo um mistério para todos.

— Tentei me colocar em contato com a família do falecido, mas ninguém sabe o que houve com sua mulher e suas filhas. — O norte-americano voltou a olhar para ela de maneira inquisidora. — Chegou a conhecê-las?

De novo, ela sentiu um vazio no estômago. Era como se aquele indivíduo estivesse a par de seus segredos mais íntimos e os utilizasse para conseguir desarmá-la psíquica e moralmente.

— Não... jamais vieram ao museu — respondeu com naturalidade, sem se mostrar esquivada ou nervosa.

— Você sabe se o arqueólogo tinha intenção de se colocar em contato com aqueles homens? Eu me refiro aos jornalistas britânicos e aos soldados norte-americanos. Não sei... talvez tivesse tocado nesse assunto por acaso.

Assim que ouviu a pergunta do funcionário, a doutora soube que ele tentava lhe preparar uma armadilha. Aquele homem não se importava com a espoliação

cultural que seu país havia sofrido, por culpa da guerra. Se estava ali era para investigar o assunto em que andara metido seu ex-amante pouco antes de ser assassinado, e não para avaliar os graves danos ocasionados pelos saqueadores.

Aquilo a deixou em estado de alerta. Tinha de ter cuidado com o que dizia. Ainda que, na realidade, ela não soubesse nada, mesmo, a respeito.

— Jamais falamos de sua vida privada nem tampouco da minha... — Deu um ligeiro sorriso. Então, para reconquistar o terreno perdido e não se deixar levar pelo fio de conversa a que ele a estava obrigando, foi ela que fez uma pergunta incômoda: — Posso saber a que se deve este interrogatório? Não que eu me importe com isso, mas está fora de nosso plano de trabalho. Se não me engano, a APC o enviou aqui para fazer um inventário dos objetos roubados. Não entendo, portanto, a que vem esse repentino interesse por Rajmani.

Sem perder seu característico estilo, Buwosky se apressou em satisfazer a curiosidade dela.

— Vou ser sincero. O pai do primeiro-sargento Bonetti é um general de três estrelas do exército dos Estados Unidos com muita influência no panorama político e militar de meu país, e decidiu fuçar por sua própria conta para saber o que, realmente, aconteceu a seu filho naquela noite — mentiu descaradamente, inclinando o corpo para a frente até apoiar os antebraços na mesa do gabinete da vicediretora. — Depois de solicitar alguns favores a seus amigos de Washington, soube que a CIA havia interceptado uma ligação telefônica entre Rajmani e um correspondente de guerra da BBC World News, Mercenários no Iraque chamado Rory Moore. Seu amigo disse a esse jornalista do Reino Unido que tinha em seu poder certos relatórios de grande relevância política e que estava disposto a negociar uma matéria exclusiva em troca de uma substancial quantia em dinheiro e de uns vistos para que ele, e também os membros de sua família, pudessem viajar para a Jordânia.

“Agora que está morto, e sua mulher e suas filhas em paradeiro desconhecido, muitas pessoas se perguntam o que foi que os levou a marcar um encontro em horário tão inusitado em um lugar tão incomum e conturbado como o Museu Arqueológico, e por que ali estavam um cabo, um sargento e um oficial do exército norte-americano. Assim sendo, se eu suspeitasse, mesmo ligeiramente, que esses relatórios estão escondidos aqui neste edifício, não teria outra saída senão informar a APC, para que viesse revistá-lo de cima a baixo. Entende?”

Aisha se viu encurralada. Não obstante, fez um novo esforço para manter a calma.

— Se é isso que pretende, pode começar quando quiser — disse depois de um instante de dúvida. — Afinal, são vocês que agora governam este país a seu bel-prazer.

— Não será preciso — afirmou Buwosky, que se levantou. — Espero, entretanto, que você aja com bom-senso e entre em contato comigo quando achar que se lembrou de algo que possa me interessar. — Tirou uma caneta esferográfica da jaqueta e escreveu um número de telefone no bloco de notas que havia sobre a mesa. — Eu ficaria eternamente agradecido.

O homem da ANS voltou a sorrir, mas dessa vez seu gesto cordial escondia uma inequívoca ameaça. Sua mensagem não era senão a de cooperação forçada. Caso não aceitasse, Aisha Howeid poderia se ver envolvida em um assunto de terríveis consequências.

Tim Buwosky se despediu, afastando-se com um andar firme e enérgico.

Passados alguns segundos, quando o coração da doutora foi se estabilizando e as pulsações voltaram ao ritmo natural, sua integridade veio abaixo e, impelida pelos nervos, ela começou a chorar. Tanto por recordar a pessoa que a fizera tão feliz no passado, mas também porque estava aterrorizada. Não sabia o que estava acontecendo nem sequer conseguia compreender por que Fathia, a mulher de Rajmani, não entrara em contato com ela depois da morte de seu marido, tal como era de se esperar. Naquela ocasião, atribuiu isso à vergonha de ter de enfrentar a amante de seu esposo. Mas agora, depois daquela conversa tão singular, teve a impressão de que existiam outros motivos para que ela tivesse decidido fugir de Bagdá.

De maneira instintiva, sua mão abriu a principal gaveta de sua escrivaninha. Olhou lá dentro. E ali estavam... as supostas tabuletas de barro da época do Império Acádio, ocultando um estranho segredo que Rajmani havia decidido levar à tumba. Ela sabia que eram falsas. De fato, constituíam uma tosca imitação das originais, notou assim que as olhou.

Havia cumprido a promessa que fizera a Rajmani, resgatando as peças que estavam atrás da parede, depois da morte dele. Mas o pior de tudo, o que mais a desesperava, era não saber para que serviam aquelas vulgares peças de barro cozidas ao sol.

O enigma era incompreensível. Nada tinha sentido para ela.

NORTE DE CHITRAL (Paquistão), 8 de junho de 2003

Omar Sheikh observou os picos nevados que se descortinavam diante de seus olhos. A cordilheira de montanhas Hindu Kush, ligada à do Himalaia, se elevava no final do vale de Chitral como gigantescos guardiões de pedra que estivessem protegendo os limites do fim do mundo. O sol caía direto sobre sua cabeça, derretendo seu cérebro sob o turbante empapado de suor. Não era para menos, uma vez que a temperatura superava os quarenta graus centígrados.

Pensou que tinha de ter cuidado e não se deixar ver demais na área, o que era difícil de conseguir porque o aeroporto estava a poucos quilômetros de distância, bem como diversas casas espalhadas pela encosta, até o centro do vale. Eram centenas de moradias de madeira, separadas umas das outras pelos campos de lavoura.

Viajara ao Afeganistão pela fronteira noroeste, entrando no pequeno país dos Kalash, uma região denominada Cafiristão²⁰ pelos árabes. As pessoas vivam, ainda, as velhas práticas do paganismo, rendendo tributo a ídolos de madeira e barro que representavam diferentes deidades satânicas herdadas de seus ancestrais. Não obstante, alguns *kalashas* iam assiduamente às mesquitas para rezar.

Omar ouvira falar daquela tribo do norte do Paquistão. Dizia-se que eram descendentes das colônias gregas criadas pelo exército macedônio de Alexandre Magno, havia mais de 2.300 anos. Sua cultura pagã, bem como certos aspectos físicos e culturais, indicavam que se tratava de uma raça diferente das demais comunidades muçulmanas da região, porque a cor de sua pele e a de seus cabelos eram muito diferentes das de um povo de origem semita. Além disso, não tinham o costume de cobrir o rosto das mulheres com véus, embora tivessem rituais bárbaros, como manter encerradas todas as jovens e mulheres

menstruadas ou que fossem dar à luz por considerá-las “impuras”. Era obrigatório lavar-se com água dos pés à cabeça e trocar de roupas no ritual de purificação, uma vez transcorridos os seis ou sete dias de reclusão, para que voltassem a seus lares. Mais um indício de suas origens helênicas.

Depois de caminhar muitas horas por desfiladeiros, Omar Sheikh precisou parar à sombra de uma árvore à margem de um afluente do rio Kunar. Tirou o turbante e a mochila para refrescar o rosto naquelas águas frias. Sua pele reagiu de maneira a eriçar os pelos da nuca. Bebeu para saciar a sede. Depois da ablução, Omar se ajoelhou no chão, para entoar suas orações, olhando para o sudoeste — na direção de Meca.

Mal começara a recitar o Corão, quando escutou, ao longe, o som de cascos de cavalo se aproximando, ao norte. Jogou-se depressa ao chão, escondendo-se entre a vegetação. Deslizando como uma serpente, aproximou-se do alforje. Rapidamente, sacou sua Kalashnikov para assumir uma posição de combate, atrás do tronco de uma árvore.

Pela trilha que conduzia aos picos nevados do Tirinch Mir, Omar Sheikh viu três homens, a cavalo, vestidos com calças largas e batas — vestimenta típica das comunidades da montanha. Só reconheceu o cavaleiro que ia na frente. Era Abu Laith al-Libi, chefe do Grupo Líbio de Luta Islâmica e lugar-tenente de Ayman al-Zawahiri, o principal colaborador de Osama bin Laden na luta contra Israel e os países do Ocidente.

Mercenários no Iraque Respirou aliviado ao descobrir que eram os homens com os quais devia mesmo se encontrar e não os agentes a serviço de Musharraf, os quais, obrigados pelo governo norte-americano e pelos agentes da CIA, tinham de rastrear o norte do país, na fronteira com o Afeganistão, em busca dos jiradistas da Al-Qaeda.

Baixando sua arma, levantou-se para que pudessem vê-lo. Abu Laith ergueu a mão, esboçando um amplo sorriso.

— *Salam aleikum*, Omar! — exclamou o chefe dos terroristas líbios, apeando-se.

— *Aleikum salam*, velho amigo! — respondeu, com a mesma efusividade.

Ambos trocaram beijos nas faces. Depois o líbio virou-se para lhe apresentar os que estavam em sua companhia.

— São Madani Khaled, da Argélia — indicou, ‘com a cabeça, um homem barbado de uns trinta anos —’ e Saleh Amhad Ali, recém-chegado do Iraque. Serão nossas escoltas até chegarmos à Fortaleza.

Omar estreitou a mão deles, em seguida bateu suavemente no peito, à altura do coração. Estava entre amigos.

— E agora será melhor que voltemos às montanhas — disse Abu Laith. — O

mulá Omar quer falar com você a sós, antes que você comece a procurar Osama.

Omar Sheikh teve de concordar, embora não achasse nada interessante ficar sozinho com o chefe dos talibãs, um homem frio, inteligente e calculista, cuja presença impunha respeito nem que fosse apenas por seus dois metros de altura e também pelo fato de ter perdido um dos olhos.

— E o Xeique? — Referia-se a Bin Laden. — Por acaso está com ele?

Precisava de toda informação possível para realizar a missão que lhe fora imposta pelos agentes da CIA que operavam no Paquistão.

O líbio estreitou os olhos, pensando bem na resposta que daria.

— Ninguém sabe de seu paradeiro, depois que abandonou Tora-Bora. Acho que não interessa a ninguém, a menos que o propósito seja revelar sua posição aos norte-americanos.

Omar se deu conta de que cometera um grave erro ao formular aquela pergunta de forma tão direta. Deveria ter esperado que eles lhe dissessem onde poderia encontrar o líder do bando terrorista.

Tentou minimizar a importância do comentário de Abu Laith, expressando-se com espontaneidade e sangue-frio.

— Só espero que Alá, o Misericordioso, guie seus passos e reforce sua coragem, protegendo-o de nossos inimigos. Quanto a esses filhos de Satã... — referia-se aos políticos e militares dos Estados Unidos

— conseguiram que o governo paquistanês capitulasse. Sabem que fui eu que enviei dinheiro a Mohamed Atta, enquanto esteve na prisão, razão pela qual pensavam em me executar. E se não fosse por Mahmud Ahmad, e vários outros homens do Serviço de Inteligência Interno simpatizantes do regime talibã, que decidiram em segredo minha libertação do cárcere — mentiu —, possivelmente você jamais voltaria a ver meu rosto ou a escutar minha voz.

— Você não precisa se desculpar — disse Abu Laith. — Só pretendia lembrar a você que não é bom fazer perguntas... e menos ainda quando estiver na presença do mulá Omar.

Omar Sheikh concordou, em silêncio, com um movimento de cabeça. Subiu no lombo do cavalo em que estava sentado o jovem Madani Khaled e todos seguiram em frente, pela trilha pedregosa que levava ao sul dos picos nevados do Tirinch Mir.

Omar cumprira a primeira parte de sua missão: entrar, de novo, em contato com os membros da Al-Qaeda.

WASHINGTON, D.C., 16 de junho de 2003

Naquela manhã, a poucos dias do começo do verão, Jack Parsons recebeu novamente a visita de seu pai e de seu irmão Frederick. Ambos estavam em Washington, D.C., havia cerca de dois meses, desde que ele fora trazido do Kuwait; e não o tinham deixado sozinho em nenhum momento, se revezando.

Depois de quase um ano sem falar com o coronel, Frederick Parsons veio imediatamente quando o pai o chamou, dizendo que seu irmão Jack havia sido ferido, em Bagdá, afastando as diferenças e rancores que, com o tempo, haviam se transformado em feridas não cicatrizadas. Esse muro de arrogância, levantado entre ele e o coronel após uma discussão sobre a política exterior dos Estados Unidos depois do 11 de Setembro, deixou de ter sentido no exato momento em que receberam a ligação do tenente-general McKierman, avisando que Jack estava em coma no hospital Walter Reed. Tudo ficou para trás. Só lhes importava compartilhar suas angústias, bem como a mútua preocupação com o que poderia acontecer ao caçula da família.

Jack era, desde que a esposa do coronel Parsons morrera, a ponte que os unia, o pai ao filho. Se ele os abandonasse para sempre, o cordão umbilical ficaria rompido. Nada voltaria a ser como antes.

— Como você está se sentindo, hoje? — perguntou-lhe o irmão mais velho, que havia deixado crescer o bigode desde a última vez que haviam se visto.

Jack, que mal podia falar de tantos sedativos que tomava para a dor, fez um grande esforço para sorrir.

— Creio que... no Iraque... vivi momentos melhores — sussurrou. — Este lugar... é deprimente.

E tinha razão. O hospital Walter Reed era uma autêntica pocilga. Havia todos os tipos de bichos, fortalecidos pela sujeira reinante. Desde o dia em que fora levado ao hospital, já havia visto ratazanas do tamanho de uma bola de beisebol e baratas tão compridas como o dedo indicador. Não havia ar-condicionado nem calefação, mas enormes rachaduras nas paredes descascadas.. Os militares feridos em combate dormiam em colchões velhos, que deviam ser do tempo da fundação, no começo do século XX. Naquele ambiente tétrico, para onde levavam aqueles que haviam arriscado a vida pela nação em troca de um mísero soldo, não havia pessoal especializado suficiente para atendê-los com dignidade.

O descontrole burocrático, típico de uma república de bananas, obrigava os convalescentes a permanecer sem atendimento durante longos períodos, devido à quantidade de internações diárias: cerca de uma centena de feridos chegava diariamente ao Walter Reed depois de uma breve parada em uma das bases que os Estados Unidos mantinham na Alemanha.

Mesmo assim, eram frequentes as visitas de Donald Rumsfeld e de outros membros do governo à sala dos amputados, onde era costume oferecer palavras de consolo e agradecimento aos que haviam lutado contra o terrorismo. Sempre diante de câmeras de televisão. Os políticos queriam era incentivar o patriotismo e justificar suas ações bélicas diante de milhões de espectadores.

— Você teve uma sorte incrível, rapaz. — O coronel olhou o caçula de um jeito austero. — Os médicos dizem que você está se recuperando bem e que talvez tenha alta em algumas semanas. — Olhou ao redor, onde outros militares se lamentavam pela perda de algum membro. Então, sussurrou: — Sim... acho que teve muita sorte.

Jack sabia disso, porque ouvira dizer que alguns dos mutilados ou desfigurados que tinham recebido alta, não podendo suportar o futuro que os aguardava, haviam dado um tiro na cabeça em um ato de autopiedade.

— Uma grande verdade... senhor.

Jack tinha o hábito de se dirigir a seu pai de acordo com as normas do exército dos Estados Unidos.

— Mas me diga... você conseguiu mostrar àqueles bastardos que nossa nação jamais se dobrará diante das ameaças islâmicas?

Howard Parsons formulou sua pergunta de forma direta, como se estivesse exigindo dele um relatório detalhado de sua missão no Iraque.

— Pode jurar... coronel — sussurrou o convalescente, forçando um sorriso circunstancial.

— Não creio que lhe faça bem pensar nisso — interrompeu Frederick, sentando-se na beira da cama, aos pés de seu irmão. — A única coisa de que deveríamos falar, agora, é de seu futuro. Está pensando em procurar um emprego, quando estiver recuperado? Digo isso porque você poderia me dar uma mão no escritório.

— Agradeço, Fred... mas já tenho outros planos.

— Muito bem, rapaz — frisou o coronel. — Você já cumpriu seu dever para com seu país. De agora em diante, você só deve se preocupar com a recondução de sua vida.

Jack olhou para os dois. Não teve vontade de lhes contar a verdade. Antes de confessar qual eram, na realidade, suas intenções, teria de dividir as forças das duas únicas pessoas que compunham sua família, como se fosse uma estratégia

militar. Seria mais fácil falar com eles separadamente.

Assim, descartando as formalidades castrenses, Jack se dirigiu ao coronel Parsons com mais familiaridade.

— Papai... o senhor poderia nos deixar a sós por alguns minutos?

Howard franziu a testa, surpreso com a pergunta do filho. Mas concordou.

— Estarei lá fora... se precisar — grunhiu.

O empertigado e corpulento coronel se dirigiu à saída com um ar de preocupação. Não gostava de exclusões e menos ainda se fosse com ele.

Quando ficaram a sós, Jack olhou para o irmão mais velho, agradecendo por sua presença junto dele naqueles difíceis momentos.

— Sabe... com o tempo, aprendi que você tinha razão: ninguém deveria julgar seus semelhantes... não sem antes ter ouvido sua versão dos fatos.

Fred achou graça no comentário, próprio de um jurista, não de um militar.

— Pelo que vejo, a explosão não lhe provocou apenas uma perfuração no baço, mas também chacoalhou sua massa encefálica dentro do crânio, devolvendo a você um pouco do bom senso que tinha.

— Estou falando sério... Fred — o tenente falou devagar, sentindo como a secura de sua boca rachava a pele dos lábios. — Não me arrependo de nenhuma de minhas decisões, mas isso não vai mudar o fato de que há argumentos diferentes dos meus. O termo “guerra” é terrível... em toda sua acepção. Não importa de que lado você lute.

— Acabar com a vida de um homem, seja ou não em defesa da liberdade, sempre é motivo de reflexão — parafraseou Frederick, cerrando as pálpebras. — A consciência! Isso é que nos torna diferentes do resto dos animais.

— Posso lhe assegurar que vi coisas que nenhum animal seria capaz de fazer a outro de sua própria espécie.

— Não duvido. Por isso mesmo acho que você deveria deixar para trás os dissabores da guerra.

— Não... não é tão fácil — balbuciou. — Houve inocentes demais.

Fez-se um longo e incômodo silêncio entre os irmãos.

— Por que pediu ao coronel para sair? — Fred rompeu o gelo com uma pergunta obrigatória.

— Precisava falar com você... a sós. — Jack tossiu e, ao fazê-lo, os músculos de seu ventre estenderam as feridas cicatrizadas. Uma careta de dor alterou seu rosto.

— Você está bem? — preocupou-se o advogado, chegando mais perto dele.

— Sim... não é nada... só uma ligeira pontada. Ouça... pedi ao velho para sair porque quero pedir um pequeno favor a você... algo que ele não deve saber.

— Diga do que se trata. Pode confiar em mim.

— Eu sei... você nunca me faltou.

— E então?

— Quero que investigue um assunto... Pode fazer isso?

Fred teve a impressão de que seu irmão caçula se envolvera em algo sujo, embora ignorasse a natureza do problema.

— Tentarei. Mas preciso que você me explique tudo, sem me ocultar nada. Lembre-se... sou advogado.

Jack, apesar da dor, teve de sorrir, diante do que disse o irmão.

— Sinto muito... mas não posso lhe dizer nada, por ora. Mesmo assim, preciso que procure na internet, ou em revistas e jornais, qualquer notícia que se refira a uma possível conspiração política dentro de nosso país e que tenha relação com o que aconteceu no 11 de Setembro.

— Você está falando das especulações e teorias que andam por aí, quanto ao avião que se chocou contra o Pentágono?

Jack arqueou as sobrancelhas, depois de um gesto de surpresa. Não sabia do que ele estava dizendo e deixou isso claro.

— Teorias? — repetiu, perplexo.

— Há quem assegure que o atentado contra as instalações do Pentágono foi uma grosseira montagem de nosso governo. Vi na Fox News.

— Mas, insisto... e o avião?

— Dizem que foi um míssil. E não só isso... Ultimamente estão sendo analisadas as fitas do desabamento dos edifícios do World Trade Center, porque há quem acredite que possam ter sido dinamitados internamente, depois do impacto dos aviões. — Ruborizou-se, ao lembrar a trágica morte de sua cunhada. — Não lhe disse antes, para que você não se preocupasse, mas esse foi um dos motivos pelos quais papai e eu discutimos, um ano atrás.

Jack ficou em silêncio, analisando as palavras do irmão.

— Você seria capaz de reunir toda informação que puder em relação ao caso, sem pressa, enquanto estou convalescendo? — perguntou.

— Conte com isso.

— Agora, por favor... diga ao coronel para entrar. Preciso falar com ele a sós.

— Algo que eu não possa ouvir?

— Você mesmo disse.

Não sabia por que, mas teve a impressão de que seu irmão tinha segredos demais para com os únicos membros de sua família. E aquilo o inquietou.

— Está bem, vou lhe dizer para entrar. Venho vê-lo amanhã.

Agradecendo, Jack se despediu, antes de fechar os olhos. Precisava de uns segundos para descansar. O esforço para falar lhe causava uma terrível dor de estômago.

Mas antes do que desejava, ouviu a voz de seu pai.

— Aqui estou, rapaz.

Jack abriu de novo as pálpebras. Diante dele, viu um homem com os olhos avermelhados por causa das lágrimas. Isso o deixou repleto de satisfação. Por trás da máscara de enérgico e frio militar, seu pai tinha sentimentos, como qualquer outro homem.

— Senhor... nunca lhe pedi nada. Mas agora necessito que me dê toda sua ajuda.

Houve um momento em que o coronel pareceu se encher de puro orgulho.

— Peça o que quiser.

— Quero que encontre uma forma de me enviar para lá de novo... Tenho de voltar ao Iraque quanto antes.

TORA-BORA (Afeganistão), 20 de junho de 2003

Teve uma sensação de *déjà-vu* tão logo entrou na província de Nangarhar. Era como se nunca houvesse saído dali, daquela infinita cordilheira de picos nevados que anos antes tinha sido seu segundo lar e o principal refúgio dos maiores defensores do fundamentalismo islâmico. Regressar, novamente, à Fortaleza trouxe gratas recordações a Omar Sheikh, como o treinamento paramilitar a serviço da causa; uma instrução compartilhada precisamente com os mesmos indivíduos que, depois, continuamente, se esforçariam para dizimá-los.

Muito poucos homens sabiam que a Al-Qaeda — que literalmente significa “A Base” — fizera parte, no passado, de um grupo de resistência antissoviética organizada pela Arábia Saudita e dirigida pela CIA com a finalidade de combater o Exército Vermelho, no Afeganistão, bem como para reduzir a influência do regime teocrático do aiatolá Khomeini no vizinho Irã. O governo dos Estados Unidos criou e deu nome à célula terrorista islâmica — um nome que impõe terror — e também adestrou seus integrantes para que pudessem expulsar de seu país as tropas invasoras da União Soviética. Entretanto, quando o conflito terminou, os Estados Unidos compreenderam, talvez tarde demais, que já não precisavam mais daqueles radicais defensores do islã, que durante anos haviam sido seus aliados, ao intuir que escapava de suas mãos o poder da Al-Qaeda, que se estendia por todo o Oriente Médio, e assim desejavam acabar com o monstro que haviam criado.

Omar conhecia bem a história. Em meados dos anos 1980, Osama bin Laden, um jovem saudita que se graduou em Administração de Empresas na Universidade Rei Abdul Aziz, foi recrutado pelos serviços de inteligência de seu país para tomar parte em um projeto financiado pela CIA, com a única finalidade de encorajar os fundamentalistas islâmicos a embarcar em uma *jihad*²¹ contra as

forças soviéticas de ocupação, nos últimos anos da Guerra Fria. Na época, Osama costumava guardar as informações financeiras da organização na “base” de dados de seu computador; daí que os agentes norte-americanos deram o nome de Al-Qaeda ao grupo terrorista liderado pelo hoje invisível saudita.

Entretanto, depois de desempenhar um papel decisivo nas manobras políticas e militares dos Estados Unidos, tanto no Afeganistão como na Bósnia-Herzegovina, a CIA acreditou que era o momento de eliminar o líder daquele punhado de fanáticos religiosos, ou, caso isso não fosse possível, fazer com que o mundo acreditasse que ele era um perigo para a humanidade, para refrear sua expansão global dentro do mundo árabe.

Ironicamente, eles, os especialistas da “Companhia”, haviam ensinado a ele tudo o que sabia, inclusive como se defender das estratégias militares de uma superpotência e desaparecer sem deixar rastro, depois de perpetrar um ato de terrorismo contra um importante objetivo. Esses foram os motivos que levaram a CIA a liberar Omar Sheikh da prisão paquistanesa onde estava recluso, porque se não fosse com a ajuda de um de seus antigos aliados, seria impossível eliminar o homem forte da Al-Qaeda.

Depois de uma semana e meia de viagem por caminhos agrestes e recônditos, e de enfrentar uma infinidade de cordilheiras nevadas, chegaram finalmente aos montes de Tora-Bora, no nordeste do Afeganistão.

O grupo dos quatro entrou por um estreito desfiladeiro que se abria entre uma fileira de montanhas, aonde mal chegava o sol, mas por onde encanava um forte e gélido vento, capaz de congelar até o último de seus ossos. Deviam estar uns quarenta e cinco quilômetros ao sul de Jalalabad, muito próximo da fronteira com o Paquistão. E isso significava que se encontravam fora da área de atuação dos serviços de inteligência de qualquer nação. Estavam a salvo.

Horas mais tarde, depois de uma breve pausa que aproveitaram para fazer as orações de praxe, chegaram a um talvegue, onde era impossível transitar devido à irregularidade do terreno. Seria difícil continuar a cavalo, razão pela qual desmontaram depois de disparar suas Kalashnikov para o ar. Ao ouvir o sinal combinado, um grupo de homens armados surgiu do nada, no alto do desfiladeiro. Eles carregavam fuzis de assalto e usavam túnicas *shalwar kamiz* de lã cinza e o turbante negro talibã.

— Vamos deixar os cavalos aqui — indicou Abu Laith, com um gesto. — Eles se encarregarão de vir buscá-los.

Omar concordou, pegando sua velha mochila e sua AK-47, da mesma forma que os demais. Em total silêncio, entraram na trilha perigosa, esquivando-se de pedras enormes que, deslocadas ao acaso, convertiam o caminho para cabras em um autêntico inferno.

Depois de subir e descer, por sendas arriscadas, finalmente chegaram à base rochosa de uma longa cadeia de montanhas erodidas. Camuflada sob uma cortina artificial composta por arbustos e matagais, encontrava-se a entrada da Fortaleza, protegida por umas grades que fechavam a passagem para uma enorme caverna. A entrada era suficientemente larga para deixar passar vários veículos por vez.

Do outro lado, meia dúzia de mujahedins armados guardava a entrada e saída dos talibãs. Assim que os viram, abriram a grade, sem pedir que se identificassem. Não era preciso; todos conheciam Abu Laith al-Libi.

Nada mudara desde a última vez que Omar Sheikh andara por aquelas paragens, havia mais de dois anos. A fortaleza secreta do Xeiقة continuava sendo o mesmo *bunker* do passado: um sistema de galerias perfeitamente estruturado que resistiu, no final de 2001, aos devastadores efeitos das chamadas bombas GBU-28 — capazes de atravessar trinta metros de espessura de concreto armado —, lançadas pelos bombardeiros B-27 e B-52 da força aérea dos Estados Unidos sobre as montanhas de Tora-Bora, com o único objetivo de acabar com a vida do terrorista mais perigoso e procurado do mundo.

Em seu interior tudo continuava tal e qual ele havia visto na noite em que partira para se encontrar, em segredo, com um agente da CIA chamado Daniel Pearl — que trabalhava como jornalista —, que jamais aparecera ao encontro em Karachi; o mesmo homem que, segundo a “Companhia”, havia sido executado por ordem dele.

Depois de subir por umas escadas esculpidas na rocha e deixar para trás o recinto de munições e o eixo central das tubulações de ventilação, chegaram a uma caverna imensa, agora convertida em sala de reuniões, lugar que antigamente tinha sido o santuário de Osama bin Laden. Era um aposento frio e úmido, de concreto, sem nenhum móvel, onde havia apenas um varão, estendido de parede a parede, com amplas cortinas de veludo negro que desciam até o chão, dividindo o recinto em dois.

E ali, sentado no chão sobre uma humilde esteira e escoltado por vários mujahedins de confiança e que acariciavam suavemente seus AK-47, os aguardava um homem. Mas não o que Omar esperava.

— *Salam aleikum*, Omar Sheikh — disse o indivíduo de turbante branco e barba espessa, tirando os óculos para limpá-los, em seguida, com uma das amplas mangas de sua túnica de lã. Cumprido seu propósito, voltou a colocá-los sobre o nariz. Seu olhar parecia, agora, mais vivo e penetrante.

Omar respondeu à saudação, sentando-se junto do que fora um de seus antigos colaboradores: Ayman al-Zawahiri, conhecido nos meios de comunicação do Ocidente como Doutor Morte. Abu Laith Mercenários no Iraque e os demais estenderam seus tapetes para sentar-se diante deles, os cinco formando um

círculo.

Ayman al-Zawahiri era o antigo chefe da organização Jihad Islâmica do Egito, que acabou se fundindo ao grupo terrorista Al-Qaeda em 1998. A partir daquele momento, era considerado lugar-tenente de Osama bin Laden, a quem conhecera depois de viajar ao Afeganistão para participar da resistência dos mujahedins à invasão soviética. Pouco depois de unir suas forças às do saudita, ambos emitiram uma *fatwa*²² que denominaram de Frente Islâmica Mundial contra Judeus e Cruzados. Era, inclusive, um dos homens mais procurados pelo governo dos Estados Unidos.

— Me alegra voltar a ver você — Ayman iniciou o diálogo. — Osama costumava dizer que você era um grande combatente e isso foi demonstrado, apesar de ter sido preso.

Ele se referia ao envio dos cem 100 dólares a Mohamed Atta, para financiar os últimos detalhes do atentado contra o World Trade Center.

— Agora que estou de novo em liberdade, meu desejo é seguir lutando lado a lado com meus irmãos... e acabar para sempre com a *Jahiliyya*²³ — respondeu Omar. — Meu país, como o seu, se converteu em uma mera província dos Estados Unidos. Tanto Musharraf como Karzai decidiram sobrepor a política à fé, e concordam em ser os lacaios de Satã. Nossos irmãos estão morrendo no Iraque, e também aqui, no Afeganistão, razão pela qual me sinto obrigado a entregar minha vida à causa e morrer como um mártir... se for necessário. Deus é nossa meta, o Profeta é nosso guia, o Corão é nossa Constituição, a *jihad* é nosso caminho... e morrer pela causa divina, nosso supremo objetivo.

— Lutaria contra seus antigos companheiros do SII? — quis saber Saleh Amhad Ali, que havia abandonado o Iraque menos de dois meses antes, para se unir ao grupo terrorista Al-Qaeda. — Meus irmãos de lá sofrem chantagem dos norte-americanos. — Omar defendeu o triste papel que restara aos paquistaneses. — Fomos ameaçados de morte pelo Pentágono, que nos assegurou que invadiria nosso país caso houvesse uma negativa à colaboração, tal como aconteceu no Iraque. Não obstante, e com isso respondo à sua pergunta, acima deles estão Alá e a *Sharia*²⁴. Como já sabem, o governo dos Estados Unidos pretende que Musharraf me execute pela morte do jornalista; foi por isso que o general Mahmud Amhad, o mesmo que me entregou o dinheiro para Mohamed Atta, decidiu conceder-me a liberdade, em segredo... há alguns meses. Foi sua maneira de me dizer que o SII continua apoiando a causa talibã e a iniciativa da Al-Qaeda. Por isso estou aqui.

Omar Sheikh ficou tentado a perguntar a seu interlocutor onde estava o mulá Omar, chefe dos talibãs, que supostamente devia tê-lo recebido assim que

chegou à Fortaleza. Mas logo recordou a advertência de Abu Laith e decidiu que seria mais prudente guardar silêncio. Logo teria tempo para dirimir suas dúvidas sem levantar suspeitas ou talvez eles mesmos falassem, sem que tivesse de perguntar.

— Como você bem sabe, as três fontes do direito sunita nos obrigam a defender o *Din al haq*²⁵ — lembrou Ayman al-Zawahiri, gravemente. — Lutar contra a modernidade que advoga o laicismo e defender os antigos costumes que prevaleceram em nosso povo, desde a morte do Profeta, podem se converter em um abnegado sacrifício, mas ocultam a mais doce das recompensas.

— Já disse que estou disposto a dar minha vida pelo islã — frisou Omar, reafirmando o que não passava de um blefe de sua parte.

— Gratas palavras — interveio o jovem argelino Madani Khaled, que permanecera em silêncio desde que haviam entrado na Fortaleza —, embora saiba muito bem que você é mais útil para nós vivo que morto... e isso lhe confere certa imunidade.

Omar evitou responder à provocação. Preferiu esperar para ver o que diziam os demais.

— Por que você está procurando o Xeique? — quis saber Ayman al-Zawahiri.

O infiltrado manteve, sem pestanejar, o frio olhar do interlocutor.

— Não se lembra? Há anos, fui o assessor financeiro da Al-Qaeda. Tenho algumas ideias... boas ideias, como abrir uma nova rota de ópio para a Europa e a América do Norte, de maneira a aumentar nossas rendas. Além disso, podemos extorquir empresas árabes que se enriquecem à sombra dos norte-americanos. Devemos incentivar, nas mesquitas, a necessidade de financiar nossa causa, incitando a doação entre os fiéis do mundo inteiro. Essas e outras ideias que eu gostaria de discutir privadamente com Osama.

— O Xeique, cuja saúde piorou, foi embora de Tora-Bora há mais de um ano e meio — sublinhou o egípcio. — Ninguém sabe onde ele se encontra... só eu. E não penso em lhe contar, a menos que me ajude a dirigir uma missão.

Omar franziu a testa. Não gostava de ser pressionado. Já era muito trabalhar sob as ordens da CIA. Mas tinha de aceitar as regras daquele grupo de fanáticos.

— Qual é o objetivo? — perguntou, interessado.

— Uma mulher. É a única coisa que posso lhe dizer... por ora.

— Gostaria de saber quem decidiu isso.

— O mulá Omar e conta com meu apoio.

O paquistanês refletiu por alguns segundos. Pelo visto, Osama já não tomava as decisões.

— Por que ele não veio me receber, se tem tanto interesse?

— Faz alguns dias que ele partiu para Kandahar. Nós, também, teremos que

deixar a Fortaleza em breve. — Os lábios carnudos de Ayman se entreabriram, em uma tentativa de sorrir. — Os norte-americanos chegarão em poucos dias. Alguém delatou nossa posição.

Naquele instante, Omar sentiu como se seu sangue congelasse nas veias. O simples pensamento de que ele pudesse ter sido vítima de uma cilada, por parte da CIA, para que seus próprios companheiros acabassem com ele, fez que se sentisse um idiota. Os jogos de inteligência tinham essa desvantagem: nunca alguém sabia para quem estava trabalhando e, por conseguinte, quem era amigo ou inimigo.

— Quem foi capaz de nos trair? — perguntou, tratando de mascarar seu temor.

Abu Laith trocou olhares com Ayman al-Zawahiri. Este fez um gesto afirmativo. Depois disso, o líbio se levantou e foi até a cortina que dividia a sala. Descerrou-a com um golpe seco, deixando ver um homem que permanecia de joelhos no chão, amordaçado e manietado com os braços atrás das costas. Dois mujahedins vestidos de negro, com o rosto velado até a linha inferior dos olhos, apontavam para a cabeça dele com as Kalashnikov. Diante deles, havia uma mesa de madeira onde estava exposta uma extensa fila de adagas e facas.

Obviamente, Omar deduziu que estava diante do traidor. E agora iam executá-lo na sua presença. Sem dúvida, o que o paquistanês não esperava de jeito nenhum era tomar parte naquele movimento macabro.

— Aí está ele... Djafar al-Mawla — anunciou o lugar-tenente de Bin Laden. — Um traidor de sua fé e de seu povo. Esse é o homem que nos vendeu aos norte-americanos em troca de um punhado de dólares. — Cuspiu, fazendo um gesto de repulsa. Logo indicou a mesa, dirigindo-se a Omar. — Você já sabe o que tem de fazer.

Imediatamente, Omar Sheikh compreendeu qual era seu letal papel. Levantou-se da esteira, para chegar perto do indivíduo de olhos pequenos e costas largas, cuja testa estava empapada de suor, devido ao medo e à angústia.

Os mujahedins se afastaram para dar espaço ao paquistanês, que, depois de pegar o cabo de marfim de uma larga e afiada adaga, postou-se atrás do réu. Este ostentava um olhar sombrio e uma agoniada expressão de terror no rosto; além disso, suava e tremia de frio, enquanto cravava os dentes na mordaca que lhe cruzava a boca. Sabia que ia morrer e isso lhe provocava terríveis espasmos.

Sem tardar, Omar agarrou os cabelos do traidor, que retraiu o corpo em uma última tentativa de sobrevivência. Em seguida, o obrigou a virar o rosto em direção a Meca, enquanto recitava um verso do Corão:

— O combate está prescrito para você! — exclamou, depois, com voz decidida.

Como um hábil açougueiro e seguindo o ritual de degola, Omar introduziu,

brutalmente, a ponta da arma na garganta de sua vítima, bem embaixo da orelha, seccionando as suas cordas vocais para que não pudesse gritar. Com destreza, continuou cortando todo o pescoço até chegar ao outro extremo. O corpo de Djafar, que grunhia como um animal ao sentir que estava se asfixiando, começou a se debater nos braços de seu executor, que acabou por deixá-lo cair no chão.

A vítima continuava tendo convulsões, como um endemonizado, debatendo-se entre a vida e a morte. Ofegava com força, produzindo um som particularmente estranho, semelhante ao ventilar de um fole. O ar escapava pela traqueia e a carótida expelia tal quantidade de sangue que chegou a espirrar no rosto e na túnica do paquistanês. A cabeça do traidor, meio separada do tronco, havia se inclinado ligeiramente para trás. Com certa impaciência, Omar colocou o pé sobre o rosto do moribundo para arrematar o trabalho, habilmente introduzindo seus dedos no ferimento para separar a carne e deixar livre o caminho da lâmina. Isso fez com que um novo jato de sangue atingisse as lentes dos óculos do executor, cegando-o durante uns segundos. Depois de limpar as lentes com a manga da túnica, Omar cortou a base traseira do pescoço e quebrou, com precisão, as cervicais, produzindo um som seco de ossos quebrados. A cabeça de Djafar foi rodando pelo chão até chegar aos pés de Ayman al-Zawahiri.

Omar sorriu com um traço de sadismo diante do grupo de homens que observaram, detidamente, cada um de seus movimentos. Suas mãos, seu rosto e toda sua roupa estavam impregnados de sangue.

Ele se sentia eufórico, satisfeito.

Havia superado com nota alta a prova de readmissão.

BAGDÁ, 10 de julho de 2003

Aisha se levantou com o corpo entorpecido. Havia passado uma noite ruim, debatendo-se entre o suor das altas temperaturas do verão e os truculentos pesadelos que costumavam assaltá-la, tão logo fechava os olhos para dormir. Levando com ela as últimas imagens de um sonho terrível, em que era lentamente engolida pelas areias do deserto, foi refrescar o rosto na pia de cerâmica do banheiro, situado em frente ao quarto. A água lhe devolveu a memória e, com ela, o temor voltou.

Olhou-se no espelho. Havia grandes bolsas em suas pálpebras inferiores, devido ao estresse dos últimos dias, à fome e também às poucas horas de descanso. Não se incomodava com sua aparência; nem sequer tratou de dissimular as olheiras cobrindo-as com maquiagem. Não era seu aspecto físico o que mais a preocupava agora, mas sim não saber em que maldito assunto estava envolvida por culpa de Rajmani.

Pegou a escova com estrutura de prata. Cravando o olhar na pessoa que a observava do outro lado do espelho, a doutora começou a pentear os cabelos de maneira automática, impelida pela necessidade de fazer com que seu mundo interior se movesse adiante, para sair daquele estado de ansiedade que a oprimia havia muitos dias. Tinha de enfrentar o problema, não ignorá-lo. Sua filosofia sempre fora essa. Não obstante, os acontecimentos das últimas duas semanas haviam transformado sua vida em um inferno e nada era igual a antes.

Seis dias depois de conversar com o funcionário da APC, que tinha ido avaliar as perdas do museu, Aisha recebeu uma visita inesperada. Cansado de esperar sua chamada telefônica, Buwosky apareceu uma tarde na casa dela, com um grupo de homens armados. Sem lhe dar uma explicação e com uma hostilidade própria dos sicários, eles começaram a revistar cada uma das gavetas e baús de seu quarto, bem como dos demais cômodos da casa. Sem nenhum pudor, foram jogando sobre a cama seus véus, vestidos e túnicas, inclusive sua roupa interior, sem respeitar sua intimidade feminina. Levaram todos os documentos de seu escritório, por ordem do novo governo provisório, e não lhe ofereceram uma justificativa satisfatória. Também confiscaram seu computador pessoal, bem como seus disquetes e CDs. Verificaram seus talões de cheque, recibos e notas, sem esperar que ela mesma os apresentasse, e isso foi algo que a enfureceu

muito. Estiveram a ponto de levar as tabuletas de barro falsificadas, que encontraram envoltas em um pano dentro de uma arca de madeira, e só não o fizeram porque havia uma mensagem do diretor do Museu Arqueológico, escrita em árabe e em inglês, na qual afirmava que a doutora Howeid tinha autorização para custodiar o objeto, enquanto durasse sua restauração. Não se atreveram a confiscá-las por temer que fossem tachados de ladrões de arte. Nem suspeitaram que aquele aviso fazia referência a outro objeto, que já havia sido devolvido ao museu, e que a doutora havia colocado ali precisamente porque intuiu que a APC pudesse fazer uma revista em sua casa.

Aisha percebeu, então, no momento em que apareceram, que aqueles indivíduos tão bem treinados não eram militares, pois estavam vestidos como civis e demonstravam uma experiência muito superior à dos jovens soldados que atuavam no Iraque. Ainda assim, atuavam como militares e isso a preocupou mais que a violação de seus direitos, pois imediatamente achou que podiam ser agentes da CIA.

Analizou a aparência daqueles homens, fisicamente tão análogos que pareciam bonecos fabricados em série. Usavam óculos de sol com lentes bem escuras e também tinham cavanhaques e bigodes idênticos, recortados com precisão. Dos cinco que entraram pela porta de sua casa, três usavam bonés de beisebol com a viseira para trás e eram sul-americanos. Outro levava um chapéu texano e o último tinha a cabeça raspada e descoberta. Mas todos se vangloriavam de seus músculos, apertados sob as camisetas justas de mangas curtas, e protegiam esses corpos torneados com coletes à prova de balas.

A doutora não sabia que estava diante do novo exército paramilitar dos Estados Unidos: os guardas de segurança da empresa Blackwater.

Sobressaltou-se ao ouvir batidas na porta. Alguém vinha fazer uma visita às 7 horas da manhã. Temeu que fossem eles, de novo: o homem do rabo-de-cavalo e seus esbirros.

Secou o rosto, respirando várias vezes para aliviar a tensão. Abriu a porta e qual não foi sua surpresa ao se deparar com um homem de idade avançada, que jamais vira em sua vida.

— *Aleikum salam!* — saudou-a, de maneira cortês. — Você é a doutora Howeid, Aisha Howeid?

Aisha deu uma olhada no desconhecido. Vestia-se com simplicidade: uma antiga bata cinza e um paletó preto. Seu olho esquerdo estava coberto por uma espessa catarata e sua barba branca era um tanto descuidada, o que lhe dava uma aparência bastante sinistra. Pendendo do ombro, carregava uma sacola de pele de ovelha. Parecia um camponês ou um pastor de cabras, até pelo cheiro que exalava de suas roupas.

— Sim, sou... — falou em voz baixa. — Em que posso ajudá-lo?

Em vez de uma resposta, estendeu o braço para lhe entregar um envelope dobrado, que portava meio escondido em sua mão direita.

— Me pediram que lhe entregasse esta carta — disse.

Ela a pegou timidamente. Olhou-o em busca de uma explicação.

— Voltarei amanhã... à mesma hora — acrescentou o homem.

O desconhecido se virou e caminhou rua abaixo, esquivando-se dos escombros e dos postes de luz derrubados sobre o asfalto.

Temendo que os norte-americanos estivessem escondidos nos arredores para vigiar seus movimentos, Aisha fechou imediatamente a porta.

Com alguma curiosidade e levada por um estranho pressentimento, desabou no sofá enquanto suas mãos, trêmulas como as Mercenários no Iraque folhas de uma árvore fustigada pelo vento, tratavam de abrir o envelope. Tirou lá de dentro uma folha dobrada, que estendeu para ler a mensagem.

Já nos primeiros parágrafos, sentiu um calafrio percorrer todo seu corpo.

Era ela... Fathia, a mulher de Rajmani.

Finalmente, entrava em contato.

NOVA YORK, 23 de julho de 2003

Jack Parsons descobriu, tão logo pôs novamente os pés em casa, que a vida era um círculo vicioso, uma espiral do tempo que o homem percorria sem perceber que estava preso nas redes de uma existência repetitiva e que, por mais que tentasse fugir dos fantasmas do passado, eles sempre regressavam para atormentá-lo com suas recordações. Ainda que, nesse caso, era ele que voltava a enfrentar seus medos, esses monstros da falta de lógica que devoravam, com alguma voracidade, seu juízo e sua vontade.

O regresso ao lar é sempre motivo de alegria, costuma-se dizer. Não obstante, seus sentimentos eram de uma irremediável tristeza.

Perambulou pelos cômodos vazios de seu apartamento, levado pela ânsia sempre presente de encontrar Sharon arrumando a roupa nos armários ou lendo, sentada em sua poltrona favorita, um dos romances de mistérios de que tanto gostava e que costumava comprar na livraria situada no final da Park Avenue. Sua alma se estremeceu, devido ao silêncio que brotava das paredes. Era mais a dor de sua ausência que os ferimentos produzidos em combate; e a solidão que nasceu depois da morte de sua esposa, um terrível inferno que nada tinha a ver com os horrores da guerra.

Mercenários no Iraque Sentiu um gosto amargo na boca, como o que destila o antigo perfume da nostalgia.

Sem querer, se viu preso em um labirinto cuja única saída se achava danificada por um muro de mentiras. Estava completamente desorientado. Não sabia o que pensar nem sequer em quem acreditar. Por um lado, haviam lhe inculcado a ideia de que a guerra contra o terrorismo islâmico era necessária para deter a onda de atentados que a Al-Qaeda pretendia realizar em solo norte-americano. Também lhe haviam dito que Saddam Hussein ocultava um grande arsenal de armas químicas e biológicas, mas a única coisa que encontraram no Iraque foram fábricas de produtos completamente inofensivos, como latas de

conserva, ou centrais elétricas que só geravam algumas horas de luz para o país.

Entretanto, de acordo com a explicação de Rajmani aos jornalistas britânicos, nada do que o governo dos Estados Unidos contara a seus cidadãos era correto, mas sim uma mentira engendrada para confundir a opinião pública. As palavras do arqueólogo que fora morto pelo câmara líbio se referiam a uma confabulação dirigida pelos homens mais poderosos do planeta, de uma farsa urdida pela superpotência do dólar para ter uma desculpa a partir da qual pudesse iniciar uma guerra de lucros. Não sabia se devia ou não acreditar, já que lhe parecia algo tão mirabolante e fantástico como o roteiro de um desses filmes de espionagem produzidos pela todo-poderosa indústria cinematográfica de Hollywood. Mas existia a possibilidade de comprovação, sempre e quando fossem recuperados aqueles relatórios que deveriam estar ocultos em algum lugar do Museu Arqueológico de Bagdá. E se Jack tinha um defeito, era o da teimosia. Não renunciaria a seu propósito de encontrar aqueles documentos.

Para se esquecer de tudo, sentou no sofá da sala e ligou o controle remoto da televisão. A Fox News informava os últimos acontecimentos no Iraque. Mal prestou atenção até que a apresentadora disse que os filhos de Saddam Hussein haviam morrido, depois de oferecer forte resistência armada aos soldados da 101ª Divisão Aerotransportada de Assalto Aéreo do exército dos Estados Unidos, que invadira a casa onde eles estavam refugiados, em Mosul. Aumentou o volume, atento às imagens e comentários.

...Segundo o comandante — chefe das tropas norte-americanas no Iraque, o general Ricardo Sánchez, em uma coletiva de imprensa realizada em Bagdá, os filhos de Saddam Hussein, Uday e Qusay, teriam morrido, depois de um encarniçado confronto ocorrido em al-Falah, ao norte de Mosul. Os homens da 101ª Divisão Aerotransportada, depois de receber um aviso de um cidadão iraquiano, iniciaram a operação disparando contra a residência de Mohamed al-Zaidan, primo do derrubado ditador e chefe da tribo Bu Issa. Ao menos duzentos soldados norte-americanos participaram do ataque, quatro dos quais feridos gravemente. Ao receber a informação, o chefe da Administração Civil norte-americana no Iraque, Paul Bremer, afirmou que, com certeza, aquelas eram boas notícias para o povo iraquiano...

Imediatamente lhe veio à memória o rosto de Mahmet Boukhanfra: o ex-diplomata que encontraram no jardim privado de Uday, alimentando as feras, o mesmo que previu onde iriam se esconder os filhos do ditador, depois de fugir de

Bagdá. Isso significava que a confissão dele estava correta e que havia servido para localizar aqueles criminosos.

Ainda se lembrava, não sem alguma apreensão, da história que Mahmet lhe contara sobre as humilhações que sofreram os membros de sua família. O drama daquele homem só fez avivar de novo seu rancor ao regime de Saddam.

A campainha de seu apartamento soou. Jack se levantou para ver quem podia ser àquela hora da manhã, pois não esperava nenhuma visita. Assim que abriu a porta, seu irmão Fred entrou, de bom humor.

— Alguém me disse que você havia fugido do Walter Reed... e pensei que você devia estar em seu esconderijo secreto.

Jack não teve outro jeito senão sorrir. Decidiu seguir a onda.

— Mas... você sabe que é nojenta a comida naquele hospital?

— Espero que não tenham obrigado você a comer os ratos que corriam embaixo de sua cama! Cara, eram enormes!

Voltaram a rir, agora juntos.

— Entre! — disse Jack.

Fred foi direto para a sala, observando a bonita decoração do apartamento. Descobriu que seu irmão era caprichoso e metódico, e que gostava de cuidar dos detalhes. Tudo estava no lugar certo; o enorme jarro da Indonésia, separando as duas estantes com livros; as cortinas entreabertas, permitindo que só entrasse o sol da manhã; os quadros na parede, com reproduções de Warhol, equidistantes e bem alinhados; as portas que conduziam aos quartos bem fechadas, para preservar a intimidade; o retrato de Sharon sobre uma mesinha de cristal, diante de outra fotografia do casal no jardim da casa do coronel, em Pleasantville.

Com certeza, era o lar de um homem que vivia para suas recordações.

— Eu lhe trago nossas notícias — disse Frederick, acomodando-se no sofá. — Fiz algumas averiguações. Você vai se surpreender com o que... — Parou ao ouvir as palavras da locutora da Fox News, que continuava informando sobre a morte dos números dois e três do célebre baralho dos homens mais procurados do Iraque. — Você viu isso? Os filhos de Saddam caíram!

— Eu sei. Acabo de ver.

Jack sentou na poltrona diante da televisão.

— E o que disseram a respeito? Como foi? — insistiu o advogado, tratando de digerir o impacto que teria no mundo ocidental uma notícia de tal magnitude.

— Estavam em Mosul, na luxuosa mansão de um familiar de Saddam.

Naquele instante aparecia na tela um desenho com a planta da casa onde haviam se refugiado os dois descendentes do ditador. Os pontos vermelhos eram os cadáveres dos iraquianos que haviam perecido no assalto. Havia três no banheiro do andar superior e outro no cômodo ao lado.

A apresentadora continuava informando:

...À primeira hora da manhã, os soldados tomaram posições ao redor da casa. A operação contou com o apoio, integral, de veículos Humvees equipados com metralhadoras de cinquenta milímetros, e por helicópteros de artilharia Kiowa. Um grupo de negociadores tratou de fazê-los sair, exigindo, em árabe, sua rendição imediata. Como resposta, houve uma série de disparos que feriram vários soldados, o que obrigou os oficiais no comando a ordenar um duro ataque contra os sitiados. Uma dezena de mísseis TOW conseguiu acabar com o confronto, depois de várias horas de prolongado tiroteio...

— Sabe o que acho? Isso mais parece uma execução — argumentou o advogado, sempre disposto a defender todo e qualquer indivíduo cujos direitos, como ser humano, tivessem sido desrespeitados. — Se o exército fosse treinado para pensar, eles teriam notado que a fome e a sede, bem como a sensatez e o medo da morte, acabariam obrigando-os a sair por sua própria conta, em algumas horas. Na realidade, não teriam alternativa. Era só uma questão de método... e de ética.

— Você, que tanto defende a justiça, deveria primeiro conhecer as atrocidades que fizeram esses loucos. — Havia certa censura no tom da voz de Jack. — Os curdos, por exemplo, sofreram durante anos flagelo de Saddam Hussein e de seu filho Qusay. Este último, só ao longo de 1983, mandou assassinar mais de 8 mil inocentes, e, quatro anos depois, na chamada Operação Anfal, cerca de 100 mil. Muitos foram exterminados com armas químicas e entre eles havia crianças, mulheres e anciãos, como aconteceu na cidade de Halabja, onde executaram mais de 5 mil curdos em poucos dias e feriram outros 10 mil. Uma completa matança.

Fred guardou silêncio. Ouvira falar do extermínio de curdos nas regiões do norte do Iraque, mas nunca nesses termos.

— E o que dizer do irmão mais velho, Uday? — Jack, que escutara, em primeira mão, as atrocidades dos filhos de Saddam Hussein, estava disposto a conduzir a conversa para o caminho do debate. — Sabia que o chefe dos fedains, amparado por uma lei promulgada por seu pai, o *Raïs*, realizava amputações de língua, orelhas e outras partes do corpo, na grande maioria de delinquentes comuns, no Iraque? E quanto às mulheres que eram sequestradas pelos guardacostas de Uday, para, em seguida, serem violadas e torturadas com crueldade? Nunca ouviu falar das perfurações de mãos com brocas elétricas, dos maçaricos, dos banhos de ácido que utilizavam para arrancar confissões das pessoas

suspeitas de traição ao regime? Não... você não ouviu, como eu, o triste relato de um homem de quem roubaram as duas filhas, de doze e catorze anos, para convertê-las em escravas sexuais, e que depois teve de testemunhar quando violaram, torturaram e assassinaram sua esposa, e tudo pelo simples fato de ter pedido justiça... — Pegou o controle remoto para desligar a televisão. — Esse é outro dos motivos pelos quais fomos ao Iraque... para tirá-los daquele inferno a que estavam submetidos.

O advogado, aceitando as razões do caçula, não quis contrariá-lo e decidiu mudar o rumo da conversa. Mas continuava pensando que a situação dos iraquianos não mudara de jeito nenhum. A guerra podia ser tão terrível e devastadora como a própria família do tirano derrubado.

— Vamos esquecer os filhos de Saddam e falemos das perguntas sem resposta que existem em relação aos atentados do 11 de Setembro — aconselhou Frederick. — Não foi isso que você me pediu?

Jack assentiu, percebendo que não era o melhor momento para discutir. Precisava escutar o que ele tinha a lhe dizer.

— Desculpe, você tem razão — sorriu com ligeiro embaraço. — Por favor, continue.

Fred afrouxou a gravata, inclinando o corpo para a frente.

— Bem, como já comentei, há quem sustente a teoria de que o governo de nosso país está intimamente relacionado com as ações terroristas levadas a cabo contra o World Trade Center e o Pentágono. E mais: suspeitam que fomos nós, ou melhor, nossos agentes do serviço de inteligência, que ajudaram logística e economicamente os terroristas responsáveis pelos atentados. Posso enumerar mais de cem razões que podem validar essa afirmação tão disparatada.

— Por exemplo?

— Baseando-me em fatos reais, não em hipóteses, e evitando a análise dos vídeos do desmoronamento dos edifícios, em que se observam estranhas denotações em determinados ângulos, enquanto as torres vão caindo, posso lhe assegurar que há vários detalhes que me chamaram muito a atenção.

“Por exemplo, o fato de que é a primeira vez, na história, que um incêndio provoca o desabamento total de um edifício com estrutura de aço. Além disso, caso tenha acontecido assim mesmo, por que caiu em primeiro lugar a torre sul, que recebeu o impacto depois que a torre norte foi atacada e seu incêndio foi de menos envergadura? E por que aconteceu o mesmo com o chamado edifício número sete, se nem sequer chegaram a atentar contra ele? Outro ponto obscuro é que os restos de aço desenterrados dos escombros foram rapidamente enviados ao estrangeiro por via marítima, antes que pudessem ser analisados pelos peritos norte-americanos. Além disso, o diretor da empresa encarregada de zelar pela

segurança do World Trade Center não era outro senão Marvin Bush... O que você acha? É irmão do presidente da nação.

Jack, atônito, ficou de olhos arregalados.

— Em segundo lugar — prosseguiu seu irmão—, a comissão estatal que cuidou do caso omitiu diversas provas, como o fato de que seis dos supostos terroristas que faleceram nos aviões continuam tão vivos como nós, o que demonstra que não estavam a bordo da aeronave. Estranho, não é verdade? — O tenente do exército dos Estados Unidos confirmou com a cabeça duas vezes. — Também é difícil explicar por que o NORAD²⁶ deixou passar tanto tempo, desde os sequestros dos aviões, antes de colocar em marcha um plano de defesa aérea, ou por que o presidente Bush continuou no colégio de Sarasota depois de ser informado dos atentados, quando segundo o procedimento a seguir deveriam tê-lo tirado de lá imediatamente. Ao contrário, quando finalmente decidiram levar o presidente ao Air Force One, nem sequer providenciaram uma escolta aérea que o protegesse de um possível ataque, o que evidencia sua tranquilidade suspeita. Da mesma forma, não está claro o que ocorreu no Pentágono, pois é certo que os danos sofridos e o buraco aberto nas paredes de concreto são bem menores do que poderiam ter sido se provocados por um avião comercial de grande porte. Há quem diga que só um míssil poderia ter voado tão baixo, esquivando-se dos obstáculos nas cercanias. E o correto é que foi provado, cientificamente, que um avião comercial não poderia realizar uma manobra daquelas em tão baixa altitude.

“Mas ainda há mais... — insistiu o irmão de Jack, franzindo profundamente a testa. — Um dia antes do histórico atentado, Osama bin Laden recebeu tratamento médico em um hospital de Rawalpindi, no Paquistão, onde se reuniu com agentes da CIA e do SII. Há quem afirme que foi em um hospital de Dubai, daí que esse ponto não está muito claro. Entretanto, o que é rigorosamente certo é que Mahmud Ahmad, chefe dos serviços de inteligência paquistaneses, o homem que permitiu que um terrorista islâmico enviasse, da prisão, 100 mil dólares a Mohamed Atta, reuniu-se, em Washington, D.C., com George Tenet, diretor da CIA... e isso aconteceu poucos dias antes do 11 de Setembro.

— Continue — pediu o oficial do exército.

— Pelo visto — assinalou o intelectual —, parece que todo mundo conhecia o fato de que haveria um atentado em Nova York, menos os próprios norte-americanos. Uma das indicações é que, casualmente, mais de 2 mil judeus não foram trabalhar nos escritórios do World Trade Center, no dia dos atentados... — Limpou a garganta. — Inclusive John Ashcroft, secretário de Justiça, foi avisado de que não deveria voar em aviões comerciais nos dias anteriores ao 11 de Setembro. E isso não é tudo: os serviços de inteligência de vários países

europeus, bem como da Rússia e de Israel, advertiram com muita antecedência o governo de nosso país da possibilidade de um atentado terrorista utilizando aviões como veículos de destruição... Em suma, judeus, russos e árabes sabiam, inclusive a CIA e o FBI... Pelo amor de Deus! — exclamou Fred, irritado. — Será que estamos cegos?

Jack, que havia escutado com extraordinária atenção, a princípio não deu crédito às palavras de seu irmão. Mas depois de refletir em profundidade, começou a pensar como ele. Havia muitas peças faltando naquele incrível quebra-cabeças.

— Só sei de uma coisa — disse finalmente, e suas palavras escondiam certa tristeza quanto à data legendaria. — Eu antes estava cego... e agora enxergo²⁷.

BAGDÁ, 6 de agosto de 2003

Buwosky soube da notícia na primeira hora da manhã, quando, em Bagdá, o canal da televisão Al-Iraqiyya — supervisionado pelo STRATCOMM²⁸ — revelou uma informação de grande interesse para a comunidade cultural: a vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá, com a ajuda do falecido Rajmani Jalil Sadun, escondera milhares de peças arqueológicas nos porões do edifício, atrás de várias paredes de tijolos, com o firme propósito de evitar sua espoliação ou deterioração, preservando-as dos efeitos catastróficos da guerra. Os objetos tinham sido recuperados havia mais de um mês, mas os responsáveis pela instituição se abstiveram de informar os meios de comunicação até estarem seguros de que não sofreriam novos ataques por parte dos saqueadores. E esse foi um detalhe que, obviamente, não passou em branca nuvem para um sujeito tão sagaz como Tim Buwosky. Sua mente não parava de pensar na possibilidade de que ambos tivessem ocultado os documentos e o DVD nos porões do museu. Se assim fosse, eles estariam em poder da vicediretora ou de algum de seus ajudantes.

A primeira coisa que fez foi entrar em contato com Daniel Senior, diretor do Escritório de Relações Públicas da APC, para lhe pedir, em nome do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, uma nova autorização para revistar a casa da doutora Howeid, bem como o próprio Museu Arqueológico, com a desculpa de que buscava provas que a implicassem com o serviço secreto do antigo governo do ditador; supostamente, o edifício escondia certos documentos referentes à localização exata das alardeadas armas de destruição em massa escondidas em território iraquiano talvez em alguma das escavações arqueológicas financiadas pelo próprio museu.

Embora a APC estivesse bastante ocupada com a reorganização dos diversos ministérios iraquianos, e também empenhada em se defender da *fatwa* emitida pelo aiatolá Ali al-Sistani contra o recém-nomeado Conselho de Governo do Iraque, Senior concedeu luz verde a Buwosky para que revistasse em profundidade o Museu Arqueológico, bem como a residência da doutora Howeid. Mas qual não foi sua surpresa ao descobrir que a doutora havia desaparecido de sua casa.

Ela, tal como a esposa de Rajmani, tinha decidido se esconder por algum

estranho motivo, que devia estar relacionado com a informação secreta guardada naquele dossiê, pelo qual já haviam morrido quatro pessoas. Estava seguro disso. O certo é que ia ser bem difícil averiguar seu paradeiro, de maneira que lamentou não tê-la detido para um interrogatório, privadamente, quando teve ocasião de fazê-lo.

Buwosky estava hospedado no hotel Al-Rashid. Ele, como o restante dos membros da APC, se sentia protegido dentro dos muros da Zona Verde. Sair dali sem escolta poderia ser considerado um autêntico suicídio. Por outro lado, Feith o proibira de falar com o pessoal da “Companhia”, até que a AID analisasse a informação contida no dossiê.

Então, quais seriam suas possibilidades de encontrar ambas as mulheres, ou mesmo uma só, se não podia ultrapassar a Porta dos Assassinos sem que estivesse arriscando sua própria vida?

Teve de admitir que, no momento, havia fracassado em sua missão de averiguar a verdade sobre as chamadas telefônicas entre o jornalista e o arqueólogo. Ia ter de solicitar ajuda do subsecretário de Defesa. Feith saberia o que fazer.

Enquanto isso, continuaria com a tarefa que lhe fora imposta: promover Ahmed Chalabi como futuro presidente do Iraque, e informar todos os movimentos dos homens enviados pelo Departamento de Estado.

NAJAF, 8 de agosto de 2003

— Diga... Você estava apaixonada por ele?

A pergunta de Fathia fez com que ela corasse. Não a esperava, não depois de quase um mês convivendo com ela e seus filhos em uma velha casa, situada em frente à mesquita onde ficava o sepulcro do imame Ali Abu Talib; um mês de reprimido silêncio e de interrogações sem resposta.

— Sim, estava — admitiu Aisha, sem duvidar nem um instante de seu amor por Rajmani. — E creio que continuarei estando pelo resto de minha vida.

— Entendo. Eu também sinto a mesma coisa — sussurrou a viúva do arqueólogo.

Fazia apenas alguns minutos que o sol desaparecera no horizonte. A noite começava a tragar as cores e as formas dos objetos distribuídos por toda a cozinha. Estavam sentadas, uma diante da outra. Fathia, apoiada na mesa, arredondava com a palma da mão a massa para as tortas de gergelim e mel que havia prometido a suas filhas. Aisha se limitava a guardar silêncio, perguntando-se o que fazia ali, com a viúva de seu ex-amante só porque ele pedira, quando deveria ter sepultado essa parte de sua vida para continuar com seu trabalho habitual, em Bagdá. Mas algo a impedia, talvez o compromisso assumido no dia em que prometera a Rajmani ajudar sua família a sair do país, ou talvez a curiosidade que tinha para saber que estranho mistério se ocultava atrás daquelas tabuletas de barro cozido ao sol.

— Eu lhe perguntei tão logo cheguei a Najaf e naquele momento você me disse que a resposta viria a seu tempo — começou a doutora. — Agora preciso voltar a fazê-la... O que estou fazendo aqui? E como posso ajudar vocês, se não me conta a verdade?

Fathia largou o que estava fazendo para prestar atenção na interlocutora.

— Se está aqui, na casa de meu pai, é porque precisamos de você... e você necessita de nós. O resto saberá quando Rashida der à luz e passem os primeiros meses de amamentação. Só então estaremos preparadas para sair do Iraque.

Rashida vivia com elas, mas naquele momento estava descansando no cômodo que haviam lhe destinado, junto com seus filhos.

— Pode me dizer o que acontecerá depois desse período? — quis saber a vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá.

— Você voltará à capital para tentar vender determinada informação a uma cadeia de televisão estrangeira, da mesma forma que quis fazer meu marido, em troca de uma grande quantia em dinheiro e vistos que nos permitam fugir para a Jordânia.

Ela já ouvira aquilo uma dúzia de vezes, desde que decidira abandonar sua casa para se refugiar em uma velha residência, no centro de Najaf, com a mulher que mais tinha motivos para odiá-la. E já começava a se cansar de tanto sigilo.

— Você deveria me dizer de que informação se trata... Tem algo a ver com as tabuletas que entreguei a você, assim que cheguei? — insistiu.

— Meu marido não lhe disse?

— Não... — titubeou a doutora. — Só me disse que você entraria em contato comigo e que eu deveria ajudá-la a escapar do Iraque.

— Pois se ele não quis lhe dizer, não serei eu a falar. Você não tem alternativa.

— Você se engana! — exclamou Aisha. — Tenho escolha, sim, e posso resolver ir embora e esquecer a promessa que fiz a Rajmani.

— Conseguiu fazer com que suas palavras soassem ameaçadoras.

Era grande a indignação que lhe provocava estar na presença daquela mulher.

— Não... você não vai fazer isso — argumentou a viúva.

— Por que está tão segura?

— Porque você sabe demais, como nós duas — disse, referindo-se também a Rashida. — Todos nós, que nos mantivemos próximos de Rajmani, nos últimos dias de sua vida, estamos sob o olhar atento dos serviços de inteligência dos Estados Unidos. Nossas vidas correm perigo.

— Eu não fiz nada de mal — alegou Aisha, tentando se desvincular daquele assunto.

— Nem eu, tampouco — acrescentou Fathia. — Mas isso não vai evitar que acabem conosco, se com isso eles conseguirem salvaguardar seu segredo.

— Que segredo? — interessou-se a ex-amante levada pela curiosidade, mas também farta de tantas divagações.

— Não insista; não pretendo contar.

Aisha mordeu a língua. Aquela mulher a tirava do sério. Impelida por um arroubo de altivez, decidiu que já era hora de ir à revanche.

— Em certa ocasião, Rajmani jurou que me amava — assegurou, azeda, tratando de acertar um duro golpe nos sentimentos de Fathia.

Houve um profundo e longo silêncio, que se espalhou por toda a casa.

— Eu sei... — respondeu, finalmente, sua anfitriã, sem parar de arredondar a massa — mas não tanto quanto amava sua família.

Com imensa dor em sua alma, Aisha teve de lhe dar razão.

MOYOCK (Estados Unidos), 9 de setembro de 2003.

Quando o carro dirigido pelo coronel Parsons dobrou a última esquina da ampla via, Jack pôde ver com clareza as sofisticadas e modernas edificações dos campos de treinamento da Blackwater. Diante deles se erguia o prédio principal, onde se localizavam as classes, o restaurante, o arsenal, as salas de conferência, os escritórios e as lojas. À direita ficavam as residências para os internos e a casa das táticas, e, do outro lado, um pouco mais afastada, a zona destinada a limpar as armas. Todos os homens, que caminhavam de um lado para outro nos campos de tiro, se vestiam de preto e ostentavam um distintivo bordado na parte superior esquerda de suas camisetas, com o desenho de umas garras de urso — o emblema da Blackwater.

Jack soube, tão logo os viu, que a maioria daqueles “sujeitos durões” era formada por antigos membros do SEAL²⁹ ou ex-agentes da SWAT³⁰, homens com uma preparação especial para enfrentar situações desesperadas, como também sabia, porque o coronel lhe dissera, que o complexo de treinamento criado e dirigido por Erik Prince estava situado sobre lodaçal de águas negras — daí o nome Blackwater.

Erguer as instalações em um lugar tão agreste e desolador como era aquele pântano cumpria uma função meramente estratégica: encontravam-se a meia hora da maior base naval do mundo, a de Norfolk, e bem perto do núcleo dos serviços secretos de inteligência e da Polícia Federal dos Estados Unidos, o FBI. Logo deixou de ser um campo de tiro para os apreciadores de armas, para se converter em lugar obrigatório de reunião das forças militares e policiais de todo o país.

Ali havia diferentes tipos de armas, de pistolas automáticas a metralhadoras, passando por fuzis de assalto de grande precisão. Vinham indivíduos de todas as

cidades dos Estados Unidos para treinar com os melhores homens e as mais sofisticadas instalações de tiro, que superavam, em qualidade e diversificação, as que o exército norte-americano possuía. Havia diversos cenários de treinamento, como, por exemplo, regiões urbanas construídas com fachadas de casas de papelão ou enormes lagos artificiais para exercícios de água e terra.

Aquela empresa era pioneira em seu segmento, única no mundo.

— Você tem certeza do que vai fazer? — perguntou o coronel, olhando fixamente para seu filho.

Jack concordou com um ligeiro movimento de cabeça. Havia tomado uma firme decisão, razão pela qual não pensava voltar atrás.

— Concordo... — Não sem alguma preocupação, seu pai aprovou a iniciativa. — Se você está determinado, falaremos com Gary Jackson, o presidente da Blackwater. Agora você o conhecerá. — Sorriu. — É um sujeito enérgico... um ex-SEAL. Não confie nele — aconselhou. Então, pensando bem, acrescentou: — É melhor que não confie em ninguém.

O coronel estacionou seu automóvel em uma das vagas que havia diante do edifício principal. Antes de descer, Jack colocou a mão no ombro de seu pai.

— Você passou a vida inteira me dizendo que o mais importante na existência de um cidadão norte-americano é lutar por seu país. Por que, agora, repele a ideia de que eu regresse ao Iraque?

— Boa pergunta... — avaliou o militar aposentado, tentando encontrar uma resposta que satisfizesse a ambos. — Talvez seja só o temor de um pai perder seu filho.

— Isso você já sabia quando me alistei no exército. Um soldado tem a morte como companheira. Foi o que você me disse há muitos anos, quando eu era criança.

— Você já escapou das garras dela uma vez — lembrou, fitando-o com frieza, como se repudiasse aquele comentário. — Não provoque a sorte — concluiu, finalmente.

Abriu a porta do carro para sair. Jack teve de segui-lo, embora preferisse ficar conversando com ele. O fato de que ele estivesse preocupado com sua segurança confirmou sua teoria de que por trás daquela fachada de homem frio e austero, o coronel conservava o sentido atávico de proteção que todo bom pai tem para com seus filhos.

— Se ajuda, digo que faço isso porque tenho de concluir um trabalho que inicie em Bagdá.

Com essas últimas palavras, Jack quis dar a entender a seu pai que havia outros motivos, além do patriotismo, para regressar àquele inferno.

Howard Parsons teve de reconhecer que seu filho herdara sua valentia, bem

como a teimosia de sua esposa falecida. Quanto ao assunto pendente na capital iraquiana, sabia muito bem quão reservado podia ser seu pequeno Jack. Daí que não se decidiu a perguntar a ele o que era tão importante para que estivesse disposto arriscar a vida, porque ele jamais lhe diria.

No interior do principal edifício da Blackwater, uma secretária lhes indicou o gabinete de Gary Jackson, que dirigia a empresa na ausência de Erik Prince. Depois de agradecer, ambos se dirigiram a um amplo corredor com paredes de concreto e vidro blindado. No final, encontraram a porta do escritório do homem que procuravam.

Jackson era um sujeito muito comunicativo. Falava sem parar, repetindo como era necessário que o país tivesse lugares como aquele, com um novo enfoque à formação militar do exército norte-americano e à das empresas de segurança estatais e privadas. Depois de informar quais eram os requisitos para ser admitido, dispôs-se a lhes mostrar o complexo de treinamento da Blackwater, o mais reconhecido do mundo.

Levou-os à área destinada às visitas, como o salão de taxidermia. Ali, os animais dissecados contavam aos visitantes, de maneira surpreendente, velhas histórias de caçadores. O mecanismo de alto-falante introduzido no interior daquelas bestas, para criar um efeito especial de credibilidade, havia de maravilhar qualquer adolescente, mas não adultos que vivenciaram os horrores de uma guerra.

Depois, foram conhecer os demais ambientes e, por último, as acomodações. Os dormitórios eram para quatro pessoas, com beliches e um armário para cada ocupante. Havia, também, dois banheiros, cada um com várias duchas. Dali foram à sala de lazer, com televisão e um amplo sistema de canais por satélite, além de diversos jornais.

Jack observou que a limpeza era impecável e que havia inúmeras comodidades, como geladeiras, bebedouros, máquinas de refrigerantes, indicando que dinheiro não era problema para a empresa e que Blackwater era um paraíso para os soldados de fortuna e que procuravam sua própria guerra. Trabalhando para a Blackwater como agente de segurança, um mercenário podia chegar a ganhar até 1.000 dólares por dia. Uma oportunidade única de se enriquecer graças à guerra, se a pessoa conseguisse regressar inteira.

Enquanto Jack observava tudo, detendo-se em cada um dos detalhes que adornavam uma das várias salas de tiro, Gary Jackson explicava ao coronel a finalidade daquele fabuloso campo de treinamento.

— Nossa presença é global, dentro e fora do país, e oferecemos quem nos contrata soluções táticas para as guerras do século XXI. Entre nossos clientes estão o Departamento de Defesa, o Departamento de Estado, o Departamento de

Transportes, o FBI, além de diversas corporações multinacionais. — Parou um instante para ver a reação do coronel Howard Parsons. — A NTOA³¹ investiu 50 mil dólares para que fosse construído o centro educativo, com quinze salas e cerca de 1.500 metros quadrados de superfície... ainda que o resto do dinheiro tenha saído do bolso de Prince... — Baixou o tom da voz, sorrindo em cumplicidade com os visitantes. — Alguém que herdou 500 milhões de dólares pode dar-se ao luxo de transformar seu sonho em realidade, e o de Erik sempre foi possuir o exército particular maior e mais profissional do mundo.

— Embora a ideia tenha sido de Al Clark... não é? — perguntou o coronel Parsons. — Mas suas desavenças com o senhor Prince, e também com alguns de seus diretores, o levaram a se demitir do cargo.

Jackson franziu a testa, observando-o com evidente surpresa.

— Vejo que conhece a fundo a história da Blackwater.

— Não inteiramente — admitiu o militar veterano. — Acontece que Al é meu amigo. Agora dirige outra empresa dedicada à segurança. Creio que se chama Special Tactical Systems.

— Sim, de fato... eu a conheço — admitiu o diretor do centro. — Compartilha a direção com Dale McClellan, um antigo companheiro dele dos SEAL e ex-membro da Blackwater. A verdade é que seguiram nossa linha. — Jackson se deteve para explicar suas palavras. — Sim e espero que não interprete mal minha pergunta... se Al Clark é seu amigo, por que não inscreveu seu filho na Special Tactical Systems?

— Porque eles não operam em Bagdá. — Foi o próprio Jack que saciou sua curiosidade, juntando-se a eles, na conversa.

As palavras do ex-tenente do exército norte-americano foram tão frias e contundentes como o veredito de um jurado. O próprio Jackson teve de admitir que poucos voluntários tinham uma expressão tão patibular como a daquele jovem, que parecia ferir com o olhar.

— Se quiser fazer parte da guarda pretoriana de Bremer, tem de treinar durante algumas semanas em nossos campos... e isso requer experiência.

— Não creia que suas palavras me assustam — replicou Jack. — Vivi suficientes situações de perigo para me acovardar diante de um simples treinamento. No Iraque, cada um tinha de aprender a cuidar de si mesmo... ou suas tripas podiam acabar sendo alimento para as moscas.

Jackson fez uma careta de aversão, ao imaginar a cena terrível.

— Um *ex-marine*? — perguntou, depois de uma pausa, impelido pela curiosidade.

— Não... um antigo tenente do exército norte-americano. Minha companhia recebeu o nome de “Assassinos” — respondeu com voz neutra. — Acredita que

preencho os requisitos necessários para entrar na Blackwater?

Sua pergunta carregava, obviamente, certo sarcasmo.

— Isso é você mesmo quem deve decidir, assim que ler nosso contrato.

Depois de recobrar o sorriso, Jackson os convidou a regressar a seu gabinete.

Minutos depois, sentados diante da mesa do diretor da Blackwater, o coronel e seu filho leram atentamente as principais cláusulas do contrato. Conforme rezava o documento, Jack ia receber uma substancial quantia de dinheiro como compensação pelo alto risco que haveria de correr em terras iraquianas. E não era oculto nenhum detalhe, por mais escabroso que fosse. Clara e detalhadamente, se advertia que podia ficar inválido para toda a vida e/ou morrer em consequência de disparos de armas de fogo; ou por qualquer outro tipo de munição; ou pela queda de aviões ou helicópteros; ou por fogo de franco-atiradores; ou por culpa de minas de fragmentação; ou por projéteis de lança-granadas e morteiros; ou pela ação de um carro-bomba; ou por um atentado terrorista; ou em combate corpo a corpo; ou por doença; ou por intoxicação; ou por envenenamento; ou por ficar exposto a agentes químicos ou bacteriológicos, e inclusive por terremotos ou outras catástrofes de origem natural. Os que assinassem aquela extensa lista de possíveis desgraças assumiam, voluntariamente, tais riscos e eximiam a empresa Blackwater de qualquer culpa.

Os 1.000 dólares por dia eram justificados.

— Mas... esse contrato obriga o voluntário a renunciar a todos seus direitos, em caso de litígio! — exclamou o coronel, indignado pelas estipulações de um acordo tão macabro.

— Somos uma empresa de segurança, que oferece proteção aos homens do governo no Iraque — recordou o diretor. — Pelo amor de Deus, senhor Parsons! Blackwater não é um organismo logístico nem nos dedicamos a tarefas de limpeza ou de manutenção, embora todos acreditem que é disso que se trata. Nosso trabalho é evitar que as pessoas que solicitam nossos serviços morram e isso significa que seu filho correrá certos riscos... entende?

— Entendo e assumo — respondeu Jack, adiantando-se à resposta de seu pai.

— Tem certeza? — este quis saber.

— Absoluta.

Nesse ponto, Jackson interrompeu a conversa entre pai e filho.

— De qualquer forma, sempre se pode negar a cumprir uma ordem... se acredita que ao executá-la sua vida corre perigo — disse o alto executivo da Blackwater. — Já não é um soldado, sujeito às normas do exército. Além disso, tem liberdade de rescindir seu contrato quando achar conveniente.

Durante alguns segundos, Jack e o coronel se entreolharam. Ambos sabiam que a decisão já estava tomada muito antes de chegarem a Moyock.

Howard Parsons prendeu a respiração, quando viu que seu filho pegava a caneta que Gary Jackson lhe estendia. Inclinando o corpo para a frente, Jack assinou a solicitação de ingresso na Blackwater, bem como o contrato que o ligaria à empresa durante os dois meses que passaria no Iraque — e que podiam ser prorrogados —, depois de um prévio treinamento de três semanas. Não obstante, isso aconteceria nos primeiros dias do ano, quando estivesse completamente recuperado de seus ferimentos de guerra, não antes.

Jack, satisfeito com sua decisão, sorriu com um ar triunfal. Acabava de comprar uma nova passagem para o inferno.

NAJAF, 11 de setembro de 2003

Rashida deu à luz uma menina, no mesmo dia em que em Nova York era lembrado o segundo aniversário dos atentados do 11 de Setembro. Era como se aquele dia estivesse estigmatizado com o indelével sinal da tristeza, já que enquanto os norte-americanos choravam ao recordar as vítimas do World Trade Center, também Rashida chorou ao pensar em seu marido — que a abandonara à sua própria sorte, apesar de sua gravidez — e no sexo de seu bebê.

O fato de não ter parido um filho varão já era uma desgraça em si, como também acharam a parteira que lhe assistira e os familiares e amigos que permaneceram das proximidades do pai de Fathia, pois para qualquer muçulmano, uma filha é uma pesada carga que os pais costumam aceitar com resignação. Significava alimentar e vestir alguém que não proporcionaria nada além de problemas.

No obstante, o parto fora realizado sob a bênção de Alá, pois foi tão rápido que Rashida mal sentiu a dor das contrações. Além disso, quando a criança foi lavada e foi abrindo os imensos olhos negros, descobriu-se que era uma menina forte e saudável.

Na ausência de Omar e de qualquer outro homem que pertencesse à família de Rashida, foi Barek, o pai de Fathia, o encarregado de recitar o *adhan*³² ao ouvido direito da recém-nascida, como mandava a tradição islâmica.

Aproximando-se da menina, deitada junto de sua mãe, o ancião sussurrou as palavras que aprendera na infância:

— Alá é o maior... Alá é o maior... Alá é o maior... Confesso que não há Deus fora de Deus e que Maomé é seu profeta... Confesso que não há Deus fora de Deus e que Maomé é seu profeta... Venham rezar... Venham rezar... Venham para a felicidade... Venham para a felicidade... Alá é o maior... Alá é o maior... Não há mais Deus fora de Deus.

Recitar essa oração tinha dois propósitos: familiarizar o bebê com a religião islâmica, e preservá-lo dos demônios e dos maus espíritos que pudessem perturbar sua alma inocente. Depois, todos foram embora, deixando que mãe e filha dormissem por algumas horas.

Fathia acompanhou seu pai, viúvo havia alguns anos, até a casa de outro de seus filhos, com quem vivia desde que concordara em emprestar seu lar a ela e

sua cunhada, em troca de que o levassem com elas para a Jordânia, em lugar de seu falecido genro. Fathia concordou, embora lamentasse ter-lhe contado os motivos que a levavam a abandonar o país, bem como sobre a importância dos documentos herdados de Rajmani. É que o velho falava demais e muitas pessoas já sabiam da existência de uns papéis cujo valor econômico superava largamente as expectativas de qualquer família de Najaf. Se ele continuasse a difundir o segredo, logo tentariam roubar o dossiê; ou, pior ainda, poderiam chamar a atenção do exército norte-americano, que continuava dominando a cidade.

Aisha foi até o quarto onde descansava a jovem Rashida, aproveitando que os filhos dela estavam brincando na rua. Precisava falar com ela a sós. Tentaria obter o máximo possível de informação. Devagar, caminhou na ponta dos pés até chegar ao catre onde dormiam mãe e filha. Sentou na beira do colchão, segurando carinhosamente a mão de Rashida.

Ao sentir o cálido contato, a moça abriu os olhos.

— Você não deveria estar aqui... — disse com voz entrecortada, devido ao cansaço. — Já sabe que Fathia pode se irritar.

Era uma das rígidas regras impostas pela dona da casa: era proibido manterem uma conversa privada, entre ambas, em sua ausência.

— Vim ver como você estava — desculpou-se. — Precisa de algo? Quem sabe um pouco de água?

Rashida assentiu com a cabeça, oferecendo a ela um de seus carinhosos sorrisos. Aisha foi à cozinha e encheu de água um copo de cristal decorado com desenhos dourados. Observou a cor turva do líquido, temendo que a jovem pudesse ficar doente ao beber aquela coisa imunda, cheia de bactérias.

Era assim desde que a guerra tinha começado e houve alguns casos de tifo e cólera na população civil, sobretudo em crianças e velhos. Devido à falta de cloro para as estações de purificação, os iraquianos se viam obrigados a beber a água dos rios, que continham todo tipo de resíduos industriais. Embora a Unicef tivesse conseguido distribuir milhares de litros de água potável nas zonas afetadas, em Najaf as reservas haviam se acabado havia vários dias. E não haveria mais, até que acontecesse uma nova remessa, que não tinha data prevista.

Ao voltar ao dormitório, Aisha ajudou a jovem a se erguer. Rashida bebeu um pouco e logo se deitou de novo.

— Obrigada — sussurrou, para não despertar sua filha.

A doutora sentou-se na borda da cama.

— Já pensou em um nome para ela?

— Claro que sim e não penso esperar uma semana para colocá-lo³³. Bem... na verdade estou indecisa entre dois nomes.

— Diga quais são que eu a ajudarei a escolher.

— Qual você acha que seria melhor para ela: Najla ou Zulaikhad?

Aisha pensou um pouco. Najla significava “aquela que tem grandes e belos olhos” e era o mais apropriado, mas ela gostava mais de Zulaikhad: “tão linda que encanta a todos”.

— Creio que Zulaikhad tem mais força e generaliza sua beleza.

— Concordo com você — disse a mãe, satisfeita.

Ambas ficaram em silêncio. Mas só até que Rashida decidiu abordar a história daquela mulher que devia ajudá-las a sair do Iraque.

— É verdade que meu irmão pensava em repudiar Fathia, para viver com você?

A pergunta pegou desprevenida a vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá, de maneira que ela não pôde evitar o rubor no rosto. Jamais havia se sentido tão ridícula em toda sua vida. Viver sob o amparo da mulher de seu ex-amante e ter de se submeter ao interrogatório da que poderia ter sido sua cunhada não era uma situação muito agradável. Mesmo assim, respondeu.

— Acho que sim, se eu tivesse pedido a ele. Mas não o fiz.

— E por que não? — insistiu a jovem mãe.

— Porque não estava em meus planos destruir a vida dele e de toda sua família. Não seria justo de minha parte ser tão egoísta.

— Como o destino é irônico! — disse a moça. — Se vocês tivessem seguido adiante, meu marido não o teria implicado em suas manobras escusas... e talvez ele hoje estivesse vivo.

Aisha sentiu um ligeiro calafrio percorrer todo seu corpo. Isso jamais havia lhe ocorrido, até agora.

Aproveitando que a conversa girava em torno da vida privada de Rajmani, a doutora se atreveu a ir mais adiante.

— Diga a verdade, Rashida... em que seu irmão andava metido?

A jovem sorriu. Esperava por essa pergunta.

— Rajmani não fez nada de mal, mas tentava nos salvar — respondeu, com cautela. — Se há um culpado, devemos procurá-lo entre os líderes do Ocidente. Embora... — Parou, indecisa entre continuar ou silenciar.

— Sim?... — Aisha esperou pela resposta.

— Embora também seja possível que sua morte se deva à insistência de meu marido. Ele o convenceu a entrar em contato com aqueles jornalistas.

Aisha lembrou que o homem enviado pela APC havia falado de um jornalista encontrado morto no interior do museu, junto com dois soldados norte-americanos. Isso significava que ela estava indo por um bom caminho.

— Não acha que seria mais fácil se me contasse tudo, desde o princípio?

Para sua surpresa, Rashida adotou uma atitude bem mais reservada.

— Mais cedo ou mais tarde, você vai se inteirar disso, já que é encarregada de negociar nosso futuro com uma famosa cadeia de televisão britânica — disse com voz serena. — E quando souber a verdade, vai ficar na mesma situação que nós... e vai lamentar conhecer nosso segredo.

NAJAF, 11 de setembro de 2003

Naquela mesma noite, enquanto tentava dormir, Aisha se perguntou por que continuava ali, quando podia voltar à sua casa e ao seu trabalho em Bagdá.

Devia seguir adiante e cumprir a promessa feita a Rajmani, mesmo com risco de perder a vida? Seu ex-amante fora assassinado e tudo porque se atrevera a participar de um jogo do qual não conhecia as regras. Com ela poderia acontecer o mesmo. Rajmani não alcançara suas expectativas, como, então, ela, uma mulher, poderia vencer onde ele, o homem, fracassara?

Seus pensamentos giravam em torno de Rajmani e dos momentos vividos a seu lado. Sentia falta dele, de sua voz, seus olhos, seus carinhos. Já não voltariam a trocar opiniões sobre temas arqueológicos, naquelas eternas reuniões de trabalho em que ambos pareciam ser as duas únicas pessoas vivas no mundo. Aisha sabia que apesar do distanciamento mantido desde que resolveram esquecer seu envolvimento, ambos tinham um ao outro. Mas agora...

Naquele momento compreendeu que o verdadeiro motivo para não regressar a Bagdá era porque não tinha ninguém. Nem sequer a satisfazia continuar trabalhando em um museu espoliado que pertencia a um governo de marionetes nas mãos dos norte-americanos, e não valia a pena viver em uma cidade dominada por estrangeiros, cujo despotismo a condicionaria a viver sempre com medo. Era uma mulher sem passado nem futuro. Só lhe restava viver o presente, e deixar que os acontecimentos fossem abrindo a trilha por onde haveria de conduzir sua vida. Continuaría na casa de Fathia, pois não tinha um lugar melhor para onde pudesse ir.

Fechando as mãos com força, até cravar as unhas na pele, Aisha afogou nas dobras dos lençóis a dor que sentia naquele instante.

Começou a chorar, perdidamente.

NOVA YORK, 14 de dezembro de 2003

“Nós o pegamos!” Essas foram as palavras exatas de Paul Bremer, administrador civil dos Estados Unidos no Iraque, quando notificou ao Departamento de Estado a prisão de Saddam Hussein.

Naquele dia, Jack estava fazendo o desjejum em uma cafeteria no centro da ilha de Manhattan. Deixou de lado a xícara quando viu na tela do televisor o rosto envelhecido do ex-líder iraquiano, que havia caído em mãos do exército norte-americano havia poucas horas. Estava completamente desalinhado, com uma barba de vários meses e grandes rugas, que cruzavam seu rosto como cicatrizes de facadas. Isso indicava as privações de que padecera o todopoderoso Raïs, enquanto permaneceu na clandestinidade.

Os demais clientes pararam de conversar ao reconhecer o rosto de Saddam. O dono do café procurou o controle remoto, para aumentar o volume do aparelho. O lugar ficou em absoluto silêncio, enquanto todos concentravam a atenção naquele indivíduo sinistro, que por trinta e cinco anos tinha castigado, aterrorizado, oprimido e explorado o povo iraquiano.

O locutor do noticiário resumiu o ocorrido, dizendo que uns seiscentos soldados da 1ª Brigada da 4ª Divisão de Infantaria, apoiados por forças de operações especiais, haviam iniciado a chamada Operação Amanhecer Vermelho, depois de receber informações que confirmavam a presença de tão procurado autocrata em área próxima a Tikrit. Às 20h30 de Bagdá, na noite anterior, vários soldados haviam descoberto o *spider hole*³⁴ onde se escondia o ex-ditador, em uma casinha de adobe, nas cercanias de Adwar, às margens do Tigre. Tinham sido apreendidas, também, diversas armas de fogo e um total de 750 mil dólares, em notas de 100, além de presos dois iraquianos do partido Baas.

— Esse filho da puta vai desejar não ter nascido! — exclamou um dos clientes, um sujeito sentado no outro extremo do balcão. Seguiu-se uma

saraivada de opiniões. Uns diziam que aquele indivíduo não se parecia nada com Saddam, razão pela qual especulavam sobre a possibilidade de que fosse um dublê para confundir as tropas norte-americanas. Outros não tinham nenhuma dúvida sobre a identidade do detido. Os demais eram partidários de que devia ser feita a justiça dos homens, fazendo propostas tão sanguinárias e desumanas como dar-lhe um tiro na cabeça ou que o entregassem aos curdos, para que fosse apedrejado como um cão.

Jack concentrou sua atenção em um homem de meia-idade, sentado junto dele, no balcão, segurando um grande copo de uísque. Não parecia ter-se importado com a notícia. Tinha o rosto contraído em uma careta, como se ficasse aborrecido com os comentários. Apertava com força o copo, olhando fixamente para o líquido que havia em seu interior. Mordia os lábios, como se reprimisse as palavras. Estava à beira da exasperação.

Então o ouviu dizer, em voz baixa, falando com ele mesmo:

— Saddam? — formulou a pergunta para o ar, sorrindo com profunda tristeza. — Esse safado jamais foi uma ameaça para nosso país. Nossos verdadeiros inimigos são os Senhores da Guerra.

Bebeu de um gole só o uísque que havia no copo e se levantou. Deixou dois dólares sobre o balcão e fez um movimento para ir embora. Porém, quando cruzou o olhar com o de Jack, pareceu pensar duas vezes. Era como se tivesse descoberto nele algo diferente de todos aqueles que celebravam a captura de Saddam Hussein, ou talvez tivesse visto sua alma refletida nos olhos daquele rapaz que o observava com certa curiosidade.

— Por que você sabe do que estou falando... não é mesmo? — provocou.

Jack ouviu a pergunta, ainda sem compreender todo o significado daquelas palavras.

— Você se refere aos militares de nosso país?

O sujeito franziu a testa, avaliando se havia se equivocado ou não ao iniciar a conversa.

— Você esteve no Iraque, moço? — inquiriu o desconhecido, convencido de que havia acertado.

— Fui dos primeiros que entraram em Bagdá — respondeu Jack, deixando aflorar seu orgulho.

— *Marine?*

— Não, senhor... tenente da 3ª Divisão de Infantaria Mecanizada.

O curioso cliente sentou-se, de novo. E estendeu a mão, para se apresentar.

— Eu me chamo Wayne... Wayne Aldrin. Fui sargento-mor dos *marines* na Primeira Guerra do Golfo.

Jack a apertou forte, com energia militar.

— Muito prazer, Wayne. Pode me chamar de Jack.

— Ouça, Jack... — o antigo *marine* foi direto, sem rodeios. — Esta guerra não vai lhe proporcionar nenhum benefício, nem sequer satisfação pessoal, mas o contrário.

Parsons achou que teria de escutar a história pessoal daquele ex-combatente com características de neurótico. Era tarde para lamentar ter-lhe dado confiança. Entretanto, prestou-lhe atenção suficiente para que não se sentisse desprezado. Era algo com que tinham de viver os soldados que regressavam “perturbados” de uma guerra suja como poucas, a chamada Síndrome da Tempestade do Deserto, que afetara milhares de norte-americanos, em maior ou menos grau.

— A que você se refere?

— Falo de toda essa porcaria que te injetaram no braço, antes de sair dos Estados Unidos, e das diversas pílulas que você teve de ingerir enquanto caminhava pelo deserto, rumo a Bagdá. — Emitiu uma risada como de uma hiena. — Tudo é puro veneno.

— Tinham obrigação de nos imunizar, devido à possibilidade de um ataque com armas químicas. Era o mais aconselhável — foi o raciocínio lógico de Jack.

— Não seja tão ingênuo. Escute... me deram as típicas injeções contra o botulismo e o antrax. Também me ministraram tablets de brometo de piridostigmina... Sabe o que é?

Jack negou, com a cabeça.

— Diga.

— É um agente antimiastênico, proibido até pouco antes da Primeira Guerra do Golfo — Wayne explicou. — Em breve, comecei a sentir coceira nos olhos e meu nariz ficava com coriza, nem nenhum motivo. Logo vieram as câimbras musculares e a urina com sangue, todos os dias.

“Terminada a guerra, recebi o diagnóstico de apresentar danos do lóbulo esquerdo do cérebro. Também tive dificuldades centrais e periféricas e um transtorno do equilíbrio, em ambos os ouvidos. Eu não sabia... — Não concluiu a frase e exclamou: — Bem! Na realidade, ninguém sabia que os efeitos secundários da piridostigmina são idênticos aos que sofrem um homem exposto ao envenenamento por organofosforados. Além disso, não paravam de nos inocular vacinas que ninguém parecia controlar. Eu, por exemplo, recebi vinte e sete injeções em menos de três semanas. Nem chego a entender como nossos corpos puderam suportar todos aqueles medicamentos.

“Há mais ainda... Esses bastardos... você já sabe, os generais do Pentágono, não nos avisaram que estávamos utilizando armamento elaborado com urânio residual. Sim, foi isso mesmo que eu disse! — frisou o ex-oficial do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, ao perceber dúvidas nos olhos de seu

interlocutor. — As balas de nossos A-10³⁵ foram fabricadas com material radioativo, bem como os mais de 4 mil projéteis lançados por nossos carros de combate. Depois nos obrigaram a atravessar as zonas de artilharia pesada, onde se encontravam os tanques iraquianos que havíamos atingido... e aspirávamos toda essa merda radioativa sem ter consciência do perigo. Você não acha uma sacanagem?

— Você quer dizer com isso que eu também estou doente? — inquiriu o antigo tenente do exército norte-americano.

— Não sei... você é que pode me dizer.

Jack Parsons começava a se cansar daquele sujeito que parecia ter escapado de um asilo de loucos, com seu gorro, sua jaqueta de camuflagem e olhos cinza, frios como gelo, que expressavam desequilíbrio e exacerbação.

— Lamento, mas tenho de ir embora... — Jack deu uma olhada no relógio. — Estou atrasado.

Levantou-se, mas, antes que pudesse partir, Wayne o segurou pelo braço.

— Também utilizamos armas nucleares no Iraque — sussurrou, e um pestilento bafo de álcool saiu de sua boca.

Jack parou, sentindo um calafrio percorrendo sua espinha, de cima a baixo.

— Como disse?

— Não se faça de inocente — reprovou o outro, que acrescentou com acentuada ironia: — Sabe muito bem que vocês fizeram a mesma coisa... Como é que desapareceram as duas divisões iraquianas, entre elas a mítica Divisão Medina, que defendiam estrategicamente a capital iraquiana, na altura de Najaf e Kerbala?

Jack recordou, então, o massacre que testemunhara quando entraram em Bagdá. Nas cercanias do aeroporto, como comprovaram os jornalistas britânicos, milhares de cadáveres se decompunham ao sol, calcinados até os ossos, soldados cuja carne se derretera como um sorvete em um dia de verão.

Havia pensado naquilo muitas vezes e sempre acabava se convencendo de que aquele assunto não era de sua alçada, que eram decisões alheias tomadas sem seu consentimento. Portanto, não tinha culpa de nada.

Entretanto, se era verdade o que aquele indivíduo dizia... talvez...

Decidido, Jack se afastou do balcão e foi direto até o banheiro de homens. Tão logo entrou no reservado, vomitou o jejum sobre o vaso sanitário. Entre os restos, notou um líquido viscoso cor de sangue.

Não era a primeira vez que aquilo acontecia. Até agora, não havia ligado aquilo à perfuração do braço.

Já não sabia o que pensar.

MOYOCK (Carolina do Norte), 10 de janeiro de 2004

— Alguma vez vocês já viram uma maravilha como esta? — perguntou Rob Carney assim que chegou, abrindo sua mão para mostrar aos companheiros as três balas que escondia, zelosamente. Eram idênticas aos demais projéteis comuns do exército, mas tinham um acabamento de cor negra, não acobreada, como habitualmente.

Carney era um ex-SEAL, que nascera em Oklahoma, rude e forte como um urso. Perdera o septo nasal depois de levar uma garrafada, em uma briga. Usava os cabelos cortados à maneira militar, tinha o rosto ovalado e uma covinha que dividia o queixo em dois. Tanto seus braços como suas coxas eram uma massa de músculos.

Jack, que estava em seus primeiros dias no complexo de treinamento da Blackwater, desceu do beliche para se juntar aos outros companheiros:

um espanhol chamado Silvio Torres, que mantinha a cabeça raspada como os monges budistas, e Bruce Gallagher, um mercenário cujo semblante lembrava o de um *pitbull* enfurecido. Haviam terminado os exercícios da manhã e agora desfrutavam seu momento de descanso. Os quatro compartilhavam o alojamento, o banheiro, os armários individuais e o mesmo desejo de ir embora para o Iraque quanto antes.

— Pode explicar para nós que diabo têm essas balas de especial? — perguntou o espanhol, a quem chamavam de *Fighter* devido à sua agilidade e destreza nas artes marciais do Oriente.

Silvio fora lutador de *kickboxing* na Tailândia, durante seis anos. Vivera do dinheiro que ganhava nas competições organizadas pela máfia do país. Depois de levar uma pancada atrás da outra, em troca de um pagamento ridículo, cansou-se de viver na miséria, cercado de prostitutas e de traficantes de ópio. Regressou à Espanha para alistar-se no novo exército mercenário da Blackwater. Foi até Madri, onde a empresa tinha uma sucursal de alistamento, disposto a preencher a solicitação.

— Vou lhe explicar, irmão... — Carney sentou-se em seu beliche, permitindo que os demais ficassem ao seu redor. — São projéteis APLP, perfuradores de

blindagem e de penetração limitada. Quem as distribui é uma empresa de Arkansas, a Le Mas. Querem saber o que são capazes de fazer a um homem?

— Nada de adivinhações, cara! Vai dizer, de uma vez, o que têm de especial?

— exigiu Gallagher, o robusto mercenário de origem irlandesa, radicado em Detroit, e que realizara diversos trabalhos para a CIA, na África do Sul. Seu rosto ostentava uma enorme cicatriz, que ia da têmpora ao queixo.

— Deixe-me contar a vocês o que me aconteceu no Iraque, há alguns meses — disse Carney, girando as balas que mantinha na palma de sua mão direita. — Uma equipe de escolta da empresa de segurança Custer Battles, composta por quatro homens, regressava a Bagdá, depois de acompanhar um executivo da Zona Verde até o aeroporto. Assim que entraram na cidade, se depararam com um posto de controle da polícia iraquiana. Foram feitos sinais para que diminuíssem a marcha, embora o normal fosse a permissão para seguir em frente, como sempre acontecia com os estrangeiros ocidentais, sem exceção.

“O motorista, um sujeito chamado Ben Thomas e que acabava de chegar a Bagdá, não desconfiou daquela atitude e reduziu a velocidade do Suburban. Depois que ultrapassaram o posto, entraram em uma rua cheia de detritos... como pneus, tambores de gasolina e coisas assim. Imediatamente ouviram disparos que vinham dos sótãos das casas, alinhadas ao longo da calçada. Tentaram acelerar, mas era impossível por causa dos obstáculos, espalhados pelo asfalto. Os outros três que iam no veículo, ao descobrir que haviam caído em uma emboscada, saíram correndo para se refugiar em um edifício próximo.

“Horrorizado, Thomas resolveu se esconder embaixo do Suburban. Dali, descobriu que se tratava de seis franco-atiradores. Abriu fogo contra um deles, mas falhou. Lembrou, então, que as instruções para quem disparasse de uma posição como a sua, deitado no chão, eram para girar o corpo em busca do ângulo adequado. Foi o que fez.

“Seu segundo disparo atingiu as nádegas do iraquiano. Caramba! Tremenda carnificina! A bala, uma APLP, entrou pela bunda e abriu um canal no ventre do sujeito — Rob Carney começou a rir. — Esses projéteis, feitos com uma mistura de diversos metais, entre os quais a platina, podem atravessar uma parede de concreto ou uma chapa de aço, mas no interior do corpo humano se fragmentam, destruindo tudo o que encontram pelo caminho. O cara, que morreu de um tiro no traseiro, acabou estraçalhado como uma melancia. O projétil lhe destroçou as cadeiras e espalhou seus intestinos pelo chão. Segundo palavras do próprio Thomas: “Tinha as tripas para fora, como se alguém as tivesse desenrolado e esvaziado no chão’.³⁶

“O que vocês acham? Querem comprar algumas? — perguntou o narrador. — Conheço o sujeito que as distribui.”

Gallagher soltou uma gargalhada ao ouvir a história. O certo é que aquelas balas haviam chamado sua atenção, e ele estava disposto a ter algumas.

— Quero que me apresente esse seu colega e juro que pagarei todas as putas que você possa foder em Bagdá — prometeu solenemente. Depois cruzou os braços sobre seu poderoso peito, fazendo com que seus bíceps ficassem mais evidentes.

— Está combinado, irlandês. E quanto aos outros?

— Eu passo — falou Jack, subindo de novo, no beliche para descansar do treinamento pesado.

— E você, Fighter? — insistiu Carney.

O feroz lutador de *kickboxing* negou com a cabeça, em silêncio. Depois, foi para o outro extremo do quarto, onde seus pesos o aguardavam. Esquecendo-se de todos, começou a exercitar os músculos.

— Deixa pra lá! São uns chupadores de caralho — provocou, em voz alta, o mercenário da cicatriz no rosto.

— Sou um lutador, não um assassino — replicou Silvio Torres, continuando seus exercícios, sem se abalar com o insulto.

Jack decidiu não se intrometer, mas intuiu que aquela provocação, algum dia, haveria de causar um confronto entre ambos os soldados de fortuna.

— Olha só nosso amigo espanhol! — brincou, de novo, o irlandês. — É só um galinho-de-briga.

— Esquece, Bruce... não vale a pena — aconselhou Carney, lamentando ter sido o culpado por aquela situação.

Longe de atendê-lo, Gallagher foi até o especialista em artes marciais; além de *kickboxing*, Silvio Torres dominava as técnicas do caratê, do *kung fu* e do *tae kwon do*.

Sentado sobre um fino colchonete, enquanto levantava uns pesos de vinte quilos com a mão esquerda, Silvio estudou os movimentos de seu adversário. Os dragões tatuados em ambos os braços do espanhol se endureceram, devido à tensão de seus músculos.

Jack intuiu qual seria o resultado, muito antes de Silvio Torres agir. Em seu entender, o corpo musculoso e denso do lutador estava mais preparado que o de seu desafiador para um combate corpo a corpo, embora Gallagher fosse alguns centímetros mais alto.

Com uma agilidade fora do comum, Silvio largou os pesos e, de um salto, se pôs em pé.

— Se eu fosse você, não tentaria — advertiu, com certa frieza.

— Tá... mas acontece que eu não sou você.

Gallagher se arremeteu contra ele, lançando o punho diretamente ao rosto do

espanhol. Silvio, muito mais rápido, girou o corpo até ficar de perfil. O braço do irlandês passou depressa, diante dos olhos de seu oponente, sem chegar a tocá-lo.

Antes que pudesse reagir, o lutador agarrou o braço de Gallagher, com a mão esquerda, ao mesmo tempo que acertava, com o braço direito, uma cotovelada no estômago dele, a ponto de deixá-lo sem respiração. Continuando o impulso, levantou a mão fechada até socar o rosto do outro, enquanto gritava o inconfundível

*kiai*³⁷ dos caratecas. E tudo isso em apenas uma fração de segundo.

Depois de se recuperar do golpe, movendo a cabeça de um lado para o outro, o irlandês fez um juramento. Seu nariz estava machucado e agora sangrava como um porco.

— Maldito, filho da puta! — rugiu, ainda atordoado. — Vou matar você!

Cego de ódio, Gallagher precipitou-se, outra vez, contra o espanhol. Este, que parecia prever todos os movimentos de seu adversário, deu um salto magnífico, acertando um forte pontapé no rosto do oponente, depois de desafiar as leis da gravidade por uns segundos. Assim que tocou o solo, com a rapidez de um raio, voltou a lhe dar um pontapé — dessa vez, no peito —, que o arremessou, com barulho, contra os beliches.

— Hei, vocês! Mais cuidado! — exclamou Carney, levantando-se do catre.

Estava bem zangado e até disposto a defender seu amigo, o irlandês.

Jack achou que a situação estava se complicando e, se a luta não acabasse, logo os quatro estariam implicados, já que não ia permitir que aqueles dois enfrentassem um homem só, por mais que este fosse treinado em artes marciais.

Assim que se preparou para descer do beliche, para dar uma mão ao espanhol, entrou Steven Loomis, o chefe da instrução. Estava com seu uniforme negro da Blackwater, e óculos de lentes fumê. Deu uma olhada em Gallagher, que continuava caído no chão, meio inconsciente.

— Alguém levante esse imbecil — ordenou, com voz glacial, dirigindo-se a Bruce Carney. — Em dez minutos quero todos no campo de tiro... completamente acordados. Quem não vier já pode pegar sua mochila e regressar à sua toca. Entendido?

Como se não lhe importasse o fato de que aqueles dois tivessem brigado dentro das instalações da Blackwater, o chefe Steven deu meia-volta e saiu do alojamento.

Tanto Jack como o espanhol calçaram as botas antes de abandonar o dormitório, deixando que o sujeito de Oklahoma se encarregasse de reanimar Gallagher.

— Tenho de reconhecer que você atua muito bem, na luta de corpo a corpo —

disse Jack, quando saíram.

Nenhum dos dois gostava do irlandês. E, depois daquela luta, menos ainda.

— Durante seis longos anos, foi meu único meio de vida... — Silvio Torres admitiu, sinceramente, ao ex-tenente do exército norte-americano. Sorriu. — Quando alguém como eu recebeu milhares de golpes e deu outros tantos, já não é a pessoa que luta, mas sim a mente. Você se converte em um autômato, que age por instinto de sobrevivência. É fácil, basta não pensar e deixar que o próprio cérebro trace os movimentos.

Deixaram para trás o edifício central da Blackwater, em direção ao campo de treinamento.

— Onde aprendeu a lutar desse jeito? — insistiu Jack, querendo saber mais do europeu.

— Em Barcelona... minha cidade natal — respondeu, com naturalidade. — Em San Adrián del Besós, o bairro onde passei a maior parte de minha adolescência, se você não sabia se defender, virava a vítima da vez. Com as artes marciais consegui que me respeitassem e assim tem sido, a partir dali. Entretanto, foi na Tailândia onde eu realmente alcancei a perfeição. Depois de várias derrotas, aprendi que devia me esforçar, se quisesse ganhar alguma luta. Assim, a fome e o meu orgulho me colocaram acima dos lutadores de Bangcoc. Foram mais de cem vitórias consecutivas, nos últimos dois anos, antes de eu resolver voltar à Espanha.

— Isso explica tudo... — Jack se pôs a rir. — Estou certo de que esse valentão do Gallagher pensará duas vezes antes de voltar a importuná-lo.

Assim que chegaram ao campo de tiro, onde estavam os outros aspirantes a integrar a equipe da Blackwater, Loomis, o chefe de instrução, se aproximou deles.

— Fico satisfeito por esse safado do Gallagher ter encontrado alguém capaz de lhe dar uma lição... — Tirou os óculos de sol, olhando fixamente para Silvio Torres. — Mas que seja a última vez que vocês ajustem contas dentro da Blackwater.

O lutador fez um gesto afirmativo, meneando a cabeça, em silêncio. Para evitar estender a conversa sobre a criação de problemas entre companheiros, coisa que o instrutor havia proibido uma infinidade de vezes, Silvio caminhou até seu lugar de treinamento.

Steven estalou a língua, como se quisesse reprimir um comentário improcedente sobre a violenta natureza do espanhol.

— Não foi culpa dele, senhor. Gallagher foi quem iniciou a briga. — Jack defendeu a atitude de seu companheiro.

Loomis concordou. Podia até imaginar o que acontecera.

— Sabe qual é o problema? É que as antigas desavenças que nascem hoje, aqui em Moyock, amanhã serão um inconveniente lá, no Iraque. — Franzindo a testa, voltou o olhar para Silvio Torres. — E isso, obviamente, não é bom para a empresa.

Como o ex-oficial do exército norte-americano não queria continuar falando a respeito, resolveu ir até sua posição de tiro. Mal caminhou alguns metros e o chefe Steven o chamou, de novo.

— Parsons! Será melhor que vigie seu amigo. Sabe? Gallagher irá atrás dele.

Jack refletiu durante uns segundos sobre as palavras do instrutor e acabou concordando. Silvio podia ganhar dele no combate corpo a corpo, mas gente como Gallagher jamais aceitava a derrota. E, no Iraque, nunca se sabe de onde procedem os disparos.

Mentalmente, pensou que mais cedo ou mais tarde aquele bastardo tentaria acabar com a vida de Silvio Torres.

NAJAF, 21 de janeiro de 2004

Sentada no pórtico da casa, a doutora Howeid contemplava em silêncio a brincadeira das crianças, que iam e vinham, por toda a rua. Viu como Hassan, um dos filhos de Rashida, corria atrás da pequena Anwar, em um desesperado esforço para alcançá-la. Os outros meninos o provocavam, com gritos, igualmente tratando de fugir de sua implacável perseguição.

A brincadeira consistia em perseguir um ou mais companheiros, para tocá-los, em qualquer parte do corpo. Quando alguém era alcançado, tinha a obrigação de fazer a mesma coisa com outro participante; e continuavam assim, até que resolviam dar uma pausa, para descansar. Se bem que, no caso das crianças, a diversão não tinha limites e, quando se cansavam de uma brincadeira, começavam outra, diferente. Valia qualquer coisa antes de ter de aceitar a triste realidade ao seu redor.

A doutora se divertiu, observando os traços do rosto de Rafiya, a segunda filha de Rajmani, de quem herdara o rosto oval, os olhos e também o encanto. Viu quando ela veio a seu encontro, agora fugindo de Ahmed, o primogênito de Rashida. Inesperadamente, a menina tropeçou no para-choque de um carro que havia no meio da rua, enquanto corria, olhando para trás. Caiu de bruços no chão e começou a chorar, mais pelo susto que por ter-se machucado.

Aisha logo se levantou, para socorrê-la, mas se deteve ao ver que Fathia, que saíra à porta, tomava a iniciativa. Afinal, era filha dela, não sua.

Pouco depois, a mãe voltou com a menina nos braços. Os outros continuaram brincando.

— Você pode ficar olhando Bahar por alguns minutos? — perguntou. — Preciso lavar a ferida que ela fez nas mãos.

Rafiya ralara as palmas das mãos, instintivamente tratando de amortecer a queda.

— Claro... não se preocupe — respondeu a doutora.

— Obrigada.

Em seguida, foi para a cozinha.

Bahar, a filha mais velha de Rajmani, estava se recuperando de febre tifoide, que a obrigara a ficar na cama durante vários dias. Fathia não se separava dela nem sequer para dormir, por isso agradeceu.

Aisha atravessou a sala, passando na frente da porta do quarto onde Rashida e seus filhos ficavam a maior parte do dia. Dentro, a jovem fazia a pequena Zulaikhad dormir, balançando-a carinhosamente. Não pôde evitar uma pontada de inveja, ciúme daquelas mulheres que haviam conseguido formar uma família, enquanto ela só acumulara um monte de diplomas universitários. Entretanto, no mesmo instante lembrou que as três estavam igualmente sozinhas. Não tinham ninguém que as protegesse nem que lhes proporcionasse calor nas noites frias daquele inverno.

Aferrando-se ao consolo da solidão compartilhada, Aisha entrou no quarto onde Bahar dormia. Encontrou-a escondida embaixo de seus lençóis, com o rosto coberto até o nariz. Acariciou sua testa, coberta de suor. Isso queria dizer que a ardência da pele começara a diminuir, e que era hora de liberar as toxinas pelos poros.

Depois de sentar-se a seu lado, afastou com cuidado os lençóis para colocar um emplastro de coalhada de leite sobre seu peito. Em uma bandeja, Aisha viu um prato de aveia amassada, algumas nozes descascadas e leite de amêndoa. Era a comida da criança, que estava proibida de ingerir alimentos cozidos. Não se atreveu a despertá-la. O melhor era esperar por Fathia, para que ela se encarregasse de dar de comer à filha. Se o fizesse, isso poderia ser considerado um atrevimento de sua parte, agindo por sua própria conta.

Velando o sono da menina, Aisha aguardou que a dona da casa chegasse. Assim que entrou no recinto, Fathia fez um gesto para que a doutora a acompanhasse, mas antes deu uma olhada na filha para comprovar que estava dormindo.

Aisha obedeceu, levantando-se. Quando chegaram à sala principal, Rashida estava esperando por elas, sentada no sofá, com uma caixa de latão no colo.

— Sente-se, por favor — pediu a jovem.

Pressentindo que havia chegado a hora da verdade, Aisha se sentou ao lado da irmã de Rajmani. Fathia ficou na frente delas, em uma poltrona perto do velho televisor.

— Como está Rafiya? — a doutora se interessou pelo machucado da menina.

— Melhor... — respondeu Fathia. — Eu só dei uma lavada no ferimento e ela saiu correndo rua, para continuar brincando.

Rashida pigarreou, chamando a atenção das duas mulheres. A jovem abriu a caixa, onde apoiava as mãos. De seu interior, tirou as tabuletas de cerâmica que seu irmão Rajmani, meses antes, decidira esconder nos porões do Museu Arqueológico de Bagdá. — Bem... já está na hora de você saber por que está aqui — disse Rashida, fazendo-se porta-voz do segredo de seu marido, o verdadeiro responsável por aquela delicada situação em que as três mulheres se

encontravam. — Essas tabuletas são a única prova que temos para demonstrar aos meios de comunicação que uma sociedade secreta, cujos membros, em sua maioria, são dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, pretende apoderar-se do mundo, depois de ter iniciado a pior e última de todas as guerras... a Terceira Guerra Mundial. Quer exterminar todos aqueles que se opõem à sua política, com o objetivo de submeter os sobreviventes do holocausto a um regime totalitário e absolutista, baseado no terror. Se é que você não sabe, existem homens capazes de se achar deuses, que inclusive manipulam as mentes de seus próprios cidadãos, fazendo com que acreditem que vão salvar o mundo, quando, na realidade, o que desejam é livrar-se de todos nós, despojando-nos da única riqueza que o mundo árabe possui: o petróleo.

— Isso não é tudo — acrescentou Fathia. — Ainda há mais.

— Na verdade, vocês terão de me explicar o que significa tudo isso... — Aisha sorriu, tentando compreender o significado daquela história absurda. — Nem sequer sei do que estão falando.

— Será melhor que comprove por si mesma.

Rashida fez como se fosse entregar as tabuletas, de maneira que a doutora estendeu as mãos. Mas antes que pudesse alcançá-las, a jovem as deixou cair no chão, quebrando-se em vários pedaços.

— Mas... por que você fez...?

Já estava para lhe pedir explicações por sua irresponsabilidade, quando descobriu que as tabuletas ocultavam um pequeno segredo. Em seu interior, alguém escondera uma pilha de papéis e um DVD, embrulhados com plástico e fita adesiva. Agachou-se para recolhê-los do chão, separando os pequenos cacos de barro.

— Rajmani os escondeu dentro de uma barra de argila — explicou Fathia. — Só teve que dar forma a ela, imitando umas tabuletas antigas que vira no museu, deixando que ficassem cozidas ao sol. O resto você já sabe. Ajudou a erguer a parede do porão, onde ele decidiu ocultá-las.

— Será melhor que você dê uma olhada e leia com cuidado esses papéis — acrescentou Rashida. — Afinal, tem direito de saber a verdade, antes que arrisque sua vida por nós.

Tão logo ouviu as palavras da jovem, ela sentiu um profundo vazio no estômago. Até aquele momento, a doutora não tinha pensado seriamente nas consequências que poderia sofrer por imiscuir-se nos escusos assuntos de seu ex-amante.

Devagar, Aisha foi desenrolando o plástico que envolvia o dossiê. Deixou de lado o DVD, já que na casa do pai de Fathia não havia aparelho para reproduzi-lo nem tampouco eletricidade, que faltava há várias semanas. Com o maço de

folhas encadernadas sobre seus joelhos, leu as palavras impressas no início do caderno: PROJETO BRAINWASHING.

O texto estava escrito em árabe e em inglês.

— Leia com calma... — disse Rashida, levantando-se. — Logo teremos tempo para falar sobre isso.

Fathia imitou sua cunhada, erguendo-se. Ambas saíram separadamente, para cumprir suas obrigações de mães.

Tirando os óculos do bolso de sua túnica, a doutora Howeid começou a ler o polêmico relatório, pelo qual haviam sido assassinados Rajmani e outros três homens.

BAGDÁ, 29 de janeiro de 2004

Quando Jack desceu do jipe em que havia feito o trajeto, do aeroporto Saddam até a área fortificada da Zona Verde, tirou os óculos de sol Oakley para dar uma olhada na nova Bagdá. A cidade havia mudado consideravelmente desde que as tropas aliadas a tinham conquistado, e não somente pelas altas muralhas de concreto que circundavam o complexo residencial e suas cercanias, mas também pelo modo de vida daqueles soldados e funcionários que, depois de derrubar o regime do sanguinário ditador, haviam se esquecido completamente das necessidades do povo iraquiano.

Em meio àquele jardim paradisíaco, pertencente à família do *Raiis*, Jack pôde observar uma dúzia de jovens soldados, que desfrutavam alegremente de um chá gelado. Estavam recostados em suas espreguiçadeiras, falando de assuntos triviais que nada tinham a ver com a guerra, enquanto o sol bronzeava seus musculosos e tatuados corpos. Um grupo de oficiais femininas, vestidas de uniforme, satisfazia seu apetite comendo os diversos canapés dispostos sobre uma grande mesa, no centro do jardim. Outras, aproveitando que os invernos no Iraque eram bem mais suaves que os verões de Nova York, nadavam na piscina. Poucas ergueram as mãos para saudar os novos homens da Blackwater — recém-chegados do Kuwait —, porque lhes pareciam mais atraentes.

Diversos membros da APC, vestidos de cáqui, trocavam opiniões sobre a política econômica e social do novo Iraque. Um soldado afro-americano, sentado sob uma das enormes palmeiras, escutava música *hip hop* enquanto escrevia uma carta a algum familiar ou amigo. E havia também os que, protegidos pelos diversos guarda-sóis, jogavam xadrez ou videogames.

Por um instante, Jack acreditou que aterrisara em um oásis de sonho, não em Bagdá. A Zona Verde mais se parecia com o terraço de um luxuoso hotel da Califórnia ou da Flórida, a não ser pela presença dos iraquianos, vestidos com uniforme de cor azul e que andavam de um lado para o outro, com a ingrata

tarefa de recolher o lixo gerado pelas tropas de ocupação, bem como realizando outras tarefas de manutenção dignas de escravos. Era a nota destoante naquele cenário idílico, onde às vezes uma pessoa se sentia na metade do paraíso ou, em outras ocasiões, em um presídio.

Parsons compreendeu, assim que regressou ao inferno da guerra, que toda aquela conversa de que iam devolver a dignidade ao povo iraquiano não era senão uma cínica desculpa urdida pelos políticos de seu país, para aplacar a consciência dos contribuintes. O verdadeiro sentido daquele conflito consistia, única e exclusivamente, em uma promessa não cumprida e um espólio encoberto. Os funcionários da APC não regressariam a seus lares até que não houvessem extraído ao máximo as riquezas ocultas sob as areias do deserto.

Os novos guardas de segurança da Blackwater, que acabavam de aterrissar em Bagdá, se dirigiram até o *camping* de caravanas que a empresa instalara diante dos elegantes chalés construídos atrás do palácio residencial. Ao todo, eram vinte e cinco novos mercenários a acompanhar Jack em sua caminhada pela cidade mais perigosa e hostil do mundo, e em todos eles era visível aquele traço intratável e antissocial que os definia como homens sem piedade.

Logo se uniu a eles seu líder de equipe, um sujeito corpulento que disse chamar-se Tom Hyatt. Era um ex-boina verde que, em diversas ocasiões, havia colaborado com governos ditatoriais da América Latina, de maneira que conhecia a fundo o trabalho de um mercenário. Tinha sido instrutor da SOA³⁸, encarregado de formar, militarmente, cidadãos da América Latina em técnicas de insurgência contra, guerrilha, inteligência militar e táticas de interrogatórios, para que realizassem ações sigilosas que asseguraram uma política de repressão nos países de origem, sempre sob a favor dos Estados Unidos. Entrou na Blackwater porque era a única empresa do mundo que podia lhe assegurar um salário digno em relação ao trabalho realizado. Foram tantas as vezes em que enfrentara a morte, ao longo de sua carreira, que não se importou em arriscar a vida mais uma vez em troca de uma remuneração econômica satisfatória.

— Jamais teria imaginado que a guerra podia se converter em férias plácidas e gratificantes — foi o comentário de Silvio Torres, que analisou a situação em Bagdá do ponto de vista mais crítico.

Jack, que caminhava a seu lado, concordou com ele, embora tivesse evitado fazer algum tipo de declaração.

— Não creio que nos paguem mil dólares por dia para desfrutar das comodidades que oferece a Zona Verde — acrescentou Mark Callahan, outro dos voluntários da Blackwater.

Callahan tinha sangue índio nas veias — sua mãe era índia —, o que influía muito em seu aspecto físico. Tinha a pele muito mais queimada do que os

marines que tomavam sol nas espreguiçadeiras que havia diante da piscina, e o cabelo escuro como breu. Sua aparência era mais semelhante à de um iraquiano do que à de um anglo-saxão; isso, de acordo com determinadas circunstâncias, poderia ser uma vantagem ou um grande inconveniente.

Segundos depois, seu líder de equipe os conduziu a um imenso reboque, de paredes pré-fabricadas, onde os aguardavam os beliches e os armários individuais. Assim que deixaram suas mochilas sobre os respectivos catres, Hyatt ordenou que ficassem em silêncio, para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Vocês não são soldados, portanto o resultado de seus atos e decisões jamais será julgado por um tribunal militar — começou, com voz firme e o semblante enérgico, enquanto olhava um por um dos vinte e cinco novatos. — Gozamos de um privilégio especial, que não é conferido ao restante das empresas contratadas para proteger os executivos, o que significa que temos autonomia para atuar de acordo com o que achamos necessário, sem temer represálias administrativas ou judiciais. Não somos assassinos, mas não hesitaremos em atirar, se nos sentirmos obrigados a isso, contra qualquer um que se apresente como inimigo... sem exceção de gênero ou idade.

“A Blackwater é uma empresa privada, sua finalidade é gerar lucros. Sabem como se conseguem os lucros? Vou lhes dizer: sendo eficazes em seu trabalho. Aqui, no Iraque, nosso principal temor não é a insurgência nem os atentados que sofremos diariamente, mas sim perder nosso cliente. Se ele for abatido, enquanto está sob nossa proteção, significará que não somos capazes de dominar a situação. Ninguém voltará a confiar em nós. Entenderam?

“Vocês devem saber que a Al-Qaeda colocou a cabeça de Paul Bremer a prêmio. Oferece dez quilos de ouro à pessoa ou organização terrorista que consiga assassiná-lo. Se formos capazes de proteger o homem mais odiado do Iraque, isso quer dizer que somos capazes de proteger todos os nossos clientes. Por outro lado, tenho de lembrar que vocês mesmos estão na mira da insurgência, já que também estão com as cabeças a prêmio... 50 mil dólares norte-americanos pela morte de um Blackwater. Recordo isso para que não sejam estúpidos a ponto de se deixarem conduzir pelas aparências. Qualquer indivíduo, seja criança, mulher ou velho, que se aproxime de vocês a menos de três metros de distância pode estar com uma bomba escondida, para detoná-la quando chegar a seu lado. Este país está cheio de *shahid*, mártires que sacrificam suas vidas pela causa islâmica. Não esqueçam jamais!

“Portanto, vocês sempre devem portar suas armas e estar preparados para agir vinte e quatro horas por dia, que para isso são regamente pagos. E como o tempo de vocês é ouro, eu aconselho que tomem uma ducha e estejam prontos em menos de uma hora. A partir deste momento, suas vidas pertencem à

Blackwater... — Tirou uma lista do bolso traseiro da calça e leu em voz alta: — Torres! Valenzuela! Parsons! Callahan! Corben! Carney! Blow! Gallagher!”

Hyatt guardou o papel de novo, dobrando-o sem nenhuma pressa.

— Vocês serão os primeiros do grupo em treinamento. Às 16 horas de hoje acompanharão, até o Ministério da Indústria, Thomas Foley, o homem da APC encarregado de privatizar as empresas iraquianas. Depois, tragam-no de volta, são e salvo, antes do pôr do sol.

“Os quatro primeiros seguirão na frente, abrindo caminho com um jipe. Atrás de vocês irá o próprio Foley, junto com seu motorista e dois assessores financeiros do novo governo provisório, em um Suburban blindado da empresa. Corben, Carney, Blow e Gallagher fecharão o grupo. Antes de sair, receberão uma pistola e uma carabina M-4, mais sete carregadores com capacidade de trinta balas cada um.

“E agora, vocês já podem desfazer suas mochilas.”

Hyatt saiu do alojamento, depois de colocar seus óculos de sol.

— Eu me alegro de não ter de ir no grupo do irlandês — sussurrou Silvio Torres, dirigindo-se a Jack.

Parsons desviou o olhar até o mercenário da cicatriz no rosto. Este, por sua vez, os observava passivamente, embora tenha evitado, sim, qualquer tipo de provocação. Entretanto, era evidente que tentaria ir à desforra contra eles.

— Não me agrada a ideia de estar com eles às minhas costas — observou Jack.

Osvaldo Valenzuela — um dos últimos guarda-costas de Pinochet, depois que o ditador abandonou a presidência do país —, que, cansado de procurar um emprego à sua altura, sem encontrar, alistou-se na Blackwater para ganhar dinheiro destinado a sua aposentadoria, como sempre sonhara, ouviu os comentários de seus novos companheiros.

Sem pestanejar, interveio na conversa:

— Não sei que picuinha vocês têm com esse cara, mas meu conselho é que esqueçam suas desavenças — disse a ambos, como advertência. — Sei, por experiência, que os problemas pessoais podem afetar uma missão e colocar em risco a vida de seus companheiros. No que me diz respeito, não estou disposto a morrer porque, no momento em que tem de me cobrir as costas, um pentelho decide que é hora de ajustar velhas contas.

— Pode ficar tranquilo — replicou o espanhol, abrindo sua mochila. — Não serei eu a iniciar uma briga.

Um pouco mais aliviado, Valenzuela continuou conversando sobre outros assuntos com Callahan.

— Tem razão. É melhor para todos que esqueçamos do irlandês — aconselhou

Jack.

Fighter não disse nada; nem sequer prestou atenção às palavras do amigo. Entretanto, pouco depois de desfazer sua bagagem, dirigiu-lhe um sorriso impenetrável. Jack não compreendeu o significado daquele gesto, mas supôs que não podia ser nada de bom.

O tempo lhe daria razão.

BAGDÁ, 3 de fevereiro de 2004

A primeira coisa que Aisha fez, quando regressou a Bagdá, foi ir ao Museu Arqueológico, para pegar as chaves de sua casa, onde as guardara antes de acompanhar o pai de Fathia até Najaf. Assim decidiu, porque pensou que poderia perdê-las no caminho. Todavia, depois de tantos meses fora do lar, achou que não tinha sido uma boa ideia.

Depois de mostrar seu crachá aos soldados norte-americanos postados na entrada, ingressou, decidida, naquele que havia sido seu lugar de trabalho. Como era hora do almoço, encontrou apenas os zeladores que cuidavam do pouco que foi possível salvar, os quais cumprimentou, sem explicar a razão dos meses de ausência. O restante de seus companheiros voltaria em algumas horas, o que lhe dava uma boa margem de tempo para pegar o que fora buscar e fazer uma ligação telefônica. A última coisa que desejava era justificar-se pelo desaparecimento.

Assim que entrou em seu gabinete, imediatamente percebeu que outra pessoa ocupava seu cargo. Sobre a mesa, viu a fotografia de uma mulher e de umas crianças, desconhecidas. Seu jarro com flores de plástico havia sumido e os relatórios ali empilhados tinham sido redigidos havia poucos dias. No timbre de uma das folhas leu o nome Ahmed Laklifi. Pelo penetrante odor de tabaco que ainda impregnava o ambiente, era óbvio que alguém havia ido embora dali nos últimos cinco minutos.

Não teve de fazer o menor esforço para notar que a direção do museu decidira anular seu contrato. Fora substituída, tranquilamente.

Temendo o pior, abriu a gaveta onde guardara suas chaves e elas não estavam ali. Desesperada, tratou de pensar com clareza, antes de perder a calma. Depois, esquecendo que aquele gabinete não era mais seu, deu uma olhada em todas as outras gavetas. Nada. Sentou na cadeira do novo vicediretor. Pegou o telefone, orando a Alá para que tivesse linha.

Parece que sua súplica foi ouvida, porque lá estava aquele som particular. Antes de discar o número da cadeia de televisão britânica BBC World News, a doutora apoiou as costas no espaldar da cadeira, fechando os olhos. Precisava avaliar a situação.

Em primeiro lugar, custava a acreditar que um grupo de loucos ocidentais

estivesse disposto a iniciar uma série concatenada de conflitos bélicos, com a única finalidade de sobreviver em um mundo que começava a ser pequeno demais para conter toda a humanidade. Não havia um só parágrafo naquele relatório que não fosse imoral e mesquinho. Jamais vira tanta presunção em mentes tão criminosas.

Agora entendia por que Rajmani lhe ocultara aquele terrível segredo, e também os motivos que tinham levado o funcionário da APC a revistar sua casa daquela maneira. Procurava os relatórios e o DVD — que ela ainda não tinha visto —, porque isso comprometia o governo norte-americano. Como pôde comprovar, a pessoa que assinava aqueles documentos estava ligada intimamente ao presidente George W. Bush, portanto a ameaça era verdadeira e vinha dos Estados Unidos.

Aqueles homens, atribuindo-se um direito internacional que não lhes pertencia, haviam decidido instaurar um novo regime comum, uma política global para todos os países do mundo, uma ideologia implacável e restritiva, capaz de submeter à sua férrea autoridade os pobres inocentes que aceitavam aquela atroz devastação, que era a guerra, como única solução possível para o problema do terrorismo. Aquele conflito se iniciara no mesmo dia em que desabaram os edifícios do World Trade Center e haveria de continuar com as invasões do Afeganistão e do Iraque e de muitos outros países.

Chamavam aquilo de Nova Ordem Mundial.

Para Aisha Howeid, ex-vice-diretora do Museu Arqueológico de Bagdá, uma humilde, mas erudita mulher com escrúpulos, aquilo era uma vil e covarde manobra urdida por uma minoria. O mais forte devia acabar com as esperanças de vida do mais fraco. Esse era o pensamento oligárquico e fascista que transparecia no dossiê. Não havia nada de heroico na atitude daqueles homens, mas sim de instinto ancestral. Comportavam-se como animais lutando por seu alimento... para sobreviver.

Teve de esquecer o desnaturado propósito daquele bando de doentes mentais que haviam escrito o Projeto Brainwashing, para se concentrar na ligação telefônica que tinha de fazer.

Discou o número de telefone que escrevera, com tinta azul, sob as pregas de sua túnica. Logo escutou uma voz feminina, falando em inglês. Aisha, que falava perfeitamente o idioma — quando estudante, passara quatro anos em Londres —, pediu para conversar com o diretor. Antes que a secretária exigisse sua identificação, a doutora tocou no nome do jornalista falecido: Rory Moore. Acrescentou que era uma chamada de Bagdá e que tinha uma notícia substancial a oferecer à cadeia de televisão, mas que só o faria se falasse pessoalmente com alguém de “cima”.

Depois de alguns segundos ouviu a voz de um homem que se apresentou como Richard O'Malley. Aisha foi direto ao assunto.

— O motivo pelo qual liguei tem a ver com a morte de um de seus jornalistas no Iraque e também com a notícia pela qual ele tanto lutou e que acabou lhe custando a vida. — Diante do absoluto e embaraçoso silêncio, do outro lado, teve de acrescentar: — Porque suponho que sabe do que estou falando... não é mesmo?

— Lamento decepcioná-la — respondeu o diretor da BBC World News —, mas Rory era um homem bastante reservado. Limitava-se a enviar suas reportagens de guerra todos os dias e sempre com exatidão... Lamento, mas nunca me disse nada indicando que estivesse na pista de uma exclusiva.

Desconcertada, Aisha não soube como devia reagir. Como lhe explicara a própria Fathia, já haviam sido concluídos os detalhes da transferência do dinheiro para a Jordânia e da expedição dos passaportes, graças à participação da rede de tevê. Sem dúvida, parece que alguém havia mentido. Nesse caso, o inglês.

Com voz firme, disposta a tornar mais verossímil sua história, a doutora contou os antecedentes a seu interlocutor. Explicou o acordo entre Rajmani e o correspondente de guerra chamado *Mister Moore*. Até se atreveu a adiantar parte do conteúdo do dossiê pelo qual haviam morrido os dois participantes do intercâmbio e mais dois soldados norte-americanos.

O'Malley a escutou com grande interesse. Por inverossímil que lhe parecesse a história daquela mulher anônima, havia algo em suas palavras que inspirava confiança. Por isso, quando ela terminou de falar, o diretor da BBC World News se viu em uma encruzilhada: aceitar as condições de pagamento que ela oferecia, em troca do dossiê pelo qual morreria um de seus melhores repórteres, ou deixar passar a oportunidade de vender uma notícia que, se não fosse manejada de maneira correta, bem poderia explodir em suas mãos. De qualquer forma, teria de consultar o resto de seus sócios.

Um milhão de dólares norte-americanos era dinheiro demais. Em troca, precisava ter a segurança de que os benefícios superariam o investimento. Tinha de fazer uma análise financeira e isso levava tempo. Mas à margem de todos esses detalhes, a notícia, caso procedente, poderia ter uma extraordinária repercussão na mídia. E isso influiria nas vendas.

— Se é verdade tudo o que disse e pode provar, é possível que cheguemos a um acordo — respondeu O'Malley. — Para isso, terei de enviar um de meus homens ao Iraque. Ele entrará em contato com você... Algum problema?

Aisha respirou profundamente. Agora estava na mesma situação em que estivera implicado seu ex-amante. E Rajmani estava morto.

— Nenhum — respondeu finalmente, depois de uma pausa que ao sujeito de Londres pareceu eterna. — Mas pode me dizer como entraremos em contato?

— Muito fácil. Diga seu nome e seu endereço, em Bagdá, e o jornalista irá à sua casa. Assim haverá maior privacidade.

Era perfeito. No entanto, Aisha continuava pensando que havia iniciado uma viagem sem retorno. No momento em que abrisse seus dados pessoais, estaria nas mãos de pessoas que não sabia se estavam ou não implicadas no abominável projeto de aniquilação iniciado pelos homens mais poderosos do planeta.

Afastando seus temores, Aisha lhe deu seu nome completo, bem como o da rua onde morava.

— Está bem. Não creio que demore mais de uma semana para ele chegar a Bagdá, no máximo, duas — adiantou O'Malley. — Meu conselho é que saia o menos possível de casa, até que entre em contato com o homem que vou enviar.

— Acho que aceitarei sua sugestão.

Aisha estremeceu ao lembrar da violência e intimidação de que haviam se valido os norte-americanos, ao revistar sua moradia. Não queria arriscar-se a ser reconhecida na rua. Sua vida dependia disso. Disse a si mesma que usaria o véu, se fosse necessário.

Depois de uma frase de cortesia, fria e sucinta, de ambas as partes, despediram-se com a promessa de voltar a entrar em contato depois que a transação fosse realizada.

Aisha desligou. Fechou os olhos, tratando de se acalmar. Havia perdido seu emprego, as chaves de sua casa e, para desgraça maior, o diretor da rede de televisão nunca ouvira falar, em toda sua vida, do dossiê. Mas o pior de tudo era que ela mesma se colocara na delicada posição de oferecer a ele seus dados pessoais. Rezou para que o homem com que acabara de falar seguisse em frente com a compra da informação e não a delatasse ao serviço secreto de seu país... ou à própria CIA. Já não confiava em ninguém; não, desde que haviam assassinado Rajmani por culpa daquele maldito relatório.

Levantou-se da cadeira para ir embora, quando descobriu uma caixinha de porcelana — presente de uma amiga — sobre uma das prateleiras que havia perto da janela. Aproximou-se para pegá-la. Era a mesma, não tinha dúvidas. Abriu-a sem demora. Seus lábios desenharam um sorriso ao descobrir que alguém se preocupara em guardar suas chaves em um dos objetos de sua propriedade. Com certeza, haviam sido depositadas ali na esperança de que fossem devolvidas, algum dia.

— Bendito seja Alá! — exclamou a doutora, beijando as chaves.

Antes que seus companheiros regressassem e lhe fizessem uma série de perguntas, de difícil resposta, Aisha foi embora, sabendo que nunca mais voltaria

a seu antigo posto de trabalho.

KANDAHAR (Afeganistão), 6 de fevereiro de 2004

— Nossos homens em Dubai me asseguraram que pensa voltar ao Paquistão em poucos anos — disse, com voz serena, o mulá Omar. — E faria isso apoiado pelos Estados Unidos, com a finalidade de derrubar democraticamente Pervez Musharraf, algo que não estou disposto a permitir.

Omar Sheikh escutava com atenção as palavras do chefe dos talibãs. Como não falava bem o paquistanês, o mulá usava o árabe corânico para se comunicar com ele. Ambos estavam sozinhos, sentados no chão sobre suas almofadas, a poucos metros da caverna onde haviam procurado refúgio, depois de abandonar a antes inexpugnável fortaleza de Tora-Bora. Um pouco mais abaixo, em uma pequena planície ao pé da montanha, diversos mujahedins treinavam, arrastando-se sob uma estrutura de arames farpados ou realizando outros exercícios.

— É fácil adivinhar de quem você fala. E, em verdade, não sei a que se deve tanto receio — replicou Omar, irritado pela desconfiança que exteriorizavam os vários líderes da Al-Qaeda. — Além disso, se essa mulher é tão perigosa aos interesses do islã, por que permitir que continue viva? Vamos acabar com ela de uma vez!

O mulá Omar estreitou seu único olho para esquadrinhar o homem que estava à sua frente. Algo lhe dizia que Omar Sheikh simulava seu fervor religioso.

Já o havia visto em várias tardes, sentado em meio ao deserto, orando ao cair do sol, como o anacoreta que precisa de solidão para colocar suas ideias, pensamentos e prioridades em ordem, e sempre lhe pareceu que sua atitude era uma encenação, para demonstrar ao resto de seus companheiros a importância do cumprimento das leis corânicas. Às vezes, manifestava a necessidade de entregar-se cegamente à luta e a toda hora falava em aniquilar o adversário, como estava fazendo naquele momento; em outras ocasiões, entretanto, se comportava de maneira reservada e fugidia. E isso indicava que também sentia

medo.

Sabia muito bem por que estava ali ou, pelo menos, intuía. E não se importou. Embora preferisse saber seus motivos.

— Dentro de alguns dias, você irá para Dubai. Sozinho... ninguém o acompanhará nessa missão — disse o mulá Omar. — Lá, vários de nossos homens entrarão em contato com você. Eles o ajudarão a organizar tudo. Não me importa como vai fazer, mas eu a quero morta. Quando voltar, Ayman al-Zawahiri lhe dirá onde se encontra o Xeique.

— E por que não me diz isso, agora? — insistiu, tal como fizera em diversas ocasiões, desde que se reunira com seus antigos companheiros. — Por que me fazer esperar, quando só o que desejo é saldar meu velho amigo Osama e lhe apresentar minhas novas propostas para financiar nossa causa? Não lhe ocorreu que eu poderia morrer em Dubai? Nesse caso... — fez como se duvidasse entre calar ou continuar falando; tinha de representar bem seu papel — ...não poderia entregar-lhe a mensagem que o SII me deu para ele. Há determinada informação que só o Xeique deve saber. Daí minha urgência a vê-lo. É um assunto prioritário que não pode demorar.

Aguentou, impávido, o olhar de reprovação do mulá Omar, penetrante como a ponta de uma adaga.

O líder dos talibãs reprimiu um sorriso. Achava que sabia qual era o jogo de Omar Sheikh, e só permitia isso porque ele haveria de ajudá-lo, sem que soubesse, a alcançar o poder absoluto do grupo terrorista. Mas o irritava ter de aparentar ignorância.

— Lembro a você que o xeique Osama adiou qualquer obrigação, enquanto não estiver recuperado de sua doença. Em sua ausência, Al-Zawahiri e eu somos os que tomamos decisões aqui e também os que recebemos sugestões.

— Não titubearei em apresentá-las, depois de ter falado com ele.

De novo o silêncio entre eles, ouvindo-se apenas o eco dos Kalashnikov e a respiração ofegante dos mujahedins, arranhando a pele das costas no arame farpado, enquanto se arrastavam pelo chão. Seus olhos se cruzaram, mas Omar não sustentou o seu por muito tempo, e inclinou a cabeça.

— Diga-me onde está e eu farei a missão — sussurrou o paquistanês. — Assim poderei falar com ele antes de ir para Dubai.

O mulá Omar se pôs em pé. Agora parecia muito mais alto e corpulento.

— Vem comigo! — E fez um gesto para que o seguisse.

Omar se levantou imediatamente, seguindo os passos do líder. Entraram na caverna onde vários talibãs limpavam suas armas ou lavavam suas roupas rústicas no pequeno e cristalino lago que havia sob as rochas daquele inacessível refúgio. Em seguida, entraram em um largo corredor, com luzes de baixa

potência pendentes do teto. Finalmente chegaram ao arsenal.

— Se alguém me perguntasse onde se esconde o xeique Osama, eu responderia que está aqui... — O líder dos talibãs apoiou sua mão sobre um caixão aberto onde se viam vários fuzis de assalto AK-47. — O espírito lutador do Xeique vive nessas armas, bem como nos homens que as manejam. — Fitou-o nos olhos. — Osama bin Laden já é lenda. Jamais morrerá... ainda que a morte o leve.

O paquistanês se colocou na defensiva, alertado pelas últimas palavras do mulá Omar. Ninguém havia dito que Osama pudesse morrer.

— Diz isso por causa da doença?

O talibã supremo inclinou a cabeça, arqueando as sobrancelhas.

— E por que eu ia me referir a outra coisa?

Aquele havia sido um erro. Não deveria ter feito a pergunta, mas sim subentender. Raciocinou imediatamente.

— Não sei... — titubeou, com certo sarcasmo. — Às vezes tenho a impressão de que me ocultam algo... você, Ayman al-Zawahiri, Abu Laith e esse tal Khaled.

O mulá Omar desatou a rir. Seu único olho com vida brilhava de maneira especial.

— Simplesmente tratamos de sobreviver — foi sua explicação. — Quanto a seu pedido, pode ir até Al-Zawahiri e dizer a ele que lhe mostre o caminho que deve trilhar até chegar a Osama. Fale que tem minha aprovação.

— Pode confiar em mim. Ninguém jamais saberá onde ele está escondido — disse, como agradecimento, contendo sua satisfação.

— Entretanto, creio que você deveria saber como estão as coisas, na organização — avisou o mulá Omar, circunspecto. — Além de entrevistar-se com o Xeique, você também terá de falar com seu filho. É ele, de fato, quem dirige a Al Qaeda há meses... ou pretende fazer isso.

— Mas... há anos Mohamed Osama abandonou seu pai, depois de repudiar publicamente seus métodos, e foi se esconder no Egito. Por acaso voltou?

— Não falo de Mohamed, mas do pequeno Hamza — corrigiu o líder. — O filhote de leão cresceu e herdou a força e a astúcia de seu pai. Com apenas doze anos de idade, esse garoto emerge como o melhor candidato a ocupar o posto do Xeique.

— Uma criança à frente de nossa causa? — perguntou, atônito. Era a última coisa que esperava escutar, então fez como se tivesse perdido a paciência, sempre empenhado em não ser descoberto. — Bendito seja Alá! — Levantou os braços para o céu. — Hamza não está preparado para tomar decisões importantes! É uma loucura aceitar ordens de um garotinho!

— Por isso vou permitir que você vá vê-los, pois o que tiver de conversar com o xeique Osama terá de falar também a seu filho — o chefe talibã acrescentou com mordaz sutileza. — Suponho que sabe o que quero dizer.

Pela maneira como pronunciou suas últimas palavras, e pelo modo com que deixava entrever aquele subliminar e perspicaz sorriso, o paquistanês compreendeu imediatamente que a generosidade do mulá Omar implicava uma mensagem oculta nas entrelinhas.

O mulá Omar, homem de grande inteligência, descobrira seu jogo.

Sendo assim... por que permitia que ele seguisse adiante?

Um ligeiro calafrio percorreu sua espinha.

Sentiu como se estivesse cada vez mais próximo de um fim inexorável.

BAGDÁ, 13 de fevereiro de 2004

As coisas estavam agitadas na Zona Verde. O comitê de Bremer denunciava a política dos empreiteiros, enquanto em Bagdá os xiitas haviam se armado por sua própria conta, sob as ordens do líder religioso Muqtada al-Sadr, que incentivou e deu apoio moral ao chamado exército de Madhi. Embora os serviços de segurança tivessem sido ampliados depois dos últimos atentados contra as instalações da APC, o país continuava mergulhado em caos e desordem. Os ministérios tentavam alterar as coisas, mas só conseguiam mesmo oprimir ainda mais os iraquianos, com seus rígidos métodos ocidentais de trabalho, de maneira que ficava insustentável coordenar as diferentes equipes. A desconfiança que os norte-americanos inspiravam era inegável e já havia quem se perguntasse quando chegaria o momento de vê-los partir para sempre. O Iraque era um país destruído desde seus alicerces e qualquer tentativa de unir os fragmentos daquela Babilônia segmentada em facções religiosas e tribais seria simplesmente impossível.

Tim Buwosky sabia e, por isso, pedira para regressar aos Estados Unidos. Sua viagem de volta ia acontecer em apenas dois meses. E embora ainda pudesse continuar investigando o assunto das chamadas telefônicas, esqueceu-se completamente da doutora Howeid, do arqueólogo falecido e do segredo que ele levou para o túmulo. Se o Pentágono deixara a coisa passar em branco, não seria ele quem trataria de decifrar o mistério. Havia outras coisas mais importantes em que pensar.

Sentado diante de sua mesa de trabalho, repassava os relatórios que teria de enviar por correio eletrônico ao Ministério da Indústria, para corrigi-los. Era uma tarefa que odiava, mas tinha de terminá-la antes das 18 horas e lhe faltavam apenas vinte minutos.

Naquela tarde tinha pensando em ir ao bar do porão do hotel Al-Rashid, um ambiente seletto onde só se podia entrar se fosse convidado. Era dirigido pela empresa Halliburton, e em seu interior haviam instalado uma enorme tela de televisão, bem como uma sala de jogos, onde os agentes da CIA costumavam se reunir. Tinha marcado um encontro com Rita, uma porto-riquenha de corpo escultural e muito elegante, e que era secretária de Don North, enviado pela SAIC³⁹ para planejar a programação da rádio e tevê iraquiana.

Gostava daquela jovem de cabelos longos, sedosos e negros como o sangue do demônio. Sabia manter uma conversa interessante, o que demonstrava um elevado nível cultural. Suas outras qualidades eram igualmente apreciáveis. Até seu voluptuoso comportamento na cama parecia estar envolto pelo fino véu da elegância. Poderia esquecer o Iraque, inclusive as consequências da guerra, mas jamais sairia de sua memória a suave fragrância que destilava da pele morena de Rita, nem o doce e frutado sabor de seus lábios.

Buwosky não era nenhum romântico, nem muito menos um sentimental. Não tardaria a esquecê-la, como as outras. Mas isso não o impediria de desfrutar o presente ao máximo.

Naquele momento, o telefone tocou. Atendeu, já sabendo que era sua secretária.

— Diga, Doris.

— Senhor... um cavalheiro o procura. Disse que é importante.

Com a mão direita, Buwosky mexia no *mouse*, sem tirar os olhos da tela do computador.

— Disse seu nome?

— Ele se nega a falar, mas informa que é jornalista da BBC World News e que tem algo que pode interessá-lo.

Levantou-se imediatamente assim que escutou o nome da empresa para a qual trabalhara o falecido Rory Moore. Sentiu que se abria uma porta diante dele, uma nova oportunidade de retomar as investigações que suspendera depois do desaparecimento da vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá.

— Mande entrar.

A primeira coisa que precisava averiguar era a razão daquela visita. Parecia estranho que um correspondente britânico viesse entrevistar um simples funcionário da APC, muito menos alguém daquela empresa. Com certeza, Buwosky não acreditava em casualidades.

Depois de uma ligeira reflexão, concluiu que o jornalista deveria saber qual era seu verdadeiro trabalho no Iraque, ou não teria vindo procurar precisamente por ele. Ninguém sabia de suas investigações sobre as ligações telefônicas interceptadas, nem de seu interesse pelas informações que o iraquiano pensava vender ao repórter da BBC World News. Mas era evidente que aquele sujeito o havia relacionado à investigação realizada pela CIA, o que o fez concluir que o homem prestes a entrar em seu escritório devia pertencer, com certeza, a algum departamento do serviço de inteligência britânico. Seria alguém, como ele, de dupla identidade.

Bateram na porta.

— Entre. Está aberta — disse Buwosky.

O repórter era alto, robusto e com um bigode negro. Usava um gorro militar e um tampão de couro ocultava seu olho esquerdo. O que mais o surpreendeu foi que ele era árabe, não anglo-saxão, como se esperava de um profissional britânico.

— Você é Buwosky... Tim Buwosky? — perguntou, dirigindo a ele um olhar glacial, desses que gelam o sangue.

— Sim. Posso saber quem faz a pergunta?

— Eu me chamo Driss Moqtari e sou a pessoa pela qual tem esperado nesses últimos meses.

BAGDÁ (Iraque), madrugada de 14 de fevereiro de 2004

Jack ainda estava acordado. Não conseguia dormir, apesar do cansaço, depois de cruzar duas vezes a distância entre a Zona Verde e o aeroporto; sempre com a carabina M-4 nas mãos, com os nervos à flor da pele, na incerteza de saber se haveria um ataque da insurgência ou se a sorte os abandonaria na próxima vez tivessem de escoltar um dos burocratas da APC. Aquele trabalho era como jogar roleta-russa: uma questão de sorte.

Resistia ao sono também por outros motivos: os fantasmas do passado.

Minhas mãos procuram com ansiedade teu corpo, nessa cama de frios lençóis, mas só encontram o vazio que deixaste faz pouco mais de dois anos — lembrou a imagem de sua esposa; seus beijos, seu sorriso e o aroma de seu corpo. — Fecho de novo as pálpebras. Acabo de lembrar que tua morte não é um sonho, mas a triste realidade do viver presente, e que eu sou apenas um homem que sente saudade em silêncio do intenso calor de teus lábios. Desejaria que estivesse aqui... Deus do céu, quanto sinto a tua falta!

Tentando esquecer, virou o corpo para o outro lado. As molas do colchão, ao sentir a pressão, rangeram no silêncio da noite. O reboque onde estavam os beliches lhe pareceu, naquele momento, um mundo de sombras governado por um deus obscuro, que se alimentava dos sonhos e pesadelos dos mercenários. Em meio àquele ventre de metal, nebuloso e opaco como o próprio inferno, escutou o eco entrecortado da respiração de seus companheiros.

O simples detalhe de lembrar Sharon lhe devolveu o bom senso. Não estava satisfeito por terem invadido aquele país, nem por saber que alguns dos terroristas da Al-Qaeda tinham sido mortos ou cumpriam pena em *Gitmo*⁴⁰. Não regressara ao Iraque para continuar sua vingança, mas sim em busca de respostas. Acima de tudo, devia isso a sua esposa.

Então, desde que voltara, aproveitava qualquer tempo livre para se relacionar com os iranianos que trabalhavam na Zona Verde. Sua intenção era averiguar o paradeiro da mulher de Rajmani.

Em uma dessas investigações extraoficiais, alguém lhe contou que também havia desaparecido Aisha Howeid, vicediretora do Museu Arqueológico de

Bagdá e prima da quarta esposa do ditador. Soube que um homem da APC revistara a casa da doutora, antes de seu sumiço. Inteirou-se, ainda, de que Aisha escondera cerca de 8 mil pequenas peças arqueológicas nos porões do museu, sempre contando com a ajuda do falecido Rajmani, detalhe que no mesmo instante levantou suas suspeitas.

Talvez, pensou, tanto a esposa do arqueólogo assassinado como Aisha Howeid soubessem da existência do dossiê e tivessem decidido, de comum acordo, desaparecer por algum tempo, para enganar os serviços de inteligência dos Estados Unidos. O certo é que o Iraque havia se convertido, da noite para o dia, em um formigueiro de agentes da CIA.

Jack foi descobrindo como era difícil falar com os iraquianos, principalmente para alguém que pertencia a uma empresa como a Blackwater. O idioma complicava seu trabalho, razão pela qual teve de contratar um intérprete iraquiano, a quem pagava com seu próprio salário. Muitos se recusavam a conversar privadamente com ele. E os que se viam obrigados a isso vinham acompanhados de vários amigos ou vizinhos, para que pudessem atestar que sua entrevista com um dos mercenários de Bremer se devia ao tradicional interrogatório a que os norte-americanos os submetiam com frequência, não por livre vontade.

Em algumas ocasiões pontuais, o dinheiro conseguia resultados mais diretos e frutíferos.

Tanto assim que um comerciante de tapetes, que possuía uma loja em frente ao Museu Arqueológico de Bagdá, depois de aceitar uma nota de vinte dólares, disse que vira a doutora Howeid entrar no edifício havia poucos dias. Outros vinte o ajudaram a recordar certos detalhes que poderiam auxiliá-lo em sua investigação, como a profunda amizade que existia entre Aisha e o falecido Rajmani, ou o fato de que sempre estavam juntos e felizes, sem esconder de ninguém o amor que estava implícito em seus gestos e olhares cúmplices. E, depois de lhe oferecer mais dinheiro, o mercador soltou a língua e lhe deu, também, o endereço da doutora, pois em certa ocasião tivera de ir à casa dela para levar uma encomenda: um tapete, oferecido por Rajmani Jalil Sadun.

Esse era outro dos motivos que impediam Jack de dormir naquela noite. Tinha pensado em visitar a doutora Howeid e isso lhe causava tal excitação que um ligeiro tremor sacudiu seu corpo.

Tinha de se acalmar; não era bom deixa-se levar pelas emoções. Mais cedo ou mais tarde encontraria o relatório e naquele momento iniciaria um plano ponderado e estratégico, para conduzi-lo, diretamente, aos assassinos de sua esposa. Não havia pressa nenhuma. Tinha todo o tempo do mundo.

Fechou os olhos, tentando conciliar o sono. Relaxou os músculos para deixar a

mente em branco. Assim, o mundo foi se desvanecendo ao seu redor.

E foi aí que seus pesadelos voltaram: sangue... fogo de artilharia... gritos de dor... medo e angústia... o olhar vazio dos mortos... e aviões se estatelando contra edifícios de cristal.

O impenetrável idioma de um cérebro atormentado.

BAGDÁ, 15 de fevereiro de 2004

Deixou a sacola com alimentos sobre a mesa da cozinha, não sem antes pegar uma maçã para lhe dar uma mordida, já que estava faminta. Em seguida, foi até seu quarto para tirar o *hijab* negro com o qual cobrira a cabeça e parte do rosto, durante o breve passeio pelas ruas e mercados de Bagdá. Trocou a túnica por outra mais leve e colorida e voltou à cozinha, para fazer um chá de menta.

Enquanto esperava a água ferver, Aisha notou que as forças a abandonavam de novo.

Sentia-se sozinha. Nem sequer contava com a companhia de Fathia e Rashida. Surpreendeu-se ao descobrir quanto sentia falta delas naquele momento, quando poucas semanas atrás só pensava em perdê-las de vista para sempre. Sabia muito bem que o futuro daquelas mulheres e de seus filhos estava em suas mãos. Mas o que mais a preocupava era sua própria segurança, a possibilidade de ser afetada fisicamente. Não tinha alma de mártir nem jamais fora uma mulher que se comovesse com as atribulações alheias. Sua carreira universitária e seu trabalho a haviam impedido de aproximar-se dos outros. Sempre pensou em si mesma e em sua própria felicidade. Entretanto, agora que o mundo ao qual pertencera havia desaparecido, seu olhar teve de voltar-se ao único objetivo imprescindível e realmente importante: a solidariedade. Os iraquianos eram as vítimas. Só podiam contar com eles, de maneira que ajudar-se mutuamente se convertera em um completo sistema de trocas no Iraque.

Aisha sabia que favorecê-las a ajudava, de uma maneira ou outra. Além disso, em nenhum outro momento de sua vida havia deixado de cumprir uma promessa e não ia começar a fazê-lo agora. Devia isso a Rajmani. E, de certo modo, também se sentia em dívida para com Fathia. Tinha de seguir adiante, a qualquer preço.

A água começou a ferver, então se aproximou do fogão para retirar a chaleira do fogo. Depois de encher o bule, introduziu um raminho de hortelã e esperou

que a água destilasse sua essência. Depois encheu um copo de cobre e, soprando para que o líquido esfriasse, foi até a sala para descansar de suas andanças pela cidade.

Para afastar o tédio de viver em um mundo arrasado pela barbárie, ligou a televisão. Sem contar com uma antena parabólica, teve de suportar o noticiário propagandístico *Towards Freedom*, transmitido pela IMN⁴¹, programa diário de uma hora, cuja finalidade era divulgar o trabalho dos funcionários britânicos e norte-americanos com declarações triunfalistas que, de certa forma, recordava aos iraquianos quem realmente controlava o país.

Ouviu batidas na porta da frente. Depois de sentir um ligeiro estremecimento, devido à surpresa, analisou se deveria abrir ou esperar que tentassem de novo. Podia ser apenas uma criança, brincando, ou uma vizinha. Mas se levantou para verificar. Também podia ser o repórter com quem teria de negociar a saída do Iraque da esposa e da irmã de Rajmani.

Colocou o *hijab* e abriu a porta. Sentiu um nó na garganta, pois o sujeito à sua frente não tinha a aparência de um jornalista ocidental. Era um homem alto, de raça árabe e aspecto rude, cujo tapa-olho lhe conferia um ar sinistro. Não parecia iraquiano. Era asseado e seus cabelos negros encaracolados brilhavam à luz do sol. Usava uma camisa de cor verde militar, sob uma jaqueta de couro, além de uma calça jeans desbotada. E ostentava um sorriso afável, que conseguiu alterar a primeira impressão da doutora.

— *Salam aleikum...* — cumprimentou, em tom cortês, para prosseguir em inglês. — Você é a doutora Aisha Howeid?

— Sim. Deseja algo de mim?

— É você que quer algo de nós, não lembra? Sou Driss Moqtari e trabalho para a BBC World News.

Aisha, com uma expressão mais suave no rosto, abriu a porta.

— Entre — indicou, enquanto olhava de um lado ao outro da rua, que estava deserta. — Suponho que tenha vindo sozinho.

O jornalista abriu os braços, dando a entender que não tinha nada a ocultar.

— Não se preocupe... Ninguém sabe que estou aqui.

— Melhor.

Aisha conduziu seu convidado à sala. Em silêncio, Driss se sentou no sofá e Aisha, à direita dele, em uma cadeira. Por não saber o que dizer, tentou romper o gelo oferecendo-lhe algo para beber.

— Aceita um chá? Lamento, mas é o único luxo que posso me permitir.

— Não, mas agradeço. Creio que é melhor nos atermos ao assunto que nos convém.

— Sim. Mas, antes, permita que lhe faça uma pergunta.

— Claro.

— Você é britânico?

Driss começou a rir. Era óbvio que ela se surpreendera ao se deparar com alguém de sua raça, quando esperava um indivíduo pálido, sardento e fleumático.

— Nasci na Líbia, mas meus pais se mudaram para Londres logo depois que eu completei dois anos. Você se importa muito com minha nacionalidade?

— Não... não é isso... é que...

— Sim, compreendo. Você não esperava que um árabe pudesse trabalhar para uma cadeia de televisão britânica. Não se preocupe, não é a primeira pessoa, aqui no Iraque, que se surpreende com o meu trabalho. Algo que, por outro lado, não parece tão estranho na Inglaterra.

Sem graça, Aisha procurou mudar o rumo da conversa.

— Muito bem... estão dispostos a nos ajudar, em troca de informação?

— Você disse ajudar-nos? — Driss fez a pergunta com certa surpresa. — Acreditava que só você sabia da existência desses relatórios.

A doutora teve de lhe explicar toda a verdade. Falou de Rajmani e de seu trágico final, quando ele decidiu se encontrar com um de seus colegas britânicos para negociar a compra daquela surpreendente notícia. Também lhe explicou que a esposa do falecido e seus filhos, bem como sua cunhada Rashida, aguardavam em uma cidade do interior, à espera do resultado da conversa. Contou a ele tudo o que sabia, exceto o lugar onde as mulheres continuavam escondidas. Esse detalhe ela reservaria, até estar segura de que a cadeia de televisão cumpriria sua promessa.

— Posso dar uma olhada nesses relatórios? — perguntou o líbio.

— Por enquanto, não — ele respondeu, com cautela. — Primeiro quero ver os passaportes e a transferência do dinheiro.

Sem se perturbar pela desconfiança da doutora Howeid, Driss tirou vários passaportes do bolso superior da jaqueta. E os entregou.

— O dinheiro será transferido quando eu comprovar que esse dossiê é tão importante quanto você afirma. — Ao ver o brilho de receio nos olhos da mulher, acrescentou: — Compreenda. Não vamos sair por aí pagando um milhão de dólares sem ter certeza de que não está mentindo para nós. De qualquer forma... — voltou a colocar a mão no bolso, de onde tirou um envelope fechado — ...como prova de nosso interesse pela notícia, a direção do programa me deu isto para lhe entregar. — Estendeu o braço direito para oferecê-lo.

Aisha, surpresa pela forma como a negociação se desenrolava, pegou o envelope.

— Aqui estão vinte e cinco mil dólares, suficientes para lhe demonstrar nossa

seriedade — afirmou o jornalista.

Ela o abriu, para checar se não estava sendo vítima de uma fraude. Ao ver que estava tudo certo, ficou um pouco mais tranquila.

— De acordo... Faremos assim: você virá me buscar nesta noite, lá pelas 9 horas. E, por favor, consiga um meio de transporte. Precisaremos ir para Najaf.

— Quer dizer que não tem o dossiê com você?

— Exato... — Aisha se levantou para guardar o envelope e os passaportes na gaveta de um móvel. — Esses documentos têm uma dona e é ela que os guarda.

— Você se refere à esposa do arqueólogo assassinado? Ela afirmou com um ligeiro movimento de cabeça.

— Está bem. — Compreendendo que a doutora dava por terminada a entrevista, o líbio também se levantou. — Agora, é melhor que eu vá. Regressarei às nove em ponto, como me pediu. Espero que ainda esteja aqui.

— Fique tranquilo... não tenho outro lugar para ir.

Aisha o acompanhou até a porta. Depois, fechou-a à chave.

Assim que entrou na cozinha, lembrou-se de um pequeno detalhe que até aquele momento lhe passara despercebido: ao abrir a porta ao jornalista, ele se dirigira a ela perguntando-lhe se era a “doutora Howeid”. O problema era que ela jamais mencionara seu trabalho ao diretor da rede de televisão, nem sequer falara do Museu Arqueológico. Então, como aquele indivíduo podia saber que ela possuía um doutorado?

Intrigada, ela voltou à porta, que abriu rapidamente, esperando poder alcançar o jornalista para lhe pedir explicações. Pensou em chamá-lo, quando um veículo blindado, com chapa oficial do exército aliado, idêntico aos que costumavam usar os funcionários da APC para se locomover por Bagdá, dobrou a esquina da avenida e parou perto de umas casas a uns vinte metros de distância da sua. Dentro dele, sentado ao volante, reconheceu o homem do rabo-de-cavalo, que agora limpava seus óculos de sol com um lenço.

Antes que ele levantasse o olhar e percebesse sua presença, ela voltou a fechar a porta.

Compreendeu tarde demais que tinha sido uma idiota ao confiar em uma cadeia de televisão britânica. Ninguém jamais pagaria por uma notícia como aquela, só para difundi-la. Ao contrário, o governo norte-americano é que estaria disposto a comprar tal informação, para manter o assunto em segredo.

O que não conseguia entender era se os norte-americanos estavam utilizando a BBC World News para ter acesso aos relatórios do Projeto Brainwashing, ou se o jornalista pensava em passar o dossiê à inteligência dos Estados Unidos, em troca de uma soma ainda maior de dinheiro. Mas tinha certeza de que não permitiriam que continuasse viva, nem ela nem as outras mulheres.

Tinha de abandonar Bagdá quanto antes.

BAGDÁ, 15 de fevereiro de 2004 —

Como foi? — perguntou Buwosky, dando partida no Suburban.

— Não tão bem como esperávamos — resmungou Driss, assim que fechou a porta do veículo, fazendo um gesto ostensivo de contrariedade. — Pelo visto, os relatórios estão em poder da esposa de Rajmani, em Najaf.

O agente da AID bateu, com fúria, no volante.

— Maldição! Em Najaf! — esbravejou. — Sabe o risco que teremos de correr, se decidirmos ir buscá-los? Aquilo está lotado de fanáticos xiitas sob as ordens de Muqtada al-Sadr... o exército de Madhi.

— Não há alternativa. Prometi regressar à noite. Ela nos conduzirá ao dossiê.

O suposto câmera da BBC World News disse isso em um tom neutro, procurando dissimular a exasperação que sentia ao saber que aquelas mulheres eram mais inteligentes do que ele imaginava.

— Está bem... — Buwosky tratou de conservar a calma. — E o que acha que eu vou fazer? Esperar na Zona Verde? Lembro que minha presença poderia interferir na negociação.

— Já pensei nisso. Falaremos com Bremer, para que coloque a seu serviço vários agentes de segurança e um helicóptero da Blackwater. Mais tarde, vão levá-lo até Najaf, onde voltaremos a estabelecer contato. Quanto a mim e à doutora, ambos somos árabes. Viajaremos em um carro velho, com chapa iraquiana, como se fôssemos casados. Dessa maneira, não levantaremos suspeitas.

Tim ficou em silêncio. Não tinha alternativa senão aceitar as condições do líbio. Tal como lhe havia confirmado por telefone Douglas Feith, depois de receber a inesperada visita do jornalista britânico, aquele indivíduo tinha autoridade para realizar a missão a contento, já que a ordem vinha diretamente da mesma Casa Branca.

Driss Moqtari, mais conhecido como “O Líbio”, na realidade pertencia à SAIC, uma corporação privada a serviço do governo dos Estados Unidos, com sede em San Diego. Tal empresa atuava como os “ouvidos” da CIA e da ANS, e os membros que formavam o Conselho de Administração eram, em sua maioria, militares aposentados com altos cargos no exército norte-americano.

Foram precisamente os investigadores da SAIC, pertencentes ao centro de

análises e tecnologia antiterrorista, que descobriram que um espião do SII, chamado Omar Sheikh, havia subtraído determinada informação do computador pessoal de um dos homens de maior confiança do presidente da nação. Aquilo disparara alarmes em Washington, D.C., sobretudo quando se percebeu que o agente paquistanês que pegara os arquivos de um projeto classificado de “altamente secreto” era o mesmo a quem haviam encarregado de localizar e eliminar Osama bin Laden, em troca de ser absolvido da pena de morte a que fora condenado.

O erro se devia ao fato de que ninguém, nem sequer a CIA, sabia da existência daquele projeto que, segundo disseram depois, se tratava de um movimento tático idealizado pela SAIC, a Casa Branca e diversas personalidades cujo poder ficava à margem do panorama político dos Estados Unidos. O conteúdo daqueles documentos, que até então haviam permanecido à sombra, só era conhecido por poucos: o presidente e alguns de seus mais próximos auxiliares, como Robert M. Gates, secretário de Defesa e antigo membro do Conselho de Administração da SAIC.

Por isso, ao descobrir que Omar Sheikh entrara em contato com seu cunhado Rajmani Jalil Sadun, um arqueólogo que trabalhava no Museu Arqueológico de Bagdá, para que este negociasse a venda da informação a um repórter britânico, a SAIC enviou a Londres um de seus melhores agentes, que se fazia passar por um jornalista líbio que estudara em uma das mais seletas e consagradas universidades da Inglaterra. Uma vez infiltrado na BBC World News, sua missão consistiria em acompanhar Rory Moore ao Iraque, entrar em contato com o arqueólogo e recuperar o dossiê e o DVD. Cumprida sua missão, tinha ordem de eliminar todos aqueles que soubessem da existência desses documentos, incluindo seu companheiro de trabalho.

Por isso, Buwosky se viu obrigado a colaborar com o agente da SAIC. Mas o fato de que a ordem viesse diretamente da Casa Branca, e de que fora uma empresa privada que se encarregara de recuperar aqueles relatórios, em vez da CIA ou do exército dos Estados Unidos, o fez suspeitar de que o Projeto Brainwashing ocultava alguma manobra suja de seu governo. Se fosse assim, seu trabalho como agente da AID era acatar as ordens de seus superiores, com a maior discrição possível.

Gostasse ou não, estava nas mãos do líbio, que era quem agora dirigia a missão, segundo lhe dissera o próprio Feith.

BAGDÁ, 15 de fevereiro de 2004

Contra qualquer previsão, voltaram a bater na porta de sua casa. Aisha ficou petrificada, sem respiração, sentindo como se seu sangue congelasse nas veias. Sem saber o que fazer. Suas mãos seguravam as peças de roupa que pensava guardar na velha maleta que ainda permanecia aberta sobre a cama. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que o homem do rabo-de-cavalo, sem concordar com as condições que ela havia acertado com o jornalista, tivesse decidido regressar e empregar a força para obrigá-la a ir imediatamente à casa de Fathia, em Najaf.

Reagindo com sensatez e movida pelo instinto de sobrevivência, deixou a maleta e foi direto à sala. Pegou o dinheiro e os passaportes da gaveta, com as mãos tremendo. Depois de guardar ambos os envelopes dentro da túnica, entre o peito e o tecido, foi até a cozinha. Abriu a porta que dava acesso a um pequeno pátio que se comunicava com a ruela estreita que, por sua vez, dividia os pátios das demais moradias.

Com a respiração entrecortada e o coração descompassado com tamanha força que até lhe doíam os pulmões, Aisha correu até o muro, levando uma escadinha de madeira que mantinha no quartinho da parte posterior da casa. Apoiou-a na parede, lamentando ter tampado, no ano anterior, a porta que conduzia à ruela, por causa da desconfiança que tinha dos vizinhos.

Olhou por cima do ombro, pois temia que tivessem entrado em sua residência forçando a porta. Depois de comprovar que ninguém a seguia, subiu os degraus e atingiu o alto do muro. A distância até o solo, calculou, era de uns três metros. E havia um inconveniente: estava repleto de latas de lixo.

Sem pensar duas vezes, saltou no vazio, mas caiu sobre várias lixeiras. Sua queda provocou um barulhão, mas o pior é que torceu o tornozelo. Tentou andar, mas a dor era insuportável. Sentou no chão, pressionando o osso tálus, que parecia seriamente contundido.

Sua situação era desesperadora, mas tinha de fazer um esforço para ficar em pé. Precisava se afastar o máximo possível, em busca de um refúgio. A primeira coisa que lhe ocorreu foi chegar à casa onde vivia sua vizinha Zhur Aynaou, a quem estava ligada por uma profunda amizade, de vários anos. Ia lhe custar muito fazer isso, mas tinha de tentar.

Mal levantara, quando um indivíduo corpulento, com óculos escuros e colete à

prova de balas se postou à sua frente. Era um dos seguranças contratados pelos membros da Coalizão Internacional, um mercenário da Blackwater.

Ela havia sido descoberta.

BAGDÁ, 15 de fevereiro de 2004

— Fala minha língua?

Jack Parsons esperava que aquela mulher pudesse compreender seu idioma, já que não conseguira convencer nenhum dos intérpretes iraquianos que trabalhavam na Zona Verde a acompanhá-lo à casa da doutora Howeid, porque naquela área da cidade imperavam as facções xiitas. Por precaução, nenhum iraquiano que trabalhasse para o exército invasor andava em plena luz do dia pelas ruas de Bagdá e, menos ainda, acompanhado dos temidos homens da Blackwater.

— Eu achava que a esta altura já saberiam tudo a meu respeito — Aisha respondeu, em inglês.

Aquela resposta satisfez Jack, pois lhe dava a oportunidade de conversar, sem intermediários, com a única pessoa que poderia saber onde estavam os documentos que andava procurando.

Ao descobrir que a mulher havia machucado o tornozelo ao saltar e que aquela ruazinha fedorenta não era o melhor lugar para se ter uma conversa civilizada, Parsons lhe estendeu o braço para que se apoiasse.

— É melhor que a ajude... — aconselhou, com suavidade. Depois, sorrindo cordialmente, fez uma pergunta que deixou a doutora desorientada: — Tem algum anti-inflamatório em casa?

Surpresa com a amabilidade daquele mercenário e um tanto perturbada pela maneira como ele a observava — com uma estranha mistura de otimismo e vacilação —, Aisha se segurou no braço dele e deixou-se levar como se fosse uma criança. Entretanto, necessitava saber o que estava acontecendo e, sobretudo, averiguar se aquele sujeito vinha por parte do homem do rabo-de-cavalo.

— Quem é você e a que veio?

— Desculpe... Eu me chamo Jack Parsons e trabalho para a empresa de

segurança Blackwater — respondeu, enquanto chegavam ao final da ruela e dobravam a esquina. — Quanto ao motivo de minha visita, creio que deveríamos falar lá dentro... não acha?

Puseram-se a caminhar em direção à porta principal de entrada da casa.

Aisha guardou silêncio. Não baixou a guarda, embora sua desconfiança se reduzira graças à amabilidade daquele homem. Uma parte dela lhe dizia que não era prudente confiar demais, pois a qualquer momento poderia ser vítima da violência inescrupulosa dos norte-americanos. Não seria o primeiro soldado estrangeiro ou mercenário que, com a desculpa de revistar um domicílio, se apropriava de tudo que tivesse valor, quando não resolvesse abusar sexualmente das mulheres mais jovens e atraentes que encontrava sozinhas.

Desgraçadamente, essa era uma realidade que os políticos do Ocidente esqueciam por completo, dando prioridade aos assuntos referentes ao processo de paz, em vez de observar as humilhações sofridas pelo povo iraquiano, como as torturas a que os *marines* mais sádicos submetiam os prisioneiros no cárcere de Abu Ghraib. Era uma forma de ocultar a verdadeira história de uma guerra que desrespeitava totalmente os direitos humanos e a legislação internacional.

Quando chegaram à porta de sua casa, a doutora observou que outro mercenário, com a cabeça raspada e os braços cobertos de tatuagens, os aguardava junto à grade que protegia a entrada de seu lar. Do outro lado da rua estava estacionado um jipe Mitsubishi Pajero preto, com outros dois homens armados. Pela expressão em seus rostos, ela deduziu que não se sentiam à vontade, naquele bairro de maioria xiita.

— Lembro que precisamos regressar à Zona Verde em menos de dez minutos — avisou Silvio Torres a seu companheiro. — Hyatt é capaz de arrancar nossa pele se descobre que nos desviamos da rota.

— Fique tranquilo. Vou demorar o menos possível — alegou Jack, indicando à doutora que abrisse a porta quanto antes.

Assim que entraram, Parsons a acompanhou até o sofá, para que pudesse colocar o pé sobre uma almofada.

— Tem alguma pomada que possa acalmar a dor? — o ex-tenente do exército norte-americano quis saber.

Aisha lhe indicou a porta que conduzia ao banheiro.

— Ali dentro. Vai encontrá-la na última gaveta do móvel atrás da porta.

Poucos segundos depois, Jack voltou com a pomada e umas bandagens.

Sem levar em conta o pudor da doutora, Parsons se ajoelhou no chão e, com tato, pegou o pé machucado para tirar a babucha. Aisha se sentia desconfortável com a atitude do mercenário, também porque aquele homem era um desconhecido e o fato de massagear seu tornozelo significava uma violação aos

sagrados costumes do islã. Não obstante, permitiu que ele aplicasse o creme simplesmente porque não queria contrariá-lo.

As mãos daquele jovem norte-americano, sem nenhum tipo de provocação, conseguiram arrepiar os pelos de sua pele, devido à delicadeza com que passava a pomada ao redor de seu tornozelo. Ela enrubesceu.

— Ouça com atenção... — disse Jack, continuando com a massagem. — Se me arrisquei a vir até aqui é porque você sabe onde está escondido algo que procuro. Sei que é difícil confiar em alguém que não conhece, e menos ainda em um dos homens que invadiram seu país. Mas precisa acreditar em mim... eu só pretendo averiguar se é verdade o que está escrito naqueles papéis. Quando ouvi Rajmani se referir ao atentado contra o World Trade Center...

— Espere um momento! — Aisha inclinou o corpo para a frente, surpresa pelo fato de ele conhecer parte do conteúdo do dossiê, bem como por mencionar o nome de seu ex-amante. — Leu o relatório do Projeto Brainwashing? E como conheceu Rajmani?

— É uma longa história, mas vou me poupar de lhe contar certos detalhes... — Ele largou a pomada para colocar as bandagens, com muito cuidado, no pé da doutora. — Por enquanto, lhe digo que não li os documentos, mas ouvi o arqueólogo dizer que se trata de uma assombrosa conspiração urdida pelo governo de meu país. Só quero dar uma olhada no dossiê, para comprovar se é correto o que ele confessou ao jornalista britânico, com quem se encontrou na noite de sua morte.

— Como você sabe disso? — Aisha estava cada vez mais desconcertada.

Depois de fazer um nó na bandagem, Jack se levantou para sentar-se em uma poltrona diante dela.

— Porque fui testemunha de como ambos foram assassinados em minha presença — respondeu, finalmente.

— Sabe quem fez isso?

— Sim.

Aisha sabia que ele não ia dizer o nome do assassino. Por um instante, pensou que fosse ele, mas o olhar daquele segurança, embora trabalhasse na Zona Verde, não era de um criminoso.

Achou melhor alterar o rumo da conversa.

— Conhece um sujeito norte-americano, daqueles que trabalham para a APC, chamado Tim Buwosky? — ela perguntou.

— Creio ter ouvido esse nome alguma vez, mas não me lembro onde... É importante?

A doutora negou, com a cabeça. E fez uma nova pergunta.

— E um jornalista britânico, nascido na Líbia, chamado Driss Moqtari?

Como se tivesse levado um soco no estômago, Jack se levantou imediatamente. Seu olhar ficou mais penetrante e o sorriso desapareceu, levado pela brusca recordação do homem que estivera a ponto de estourar sua cabeça, como fizera com o cabo O'Connors e o sargento Bonetti.

— Por que pergunta?

— Não faz nem dez minutos, ele veio aqui me ver. — Aisha se sentiu na obrigação de responder. Além disso, pela atitude do norte-americano, era óbvio que conhecia o jornalista e isso lhe dava a chance de ir organizando aquele quebra-cabeças formado pela morte de Rajmani, o dossiê e as visitas daquele dia.

— O que ele procurava?

— O mesmo que você.

— Entregou a ele?

— Não... não está comigo, mas com a esposa de Rajmani. Mas ele virá me buscar nesta noite, para que o leve até Fathia... — Envergonhada, olhou para o chão. — Confiei nele e lhe disse o nome da cidade onde ela está escondida, com sua cunhada, só porque me prometeu que as levaria até a Jordânia, como desejava Rajmani. Mas em seguida descobri que ele estava associado ao homem do rabo-de-cavalo, esse tal Buwosky, que para mim é um agente da CIA. Por isso não creio que vá cumprir sua palavra. Inclusive cheguei a temer por minha segurança.

Jack lembrou-se, então, de quando escutara antes uma referência a Buwosky. Era o agente que se pusera em contato com DeCamp, para investigar os jornalistas britânicos. O fato de ambos andarem juntos lhe deu o que pensar.

— E tem toda razão. Assim que lhes entregasse o que procuram, sua vida deixaria de ter valor para eles. Um tiro na cabeça basta para não deixar testemunhas. Foi isso o que fez com o arqueólogo.

— Fez?... De quem está falando? — quis saber a doutora.

— De Driss Moqtari, o homem que, segundo você, lhe fez uma visita há pouco. Era ele o câmera que acompanhava Rory Moore, o jornalista britânico com quem se encontrou seu amigo Rajmani. Eu mesmo vi quando ele disparou pelas costas, pouco antes que uma granada explodisse a alguns metros de nossa posição, impedindo-me de acabar com a vida desse assassino. Na verdade, pensei que ele tinha morrido na explosão.

Aisha, atônita diante da resposta do mercenário, tratou de assimilar a notícia. Mal podia acreditar. Era impossível aceitar que tivesse estado tão perto do homem que assassinara Rajmani. Se soubesse, teria arrancado os olhos dele com suas próprias mãos.

Ouviram a voz de Silvio Torres, do outro lado da porta:

— Jack! Temos de ir!

Parsons pegou a mão da doutora, ajudando-a a ficar em pé.

— Você tem de ir embora daqui agora mesmo. Aqui perto mora alguém de sua família... uma pessoa de confiança, talvez?

— Antes que você aparecesse na ruela... — Ela sorriu com certo ar de timidez.

— Bem... quando eu achei que você fosse o homem do rabo-de-cavalo, pensei em buscar refúgio na casa de uma vizinha, que vive um pouco mais adiante. Somos muito amigas, sobretudo depois que seu marido morreu, no ano passado.

— Está bem. Então, vamos lhe fazer uma visita. — Pegou o braço da doutora, passando-o por cima de seu ombro. Em seguida, segurou-a pela cintura, para sustentar o peso de seu corpo. — Não tenha pressa. Caminhe com cuidado.

Depois dessas palavras, que não deixavam de ser um modo galante de dizer a ela que tinham de ir embora, Jack a conduziu até a saída. Quando abriu a porta, deparou-se com o sorriso divertido do mercenário espanhol.

— Vejo que você não perde tempo com as mulheres — observou, com ironia.

Aquele comentário, gozador e atrevido, conseguiu ruborizar a doutora Howeid. Jack teve de minimizar a importância daquele comentário, implicando o rapaz na tarefa.

— Vamos! Siga e verifique a área — solicitou a ajuda do companheiro. — Temos de levá-la à casa de uma amiga, que vive perto daqui.

Silvio foi até o meio da rua, fazendo um gesto aos outros que tomavam conta do veículo. Olhou de um lado a outro, inclusive olhando para cima, a fim de verificar se não havia ninguém nos telhados. Só então fez um gesto para que avançassem.

A um sinal de Parsons, Aisha caminhou tão depressa quanto lhe permitiu a dilacerante dor no pé. Estranhamente, não havia ninguém na rua, talvez porque fosse sexta-feira e àquela hora todos deviam estar rezando nas mesquitas. Ou então devido ao temor que os homens da Blackwater inspiravam.

Finalmente chegaram à casa de Zhur Aynaou, que se surpreendeu ao ver a amiga e vizinha chegar sustentada por um mercenário a serviço dos norteamericanos. Assim que Aisha lhe contou o essencial — logo entraria em detalhes, quando estivessem sozinhas —, a jovem viúva permitiu que entrassem em sua casa.

— Agora é melhor que eu vá embora — disse —. Mas quero que fique com isto... teremos de nos comunicar. — Pegou um telefone celular no bolso da calça e colocou-o na mão dela. — Não se preocupe, comprarei outro assim que chegar à Zona Verde. Vou ligar para você assim que puder.

— E o que devo fazer, enquanto isso? — quis saber a doutora.

— Ficar aqui, escondida na casa de sua amiga, até que eu consiga pegar um

veículo emprestado. Talvez demore dias ou semanas... mas fique certa de que virei buscá-la. Não se preocupe.

— Quer que eu o leve até o dossiê, não é isso?

— Esse é o único motivo pelo qual estou aqui no Iraque. Esta guerra deixou de me importar faz muito tempo.

— Concordo, mas em troca só lhe peço uma coisa.

— Diga.

— Prometa que ajudará a esposa e a irmã de Rajmani a cruzarem a fronteira com a Jordânia. Se não por elas, faça-o ao menos por seus filhos.

— Eu lhe dou minha palavra.

— Então... vou esperar por você.

Parsons se virou para sair. Mas antes que cruzasse a porta, a doutora o chamou.

— Jack!

— Sim?

— Posso saber qual é seu interesse nesses documentos?

Parsons hesitou um instante, como se lhe custasse falar a respeito. Entretanto, achou que a doutora tinha o direito de saber.

— Segundo Rajmani, esse dossiê informa que o governo de meu país planejou e dirigiu o atentado contra o World Trade Center — disse com voz pausada. — Minha esposa estava na torre sul.... Só quero saber o nome de seus assassinos. Preciso saber a verdade.

Aisha, muito impressionada, prendeu a respiração. Não esperava por aquela resposta. No mesmo instante, sentiu a dor de Jack como se fosse sua. Soube, então, que podia confiar cegamente nele. Aquele homem de olhar limpo jamais mentiria para ela, nem tampouco lhe faria algum mal.

Era, como ela, mais uma vítima daquela guerra.

BAGDÁ, 15 de fevereiro de 2004

Driss e o agente da AID conversaram com Lewis Paul Bremer em seu chalé, que fora mobiliado com poltronas de pelúcia, uma grande mesa de doze lugares e um pequeno estúdio. O vice-rei do Iraque escutou em silêncio, com atenção, assumindo o compromisso de recuperar aqueles relatórios o mais breve possível, antes que se convertessem em uma arma apontada contra o governo dos Estados Unidos. Desconhecia, da mesma forma que os agentes ali sentados, o conteúdo do dossiê. Mas bastara saber que o presidente da nação e o secretário de Defesa haviam determinado sua imediata recuperação a qualquer preço, para apoiar incondicionalmente a decisão do homem enviado pela SAIC. Entretanto, antes de aprovar o envio de vários homens da Blackwater a Najaf, se afastou de seus convidados para falar, em videoconferência, com o inquilino da Casa Branca, que não apenas confirmou o envio de um agente da SAIC a Bagdá, chamado Driss Moqtari, mas também lhe solicitou que fizesse de tudo para ajudá-lo em seu trabalho. Também lhe pediu total discrição.

Assim, o jornalista infiltrado na BBC World News recebeu suficiente cobertura para iniciar sua viagem à cidade de Najaf: um velho automóvel iraquiano para que ele e a doutora passassem despercebidos, e quatro seguranças armados até os dentes, que iriam com Buwosky em um helicóptero da empresa Blackwater.

Naquela noite, enquanto dirigia o desconjuntado Mercedes-Benz de cor creme providenciado pelos homens do vice-rei, seguido de longe pelos mercenários da Blackwater e pelo próprio Buwosky, que viajavam em um dos Suburban da Coalizão Internacional, Driss teve um mau pressentimento. Foi uma ideia absurda que ganhou força à medida que ia se aproximando da casa da doutora Howeid. Não sabia por que, mas intuiu que algo poderia não dar certo no último momento, como acontecera meses antes no Museu Arqueológico de Bagdá. Por um instante, pensou que um grupo armado de insurgentes poderia estar esperando por eles e que sua visita à residência da doutora iria se converter em uma armadilha que poderia lhes custar a vida, a dele e a dos que o acompanhavam. E se deixou levar, nesse ponto, por outro pensamento sombrio: que Aisha, suspeitando de suas verdadeiras intenções, tivesse fugido da cidade depois de se conformar com os 25 mil dólares e os passaportes. Mas descartou

essa alternativa, porque sair de Bagdá não era tão fácil como se imaginava. Entrar era diferente.

Minutos depois, parou o carro diante da casa da doutora. O veículo blindado da Blackwater fez o mesmo a uns cinquenta metros de distância, apagando os faróis. Driss desceu do automóvel, segurando sua Glock com a mão direita, ao mesmo tempo que olhava de um lado a outro da rua. Não viu ninguém. Sem mais demora, dirigiu-se à porta de entrada. Bateu três vezes, aguardando resposta. Passaram-se alguns segundos sem que ninguém viesse abrir a porta. Insistiu de novo, pela segunda vez. Nada.

Não havia ninguém em casa. Ou a doutora Aisha estava escondida lá dentro e sua intenção era continuar assim.

Sem titubear, Driss arrombou a fechadura com um tiro. Em seguida, deu um pontapé na porta, com a automática em ambas as mãos, apontando para a frente, caso lá dentro tivesse uma surpresa desagradável. Tateou a parede, até encontrar e ligar o interruptor. Não viu ninguém. Esforçando-se para conservar a calma, foi verificar se a doutora não estava escondida em algum dos cômodos.

Depois de revistar a casa exaustivamente, concluiu que aquela mulher o enganara como se fosse um idiota e partira com o dinheiro e os vistos. Furioso com ele mesmo, derrubou a mesa de jantar com um pontapé violento.

No mesmo instante ouviu um leve ruído às suas costas. Voltou-se imediatamente, apontando o cano de sua arma para o homem que, naquele momento, aparecera à porta.

— Quer fazer o favor de abaixar essa pistola e me dizer o que está acontecendo?

Era Buwosky, que se aproximara da residência, ao notar que o líbio perdera as estribeiras, arrombando a fechadura, sem pensar nas consequências. O barulho, com certeza, alertara os iraquianos, que possivelmente já estariam planejando uma maneira de acabar com aqueles mercenários imprudentes, que haviam se atrevido a entrar no bairro de Al-Sadr sem nada além de dois veículos e alguns fuzis de assalto.

— Não está! Maldita, nos enganou! — rugiu o agente da SAIC, cujas veias do pescoço estavam tão inchadas que pareciam a ponto de rebentar.

Buwosky deu uma olhada ao redor, igualmente enfurecido. Mais cerebral que seu companheiro, aceitou a derrota momentânea. Teriam tempo de reiniciar as investigações.

— Não temos nada a fazer aqui... — disse com frieza. — Você sabe que este bairro é extremamente perigoso, portanto será melhor que a gente vá embora daqui.

Concordando a contragosto, o líbio cuspiu para o lado antes de abandonar a

casa. Jurou a si mesmo que cedo ou tarde encontraria aquela cadela que julgara ser uma principiante.

Quando fosse a hora, Aisha haveria de lamentar ter-se colocado entre ele e o relatório do Projeto Brainwashing.

GILGIT (Caxemira), 17 de março de 2004

Situada em um vale profundo, cercada de montanhas como a cidade de Chitral, encontra-se Gilgit, na parte mais setentrional da Caxemira administrada pelo Paquistão. Omar Sheikh sabia muito bem que aquele lugar oferecia um excelente refúgio a quem quisesse passar despercebido — distante das forças de segurança do país e das tropas norte-americanas.

A forma mais viável de chegar àqueles territórios era utilizando o avião. Seu aeroporto, com uma pista pequena, servia para que os turistas e viajantes fossem poupados de atravessar a ampla cadeia montanhosa que circundava a cidade, embora também se pudesse chegar pela rodovia Karakoram, que liga Islamabad a Gilgit, mas implicava vinte e duas intermináveis horas de trajeto. Omar, ao contrário, viajou a cavalo, desde Chitral, por estreitas sendas que, serpenteando por terra e pedriscos, entravam no território que antigamente havia pertencido ao marajá de Jammu e Caxemira.

Depois de cruzar a cidade e ultrapassar o bairro de Kasanpura, onde conseguiu que um velho camponês lhe alugasse seu estábulo por algumas horas para deixar o animal em um lugar seguro, dirigiu-se à ponte de Gilgit a fim de se aproximar da colônia dos mujahedins. Aquela paragem, depois do rio, localizava-se ao pé das áridas e fronteiriças montanhas do norte do Paquistão.

Viu, na encosta, gigantescas palavras escritas em inglês: *WELCOME OUR HAZIF IMAM*. Tinham sido desenhadas com pedras brancas pelos habitantes de Gilgit, por causa da visita próxima do *mawlana* ismaelita Hazif Imam, imitando assim a iniciativa levada a cabo pelos fiéis da cidade de Khorog, na vizinha República do Tajiquistão.

Assim que cruzou a ponte, pegou a ampla avenida que ficava à sua esquerda, dirigindo-se à moradia mais distante de todas, uma casinha cujos muros protegiam um frondoso jardim de figueiras e palmeiras, situada diante de uma escola corânica. Ali, segundo lhe dissera Ayman al-Zawahiri, antes que ele fosse

embora das montanhas de Kandahar, se escondia o homem mais procurado do mundo — seu velho amigo e aliado Osama bin Laden.

Estranhou que não houvesse ninguém tomando conta da entrada, quando o normal, naquele caso, seria que dois mujahedins estivessem protegendo a casa do celeberrimo saudita. Isso significava que o xeique Osama optara por abandonar seu refúgio, diante do temor que fosse reconhecido pelos habitantes da cidade. O certo é que não entendia como fora capaz de viver durante todo aquele tempo tão perto da civilização. O mais lógico, segundo Omar, teria sido ocultar-se em um lugar menos acessível.

Apesar de tudo, o paquistanês infiltrado se atreveu a cruzar a grade. Sua intenção era verificar se havia alguém em casa, ou se, ao contrário, estava vazia, como ele acreditava.

Ouviu uma voz às suas costas.

— Ninguém em seu perfeito juízo se atreveria a violar a paz dos fiéis que vivem nesta casa.

Omar teve um sobressalto, virando-se e, ao mesmo tempo, introduzindo a mão no alforje que pendia de seu ombro, onde guardava uma pistola fabricada na antiga União Soviética. Mas antes que pudesse alcançá-la, se deu conta de que tinha o cano de uma Kalashnikov a poucos centímetros de seu peito. Diante dele, um garoto de uns doze anos segurava com firmeza seu fuzil de assalto. Omar o reconheceu na mesma hora. Era Hamza, o mais jovem dos dezoito filhos do xeique Osama.

— Por acaso não se lembra de mim, pequeno Hamza? — perguntou, aparentando tranquilidade.

O menino franziu a testa, como se quisesse recordar aquele rosto que se perdia nos vórtices do tempo.

— Omar? Omar Sheikh?

— Vejo que tem uma boa memória.

Sem baixar sua arma, Hamza o interrogou de novo.

— Você não estava em um cárcere de Islamabad?

— O SII me liberou para levar uma mensagem a seu pai... — respondeu. E depois de um incômodo silêncio, acrescentou: — Conto, além disso, com a aquiescência de Al-Zawahiri. Ele me indicou este lugar. Mas fique tranquilo, que ninguém mais sabe que estou aqui.

Baixando o AK-47, Hamza lhe indicou o caminho até a porta de entrada. Em seguida, empurrou o desengonçado portão de madeira, ficando de lado para que pudesse entrar aquele que fora assessor financeiro da célula terrorista Al-Qaeda.

Depois que seus olhos foram se acostumando à escuridão que reinava no interior da casa, Omar descobriu um homem sentado diante de uma mesa de

madeira, onde havia um cesto com frutas e uma chaleira fumegante, perto de dois copos de cristal. Não estava só, pois uma mulher lhe fazia companhia. Era a última das esposas do Xeique. Naquele instante, retirava da mesa a vasilha de barro onde se viam restos de um cozido de cordeiro. Flutuava no ar um aroma de especiarias.

O resto do mobiliário se reduzia a um armário repleto de utensílios de cozinha, um velho baú, um tapete carcomido pelo tempo, duas cadeiras, algumas almofadas bordadas sobre um desgastado sofá e um fuzil de assalto apoiado na parede, junto à lareira.

Assim que o viu entrar, o chefe de família fez um sinal à mulher, que foi embora imediatamente, levando seu filho. Assim que ficaram a sós, Osama indicou a seu convidado uma das cadeiras, para que se sentasse diante dele. O paquistanês aceitou a oferta.

Depois de uma ligeira observação, Omar descobriu que o antigo líder da Al-Qaeda estava mais doente do que pensara. Sua barba, longa e desalinhada, estava completamente grisalha. Tinha a pele opaca e grandes bolsas pendiam de suas pálpebras arroxeadas. Nada mais restava daquele homem que um dia fizera o mundo tremer, nem sombra de seu aspecto orgulhoso. Comprovou, por si mesmo, que eram corretos os rumores que corriam por Kandahar: o Xeique estava morrendo por causa de uma infecção renal. Omar Sheikh sentiu pena dele.

Depois de pegar um palito para limpar os dentes, algo que costumava fazer cada vez que mantinha uma conversa muito importante, Osama iniciou o diálogo.

— Durante todos esses anos em que você esteve na prisão, não deixei de pensar no que realmente somos... no que nos convertemos. Há dias um obscuro pressentimento me persegue: a sensação de que ia ver você aparecer de uma hora para outra por essa porta, para me reprovar por causa dos erros cometidos no passado — começou dizendo o açoitado do Ocidente, indicando com o queixo a entrada de sua casa. — E agora descubro que meus temores tornaram-se realidade.

Omar colocou suas mãos sobre as de seu velho amigo, fitando-o nos olhos.

— Alá quis que nossos caminhos voltassem a se encontrar — disse. — Isso não significa que deva julgar sua decisão de abandonar a luta armada.

Libertando-se do fraternal afago de seu companheiro, o Xeique pegou a chaleira para encher os dois copos. Um sopro de vapor escapou do estreito orifício do recipiente.

— Você escapou da prisão? Ou, ao contrário, foi liberado para que viesse me ver? — perguntou Osama, deixando aflorar um tímido sorriso através da barba emaranhada que caía sobre seu peito.

Omar tinha de ter cuidado. O saudita era um homem inteligente demais para se deixar enganar.

— O general Mahmud Ahmad ordenou minha libertação às escondidas dos norte-americanos — respondeu com uma altivez estudada. — Enviou-me, para que diga a nossos homens que o Paquistão continua ao lado dos talibãs, mas que se viram obrigados a cooperar com o governo dos Estados Unidos, depois de graves ameaças.

— Presumo que você tenha falado com Al-Zawahiri. Só ele pode ter lhe dado minha localização.

— Sim, eu o vi — afirmou Omar. — A primeira coisa que fiz, em liberdade, foi entrar em contato com O Egípcio e também com o mulá Omar.

— Continuam em Tora-Bora? — perguntou o homem mais caçado do planeta, levado pela curiosidade.

Omar negou com um gesto de cabeça.

— Tanto os mujahedins como o exército talibã se encontram escondidos nas montanhas de Kandahar. Alguém indicou sua posição aos norte-americanos.

— Suponho que executaram o traidor.

— Eu mesmo me encarreguei disso.

Osama assentiu, em silêncio, bebendo seu chá.

— Esta guerra que estamos vivendo não leva a nenhum lugar — disse, de novo, o Xequie. — Sempre usei como referência acontecimentos históricos do passado, antes de tomar uma decisão. Esse foi meu erro. Esqueci que quem escreve a história são os vencedores e que ela não corresponde à realidade.

— O que você quer dizer com isso?

— Sabe muito bem... Você e eu somos iguais: marionetes movimentadas por mãos invisíveis. Nossa missão foi, sempre, lutar contra os que se opõem ao pensamento ocidental. Primeiro foi contra a União Soviética, agora lutamos contra nós mesmos.

Sheikh sentiu um ligeiro estremecimento. As palavras do chefe terrorista adquiriam sentido conforme a conversa avançava. No mesmo instante, caiu a venda de seus olhos.

— Não sei o que quer dizer — mentiu, em tom glacial. — Desde que abandonei a Inglaterra, minha vida tem sido a serviço da *Sharia*. O mundo árabe não tem alternativa senão se defender do imperialismo ocidental. Se para isso temos de...

— Não se iluda — continuou o xequie Osama, com voz plácida e serena, interrompendo a prédica. — O terrorismo islâmico nada mais é do que um subproduto da CIA na Ásia Central. Eles nos criaram e nós, por nossa vez, engendramos a Al-Qaeda, mas foi porque nos permitiram. Portanto, estamos

jogando uma partida de xadrez usando peças de ambas as cores. O pior de tudo é que nem sequer sabemos qual é nosso lugar no tabuleiro.

— Poderia ser mais explícito? — inquiriu Omar, embora soubesse a resposta.

— Você e eu não somos tão diferentes, haja vista que você está aqui. Ambos fazemos parte de um mecanismo que funciona graças a um plano idealizado pelos norte-americanos há muitos anos... — Sorriu, com ironia. — Eu me deixei levar, a princípio, pela arrogância e pela cobiça e acreditei nos sócios de minha família, os norte-americanos. Eles nos ofereceram uma vida fácil, em troca de que os ajudássemos a forjar uma grande mentira, a enganar nosso povo. Compreendi tarde demais que seu plano ia contra a vontade de Alá.

“Tantos anos me escondendo sob a pele de serpente deixaram escamas demais em meu corpo — parafraseou Osama, com um traço de tristeza. — Finalmente, descobri que minha missão na vida não era ajudar os Estados Unidos em sua luta contra o mundo árabe, mas o contrário... tinha de defender a *Sharia* acima de minha própria felicidade, de minha própria vida. Daí que minha luta se voltou contra meus antigos aliados. Um novo engano.

“Você não percebe, Omar? Eles querem que a gente guerreie com eles, porque assim favorecemos seu diabólico projeto de extermínio. Precisam de nós para poder dizer que representamos uma ameaça para a humanidade e, assim, justificar a invasão do Iraque e do Afeganistão. Isso é o que eles desejam, que nos aniquilemos uns aos outros, árabes e ocidentais.

“Minha vida começou como espião duplo a serviço da CIA, mas acabará servindo aos interesses de nosso povo. Que Alá, o misericordioso, tenha pena de minha alma!... E da sua, Omar Sheikh.

— Sabe, então, por que eu vim?

A pergunta do paquistanês parecia um tanto absurda depois daquela conversa.

— Sei que o governo britânico usou você, no começo, como os norte-americanos a mim — disselhe em tom relaxado. — Sei que você trabalhou para o MI-6, e que esteve infiltrado no SII durante todos esses anos. Sei, também, que depois lhe deram as costas, quando a CIA o culpou pela morte daquele jornalista, e o condenaram à morte porque sabia demais... como eu. Para isso é que o deixaram em liberdade, para que faça o trabalho sujo para eles... não é?

Omar não soube o que dizer. Ia se defender daquela acusação, mas Osama continuou falando.

— Não se preocupe... — Olhou para a porta. — Não penso em pedir a ajuda de um menino. E minha arma... — inclinou a cabeça na direção da lareira — está longe demais do alcance de minhas mãos. Não me importo de morrer, já que, se não for você, será essa maldita doença que está me corroendo lentamente. Só lhe pedirei um pequeno favor, por nossa velha amizade: deixe que eles vivam.

Ele se referia a sua família.

— Por que pede isso?

Osama refletiu por um longo tempo, antes de falar.

— Tenha cuidado com o mulá Omar. Sabe quem somos, bem como o papel que representamos até agora. A única coisa que pretende é fazer um trato com os norte-americanos: sua vida em troca da minha. Entre seus planos também está assassinar meu filho, para que nada o impeça de manter as rédeas da Al-Qaeda. Por isso permitiu que você viesse até aqui. Diga-me, por acaso lhe pediu, em troca, que acabasse com a vida de Hamza?

— Jamais pensei em machucá-lo. Eu lhe dou minha palavra — confessou. — Nem sequer me agrada ter de cumprir esta missão. Mas tenho de fazer isso... Tenho de acreditar que a CIA respeitará minha família, se eu realizar este último trabalho.

— E se não cumprirem palavra? Pensa correr o risco?

— Antes de fazer esta viagem, entreguei certos documentos a Fathia, minha mulher. São documentos que falam desse projeto genocida no qual os ocidentais nos envolveram, há anos. Incluí até um DVD onde você é visto com os agentes da “Companhia”, depois daquela gravação que fez em seu discurso nos montes de Tora-Bora... lembra?

O saudita riu sem fazer barulho, mas com cinismo.

— Imagino a cara que farão aqueles que virem o vídeo... — Seus olhos estreitos se iluminaram. — Por favor, sacie minha curiosidade... Como a conseguiu?

— O DVD, como você já deve ter adivinhado, me foi entregue por um de seus homens a meu serviço, depois de tirar uma cópia da memória do disco rígido de seu computador, enquanto eu estava na prisão — confessou Omar abertamente. — E quanto ao dossiê que trata do projeto norte-americano, ainda tenho amigos leais no SII, pessoas cuja decência as obriga a infringir as ordens de seus superiores. Ajudaram a tirar a informação do computador do vice-presidente Cheney, antes que ele assumisse o cargo, depois da viagem que fez a Londres, em 1999, para falar sobre a importância e a necessidade do petróleo para o Ocidente. Foi fácil entrar no quarto de seu hotel enquanto ele fazia seu discurso, no salão de eventos.

O Xeique guardou silêncio. Ambos se olharam, sem saber muito bem o que dizer. Novamente, foi Osama que pôs fim àquela situação incômoda.

— O que pensa fazer, depois de levar a cabo sua missão? — perguntou.

— O mulá Omar quer que eu viaje a Dubai.

— Posso saber o motivo?

— Ele me ordenou que atentasse contra a vida de Bhutto.

O saudita fez um gesto de surpresa. Aquilo não fazia sentido.

— É assim que pensa pagar a você por defender o movimento talibã?

— Essa mulher... mudou de opinião. Agora pretende apoiar a iniciativa dos Estados Unidos em sua luta contra o terrorismo islâmico.

Aceitando a execução da ex-presidente do Paquistão como castigo a sua deslealdade, o Xequie perguntou:

— Você vai fazer isso?

— Ainda não resolvi.

Osama pegou de novo o copo e bebeu seu chá, que já estava morno. Levantou-se, apoiando as duas mãos sobre a mesa. Omar, que pouco a pouco tinha baixado a guarda, achou que o saudita pretendia surpreendê-lo com uma de suas artimanhas. Mas não... a intenção dele era acabar com a conversa, que estava insustentável.

— E então... O que espera? — Sua voz era um sussurro. — Não penso em resistir.

— Mudei de opinião... — Omar o imitou, erguendo-se da cadeira. — Afinal de contas, como você muito bem disse, a morte está em seus calcanhares. Que seja ela quem defina livremente seu dia.

Pegou uma maçã do cesto no centro da mesa. Em seguida tirou a faca de seu alforje e partiu a fruta na metade. Pegou uma das partes e ofereceu a Osama, mordendo depois a que reservara para si. O Xequie a aceitou como uma prova de amizade e a comeu.

— Que Alá o proteja! — exclamou Omar Sheikh, depois de engolir seu bocado. — Você... e a toda sua família.

Depois de se despedir, afastou-se e saiu pela porta. Lá fora o aguardavam a mulher e o filho menor do xequie Osama. Seus olhares se cruzaram durante uns segundos, aprofundando-se, como se pretendessem observar o que havia de mais profundo em suas almas. Sem sequer se despedir, Omar se distanciou, caminhando pela avenida, misturado à multidão que ia de um lado para outro.

Minutos depois, enquanto cruzava a ponte de Gilgit em sentido contrário, tirou a faca de seu alforje e a jogou no rio. Refletindo sobre o clarividente instinto de Osama, se perguntou se ele havia caído em sua armadilha ou simplesmente se deixara enganar.

O velho truque de envenenar um dos lados da lâmina da faca, para depois cortar a polpa de qualquer fruta e oferecer à vítima a metade com o veneno, era um ardil simples demais para enganar um homem da estatura de Osama bin Laden. Obviamente, o Xequie escolhera morrer com dignidade.

Como o ouviu dizer, em certa ocasião: “O homem culpado só é feliz se recebe seu castigo”.

FALLUJAH, 30 de março de 2004

Um acidente trágico marcaria para sempre a vida e o trabalho de todos os guarda-costas que trabalhavam na Zona Verde, algo que, igualmente, horrorizou a opinião pública de meio mundo, e que forneceu o motivo para tremendas repressões em várias cidades iraquianas por parte do exército norte-americano.

Naquela manhã, dois jipes da empresa de segurança Blackwater escoltavam dois caminhões-plataforma da ESS⁴², uma subcontratada da Halliburton, que se autodefinia como a maior companhia de alimentação de todo o planeta. O comboio se dirigia a um armazém situado em Habaniya, para ser abastecido com material básico de cozinha, como panelas, caçarolas, frigideiras e outros utensílios. No interior do Mitsubishi Pajero preto, que encabeçava o grupo, iam Jerry Zovko e seu velho amigo Wes Batalona, os quais já haviam estado na mesma equipe. Fechando o comboio, Scott Helveston dirigia um jipes vermelho. A seu lado estava Mike Teague, ex-membro do 160º Regimento de Operações Especiais da Força Aérea dos Estados Unidos.

Depois de sair da Nacional 10, os escoltas entraram em Fallujah às 9h30 da manhã, quando a cidade das mesquitas já havia despertado de seu sono lânguido e os comerciantes chamavam seus clientes à porta das lojas. As pessoas iam de um lado para outro em seus velhos automóveis, de bicicleta ou a pé, dispostas a enfrentar um novo dia, ao mesmo tempo que as vozes dos muezins convocavam os fiéis à oração.

Tudo transcorria normalmente naquela manhã. Nada indicava que vários membros da insurgência, camuflados entre a multidão, aguardavam a passagem do comboio, por ter tido acesso à informação confidencial de que um grupo de agentes da CIA pensava cruzar Fallujah, em direção a Habaniya.

Quando os norte-americanos entraram na rua principal da cidade, o grupo diminuiu a marcha por causa de um congestionamento que impedia o avanço dos caminhões. À sua direita, havia lojas e mercados; do outro lado, um amplo

espaço aberto.

De repente, alguém lançou uma granada sobre o Pajero que ia na retaguarda, dirigido por Helveston. Este não teve nem sequer tempo de reagir, pois em seguida à explosão se ouviram rajadas de Kalashnikov por toda a avenida e que perfuraram a carroceria do veículo como se fosse uma lâmina de papelão. Mortalmente feridos, na cabine do veículo, Taegue e Helveston ainda viram quando vários homens subiram no capô para, de novo, abrir fogo contra eles.

Um ruído infernal de buzinas e gritos se espalhou por toda a rua, e também de vozes que gritavam “Alá é grande!”, como se tratasse de uma senha reveladora que os incitava à rebelião.

Taegue morreu na hora, atingido no pescoço e na cabeça, mas não Scotty, como era chamado pelos companheiros, que apesar de ferido, abriu a porta do veículo e se arrastou pelo chão, pedindo clemência à multidão enfurecida que se juntava a seu redor.

Vários jovens, que observavam atentamente o brutal assassinato dos homens da Blackwater de dentro de uma loja de tapetes a poucos metros de distância, se uniram aos insurgentes, excitados pelas vozes dos que clamavam por liberdade para o Iraque bem como por vingança aos opressores.

Helveston suplicava desesperadamente por sua vida, esvaindo-se em sangue sobre o asfalto. Os habitantes de Fallujah, ignorando seus pedidos, começaram a lançar sobre ele pedras e tijolos. Depois que morreram, os mercenários foram despojados de suas roupas e armas antes que uma lata de gasolina fosse lançada sobre seus cadáveres e o veículos para incinerá-los.

Enquanto isso, ao compreender que tinham sido vítimas de uma emboscada, Batalona pisou no acelerador de seu Pajero procurando afastar-se quanto antes daquele lugar, já que na Blackwater aprendera que, no caso de uma emboscada, o importante era fugir e salvar a vida. Tentou escapar, mas bateu em outro veículo e ambos os mercenários ficaram presos no meio da rua, à mercê de seus atacantes.

Tanto Batalona como Zovko foram atingidos pelos disparos de metralhadoras da insurgência, morrendo imediatamente. Em seguida, alguém derramou gasolina sobre o Mitsubishi Pajero e os dois foram incinerados como os outros companheiros.

Cerca de 300 pessoas se concentraram ao redor dos corpos inertes dos norteamericanos, enlouquecidas pelo ódio que as unia contra os homens que tinham invadido sua terra e assassinado suas famílias. Os próprios agressores gravavam a cena aterradora em vídeo, para depois difundi-la nos meios de comunicação; vários jornalistas árabes também gravaram aquelas imagens tão horripilantes quanto brutais. Ninguém fez nada para evitar a carnificina.

Quando o fogo se apagou, a turba, incluindo homens e crianças, levada pelo rancor, começou a dar pontapés nos cadáveres enegrecidos até desmembrá-los. Usaram, também, canos e outras ferramentas improvisadas. Um dos jovens, com extraordinário sadismo, arrancou a cabeça de Teague com um pontapé; outros, não menos ensandecidos, erguiam cartazes onde havia uma caveira com as tíbias cruzadas sob a frase “Fallujah é a tumba dos norte-americanos!” A multidão entoava cânticos que proclamavam o heroísmo dos mujahedins, sempre dispostos a dar a vida e a alma pelo islã.

Depois de amarrar os corpos calcinados a um Opel vermelho e a outro automóvel que trazia no vidro uma foto do líder do Hamas — assassinado dias antes, em Gaza —, os arrastaram por toda a cidade, até chegar à ponte do rio Eufrates. Ali, alguns homens subiram no alto das vigas de aço para pendurar os restos de Helveston e Teague, suspensos em uma aterradora posição, enquanto a turba gritava enlouquecida. Era uma imagem verdadeiramente assustadora.

Os cadáveres carbonizados ficaram suspensos ali por mais de dez horas. Finalmente, ao anoitecer, foram baixados e colocados no centro de um círculo de pneus de borracha, e de novo lhes atearam fogo. O que restou deles foi espalhado por vários lugares da cidade.

O pior de tudo é que o atroz assassinato daqueles mercenários tinha sido gravado em vídeo por jornalistas e, no dia seguinte, estava nos noticiários do mundo inteiro, o que provocou uma sensação de impotência e derrota na opinião pública norte-americana.

Dias depois, como represália, os *marines* da 1ª Divisão irromperam em Fallujah, sob o comando do sargento-mor Randall M. Carter, que antes da ação incentivou seus homens com frases diretas, como: “Nós, *marines*, só nos sentimos realmente motivados em duas situações. Uma quando estamos de licença e a outra quando vamos matar alguém... E hoje não estamos de licença”.

Depois de arrasar Fallujah, vários soldados norte-americanos quiseram deixar uma mensagem póstuma de solidariedade sobre a viga de aço onde haviam sido pendurados os corpos de Helveston e Teague. Escreveram com tinta preta: “Isto é pelos norte-americanos da Blackwater assassinados aqui em 2004. *Semper Fidelis*⁴³”.

Um pouco mais embaixo, como se fosse uma piada macabra, alguém acrescentou: “P. S.: Fodam-se!”

BAGDÁ, 2 de abril de 2004

Houve quem acreditasse que os homens da Blackwater assassinados em Fallujah haviam sido sacrificados como reses a caminho do matadouro. Em primeiro lugar, e essa era uma negligência inaceitável em uma empresa de segurança daquele nível, ninguém levava em conta os recentes acontecimentos na cidade das mesquitas, onde as tropas de James Mattis, general de divisão da Primeira Força Expedicionária dos *marines*, haviam substituído a 82ª Divisão Aerotransportada para realizar uma campanha de batidas entre a população civil a fim de controlar o abastecimento da insurgência.

A decisão de enviar quatro homens em veículos que careciam da blindagem necessária para uma missão daquelas, sem apoio de uma terceira escolta, colocada atrás de cada um dos jipes — com dois atiradores de cobrissem suas posições —, era uma grande irresponsabilidade por parte de quem os havia contratado para escoltar o comboio. Deveriam ter levado em conta que apenas uma semana antes do atroz assassinato de Helveston e seus companheiros, os *marines* haviam se envolvido em uma cruenta batalha contra os sunitas sublevados, pelas ruas do bairro operário de Al-Askari, um sinal de que a situação em Fallujah era altamente perigosa, um autêntico “vespeiro”. A Blackwater não deveria ter permitido a passagem de seus agentes de segurança por uma zona onde nem sequer o exército se atrevia a circular sem a devida proteção.

Muitos acreditaram que aquele desagradável incidente fornecera uma justificativa para que as tropas aliadas pudessem entrar cuspidando fogo na cidade, como aconteceu dias depois. Certo mesmo é que a partir do dia 30 de março daquele ano se intensificou uma campanha de propaganda contra a situação no Iraque. Na rede de televisão Fox News, o apresentador Bill O'Reilly exigia que o governo dos Estados Unidos se esforçasse ao máximo para castigar os terroristas de Faluya. E, na CNN, Tucker Carlson, em seu programa *Crossfire*, incentivava o exército aliado a procurar e executar os responsáveis pela morte dos quatro agentes de segurança. Na tentativa de ocultar a verdade, o general de brigada Mark Kimmitt chegou a declarar a alguns jornalistas que os homens da Blackwater tinham sido assassinados enquanto faziam tarefas de ajuda humanitária, quando na realidade não passavam de mercenários dispostos a

realizar qualquer missão, por desagradável que fosse, em troca de dinheiro.

Naquele dia, foram destacados para escoltar um caminhão com utensílios de cozinha, quando na realidade seu trabalho consistia em zelar pela vida dos funcionários da Zona Verde, e isso implicava ter de disparar contra os iraquianos que parecessem suspeitos de pertencer à insurgência. Se a suspeita procedia ou não era algo que não importava muito para as forças de coalizão, às quais cabia supervisionar a atuação dos mercenários da Blackwater.

Seja como for, Bremer encontrara, finalmente, uma desculpa para materializar seu sonho de “sanear” a cidade e colocar um fim, de uma vez por todas, no terrorismo fundamentalista islâmico que, havia muito tempo, agia em Fallujah.

Enquanto isso, em Najaf, o líder religioso Moqtada al-Sadr fez, naquele mesmo 2 de abril, um duro ataque contra as forças de ocupação, afirmando ser ele o executor do Hezbollah e do Hamas, no Iraque. Tais declarações serviram para que Bremer iniciasse os trâmites necessários para enviar um reforço militar à área, para deter o xeique Mustafá Yaqubi, principal auxiliar de Al-Sadr. Também mobilizou os homens da Blackwater, instando para que partissem de imediato rumo a Najaf. Sua missão consistia em proteger a sede da delegação da APC na cidade xiita, pressentindo um levantamento do exército de Mahdi, motivado pela iminente detenção de Yaqubi.

No momento em que soube que seria mandado para Najaf, Parsons divisou a possibilidade de levar com ele a doutora Howeid. Sabia que era algo praticamente impossível, mas tinha de aproveitar a ocasião, que não podia ser mais oportuna.

Enquanto os homens escolhidos para viajar a Najaf preparavam suas mochilas, saiu do dormitório decidido a falar por telefone com a mulher que o levaria até os documentos sobre o Projeto Brainwashing.

— Bom dia, doutora — disse, assim que ela atendeu. — Sou Jack Parsons... pode falar, agora?

Aisha, que havia esperado pacientemente aquele contato, logo respondeu:

— Há dias que aguardo sua chamada. — Sua voz tinha uma ligeira inflexão de censura. — Mas pode falar, sem problema.

— Escute... conhece alguém que possa levá-la, hoje mesmo, a Najaf?

— Sim... desde que pague o suficiente para que a pessoa arrisque sua vida — respondeu.

Jack teve de lhe dar razão. Do jeito que estavam as coisas em Bagdá, ninguém ajudava ninguém se não tivesse uma substancial recompensa.

— Eu poderia custear a viagem, mas não posso ir até sua casa. Disseram-nos que vamos sair em questão de minutos... — Sentindo-se um idiota, praguejou: Maldição!

— Não se preocupe, dinheiro não é problema — afirmou a iraquiana. — Eu mesma me encarregarei de organizar minha ida a Najaf. O importante é que, uma vez lá, você possa entrar em contato comigo.

— Claro! Subestimei seus recursos — ele admitiu, envergonhado. — Mas me alegra saber que está disposta a me ajudar.

— Em troca de que você me ajude... lembra?

— Jamais deixei de cumprir uma promessa — enfatizou o mercenário, defendendo sua honestidade.

— Isso me deixa mais tranquila. Diga... quando poderemos nos ver em Najaf?

— Possivelmente dentro de alguns dias. Mas voltarei a ligar em vinte e quatro horas, para me assegurar de que chegou sã e salva. Espero que até então já esteja com a viúva de Rajmani.

— Está bem. Aguardarei sua chamada... — Depois de alguns segundos de indecisão, acrescentou: — E por favor... tenha muito cuidado.

Terminada a conversa, Jack pôs os óculos de sol. Não sabia por que, mas a última frase da doutora conseguiu lhe devolver uma sensação que acreditava ter perdido com o passar dos anos: a de saber que sua vida importava a alguém, além de seu pai e seu irmão.

Refletiu a respeito, enquanto regressava ao reboque onde seus companheiros o aguardavam. Tão logo abriu a porta, teve de se afastar para não esbarrar em dois homens da APC que saíam naquele instante. Abstraídos com seus próprios pensamentos, mal prestaram atenção nele. Parsons reconheceu imediatamente um deles, por causa do tapa-olho.

Prendendo a respiração, observou quando se afastava o líbio chamado Driss Moqtari, o homem que quase acabara com sua vida diante do Museu Arqueológico de Bagdá. E estava em companhia de um sujeito cujos cabelos, longos e castanhos, estavam presos em um rabo-de-cavalo.

Sem mais demora, entrou no alojamento, dirigindo-se ao beliche de Silvio Torres, que recolhia seus objetos pessoais para guardar na mochila.

— Quem eram esses caras que acabaram de sair? — perguntou.

O espanhol largou o que estava fazendo para prestar atenção nele.

— Eles se identificaram como conselheiros de estratégia da APC — respondeu sem vacilar. — Viajarão conosco para Najaf.

Jack amarrou a cara. Aquilo ia ser um inconveniente e comentou com seu companheiro.

— Acho que vou precisar de sua ajuda — sussurrou ao ouvido dele. — Por enquanto, adianto que essa viagem será mais perigosa do que havíamos imaginado.

— Diz isso por causa dos caras que foram embora?

Jack concordou, com um ligeiro movimento de cabeça, para em seguida esclarecer:

— Até onde sei, sua presença na zona tem pouco a ver com a APC. Se não me engano, esses sujeitos são do serviço de inteligência de meu país... e procuram a mesma coisa que eu.

Silvio, que desconhecia a história do ex-tenente, mas percebia o perigo onde quer que estivesse, atreveu-se a aconselhá-lo.

— Cara, não sei o que você procura nem me interessa, mas se eu fosse você, teria cuidado. Se é verdade o que você diz, e a CIA anda procurando... “algo” — frisou a palavra — que você também está buscando, tenha certeza de que não sairá do Iraque sem que eles percebam.

— Eu sei — admitiu Parsons. — E o problema é esse... cedo ou tarde terei de enfrentá-los. Por isso lhe pedi ajuda.

— Pode contar comigo seja para o que for. Só espero que algum dia me conte do que se trata.

— Isso me parece justo — concordou o norte-americano.

Seu líder de grupo entrou, insistindo para que saíssem do reboque o mais rápido possível, recordando que os helicópteros os aguardavam com os motores ligados. Os dois amigos adiaram a conversa. Não era aconselhável desconsiderar as ordens de Hyatt.

Lá fora, Jack tomou a precaução de baixar o rosto, ligeiramente, para passar despercebido. Apesar estar usando um boné de beisebol, escuros óculos de sol e de ter deixado crescer o bigode e o cavanhaque, como quase todos os membros da Blackwater, não deixava de pensar no que aconteceria se Driss o reconhecesse entre os outros mercenários. Entretanto, teve sorte: o líbio estava de costas, distraído, conversando com o homem do rabo-de-cavalo.

Antes que ele se voltasse, Parsons foi se acomodar no banco junto do piloto. Silvio e Valenzuela se sentaram na parte de trás, com as carabinas sobre os joelhos.

Nenhum deles podia imaginar o inferno que os aguardava em Najaf.

NAJAF, 3 de abril de 2004

Sentada ao lado de Ibrahim, Aisha se deixou levar pelo silêncio, enquanto observava a rude paisagem exterior pela janela do carro. Conforme avançavam pela rodovia que levava a Najaf, testemunhou as catastróficas consequências daquela guerra que tanta dor e morte havia causado a seu povo. Em ambos os lados do acostamento, havia veículos blindados iraquianos destruídos pelos mísseis e lança-granadas das tropas de ocupação; ferros consumidos pelo fogo, reduzidos a fragmentos, amassados face ao afã de homens que jamais foram chamados a defendê-los, mas que se outorgavam o direito de intervir em sua vida com a desculpa de livrá-los de uma pesada carga ditatorial e, de passagem, também de suas riquezas.

Eles se apoderavam de tudo que havia a seu redor: casas destruídas, asfalto e o ar que cada vez se tornava mais denso e ameaçador. Grupos de pessoas caminhavam pela rodovia, arrastando seus pertences, seus sonhos e dissabores; homens, mulheres e crianças que tentavam escapar da realidade, fugitivos em seu próprio país, sem ter um lugar onde pudessem sentir-se seguros. Suas vidas já não lhes pertenciam. Eram espectros errantes, subordinados à vontade do destino. Nômades do novo holocausto.

— Não entendo por que você vai a Najaf. — A voz de Ibrahim conseguiu libertá-la daquela estranha melancolia em que se encontrava presa. — Aquilo é um vespeiro de xiitas... é perigoso.

Aisha se virou para olhá-lo, esquecendo-se completamente dos que perambulavam pela interminável estrada. Sempre confiara em Mohamed Ibrahim Hassan, desde que eram crianças. Tinha sido, havia tempos, marido de sua irmã Ramala, até que ela morrera dando à luz o primogênito. Agora ele vivia no bairro de Abu Ghraib com Zenab, sua nova esposa, e seus cinco filhos. Apesar do tempo transcorrido e da distância, Ibrahim continuara mantendo contato com a família de Aisha, a qual conhecera durante toda sua vida. Era um

dos melhores amigos de Ramdame — o irmão mais velho da doutora—, cujo paradeiro era desconhecido desde que desertara, como tantos outros, das obrigações que o prendiam à Guarda Republicana de Saddam Hussein, onde passara os últimos dezenove anos de sua vida. Talvez houvesse caído nas mãos das tropas aliadas, já que era estranho que não tivesse entrado em contato com nenhum de seus familiares e amigos, depois de quase três meses de guerra.

— Ibrahim, uma de minhas condições quando lhe paguei para me acompanhar era que não falássemos foi não falar disso durante o trajeto. — E lhe dirigiu um olhar suplicante.

— Está bem. Você deve saber o que faz — resmungou Ibrahim, magoado pelo modo como sua ex-cunhada se esquivava de sua curiosidade. — Mas continuo pensando que me esconde algo. Ninguém viaja a Najaf sem um bom motivo. Trata-se de Ramdame? Por acaso ele se esconde dos norte-americanos? Se for isso, você deve me dizer. Eu posso ajudá-la.

— Não sei nada de meu irmão, desde o dia em que Bagdá caiu. É possível, até, que esteja morto.

— E então?... — insistia, teimoso como um camelo.

— Tenho de fazer um favor a uma amiga. Precisa de mim... não tem ninguém mais. É tudo que posso lhe dizer.

— Suponho que poderá me indicar, ao menos, o lugar onde quer que eu a deixe, em Najaf.

— Diante da mesquita onde descansam os restos do genro do Profeta. Em seguida, pode regressar à sua família... levando a minha eterna gratidão.

Ibrahim apertou os lábios, ao mesmo tempo que balançava a cabeça de um lado para outro. Continuava pensando que Aisha corria um risco desnecessário.

Meia hora mais tarde, depois de passar por um posto de controle iraquiano nas cercanias da cidade, a desconjuntada BMW de Ibrahim, emplacada mais de trinta anos antes, entrou em Najaf. Naquele mesmo instante, um grupo de homens exaltados e armados com AK-47 e lança-granadas RPG-7, entre os quais havia muitos membros do exército do Mahdi — vestidos de negro, com fitas verdes presas na testa —, se manifestava gritando frases contra as Forças da Coalizão. Centenas de seguidores de Moqtada al-Sadr, indignados, saíram às ruas depois de receber a notícia da prisão do xeique Mustafá Yaqubi, mão direita do líder religioso que havia preenchido o vazio de poder criado pelos norte-americanos quando eles derrotaram o ditador.

— Não gosto nada disso — sussurrou Ibrahim, dirigindo com cuidado para não atropelar nenhum dos exaltados manifestantes.

— Já estamos perto — afirmou Aisha. — Pode me deixar no final da rua. O restante do caminho farei a pé. Não se preocupe, saberei me arranjar sozinha.

Será apenas uma centena de metros.

— Continuo achando que você arrisca sua vida ao vir aqui. Só espero que valha a pena.

A doutora guardou um prudente silêncio. Gostaria de lhe dizer a verdade: que cumpria a última vontade do homem por quem se apaixonara e que fazia aquilo porque sua consciência a levava a ajudar duas mulheres em apuros e várias crianças sem pai nem lar. Depois, envergonhada, reconheceu que também o fazia por si mesma. Precisava redimir seus velhos pecados para se sentir livre, saber que podia devolver àquela família tudo aquilo que estivera a ponto de arrebatá-lhe. Era o que Rajmani queria.

O automóvel parou a aproximadamente uma centena de metros da multidão, que com suas armas de fogo em punho ia de um lado ao outro, gritando palavras de ordem contra a atuação dos norte-americanos em Najaf, incitando a população civil a sair de casa.

Aisha desceu. Evitou demonstrar inquietação, embora estivesse terrivelmente assustada.

— É melhor que você vá embora — disse para Ibrahim. — Saia daqui enquanto pode e não pare até que saia da cidade. Lamentaria se lhe acontecesse algo por culpa minha.

Depois de se despedir, o homem pisou no acelerador. Só pensava em voltar para junto da esposa e dos filhos.

A doutora, sem olhar para trás, correu até a casa do pai de Fathia. Assim que chegou, bateu na porta com todas as suas forças. Segundos depois, Rashida colocou a cabeça para fora.

— Entre! Rápido! — disse, olhando para ambos os lados da rua. — Não fique aí!

Aisha sentiu que a jovem a puxava para dentro. Ouviram-se disparos por toda a rua, somente uns segundos depois de Rashida fechar a porta.

Fathia se aproximou, com uma expressão arrasada.

— Posso saber o que aconteceu? — perguntou a doutora, pressentindo que tudo aquilo era o princípio de uma insurreição.

— As Forças da Coalizão Internacional prenderam, hoje de manhã, Mustafá Yaqubi — respondeu a dona da casa, com o semblante grave. — O exército de Mahdi saiu à rua para liderar uma revolta. Pedem que os norte-americanos saiam do país.

Aisha, que por respeito às crenças de Fathia — que era xiita — não quis criar polêmica, ficou em silêncio. Entretanto, sabia muito bem que Yaqubi havia sido o verdadeiro culpado pelo assassinato do aiatolá Abdul Majid al-Khoei, um ano antes, por ele ser um dos principais defensores dos direitos humanos no Iraque.

Como se somava a isso o fato de que Yaqubi era o principal ajudante de Moqtada al-Sadr, indubitavelmente, a detenção fazia sentido para os norte-americanos.

Rashida disse às duas mulheres que se afastassem da porta, levando-as a seu dormitório, onde as crianças se reagrupavam sobre os colchões estendidos no chão. Aisha observou o terror e a angústia nos rostos inocentes dos menores.

Fathia se aproximou de suas filhas, sentando-se ao lado delas para acalmá-las. Disselhes que não se preocupassem com nada, enquanto estivessem todos juntos, palavras de consolo em que nem ela mesma acreditava.

— E então... conseguiu entrar em contato com a cadeia de televisão britânica?

A pergunta de Rashida conseguiu desviar a atenção da doutora, que não parava de pensar na fragilidade daquelas criaturas.

— Fiz tudo que você me pediu... embora não creia que possamos contar com a ajuda deles.

A expressão de ambas as mulheres, que aguardavam o regresso da doutora na esperança de salvar a vida delas e dos filhos, denotava certo sabor de fracasso.

— O inglês jamais chegou a falar com eles sobre o Projeto Brainwashing, não é verdade? — quis saber Fathia. — Agora vejo tudo com clareza... era tudo mentira. O dinheiro e os passaportes foram a desculpa que aquele filho de uma cadela usou para conseguir que meu marido lhe dissesse onde escondeu o dossiê. Jamais sairemos daqui — sentenciou com tom fúnebre.

— Você tem razão quanto à primeira parte, embora isso não queira dizer que não possam sair do país.

— Conte, então! — Rashida esperava que ela fosse mais explícita. — Digamos o que aconteceu.

Aisha sentou em um dos colchões, convidando Rashida a fazer o mesmo. Em seguida contou a verdade.

— Falei por telefone com o diretor da BBC World News, que desconhecia a existência do dossiê. Depois que eu fiz um breve resumo do que há nesses documentos, ele aceitou pagar pela informação, prometendo-me que enviaria a Bagdá um de seus repórteres a fim de comprovar pessoalmente que eu não o estava enganando.

— Então, por que você não o trouxe?

Fathia tentava compreender por que a doutora regressara a Najaf sem o jornalista.

— Acontece que o homem que entrou em contato comigo era o câmera que acompanhava o repórter britânico no dia em que assassinaram seu marido... um líbio chamado Driss Moqtari. Naquele momento eu não tinha ideia, mas depois fiquei sabendo que se tratava do assassino de Rajmani e também do próprio

companheiro de trabalho. Mas o pior de tudo é que, como ignorava as verdadeiras intenções dele, eu lhe contei que os documentos estavam escondidos aqui, em Najaf.

Rashida cobriu o rosto, tratando de conter as lágrimas. Fathia foi mais direta, repreendendo a arqueóloga por sua estupidez.

— Confiávamos em você! — exclamou, irada. — E em vez de nos ajudar, nos entregou ao assassino de meu marido!

Aisha se agitou. Não estava disposta a aceitar as reprimendas.

— Por acaso vocês não ouviram o que eu disse? — alterou a voz, perdendo as estribeiras. — Eu não sabia quem era ele, até que o norte-americano me contou!

— Norte-americano?... Eles também sabem que estamos aqui? — Agora quem perguntava era Rashida, tão frenética como sua cunhada.

A recém-chegada bufou, perdendo a pouca paciência que lhe restava.

— Deixem-me explicar...

— Só espero que suas desculpas sejam bastante convincentes, para que a gente possa acreditar.

Farta de aguentar a reprovação daquelas mulheres que em nenhum momento lhe agradeceram por ter arriscado a vida para ajudá-las, introduziu a mão na túnica, pelo pequeno decote, para tirar o envelope com os 25 mil dólares norte-americanos e os passaportes. Jogou-os aos pés de Fathia.

— Aí estão! Os vistos e parte do dinheiro! — Seus olhos, brilhando como duas brasas ardentes, paradoxalmente se marejaram com as lágrimas reprimidas, originárias da raiva. Ela as enxugou com a palma da mão. — Mas ainda há mais... Conheço um homem de confiança, que vai levá-las até a fronteira com a Jordânia. E fará isso em troca do dossiê.

Rashida pegou os passaportes e o envelope. Depois, comprovou o que a doutora dissera: havia ali milhares de dólares.

— Quem é essa pessoa e por que deseja ter os documentos? — quis saber a jovem, depois de entregar os passaportes e o dinheiro à cunhada.

— Ele se chama Jack Parsons e é outra vítima da mais obscura confabulação forjada pelo governo dos Estados Unidos. A esposa dele morreu no atentado ao World Trade Center. Ele só quer saber a verdade.

— Você confia nesse homem? — inquiriu Fathia.

— Sem dúvida — respondeu a doutora, taxativa. — E não apenas porque foi ele quem me informou sobre a identidade do jornalista enviado pela rede de televisão, mas também porque se preocupou em me acompanhar até a casa de uma amiga, para que ninguém pudesse me encontrar, salvando minha vida. Quanto ao assassino de Rajmani, sabe que estamos em Najaf, mas a cidade é grande demais para que possa nos localizar. Além disso, não conhece vocês.

Será impossível reconhecê-las.

— No envelope só há 25 mil dólares — interrompeu Rashida. — Onde está o resto?

— Não haverá mais dinheiro — informou Aisha, com muita tristeza. — Entretanto, isso lhes dá a oportunidade de abandonar o Iraque e iniciar uma nova vida na Jordânia. E o que é mais importante... ninguém irá atrás de vocês e de seus filhos, para assassiná-los. Por acaso isso não vale mais de um milhão de dólares?

Envergonhada, Rashida concordou em silêncio, recuperando o bom senso.

— E onde está esse norte-americano que pretende nos ajudar? — quis saber a viúva de Rajmani.— Onde podemos encontrá-lo?

— Fique tranquila. Ele vai entrar em contato conosco.

NAJAF, 3 de abril de 2004

Quando os agentes da Blackwater chegaram à base Al-Andalus, onde ficavam sediadas as brigadas espanholas Plus Ultra I e II, bem como a Autoridade Provisória da Coalizão e um grupo de tropas regulares de El Salvador, Honduras e Polônia, foram recebidos com certa indiferença pelo coronel Alberto Asarta, principal responsável pelos militares espanhóis lotados em Najaf. Certamente, os ânimos do oficial estavam bastante alterados. Para justificar seu mau humor, Asarta manteve uma conversa séria com o líder do grupo, Tom Hyatt, recriminando a atitude da Coalizão Internacional por não tê-los avisado da detenção de Yaqubi até aquela manhã.

Segundo o coronel Asarta, a decisão tomada pela APC romperia o transitório equilíbrio que os espanhóis haviam desenvolvido na região, depois de realizar várias negociações com os radicais de Al-Sadr, tratados cujo propósito era frear as violentas ações da insurgência. De fato, no dia anterior, aquele chefe militar havia enviado uma mensagem à cadeia de comando espanhola, bem como a Phil Kossnet — o representante da Coalizão Internacional em Camp Golf —, dizendo-lhes que o radicalismo xiita em Najaf se estabilizara, e que depois dos diversos acordos com os líderes políticos e religiosos desaconselhava qualquer ação de força, por parte do exército aliado, capaz de colocar em perigo as negociações de paz.

Por isso, a prisão de Yaqubi levou Asarta a suspeitar que os norte-americanos talvez tivessem realizado tal manobra para desprestigiar o exército espanhol no Iraque, depois de ser conhecida a decisão irrevogável do novo primeiro-ministro, José Luis Rodríguez Zapatero, de retirar suas tropas do país, resolução que, da mesma forma que os norte-americanos, desaconselhava os altos comandos militares da Espanha que operavam em Najaf, já que sua missão de restabelecer a ordem na cidade estava se concretizando segundo as previsões.

Não em vão, os soldados das brigadas Plus Ultra I e II haviam detido diversos e perigosos delinquentes, reconstruído mais de cem escolas, uns vinte hospitais e outros tantos edifícios municipais, e destruído cerca de 60 mil bombas, minas e outros artefatos explosivos. Outra das preocupações de Asarta era saber o que aconteceria com os soldados iraquianos treinados pelo exército espanhol e que, depois de sua saída, ficariam à mercê dos insurgentes, os quais certamente

realizariam sangrentas represálias contra os treinados, pois não teriam ninguém para defendê-los.

Hyatt escutou pacientemente o coronel Asarta, embora pouco lhe importavam seus problemas burocráticos e militares. Eles estavam ali porque se pressentia uma revolta em Najaf. Antes de mais nada, seu trabalho era defender os funcionários da Coalizão Internacional lotados na cidade, bem como os escritórios e o hospital de especialidades que custodiavam, junto com as tropas espanholas, polonesas e latino-americanas, na base Al-Andalus.

Depois da calorosa entrevista entre o líder da Blackwater e o oficial espanhol, que continuava acreditando que a presença dos mercenários em Najaf era uma provocação, uma tosca manobra norte-americana que iria desestabilizar a precária paz que haviam conseguido, graças a numerosas e pacíficas conversações com os líderes religiosos do lugar, Hyatt ordenou a seu grupo que se dirigisse aos barracões de Camp Golf, para se instalar nos aposentos destinados às forças privadas de segurança. Deviam estar prontos em apenas cinco minutos, já que deveriam tomar posições na cobertura do edifício para substituir os salvadorenhos, que havia muitas horas controlavam as cercanias dos edifícios de Camp Golf.

Enquanto Jack e o restante dos companheiros acatavam a ordem do líder, Buwosky e o líbio acompanharam Hyatt até o edifício principal da Coalizão Internacional. Seu objetivo era fazer contato com Kossnet, diretor da APC em Najaf. Precisavam de seu consentimento para formalizar um plano estratégico que os ajudasse na tarefa imposta pelo Departamento de Estado, através da SAIC e do Pentágono: encontrar as mulheres que tinham em seu poder o dossiê classificado de “Altamente Secreto” e confiscá-lo sem demora.

— Não resta dúvida de que em poucas horas este lugar vai se converter em um inferno — comentou Hyatt enquanto caminhavam pelo amplo corredor envidraçado que unia o edifício das forças espanholas à sede da APC. — Mas o que mais me preocupa é esse sujeito... Asarta. Estou certo de que neste momento ele está contestando a legalidade da Blackwater em uma base militar aliada. Já fez isso há semanas, quando enviamos para cá nossos primeiros homens. Mas, claro, como não encontraram um acordo legal, decidiram nos ignorar. O irônico do caso é que o contingente espanhol instalado em Diwaniya, em certa ocasião, utilizou nossos serviços. É que, finalmente, compreenderam que a segurança pessoal de seus funcionários é um problema que não havia sido contemplado antes do início da invasão.

Sua intenção era informá-los como estavam as relações entre os homens da Blackwater e as tropas aliadas espanholas.

— Os espanhóis são um problema seu — comentou Buwosky. — O nosso é

verificar a presença de duas mulheres, esposas de dois agentes secretos do antigo regime, que conseguiram burlar os nossos, ocultando-se na comunidade religiosa de Al-Sadr. — Fiel a seu estilo, mentiu com toda naturalidade. — Sabemos que elas se escondem aqui, razão pela qual necessitaremos da ajuda de seus homens, para que nos escoltem em nossos deslocamentos pela cidade.

— Não creio que este seja precisamente o melhor momento, devido ao estado de ânimo dos seguidores de Sadr, depois da detenção de Yaqubi — foi a opinião de Hyatt. — Mas farei tudo que estiver ao meu alcance para facilitar sua missão. Não é para desanimá-los, mas... não acham que será como procurar uma agulha no palheiro?

— Estamos atrás de Fathia Hadiyya — respondeu o líbio, que pedira um informe completo aos agentes da SAIC que operavam em Bagdá. — Acreditamos que possa estar escondida na casa de seu pai ou talvez na de algum de seus irmãos. Só temos de averiguar a localização exata e cercar a casa.

Hyatt simplesmente sorriu.

— Isso será como meter a cabeça em um vespeiro, sobretudo depois do que aconteceu há dias em Fallujah.

— Por isso é que vamos precisar de seus melhores homens, para que nos acompanhem — interferiu o agente da AID, fitando o líder da Blackwater.

Hyatt tirou um papel dobrado do bolso traseiro da calça. Sem ler, entregou-o a Buwosky.

— Aqui está uma lista dos agentes de segurança mais qualificados para esse tipo de missão. A maioria já pertenceu à SEAL ou foi *marine*, portanto, homens adestrados para matar. São os melhores. Acredite.

Enquanto caminhavam pelo corredor envidraçado que conduzia ao edifício da APC, o agente enviado pelo subsecretário de Defesa para Assuntos Políticos deu uma olhada no papel, lendo os nomes em voz alta.

— Silvio Torres... Anthony Blow... Osvaldo Valenzuela... Mark Callahan... Lionel Corben... Jack Parsons... Burt Carney...

— Espere! — O líbio parou e os demais se viram obrigados a fazer o mesmo. — Deixe-me ver isso.

Buwosky lhe entregou a lista, sem saber muito bem o que chamara a atenção de seu companheiro. Depois de conferir, ligeiramente, Driss olhou para Hyatt com uma expressão que misturava surpresa e satisfação.

— Jack Parsons... — sussurrou. — Não será um ex-tenente do exército norte-americano que no ano passado estava na Brigada Spartan, quando da tomada de Bagdá?

Sua pergunta se dirigia ao responsável pelos mercenários da Blackwater, em Najaf.

— Você o conhece?

— Pode-se dizer que somos velhos amigos.

Sem acrescentar mais nada, o líbio devolveu a lista e continuou caminhando. No mesmo instante compreendeu que se Parsons havia regressado ao Iraque era porque andava procurando o mesmo que ele. E até seria possível que soubesse onde encontrar.

Se assim fosse, calculou que a presença dele em Najaf iria lhe facilitar muito as coisas.

NAJAF, 4 de abril de 2004

À primeira hora da manhã, o Exército de Mahdi assaltou vários edifícios administrativos, além do comando da polícia local, controlando, assim, as forças da ordem pública operantes no interior de Najaf. A partir desse momento, a cidade ficou nas mãos dos homens de Al-Sadr.

Uma comitiva religiosa, com a esposa de Mustafá Yaqubi na liderança, dirigiu-se até a base de Al-Andalus — antigo campo universitário de Kufa — para continuar protestando pela injustificada prisão do principal auxiliar de Moqtada al-Sadr. A mulher do religioso xiita detido teve uma entrevista com o porta-voz do general Fulgencio Coll, chefe da Brigada Plus Ultra II, para exigir a imediata liberação de seu marido, como medida preventiva para frear a revolta. Com certo embaraço, o oficial teve de admitir que tal decisão não estava na alçada das tropas espanholas, mas que era responsabilidade direta da APC.

Depois da breve e infrutífera conversa com o militar espanhol, a mulher de Yaqubi foi embora em companhia de seu grupo de seguidores, sem alcançar seu objetivo.

Depois de apenas dez minutos, o Exército de Mahdi cercava as instalações de Camp Golf. Junto com eles estavam cerca de 2 mil fiéis que haviam sido instigados pelo próprio Al-Sadr, em sermão feito na tarde anterior, para que fossem às ruas protestar contra a ocupação aliada ilegal. Foram se concentrando ali os insurgentes armados com fuzis de assalto AK-47 e lança-granadas RPG, dispostos a tomar pela força a base de Al-Andalus.

Jack vigiava o recinto, do terraço do edifício, junto com outros integrantes da Blackwater e de um pequeno grupo de soldados salvadorenos. Depois de constatar que vários dos iraquianos reunidos ao redor do prédio estavam armados, Silvio Torres se aproximou de seu companheiro.

— Isso não me agrada de jeito nenhum — disse em voz baixa.

Jack concordou, com um movimento de cabeça.

— Creio que deveríamos tomar posições e nos preparar para repelir um eventual ataque — aconselhou Osvaldo Valenzuela, que se aproximou do parapeito para calcular o número de homens que começavam a cercar a base.

— Muito bem, garotos! Isso está ficando animado! — exclamou Lionel Corben, um sujeito magro, do Texas, que usava um estranho cavanhaque e cujo senso de humor era tão criativo quanto contagiante. — Será uma questão de mostrar a esses putos ali embaixo quem é que manda.

Em seguida se ouviram disparos de Kalashnikov por toda a rua, o que obrigou os homens da Blackwater a buscar proteção. Agachados, foram se aproximando do parapeito, movimentando-se de cócoras.

Segundos depois, apareceu no terraço o cabo Loonie Young, um jovem *marine* da Unidade Especial de Comunicações — conhecida, em termos militares, como *Anglico* —, que havia instalado um equipamento de rádio havia apenas meia hora. Com ele estavam outros soldados norte-americanos, que portavam uma metralhadora pesada M-249 SAW.

Rapidamente, o *marine* colocou a arma automática sobre o parapeito e ajustou a mira telescópica. Através dela viu um caminhão parando a uma centena de metros do edifício, do qual desceram vários homens, armados com fuzis de assalto. Um deles deitou no chão, abrindo fogo contra os guardas de segurança postados lá em cima.

Os homens da Blackwater já haviam tomado posições.

— Eu o tenho! — exclamou o cabo Young. — Ele está bem na minha mira! Senhor, peço permissão para atirar!

Naquele momento, Jack e o restante dos guardas de segurança se entreolharam, sem saber o que dizer. Obviamente, compreenderam que na falta de oficiais militares no comando, cabia a eles a decisão de abrir fogo. Era uma situação um tanto anômala, até curiosa, já que, pela primeira vez na história de uma guerra, um membro ativo do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos se via na obrigação de ter de receber ordens de civis, ainda que fossem mercenários contratados por uma empresa como a Blackwater.

— O que está esperando, rapaz? Dispare! — gritou Lionel Corben, tomando a liberdade de autorizar o cabo Young.

O *marine* abriu fogo sobre o indivíduo que, a princípio, se deitara do chão, mas agora corria para o edifício mantendo entre as mãos seu fuzil de assalto. No mesmo instante ele desabou, caindo no solo de bruços, depois de receber vários tiros por todo o corpo.

Aquela ação detonou uma das jornadas mais terríveis e encarniçadas vividas no Iraque desde que, oficialmente, a guerra fora declarada: a batalha de Najaf.

Parsons e seus companheiros, bem como os salvadorenos da Unidade

Cuscatlán, abriram fogo contra os insurgentes, que começavam a cercar a base de Al-Andalus. Enlouquecidos ao ver o sangue de seus companheiros, longe de sentir-se amedrontados, os homens de Sadr responderam à agressão disparando rajadas de suas Kalashnikov.

Pouco depois, os iraquianos conseguiam chegar à principal porta de entrada de Camp Golf, onde cercaram um veículo ocupado por soldados salvadorenhos que não tinham tido tempo de entrar. Um grupo de dez homens caiu sobre eles como autênticos predadores, tirando-os à força do interior do jipe. Enchendo-se de brios, um dos salvadorenhos, o cabo Samuel González Toloza, acabou com a vida de seus agressores a golpes de facão, para depois virar-se e defender o companheiro a seu lado e que dois xiitas haviam conseguido arrastar para fora do veículo, arrancando seu uniforme. Deu várias facadas em ambos, antes que pudessem reagir. Aproveitando que um soldado norte-americano lhes abria a porta do hospital de especialidades, o rapaz carregou o conterrâneo, livrando-o de morte certa.

Quanto ao restante dos salvadorenhos da Brigada Multinacional Plus Ultra, depois de receber uma brutal sova dos iraquianos, dois deles foram levados à mesquita, onde desapareceram, escoltados por um grupo de homens armados. Naquela mesma noite, as tropas aliadas encontraram seus cadáveres. Estavam pendurados pelo pescoço em um dos lustres que pendiam do teto da casa de orações.

No motorista do veículo, eles colocaram uma granada em sua boca e tiraram o anel de segurança. Sua cabeça explodiu em mil pedaços, diante do olhar dos rebeldes.

Àquela altura, vários homens do Exército de Mahdi tentavam escalar o muro que protegia a zona industrial, enquanto outros tratavam de invadir o hospital, abrindo fogo contra os soldados da Coalizão Internacional que encontravam em seu caminho. Agora eles os cercavam por três frentes distintas.

— Vamos! Continuem disparando! — gritou Anthony Blow, incitando seus companheiros a acabar com os iraquianos que estivessem em suas miras.

Callahan, o Blackwater de origem indígena, se aproximou do cabo Young para lhe dar instruções.

— Você está atirando alto demais, amigo. Será melhor que volte a ajustar a mira telescópica.

Em meio à batalha, alguém perguntou:

— Ali! Podem ver aquele sujeito que se arrasta pelo chão? Está com um lança-granadas!

— Onde? — perguntou outro dos *marines*.

— Bem na frente do caminhão — respondeu Silvio Torres, enquanto

reabastecia seu carregador. — Agora está apoiado na parede.

Imediatamente, dispararam rajadas até que acabaram com ele e com outros que tentavam saltar o muro de contenção que cercava o principal edifício do Al-Andalus.

Burt Carney se aproximou de seus companheiros.

— Precisam de munição? — perguntou. — Os soldados espanhóis nos deram várias caixas de balas de 5,56 milímetros para abastecer a SAW dos *marines*, e outras tantas para nossos fuzis de assalto. Embora eu custe a acreditar que seus oficiais os tenham proibido de nos ajudar em tudo o mais.

— Covardes malditos! — rosnou Corben, cuspidando no chão em sinal de repulsa.

Novamente, rajadas de metralhadora foram atiradas indiscriminadamente sobre os manifestantes. Em seguida, os homens da Blackwater pararam de disparar. Tinham de avaliar a situação, antes de desperdiçar a pouca munição de que dispunham.

— Fiquem como estão! Exatamente como agora! — gritou Jack, fazendo um gesto aos mercenários. — Analisem seus setores, nada mais.

Não era caso para perder a calma e disse isso ao resto de seus companheiros.

Glenn Hightower — outro dos mercenários da Blackwater — pegara sua câmera de vídeo e começou a gravar aquele que seria um dos testemunhos mais significativos da guerra do Iraque.

Focalizou Lionel Corben, que, surpreso, deu um sorriso bem criativo.

— Porra! — exclamou o texano.

Hightower, desviando sua câmera para outro dos soldados norte-americanos, perguntou:

— Olha, cara... não lhe parece que essa arma está quente pra caralho?

O soldado, rindo sarcástica e convulsivamente, por causa da terrível situação que tinha de viver, reconheceu sua inexperiência.

— É a primeira vez, durante todo o tempo em que estou nesse fodido Corpo de *Marines*, que me vejo na obrigação de disparar uma arma.

— Esquece isso agora e aponta para seu alvo! — recriminou-o Valenzuela, que naquele momento corria até o outro canto do parapeito para cobrir o lado oeste do edifício.

Ao longo das ruas que rodeavam a base de Al-Andalus, os insurgentes iam de um lado para outro, tomando posições, enquanto o restante se preocupava em colocar os feridos a salvo, esquecendo-se por um instante de mais de uma centena de mortos que estavam espalhados pelo chão.

Blow, pressentindo que a batalha deveria estender-se por horas, tentou entrar em contato com a central da Blackwater, em Bagdá. Contavam com apenas dois

carregadores por pessoa e não tinham certeza se os espanhóis continuariam a abastecê-los com munição.

Fazia só alguns minutos que o tenente-general Ricardo Sánchez, do exército dos Estados Unidos, entrara em contato com o coronel Asarta, para lhe informar que pensava ordenar a decolagem dos aviões de combate F-16 para defender o hospital de especialidades e os demais edifícios, e o comando espanhol havia desaconselhado categoricamente a medida, para evitar um autêntico massacre da população civil.

Asarta, em vez de perder a calma, tomou a sábia decisão de enviar um grupo de salvadorenhos para defender o hospital, andar por andar, e também para reduzir o número de insurgentes que tentavam invadir a base.

Jack, ao verificar que vários *Sals*⁴⁴ posicionavam uma nova metralhadora sobre a beira da amurada, aproximou-se deles para oferecer instruções.

— Segurem bem forte! Segurem bem forte!

— Ali! — Callahan fez um sinal para baixo, na direção da estrada que passava em frente ao Camp Golf. — Cuidado com esses filhos da puta que se aproximam!

— Sim... venham logo que vão ver uma coisa esses Mahdi do caralho! — exclamou Valenzuela, rindo enquanto abria fogo contra o grupo de manifestantes.

Ao ver que os iraquianos continuavam avançando, sem temer por suas vidas, cegos pelo ódio que sentiam pelos estrangeiros, os soldados postados no parapeito reabriram fogo de metralhadora, com apoio dos escoltas e de suas carabinas M-4.

Um *marine* apoiou em seu ombro um lança-granadas Mark-19, disparando sem vacilar contra a multidão fanática. Vários insurgentes voaram pelos ares depois da explosão.

Jack teve a sensação de estar vivendo um autêntico inferno. O tempo havia deixado de existir lá em cima, no terraço do principal edifício do Al-Andalus. A única coisa que sua mente conseguia registrar naqueles momentos era que tinha de continuar disparando; acabar com todos eles ou deixar que o matassem. Era uma sensação que se baseava no desejo de sobreviver.

Lá embaixo se descortinava a terrível imagem de dezenas de mortos que cobriam as ruas adjacentes à base militar, algo que iraquianos, salvadorenhos e norte-americanos jamais esqueceriam.

Inesperadamente, um jato de sangue salpicou o rosto de Parsons. Era de Burt Carney, que fora atingido por um disparo de AK-47 na mandíbula. Tinha um buraco no rosto do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos.

O cabo Young se aproximou imediatamente do mercenário que estava caído

no chão, cedendo a SAW a um dos salvadorenhos de Cuzcatlán. Como o sangue jorrava aos borbotões — calculou que aquele homem poderia ter perdido cerca de meio litro —, introduziu seus dedos na ferida para pinçar a veia carótida. Graças a sua hábil manobra, e à sua excepcional capacidade de reação, estancou a hemorragia imediatamente. Ajudado por Callahan e Blow, o *marine* conduziu o ferido ao andar de baixo, onde o médico da Blackwater improvisara uma pequena enfermaria em um dos barracões da APC. Depois, os três regressaram ao parapeito.

Defenderam sua posição durante muito tempo, embora só lhes restasse uma dúzia de balas por indivíduo. Já estavam com a impressão de ter perdido terreno, quando ouviram o inconfundível barulho dos helicópteros da Blackwater, os chamados *Ass Monkey*⁴⁵. Eram três e começaram a dar voltas ao redor do terraço. Quando estavam bem em cima do edifício, lançaram vários fardos com caixas de munição que foram imediatamente recolhidas pelos soldados norteamericanos e salvadorenhos. Um dos aparelhos se manteve a dois metros do terraço, correndo o risco de ser alcançado pelas RPG iraquianas.

Jack aproximou-se de Silvio Torres, advertindo-o que tinham companhia.

— Era só o que faltava! — exclamou, para que pudesse ser ouvido, apesar do ruído das hélices.

— O quê? — perguntou o espanhol, aumentando a voz, sem parar de disparar na multidão enlouquecida, que tentava alcançar as portas do edifício.

Jack lhe fez um sinal, indicando que olhasse para trás. Quando se virou, Silvio só pôde lamentar sua má sorte.

— Deus do céu! Maldição!

Vários mercenários da Blackwater foram saltando do interior do helicóptero para a cobertura. Eram os reforços que os ajudariam a defender a base. Entre eles estava Bruce Gallagher, com sua cara de *pitbull* raivoso e a enorme cicatriz cruzando a face. O irlandês olhou friamente para os dois escoltas, com um sorriso provocador. Passou o dedo indicador pelo pescoço, horizontalmente. Seu gesto disse tudo.

— É melhor que você fique de olhos bem abertos — aconselhou Jack. — Tenho certeza de que ele aproveitará a confusão para se vingar da surra que você lhe deu em Moyock.

Silvio lhe deu razão. A partir dali, não teria apenas que se defender do ataque dos insurgentes, mas também do homem que procurava um modo de fazê-lo pagar caro a afronta sofrida dois meses antes.

Aquele dia poderia se converter no pior de sua vida.

NAJAF, 4 de abril de 2004

— Não contávamos com isso — resmungou Buwosky, observando o campo de batalha através da janela de um dos escritórios da APC. — O Exército de Mahdi assumiu o controle das ruas. — Então se virou, olhando fixamente para o líbio. — Sair do edifício agora, do jeito que as coisas estão, seria suicídio... Teremos de adiar a missão.

— De maneira nenhuma. Vamos em frente — respondeu o outro.

Driss, sentado atrás de uma mesa de escritório, conferia sua Glock com total naturalidade, sem se importar com o fato de que, na rua, estivesse sendo travada uma das maiores revoltas desde que o povo de Najaf expulsara os britânicos, no começo do século XX.

— É verdade que você pensa sair neste momento, em plena batalha? — Buwosky não acreditava nas palavras do líbio. — Se for assim, precisaremos de mais do que um punhado de guarda-costas, ou acabaremos vendo nossos corpos calcinados pendurados em uma ponte, como aconteceu aos caras da Blackwater assassinados em Fallujah. Além disso, o que pretende fazer com Parsons? Se ele vai atravessar nosso caminho, melhor será acabar com ele... quanto antes.

O agente da SAIC se levantou, depois de ajustar o carregador sob a culatra de sua pistola. Em seguida, pegou o telefone e discou um número de memória. Com um terrível e maquiavélico sorriso estampado nos lábios, dirigiu-se ao companheiro:

— Tenho um pressentimento. E se for correto, Parsons será mais útil para nós vivo que morto.

Segundos depois, Driss entrava em contato com Albus Coleman, outro dos obscuros agentes que a SAIC enviara a Bagdá — junto com a equipe de televisão de Don North —, para colaborar com a CIA e com os chefes das companhias do Estado-Maior do CENTCOM. O líbio lhe pediu que registrasse todas as ligações telefônicas que tinham sido feitas em um perímetro de duas milhas ao redor da base de Al-Andalus. Além disso, lhe ofereceu dois nomes, o de Jack Parsons e o de Aisha Howeid. Qualquer conversa entre eles dois deveria ser rastreada de imediato, para registrar seus números de telefone e localizar na mesma hora as coordenadas de sua posição. Deveria ser informado, sem perda de tempo, no mesmo instante em que eles entrassem em contato.

Assim que terminou a chamada, Driss explicou seu plano.

— Agora só teremos de esperar que Jack Parsons, que eu considero culpado pelo desaparecimento da vicediretora do Museu Arqueológico de Bagdá, cometa o erro de ligar para ela, tal como fez Rajmani com meu antigo companheiro de trabalho.

Assombrado com a capacidade intuitiva do líbio, Buwosky teve de lhe dar razão. Havia grandes possibilidades de que eles estivessem se comunicando por celular. A presença do ex-tenente do exército norte-americano, em Najaf, devia estar relacionada, com o dossiê que ambos procuravam.

Não podia ser de outra forma.

NAJAF, 4 de abril de 2004

Os gritos repercutiam em seu cérebro como se fossem explosões. Eram gritos de dor, de humilhação, de ódio. A multidão corria pela rua arrastando os feridos, enquanto outros iraquianos, homens que buscavam uma maneira de recuperar sua dignidade, se dirigiam à base de Al-Andalus levando todo tipo de arma e com a firme intenção de expulsar aqueles que haviam invadido seu país e profanado a cidade santa de seus ancestrais. Fathia sabia que depois daquele dia nada seria igual em Najaf. Ali estava se travando uma batalha sem precedentes: a luta pela liberdade.

O pior, mesmo, era ver o medo desenhado no rosto de suas filhas e no das outras crianças, que mal compreendiam o significado daquela guerra.

— Não pensam em ir embora, regressar a seus lares? — perguntou Aisha, fora de si.

Por um lado, apoiava a iniciativa daqueles homens, já que lutar contra o que acreditavam ser uma violação de sua fé era motivo suficiente para empreender uma revolta. Entretanto, o fato de os distúrbios terem eclodido no mesmo dia em que imaginava encontrar-se com o mercenário norte-americano fez com que ela perdesse as estribeiras. Acabou acreditando que tudo ia mal para ela, inclusive chegou a pensar que estava sob a influência de uma terrível maldição.

Com o coração na boca, andava de um lado para outro na sala, segurando seu telefone. Parecia que sua vida dependia dele.

— Você acha que o norte-americano vai entrar em contato com você, como prometeu? — perguntou Rashida, que segurava a pequena Zulaikha nos braços.

Balançava o delicado corpo de sua filha para que se acalmasse e parasse de chorar.

— Sim... cedo ou tarde — respondeu a doutora, com firmeza. — É só uma questão de tempo.

— Continuo pensando que deveríamos nos esquecer dele e fugir para a Jordânia com o que temos — opinou Fathia. — O mais importante são os passaportes e esses estão em nosso poder. O dinheiro, como você bem disse, não vale tanto quanto nossas vidas.

— Vocês pretendem cruzar um país em guerra sem a ajuda de ninguém, só porque não confiam no norte-americano?

Aisha se surpreendeu com a coragem daquelas mulheres.

— Creio que deveríamos tentar — reafirmou a viúva de Rajmani.

— Eu não estou disposta a arriscar a vida de meus filhos — opinou Rashida, olhando para a doutora. — Neste caso, estou de acordo com você. Devemos esperar para ver como se desenvolvem os acontecimentos. Se é certa a história de que a esposa do norte-americano foi uma das vítimas do atentado de Nova York, é possível que ele fique do nosso lado quando ler o relatório. Gostemos ou não, é nossa única esperança para sair deste inferno.

— Lembro a vocês que a última vez que confiamos em um ocidental, meu marido foi morto a tiros como um cão.

— Desta vez é diferente — interrompeu Aisha, segura de si. — Jack... — Enrubescou levemente. — Quer dizer, o norte-americano ajudou a me esconder do assassino de Rajmani. Além disso, tem tanto interesse quanto nós em que se saiba toda a verdade.

Naquele instante, abriu-se a porta principal da casa. Prontamente, entraram vários homens que traziam um jovem ferido por um tiro no ventre. As gotas de sangue formaram uma linha irregular sobre o piso de cerâmica, enquanto o conduziam até o sofá. O pai de Fathia ia à frente, ordenando a sua filha e às outras mulheres que levassem as crianças a seus quartos. Depois de deixar o moribundo na companhia de um médico e de um religioso xiita — ambos seguidores de Al-Sadr —, foi até uma arca de madeira no outro extremo da sala. Abrindo-a, tirou vários fuzis de assalto AK-47 que guardava sob uma pilha de cobertores. E os distribuiu aos que o acompanhavam.

— Fechem as portas! — gritou o ancião para as mulheres. — E não se atrevam a chegar perto de nenhuma das janelas!

Na sequência, foram embora com a mesma pressa com que haviam entrado.

Fathia e as outras se refugiaram no quarto, levando seus filhos. Fecharam a porta à chave. Depois colocaram um colchão tapando a única janela que dava para o exterior e sentaram no chão, bem juntas. A única coisa que se escutava era o murmúrio de suas orações e a respiração entrecortada das crianças.

Lá fora, o espírito da morte pairava sobre as ruas de Najaf.

NAJAF, 4 de abril de 2004

Jack Parsons viu como se elevavam no ar os helicópteros da Blackwater, levando Burt Carney e o cabo Loonie Young, que havia sido ferido por disparos da insurgência.

Pouco antes, Gallagher — que representava uma séria ameaça para Silvio Torres — e o restante dos mercenários que tinham sido trazidos de Bagdá se uniram a um grupo de salvadorenhos que se dirigia às instalações espanholas de Al-Andalus, uma vez que um grande número de revoltosos mudara de posição e mal podiam ser vistos do terraço. Precisavam de um ângulo de tiro favorável, como o corredor que unia o edifício da APC com o das tropas espanholas.

Aquilo deu um alívio a Jack e Silvio Torres. Já não teriam de ficar de olho no irlandês, ao menos durante certo tempo.

Enquanto isso, Hightower continuava gravando o ataque insurgente com sua câmera de vídeo. Nessa ocasião, a objetiva se concentrou na manobra do soldado Jimmy Brent, outro dos Anglico que haviam sido destacados para Camp Golf. Ele apoiava sua arma no parapeito e usava a mira telescópica. Para fazer bem seu trabalho, deu a volta no boné que lhe cobria a cabeça.

— Deslizou até um dos edifícios — afirmou Hightower.

— Você se refere ao que se vê correndo sobre o muro? — perguntou o soldado.

Sem aguardar resposta, disparou três vezes seguidas. Rapidamente, recolocou o carregador.

— Localizei um grupo de três. Agora mesmo correm para cá — continuou Hightower, que estava na função de observador. — Vamos! Temos um montão de... — Parou um segundo. — Vê aquele vestido com uma túnica branca? Está indo muito rápido... veja como se move a bunda do filho da puta.

O soldado regulou sua mira telescópica.

— Um grupo numeroso se aproxima de nós — continuou falando o

Blackwater, sem deixar de gravar o Anglico em nenhum instante. — Por ali, esgueirando-se sobre o muro.

O soldado Brent voltou a efetuar três disparos.

— Ufa! Você tem aí um grupo inteiro deles.

Um novo disparo.

Hightower deixou a câmera de vídeo sobre o parapeito para falar por *walkie-talkie* com vários de seus companheiros, os quais haviam se deslocado até a zona espanhola para ter melhor ângulo de tiro, já que o ataque dos revoltosos se intensificou naquele lugar e foi preciso dividir as forças por vários flancos.

— Temos um punhado de maus sujeitos às doze em ponto, a uns oitocentos metros — informou a eles. — Quinze deles vêm correndo até aqui.

— Necessitamos da localização exata — pediu uma voz, através do comunicador.

Antes que o Blackwater lhes desse a informação, o soldado Brent abriu fogo sobre o grupo de iraquianos armados que se lançavam sobre eles. Um a um foram caindo, depois de atingidos por disparos certos.

Hightower desatou a rir.

— Negativo — afirmou, velhacamente. — Já os “limpamos”.

Naquele preciso momento, uma explosão levou pelos ares um dos caminhões estacionados no meio da rua, utilizado pela insurgência para se proteger dos disparos. Surpreendido, Brent parou de disparar e observou de forma interrogativa o Blackwater.

— Quem disparou a JDAM?⁴⁶

— Os *marines* — respondeu, sucintamente, Silvio Torres, aproximando-se de ambos e, em seguida, fez um sinal para que Jack se unisse a eles.

— Sim — concordou Hightower —, os nossos voavam até aqui, quando esse JDAM explodiu.

Jack, unindo-se ao grupo, advertiu os parceiros sobre novos movimentos na rua.

— Atenção! Voltam a tentar. — Suas palavras eram dirigidas ao soldado Brent.

— Caralho! Outro veículo em alta velocidade — queixou-se o da Anglico. — Uma Mercedes azul.

Abriu fogo novamente, crivando de balas o vidro dianteiro do carro até conseguir que ele se estatelasse contra um dos muros de contenção. Depois de testemunhar a morte de dois de seus companheiros, uma nova camarilha de revoltosos tomou posição ao longo da rua.

— Está vendo aquele sujeito? — inquiriu Hightower, pegando de novo sua câmera de vídeo. — Cuidado com ele.

— Quem? O da fita verde?

— Sim, esse — confirmou. — É do Exército de Mahdi. A tira verde é do exército de Madhi. Sempre estão dispostos a combater.

Uma rajada de tiros acabou com a vida do insurgente.

— Muito bem. Está vendo a estrada que segue reta, por ali? — perguntou de novo Hightower, apontando para baixo.

— Sim.

— Siga a reta... por uns oitocentos metros.

Ao descobrir que não restavam balas no carregador, Brent se dispôs a substituí-lo.

— Que merda! — exclamou Silvio Torres, que, tal como Jack, estivera defendendo sua posição, disparando rajadas sobre a multidão.

— Olha só esses filhos da puta!

Centenas de insurgentes corriam em conjunto até o edifício da APC, como se não se importassem nada com a morte.

— Muito bem, você os tem — avisou Hightower.

Brent, que se achava um dos melhores atiradores de sua companhia, foi eliminando um inimigo atrás do outro.

— Que pontaria você tem, rapaz! — exclamou o Blackwater. — Deus seja louvado! Isto aqui é como uma barraca de tiro ao pato, em uma quermesse! — admirou-se e soltou uma gargalhada meio histérica.

— Estão se protegendo — Jack advertiu seus companheiros.

O soldado Brent não cessava de atirar.

Os iraquianos abriram fogo, em resposta. Longe de se acovardar, os homens da empresa Blackwater intensificaram ainda mais seu ritmo de disparos.

— Apaga esse filho da puta quando ele aparecer dobrando a esquina! — gritou um dos *marines* que se postara a poucos metros de onde estavam Jack e os outros mercenários.

— Agora, vamos! — bramou Hightower, animando o sujeito da Anglico para que acabasse com ele.

Dois disparos bastaram para deter o avanço do iraquiano: um feriu-o no joelho e outro, de misericórdia, enquanto urrava de dor estirado no solo.

Silvio Torres escutou, pelo *walkie-talkie*, quando os salvadorenhos posicionados na base de Al-Andalus pediam ajuda. Pelo visto, a maioria dos insurgentes continuava se deslocando rumo à zona espanhola e ao hospital de especialidades.

Convenceu Parsons a ir com ele.

— Vamos! Os *Sals* estão em apuros!

Sem discutir, o ex-tenente correu junto com o espanhol até as escadas.

Desceram até o piso principal do edifício, entrando no corredor de acesso, envidraçado em um dos lados, aquele que unia a sede da APC com a base de Al-Andalus. Ali se encontraram com um grupo de legionários espanhóis. Envergonhado pela passividade de seus compatriotas, que não haviam se dignado a disparar nem um só tiro para defender as instalações militares, Fighter os repreendeu, em castelhano.

— Vocês têm tanto medo que não são capazes de pegar uma arma para defender sua vida e a de seus companheiros?

Um sujeito corpulento, de grandes costeletas e acentuado sotaque andaluz, levantou seu dedo indicador à altura do rosto, enquanto encarava seu compatriota.

— Não permito que você fale assim comigo! — rugiu o “noivo da morte”, indignado por causa da admoestação. — Lembro a você que cumprimos ordens de nossos superiores.

— É a eles que você deveria lembrar qual é sua obrigação — acrescentou outro espanhol, defendendo a atitude de seu companheiro. — Se é que você não sabe, o coronel Asarta nos proibiu terminantemente de intervir na luta.

Silvio bufou, indignado. Que sentido tinha, então, a presença espanhola no Iraque? Se não pensavam em disparar, nem sequer para defender a própria vida, que diabos estavam fazendo naquela maldita guerra?

— Entretanto, podemos ajudá-los — assinalou o terceiro legionário. — Conseguiremos para vocês as melhores posições de tiro.

Jack, que não entendia o idioma, perguntou a seu companheiro:

— Pode me dizer o que está acontecendo?

— Eles foram proibidos de atirar, mas vão nos ajudar a encontrar uma boa posição de tiro.

O norte-americano franziu a testa, sem compreender muito bem a estratégia do exército espanhol.

— Vamos ver se entendo... Atacam a patrulha do alferes Contreras, em Diwaniya... Faz um mês que tentam assassinar o delegado da APC, Phil Kosnett... Dias atrás acabaram com quatro de nossos companheiros em Fallujah... Os rebeldes gritam pelas ruas de Najaf que vão acabar com todos nós... e mesmo assim eles estão preocupados com o que dirá a opinião pública de seu país se decidirem intervir na luta, para nos ajudar? Por acaso a vida deles não corre perigo, como as nossas?

Jack estava irritado e em nenhum momento tratou de ocultar isso.

O legionário de longas costeletas, que falava inglês e notou o mal-estar que sentia o norte-americano, interferiu na conversa.

— Em meu país vivemos uma situação bastante delicada, devido aos

atentados de Madri. O primeiro-ministro...

— Que vá à merda o primeiro-ministro de seu governo fodido! — protestou Parsons, indignado, interrompendo-o. — Esses putos lá de fora não respeitam leis de cortesia nem pactos de cavalheiros! Vão foder a gente! Ouviu bem? Querem matar todos nós! Não importa se formos espanhóis, salvadorenhos ou norte-americanos! E é o que farão se homens como vocês continuam se comportando como pusilânimes!... Caralho! — explodiu, finalmente.

Jack deu um pontapé na parede de vidro, estraçalhando um dos mosaicos.

Depois da ácida arenga, os espanhóis tiveram de ficar em silêncio. Sabiam que o norte-americano tinha razão. Seus generais não tinham o direito de privá-los da obrigação que haviam assumido ao viajar para o Iraque. Ficar com os braços cruzados era uma atitude muito indigna naquelas circunstâncias.

— Tudo bem — interveio Silvio Torres. — Vamos fazer isto... vocês nos proporcionam uma boa posição de tiro, bem como suficiente munição, e nós defenderemos seus cus de merda... está bem, caras?

O trio de legionários concordou, a contragosto. Para não forçar a situação, os conduziram ao lugar onde se encontravam seus outros companheiros da Blackwater — os quais defendiam a base lado a lado com os salvadorenhos da Brigada Cuzcatlán —, depois de lhes oferecer suficiente munição para se defender do ataque dos insurgentes. Desgraçadamente, entre os mercenários que salvaguardavam o edifício principal das tropas espanholas, encontrava-se Bruce Gallagher, de quem haviam se esquecido por completo.

Sem lhe dar maior importância, Jack e seu companheiro tomaram posições em duas das janelas que estavam bem à frente do hospital de especialidades. Depois de encaixar no vão uma metralhadora pesada, Silvio começou a disparar sobre a multidão que tentava invadir o edifício. Jack abriu fogo com sua carabina M-4.

Os legionários, sem conseguir suportar a ideia de ficar de braços cruzados enquanto outros homens defendiam o acampamento de Al-Andalus, se uniram aos guardas de segurança da Blackwater. Começaram a atirar sobre os rebeldes.

Depois de meia hora de cruenta batalha, viram chegar Lionel Corben.

— Preciso de voluntários para me ajudar a cobrir a zona leste. Há um grupo de franco-atiradores no terraço do hospital... — disse o texano, com certa pressa. Sem esperar que alguém se oferecesse, apontou para Silvio Torres e para o irlandês. — Vocês! Venham comigo!

Negar-se significava ter de oferecer muitas explicações, de maneira que o espanhol se levantou para acompanhar Corben, embora não gostasse nada de formar uma equipe com o homem que tentaria acabar com sua vida, ao menor descuido.

— Quere que eu vá com vocês? — perguntou Jack, em voz baixa.

O lutador de artes marciais sorriu e piscou o olho para ele.

— Fique tranquilo, papaizinho. Saberei cuidar de mim sozinho.

Depois de permitir que o ex-oficial do exército assumisse a responsabilidade da SAW, Silvio Torres pegou sua M-4 e ficou ao lado de Lionel Corben. Gallagher foi atrás deles.

Quando chegaram à sala de reuniões do segundo andar, o trio da Blackwater foi se posicionando nos vários mirantes, de onde se divisava a ala norte do hospital. Viram três franco-atiradores disparando contra um grupo de salvadorenos empenhados em se aproximar do edifício, para acabar com a ameaça implícita na presença de iraquianos na laje superior.

Corben pegou seu *walkie-talkie*. Depois de sintonizar a frequência, deu instruções aos *Sals* para que, estrategicamente, fossem avançando até controlar a área. Para isso, ele e seus companheiros abriram fogo para distrair o inimigo.

— À uma em ponto... a cerca de duzentos metros — indicou o Blackwater aos homens da Brigada Cuzcatlán, pelo comunicador.

Todos os integrantes do grupo correram naquela direção. Depois de alcançar uma posição melhor de tiro, os soldados de El Salvador começaram a disparar contra os franco-atiradores, sob a proteção da equipe de apoio. Segundos depois, haviam limpado a área de insurgentes. E seguiram com a missão de desocupar a zona do hospital.

Ouviram-se uma voz pelo radiotransmissor de Corben. Era Osvaldo Valenzuela, que pedia sua presença no terraço do edifício da APC. Pelo visto, o tenente-general Ricardo Sánchez e seu segundo, o general de brigada Mark Kimmitt, haviam previsto chegar a Najaf em apenas uma hora. Até lá, a situação devia estar controlada.

Sua missão era apoiar os *marines* destacados para Camp Golf, de maneira que saíssem das instalações com seus blindados leves LAV, e freassem o avanço rebelde. Novamente, os agentes da Blackwater deviam dar cobertura aos soldados norte-americanos.

— Fiquem aqui! — ordenou Corben, taxativo, levantando-se. — Continuem defendendo a posição enquanto puderem. Farei todo o possível para enviar a vocês uma equipe de apoio.

Virou de costas para ir embora.

Mal abandonara a sala de reuniões, quando Gallagher, aproveitando um novo ataque da insurgência contra o hospital, tratou de golpear a cabeça do espanhol com sua M-4. Mas Silvio Torres, puro reflexo, foi mais rápido que o irlandês e inclinou o corpo para trás, evitando que o sujeito partisse seu cérebro com uma só pancada de culatra.

— Filho da puta maldito! — exclamou o Fighter, levantando-se de um salto.

Apesar da rapidez com que evitou o ataque, não pôde se esquivar do pontapé que veio pela frente. O espanhol levou um forte golpe nos testículos, de maneira que caiu de lado sobre o parapeito da janela. Aproveitando que estava indefeso, Gallagher voltou a lhe dar um pontapé, dessa vez em pleno rosto. Aquilo abriu um grande corte em sua sobrancelha, que começou a sangrar intensamente.

— Vamos! — exclamou, furioso, o cara da Irlanda, fechando os punhos depois de deixar a carabina apoiada na parede. — Fique em pé para que eu possa acabar com você!

Ainda zozzo pela inesperada arremetida de Gallagher, o espanhol conseguiu se esquivar de um novo ataque de seu adversário, que contraiu a boca em uma expressão cruel, distendendo seu rosto transfigurado em uma máscara de ódio.

Era evidente que não pensava acabar com ele imediatamente, pois teria sido muito fácil disparar à queima-roupa com sua grande arma de fogo. Gallagher desejava devolver-lhe os golpes recebidos em Moyock, humilhá-lo o mais que pudesse, ouvi-lo suplicar antes de explodir sua cabeça em um último ato de misericórdia. Aquela foi uma decisão bastante errada da parte do irlandês, algo que Silvio soube aproveitar para lançar sua ofensiva.

Sustentando-se em apenas um dos pés, o especialista em artes marciais se agachou. Com força e habilidade, imobilizou as pernas de seu atacante com um pontapé, fazendo com que perdesse o equilíbrio. Gallagher caiu de costas no chão.

— O que acontece, campeão? Cansou de lutar?

A sarcástica pergunta do espanhol deixou seu oponente ainda mais irritado. Disposto a recuperar o terreno perdido, pegou seu facão da bainha que pendia do cinturão. Silvio obedeceu as normas de defesa das artes marciais, recusando-se a utilizar uma arma branca como instrumento de defesa. Acreditava que sua experiência seria suficiente para ajudá-lo a dominar a situação.

O irlandês estendeu o braço, com agilidade, agachando-se ligeiramente. Em seguida, lançou um golpe dirigido à barriga de seu oponente. De maneira instintiva, Silvio avançou a mão para repelir o ataque. A lâmina afiada produziu um profundo corte em sua munheca. Mesmo assim, aproveitou o próprio impulso de Gallagher para agarrar seu braço e empurrá-lo com força, conseguindo que o rosto de seu adversário se estatelasse contra os vidros da janela. Os cacos abriram uma série de cortes nas bochechas e na testa dele.

Ao compreender que fora um idiota por querer enfrentar um indivíduo que, apenas com golpes, conseguira vencer os melhores lutadores da Tailândia, em combates, resolveu mudar de tática e correu até a porta. Depois de alcançar sua carabina M-4, achou que o melhor mesmo era colocar um fim na luta.

Sem dar tempo a ele de raciocinar, abriu fogo contra o espanhol, que se

movimentou com agilidade felina para um lado. A bala passou tão perto da cabeça de Silvio que arrancou um pedaço da orelha direita. Instintivamente, ele levou a mão à ferida. Só pensava em estancar a hemorragia, já que sangrava quase como um porco a quem tivessem degolado no matadouro.

— Muito bem, careca de merda! — exclamou Gallagher, por cujo rosto também corria sangue. — Está preparado para morrer?

Silvio o observava friamente. Estava desarmado e, daquela distância, era impossível para ele evitar um novo disparo. Em nenhum momento, porém, se deu por vencido, já que havia se preparado para uma situação como aquela desde que tinham saído do quartel-general da Blackwater, em Moyock. O fato de sua mão estar no alto, estancando o sangue que jorrava de sua orelha, o ajudou bastante na hora de levar a cabo a estratégia que havia planejado havia semanas. Seus dedos procuraram, com habilidade, a arma que ocultava nas costas, sob a jaqueta, até que conseguiu encontrá-la.

— Até nunca mais, puto de merda! — gritou o irlandês, sorrindo com marcante dureza.

Antes, porém, que tivesse tempo de apertar o gatilho, Silvio o surpreendeu com uma nova estratégia. Sacou, de repente, uma lâmina *kunai*⁴⁷, escondida em uma pequena bainha que estava colada à parte posterior de seu colete à prova de balas, e a lançou com toda a sua força. A terrível arma cravou-se dois centímetros acima da clavícula, muito perto do pescoço de seu adversário. No mesmo instante, ele sentiu que o sangue empapava sua garganta, impedindo-o de respirar.

Ainda em pé, Gallagher fez um grande esforço e levantou sua M-4 disposto a apontar para a cabeça do espanhol. Mas antes que tivesse oportunidade de abrir fogo, ouviu-se uma explosão e um enorme buraco foi aberto em seu crânio, indo da parte traseira até sua. Os miolos e o sangue salpicaram as paredes brancas da sala de reuniões. O irlandês desabou no chão, morto na mesma hora, sem emitir um gemido sequer.

Da porta de entrada, segurando sua Beretta, Jack Parsons lançou ao companheiro um sorriso de cumplicidade.

Havia chegado bem a tempo.

NAJAF, 4 de abril de 2004

Jack Parsons jamais esqueceria aquela cena desagradável que, para a vergonha dos que haviam lutado por sua terra e sua liberdade, com um terrível saldo de 200 mortos e dezenas de feridos, foi gravada pela câmera de vídeo de Hightower, para que ele tivesse um testemunho de sua passagem pelo Iraque: as imagens da captura dos prisioneiros iraquianos.

Toda sua raiva, todo ódio que pudesse ter sentido no passado por aquelas pessoas veio abaixo no mesmo instante em que descobriu a dor e a humilhação estampadas na expressão abatida dos homens que haviam tentado manter viva a dignidade de seu povo, até mesmo à custa da própria vida. De qualquer forma, em nenhum momento se sentiu orgulhoso do resultado da cruenta batalha que acabara de ser travada em Najaf.

Os cadáveres clamavam por justiça, enquanto os sobreviventes daquela carnificina sofriam o desprezo e o escárnio dos vencedores.

Um a um, depois de terem as mãos atadas como animais, os rebeldes foram obrigados a subir nos vários caminhões da Coalizão Internacional, para serem conduzidos diretamente à prisão de Abu Ghraib, onde se sabia que os prisioneiros eram tratados de maneira vexatória, cruel e desumana.

Os *marines* haviam colocado capuzes negros sobre as cabeça dele, depois de tirar seus sapatos e de atar-lhes os pés e as mãos com fita adesiva. Um dos iraquianos chorava, humilhado, sob o tecido de feltro que cobria seu rosto. Apoiava as duas mãos sobre o capuz. Talvez estivesse pensando no que seria de sua família a partir dali, ou talvez, suas lágrimas tivessem a ver com a impotência e a raiva de terem sido vencidos.

Tratava-se de um ato reflexo que Jack Parsons jamais chegaria a compreender em profundidade, pois a dor, da mesma forma que a alegria, faz parte de um conjunto de sentimentos e experiências que só pertencem a quem o vivencia e ninguém pode julgá-lo.

Era tal a desesperança e o sofrimento dos prisioneiros, que Jack sentiu um nó na garganta. Era impossível ignorar a insensibilidade com que eram tratados pelos rudes *marines*, que acreditavam que aqueles homens não passavam de bestas selvagens a quem eles deveriam domar na força bruta. Sentiu-se contagiado pela tristeza dos vencidos. Seu abatimento se devia, em parte, ao fato de haver descoberto que a vingança não era tão gratificante como ele pensara, pois a dor daquelas pessoas não ia lhe devolver a vida de sua esposa nem a de seu filho.

Afastando-se de Hightower e do resto de seus companheiros de trabalho mercenário, Jack foi até o palmeiral que circundava a base militar de Al-Andalus. Afastado de todos, e devido à tremenda tensão acumulada durante as quatro horas que durara o assalto dos insurgentes, chorou em silêncio, sentindo como o sabor amargo das lágrimas se misturava à mucosidade de suas fossas nasais e afogava sua garganta. Cobriu o rosto com profunda vergonha, cansado de tanto lutar, arrasado por todas aquelas mortes sem sentido... desejando finalizar quanto antes o trabalho que o trouxera, de novo, àquele inferno. Porque, se fossem verdadeiras as palavras do arqueólogo assassinado, se fosse real a hipótese de que os líderes de seu país haviam sacrificado milhares de norte-americanos, e mais de um milhão de pessoas inocentes no Iraque e no Afeganistão, com a única finalidade de criar uma ameaça fictícia que obrigasse os países do Ocidente a iniciar uma série de guerras arbitrárias e injustas para se manter no patamar mais alto do poder, então chegara a hora de prestar contas pelos crimes cometidos e por todas as mentiras que haviam sido capazes de cuspir.

Se houvesse, mesmo justiça divina, o Anjo da Morte levaria tatuado na testa o nome “Jack Parsons”.

— Você está bem, Parsons?

Depois de limpar rapidamente duas lágrimas que escorriam por seu rosto, Jack virou-se para responder a Lionel Corben, que parecia igualmente afetado.

— Sim... não é nada — desculpou-se, tratando de esconder com uma máscara de gelo o indescritível sentimento de culpa que o dominava. — Caralho! Foi um autêntico pesadelo... não lhe parece?

O texano pegou um maço de cigarros no bolso de sua calça e ofereceu um a Jack.

— Tenha certeza de que hoje escrevemos um capítulo heroico no livro da História — disse, usando a retórica, mas sem demonstrar o menor orgulho.

— Sim... foi o que também pensei quando estava lá em cima.

— Nós sobrevivemos ao ataque — frisou o Blackwater.

— Sim... mas não sei se a História vai nos considerar heróis... ou talvez

assassinos.

O texano não quis atizar o fogo, mas aproveitou a introspecção de Jack para fazer uma pergunta.

— Falando de assassinos... Como vai o Fighter? Ouvi dizer que você acabou com o irlandês para salvar a vida de seu amigo.

— Esse espanhol é um sujeito muito forte... sobreviverá. Agora está na enfermaria, costurando os ferimentos. Quanto a Gallagher, o imbecil maldito mereceu o final que teve. As divergências pessoais entre eles teriam de ser resolvidas antes que viessem para cá... não acha? A última coisa de que precisávamos naquela hora era um ajuste de contas. — Então, compreendendo que teria de justificar a morte do irlandês, perguntou, com preocupação: — Acredita que serei julgado?

Lionel desatou a rir.

— Calma, cara... só respondemos por nossos atos diante dos membros da Coalizão Internacional. Na verdade, nenhum deles está preocupado com a morte desse bastardo. Ninguém vai julgá-lo por isso, acredite. Vamos dizer que Gallagher foi mais uma vítima da insurgência. Hyatt é o primeiro que não deseja nenhum tipo de publicidade que levante suspeitas sobre o bom nome da Blackwater.

Quando acabou de falar, o texano afastou-se do palmeiral. Sabia muito bem que, para esquecer aquele inferno, o melhor que podia fazer um soldado, ou um mercenário, era se convencer de que a luta havia sido necessária para sua sobrevivência. E uma coisa dessa só se conseguia ficando a sós, cada um com sua própria consciência.

Apesar de tudo, Jack se sentia culpado.

Afastando os remorsos, lembrou que tinha de entrar em contato com a doutora Howeid. A revolta protagonizada pelos seguidores de Al-Sadr lhe daria uma desculpa para se deslocar por Najaf. Embora tivesse de andar com cuidado. O fato de que tivessem vencido a batalha não significava o fim da guerra. Os xiitas estavam dispostos a derramar até a última gota de seu sangue para defender os lugares sagrados que eram motivo de peregrinação. Não fazia nem dez minutos que escutara a voz do líder religioso pelos alto-falantes da mesquita, anunciando a seus seguidores que o Exército de Mahdi assumira o controle de Kufa, Najaf, Nasiriya e Cidade de Sadr, em Bagdá.

Afastando-se um pouco mais dos caminhões militares que se enchiam de prisioneiros iraquianos, Jack pegou seu celular.

E ligou para seu antigo número de telefone.

NAJAF, 4 de abril de 2004

— Aqui está ele!

Depois de desligar o telefone do escritório, Driss fez um sinal para que Buwosky ficasse em pé. O agente da AID levantou-se da poltrona e pegou a pistola que deixara sobre a mesa, para guardá-la no coldre de seu cinturão.

— Muito bem... você tem a localização exata?

— O sistema de rastreamento indica que Parsons continua entre nós. Fez a chamada de fora da base, a uns cem metros daqui. Quanto à doutora Howeid, sua localização geográfica, dentro das zonas de cobertura, indica que permanece escondida a menos de cinquenta metros da mesquita.

— Não podem ser mais exatos?

— Por ora, basta termos reduzido bastante o raio de ação. Faremos um rastreamento com o simulador de antena, para captar a informação de que precisamos. Só temos de nos aproximar do sinal do receptor até que nos indique a exata moradia onde se escondem a doutora e as outras mulheres.

Foram até a porta de saída.

— Para isso, precisaremos de um veículo — recordou Buwosky —, bem como da ajuda dos Blackwater.

Driss negou, com a cabeça, e disse em voz baixa:

— Tenho uma ideia melhor.

O agente da AID não quis contrariá-lo. Tal como lhe ordenara o subsecretário de Defesa, tinha de acatar as decisões do líbio sem questionar sua forma de trabalho. Ainda assim, continuava pensando que um grupo de escoltas seria imprescindível na hora de se defender de um possível ataque da insurgência.

Enquanto desciam as escadas, Driss lhe explicou seu plano.

— Utilizaremos o sistema Triggerfish para segui-lo. Assim, enganaremos a frequência de seu celular, fazendo com que a nossa antena seja a que oferece o melhor sinal. Quanto aos rebeldes lá de fora, jamais suspeitarão de nós... garanto!

— Espero que você saiba o que está fazendo. A última coisa que nos interessa é chamar a atenção desses malditos xiitas.

Driss esboçou um sorriso mordaz. Achou graça no temor de seu companheiro.

— Fique tranquilo. Ninguém saberá quem somos.

Minutos depois abriam a porta do hangar de Camp Golf, onde ficavam estacionados os veículos militares. Entre dois Mitsubishi Pajero vermelhos viram estacionado um velho furgão, com chapa de Najaf. O líbio abriu a porta traseira, mostrando a Buwosky o que guardava em seu interior.

— Aqui está um simulador de antena para captar informação — disse, indicando o sofisticado equipamento de vigilância oculto na parte traseira do veículo. — Você fica aqui atrás, rastreando e analisando a divisão das zonas de cobertura. Como sabe, elas estão divididas em faixas independentes, como as células de um favo de abelhas. Será fácil localizar a casa pelo GPS.

Buwosky concordou, em silêncio.

— Eu irei ao volante — continuou falando o líbio. — Como sou de origem árabe, pensarão que sou um deles. Isso não me impedirá de levar comigo um Kalashnikov de culatra dobrável, já que é mais fácil de manipular dentro da cabine do veículo, caso tenha de me defender de um eventual ataque. Na verdade, o que realmente chamaria a atenção da insurgência é se eu estivesse desarmado.

O homem enviado por Douglas Feith compreendeu imediatamente qual era o plano dele.

— E quando acha que devemos sair em busca de um sinal?

— Imediatamente — respondeu seu interlocutor. — Segundo meu contato no SAIC, Parsons se uniu a um grupo de *marines* que pretendem, em breve, esquadrihar o bairro de Al-Qadima. Ele e outros companheiros da Blackwater irão de *Shotgun seat*⁴⁸, com os soldados da Coalizão Internacional, nos veículos militares. Estou certo de que voltará a ligar para a doutora no momento em que passar pela região. É quando você entrará em ação.

— Parece simples — opinou Buwosky.

— E é, embora não signifique que temos de baixar a guarda. Os nossos podem me confundir com um dos membros do Exército de Mahdi.

— Sim, esse é um inconveniente a levar em conta.

— Calma — frisou o líbio —, pois usaremos o rádio para localizar o núcleo das patrulhas. É só uma questão de movimentar-se longe de seu perímetro de ação.

Buwosky não tinha certeza de que o plano iria funcionar, mas não tinha alternativa a não ser acompanhá-lo.

Subindo na traseira do furgão, o agente da AID se sentou diante do equipamento que analisaria a posição de ambos os telefones celulares. Driss sentou na poltrona do motorista. Mas, antes, mudou sua roupa, vestindo uma túnica negra, com uma fita verde ao redor da cabeça.

A partir de então, sua única missão seria encontrar o dossiê e o DVD, bem

como eliminar friamente todos aqueles que soubessem de sua existência, sem exceções.

NAJAF, 4 de abril de 2004

O jovem gravemente ferido que os insurgentes haviam levado à casa do pai de Fathia morreu, de hemorragia, minutos depois do fim da revolta.

O religioso xiita e o médico que tratava de salvar a vida dele foram embora imediatamente, deixando o cadáver sobre o sofá da sala. Ficaram com medo de que os norte-americanos pudessem encontrá-los junto ao corpo do ativista, caso o exército da Coalizão Internacional fizesse uma minuciosa revista em todas as casas que pudessem levantar suspeitas. Nem sequer avisaram as mulheres de sua saída.

Depois de algum tempo, a primeira a sair do quarto onde haviam se refugiado foi a doutora Howeid. Ainda segurava o celular com o qual, segundos antes, falara com o mercenário norte-americano. Fez um sinal para que as mulheres a acompanhassem, quando descobriu a grande poça de sangue no meio da sala.

— Fathia, venha comigo — disse, dirigindo-se à viúva de Rajmani, para em seguida fitar Rashida. — Será melhor que você espere aqui com as crianças. Não creio que devam ver isso.

Fathia pegou um dos cobertores que guardava na arca, e que servira para esconder as AK-47 de seu pai, e cobriu o corpo do morto. Em seguida, com a ajuda da doutora, limpou o sangue do chão. Não sabiam o que fazer com o falecido, de maneira que o deixaram onde estava à espera de que fossem buscá-lo. Mas antes de chamar Rashida, ambas viraram o sofá contra a parede. Assim, o cadáver não seria visto pelas crianças.

— O que lhe disse o norte-americano? — perguntou Fathia.

— Prometeu que viria ao cair da tarde e que faria todo o possível para encontrar uma desculpa e fazer com que os militares viessem nos tirar daqui — respondeu a doutora, indo até o quarto onde estava Rachida com as crianças.

Abriu a porta, indicando que podiam sair.

— Não sei por que, mas tenho o pressentimento de que esse seu amigo não está bem da cabeça — insistiu Fathia.

Aisha lhe dirigiu um olhar inquiridor.

— A que você se refere?

— É que não entendo como pensa tirar a gente de Najaf, depois do que aconteceu.

— Ele vai pensar em algo.

Rashida saiu do dormitório levando só o bebê nos braços.

— Disse aos pequenos que fiquem brincando aí dentro. — E sentou-se em uma das cadeiras ao redor da mesa. — Não é necessário que ouçam nossa conversa. Mesmo que não pareça, eles entendem tudo.

A doutora concordou, em silêncio, e foi se sentar a seu lado.

Fathia deixou-se cair sobre a poltrona favorita de seu pai.

— E você o que acha, Rashida? Em relação à promessa do norte-americano.

A jovem suspirou, sem saber o que dizer. Tinha certeza de que a pergunta de sua cunhada trazia implícita a necessidade de saber se alguém mais aprovava sua desconfiança, algo que, por outro lado, a colocaria em uma situação mais comprometedora. O certo é que acreditava naquele homem, que nem sequer conhecia. Era só um pressentimento, porém a única coisa em que podia se agarrar.

— Já disse que não penso em ir embora, a menos que alguém nos ajude a chegar até a fronteira — respondeu, finalmente, com voz baixa. Não queria acordar a pequena Zulaikhad, que começava a pegar no sono em seus braços.

Foi um esforço inútil, pois naquele instante se ouviu uma tremenda explosão muito perto dali. Gritos de dor se espalharam pela rua, acompanhados de diversos disparos de fuzis de assalto Kalashnikov.

A menina começou a chorar de novo.

— Bendito seja Alá! — exclamou a doutora, enfurecida. — Quando é que este inferno vai acabar?

— Você não é xiita, verdade? — perguntou Fathia, quase como se fosse uma reprimenda.

Aisha mordeu a língua. Não esperava aquela pergunta politicamente incorreta.

— Vamos discutir agora a legitimidade da *S'hia*⁴⁹? — provocou, com profunda amargura. — Digo porque você escolheu o pior momento. O que acha? Por que não fazemos o mesmo que esses homens aí fora e nos dedicamos a disparar uma contra a outra?

— Deixem disso... por favor — pediu Rashida, fazendo uma careta.

Sem dar ouvidos à súplica de sua cunhada, Fathia respondeu à áspera pergunta da doutora.

— Najaf é tão importante para nós que pode chegar a ser uma Meca — confessou, com firmeza. — Aqui jazem os restos do imame Ali, primo e genro do Profeta. E, caso não saiba, em nosso cemitério, o maior do mundo islâmico, estão enterradas gerações inteiras de xiitas. É por isso que nossos homens lutam contra a ocupação norte-americana... Porque os mortos não descansarão em paz até que eles tenham ido embora da nossa cidade santa.

— Não lhe faltam razões para orgulhar-se de ter nascido em Najaf — disse Aisha, já em tom conciliador —, mas a única coisa que vão conseguir é que os norte-americanos acabem com todos. Deveriam reivindicar a libertação de Mustafá Yaqubi de outra forma.

— A violência é o único idioma que esses cães ocidentais entendem.

Fathia se levantou para ir à cozinha. Sempre fazia assim: gostava de ter a última palavra.

— Não se importe com ela — pediu Rashida, sussurrando. — Está assim desde que meu irmão morreu. Antes era muito mais amável. Isso já vai passar...

Aisha estreitou o corpo com ambos os braços, sentindo um ligeiro calafrio percorrer suas costas.

— Tem razão... eu também mudei, depois da morte de Rajmani. De um jeito ou de outro, todos nós mudamos.

— É o mal gerado pelas guerras, pois convertem o ser humano em alguém sem escrúpulos, capaz de cometer as maiores atrocidades pelo mero fato de defender uns ideais... idiotas, na maioria das vezes — acrescentou Rashida. — Por outro lado, também conseguem despertar suas consciências. Depois de uma batalha, os sentimentos de amor e de ódio se ampliam. É possível que tiremos algo de bom de tudo isso. É só uma questão de não se deixar vencer pelas sequelas da tragédia e saber ajudar uns aos outros.

Surpresa com a observação de sua jovem amiga, Aisha sorriu.

— Você acha que Fathia algum dia me perdoará?

Rashida se levantou para embalar melhor a filhinha.

— Embora você possa custar a acreditar — falou com suavidade —, faz tempo que deixou de odiá-la. O problema é que você não quer esquecer o dano que fez e isso lhe dói mais que a ela.

Inclinando o rosto, a doutora teve de lhe dar razão. Mas ainda não estava preparada para esquecer por completo sua história com Rajmani.

NAJAF, 4 de abril de 2004

Pouco antes de o sol se esconder, o líder religioso Moqtada al-Sadr fez um novo discurso contra a ocupação aliada, incitando seus seguidores a continuar oferecendo resistência aos membros da Coalizão Internacional, com novas e violentas ofensivas, sob a promessa de que Alá os recompensaria muito bem, caso morressem em combate.

Aquele dia passaria à História como uma das jornadas mais encarniçadas desde o início da guerra, pois não somente Najaf se erguera em rebelião, mas também houve diversos confrontos na Cidade de Sadr — bairro xiita de Bagdá —, e em Fallujah, onde os *marines* entraram violentamente, com o objetivo de dominar os insurgentes sunitas, na chamada Operação Determinação Vigilante, para fazê-los pagar pelo atroz assassinato dos quatro guardas de segurança da Blackwater, ocorrido dias antes.

Jack Parsons, sentado ao lado do motorista do Humvee com a sua carabina M-4 sobre os joelhos, observava a paisagem desolada que se descortinava ao seu redor. No meio da noite era possível divisar alguns assentamentos em chamas, edifícios que ardiam depois de terem sido atingidos por mísseis dirigidos via GPS a partir dos helicópteros de combate. Tanto os militares como os mercenários enfrentavam um mundo de semiobscuridade, onde qualquer objeto tinha suas formas ressaltadas — agora de uma cor verde luminosa —, graças à radiação infravermelha de seus equipamentos portáteis de visão noturna. Através de seus óculos especiais pôde ver, diante deles, como vários carros de combate amassavam, sem contemplação, os automóveis estacionados nas ruas de Najaf, totalmente desertas naquele instante.

Aproveitando que patrulhavam os arredores do bairro de Al-Qadima, onde tudo parecia estar em calma, depois da passagem dos blindados norte-americanos, Jack pediu ao motorista do Humvee que parasse antes de chegar à mesquita.

— Quer descer aqui, amigo? — perguntou o sargento Jones, que dirigia o veículo. E o observou intrigado.

— Isso mesmo — respondeu, sem dar mais explicações.

— Lembro que isso não é um táxi e que não fazemos entregas em domicílio. Ninguém virá ajudar você quando nossas bundas desaparecerem destas ruas. — O suboficial estalou a língua. — Pense bem... é um suicídio permanecer aqui.

— Fique tranquilo, saberei me defender.

— Bom — encolheu os ombros —, se quer morrer... à vontade!

Nem sequer lhe perguntou quais eram os motivos que o levavam a arriscar a vida, separando-se do grupo. Mas, de qualquer forma, os Blackwater eram livres para atuar por sua própria conta, uma vez que não estavam sujeitos às ordens de nenhum dos comandantes do exército dos Estados Unidos ou dos *marines*.

O certo é que os militares apenas aturavam os homens contratados por Bremer, já que estes cobravam soldos milionários para fazer o mesmo trabalho que eles, sem estar sujeitos à rigidez das normas militares, e isso era motivo de inveja e desentendimento entre mercenários e soldados. Na realidade, o sargento não se importava nem um pouco se dessem um tiro no meio da testa daquele sujeito com cara de poucos amigos. Mais ainda... esperava que isso acontecesse.

Assim que o veículo parou, Jack ajustou bem os óculos do visor térmico TAG-7 que Lionel Corben lhe emprestara antes de sair de Camp Golf. Em seguida, segurou com força seu fuzil de assalto e abriu a porta com o firme propósito de procurar um lugar estratégico, onde pudesse se esconder. Foi direto até o jardim de uma casa que parecia estar deserta, uma vez que parte do teto desabara depois do impacto de algum míssil ou granada.

Aguardou alguns minutos, escondido atrás do muro de adobe e pedras que circundava a entrada, até que viu o Humvee dos *marines* se afastar. Esperou um pouco mais, antes de se aventurar pelas escuras ruas de Najaf, pois havia a possibilidade de que a insurgência estivesse observando os movimentos dos norte-americanos ocultos na escuridão, à espera do momento apropriado para surpreendê-los pela retaguarda.

Efetivamente, depois de alguns segundos, pôde ver a radiação térmica emitida por um grupo de iraquianos armados com rifles de assalto que se movimentavam discretamente pela outra calçada, protegidos pela escuridão da noite sem lua. O calor que os corpos exalavam ajudava muito, pois permitia observá-los sem que se dessem conta de estar sendo vigiados. Pouco depois, viu que eles se dirigiam ao lado oposto da mesquita, indo atrás dos passos dos militares que patrulhavam a zona. Seguiu-os com o olhar até que desapareceram atrás de um grupo de casas.

Jack saiu de seu esconderijo. Circundou a esquina, mantendo-se afastado do

muro. Avançou com pequenos saltos, o que lhe permitia movimentar-se com mais segurança. Depois rumou para a mesquita, cujas portas estavam fechadas. Não parecia que houvesse alguém nos arredores, de maneira que aproveitou para ligar, mais uma vez, para a doutora Howeid. Precisava que lhe indicasse o lugar exato para onde se dirigir, pois não sabia em qual daquelas casas, erguidas diante da mesquita, esperava por ele. Obviamente, em nenhum momento suspeitou que sua localização geográfica estivesse sendo registrada pelo sistema Triggerfish, nem que o furgão no qual viajavam os agentes enviados pelo Pentágono e pela SAIC se aproximava cada vez mais de sua posição.

Depois de alguns minutos, Parsons localizou a moradia onde a doutora o aguardava. Bateu com os nós dos dedos na porta, que imediatamente se abriu.

Assim que entrou, adivinhou que sua presença ali incomodava uma das mulheres. A viúva de Rajmani — intuiu antes que Aisha atuasse como intérprete nas apresentações — o olhava com certa desconfiança, temendo que fosse acabar com a vida delas de um momento para o outro, decidido a roubar o dossiê.

A mais jovem das três levava nos braços uma criança de poucos meses, com total naturalidade. Seu rosto, entretanto, expressava grande tristeza, como se estivesse cansada de viver aquela guerra sem fim.

— É melhor que lhe diga para sentar-se — falou Rashida, numa demonstração da tradicional hospitalidade árabe.

Aisha lhe transmitiu o pedido.

Jack deixou sua grande arma de fogo apoiada na parede, junto da porta, e se sentou ao lado dela, um tanto confuso pela situação. Não em vão, as três mulheres o observavam ansiosas, como quem se agarrasse a um bote salva-vidas depois de um naufrágio.

Fathia, sem tirar os olhos de seu convidado, levantou-se da velha poltrona.

— Servirei um pouco de chá — disse à meia-voz procurando dissimular a indignação por ter de se mostrar gentil com um norte-americano.

Sem mais demora, a dona da casa foi até a cozinha, ajustando o lenço que cobria sua cabeça.

Aisha sentou-se em outra das cadeiras que havia ao redor da mesa, diante de Jack.

— Seria indiscrição perguntar-lhe como vai nos tirar daqui? — perguntou a doutora, sentindo que suas maçãs do rosto começavam a ruborizar, enquanto ele a fitava nos olhos.

Era algo que não podia evitar. Desde que conhecera aquele homem, que a tratara com tanta consideração, não havia um só instante em que estivesse ao lado dele sem se sentir inibida, até mesmo envergonhada. Tratava-se de um sentimento ridículo e inexplicável, algo difícil de definir.

Jack, que não gostou da mudança que ocorreu no semblante da doutora, lembrou que não traçara nenhum plano de fuga e, certamente, ia precisar de um depois que lhe entregassem o relatório. Havia prometido a ela.

— Nesta noite será impossível — respondeu. — Amanhã tratarei de conseguir um veículo, com o qual poderemos viajar até Camp Golf. Tenho amigos lá. Eles me colocarão em contato com as tropas espanholas lotadas na base militar de Al-Andalus, encarregadas das tarefas humanitárias. Estamos com sorte, pois creio que em poucos dias vão deslocar suas tropas rumo ao Kuwait. Vocês poderão acompanhá-los.

— Você pensa em passar a noite aqui conosco?

A surpresa de Aisha era evidente. Tratava-se de uma situação embaraçosa, sobretudo para três mulheres sozinhas, ainda mais se tratando de pessoas de origem árabe.

O mercenário, por sua vez, não deu importância ao fato.

— Não se preocupe... sou inofensivo. Dormirei no sofá, se for preciso.

— Não creio que seja possível. A não ser que deseje compartilhá-lo com um cadáver.

Parsons ia perguntar o que ela queria dizer com aquilo, quando foi aberta a porta do quarto onde as crianças brincavam. Era Bahar, a filha mais velha de Fathia, que procurava pela mãe. Ao ver o soldado, abaixou a cabeça, envergonhada, e voltou a entrar no quarto de onde saíra.

— Quantos são vocês, ao todo? — ele quis saber.

— Cinco crianças, um bebê, duas mulheres e um ancião.

Naquele momento, Fathia voltou da cozinha com um bule de chá e quatro copos, que colocou sobre a mesa. Em seguida, foi enchendo um a um. Jack agradeceu, segurando com ambas as mãos o chá que sua anfitriã lhe oferecia. Desconsiderou a expressão esquiva de seu rosto.

— Apenas duas mulheres? — perguntou de novo, dirigindo o olhar para a doutora.

— Penso regressar a Bagdá, quando tudo isso acabar — alegou Aisha, acreditando que era o melhor a fazer. — É a elas que você deve ajudar.

Jack concordou, em silêncio. Em seguida, disse:

— Antes de mais nada, gostaria de ler esse relatório.

A doutora procurou a viúva de Rajmani com um olhar, fazendo-lhe um ligeiro gesto de aprovação. Fathia foi até o armário da sala de jantar. Abrindo a última das gavetas, extraiu um maço de folhas devidamente encadernadas, bem como o DVD.

— Aqui estão — indicou Aisha, depois que Fathia deixou tudo em cima da mesa, diante do Blackwater. — Aconselho que você leia com atenção. Nessas

páginas, encontrará o que está procurando.

Jack, depois de vacilar alguns segundos, pegou o volume. Leu as palavras impressas na primeira página do dossiê: “projeto brainwashing”. Por um momento, sentiu que a boca ficava seca e que suas mãos e pernas tremiam.

Decidido a prosseguir, começou a ler:

As guerras nem sempre são causadas por conflitos de interesses internacionais. Uma sequência lógica correta indica que, com mais frequência, é preciso dizer que as sociedades guerreiras requerem — e, portanto, devem gerar — tais conflitos. A capacidade de uma nação de fazer a guerra expressa o maior poder social que possa exercer; fazer a guerra, ativa ou contemplativamente, é um assunto de vida ou morte, na maior escala sujeita ao controle social. Portanto, não devemos nos surpreender que as instituições militares em cada sociedade exijam prioridades máximas. A proeminência do conceito de guerra, como a principal força organizadora na maioria das sociedades, ainda não foi suficientemente estimada. Isto também é verdade em relação aos amplos efeitos através de diversas atividades não militares dentro da sociedade. Esses efeitos são menos evidentes nas sociedades industriais complexas, como a nossa, que em culturas primitivas, cujas atividades podem ser visualizadas e compreendidas mais facilmente.

As funções não militares do sistema de guerra são mais fundamentais. Não existem apenas para se autojustificar, mas também desempenham um propósito social mais amplo. Se algum dia a guerra for eliminada, terminam com ela as funções militares que lhe serviram. Mas suas funções não militares não acabarão. É essencial, por conseguinte, que se compreenda seu significado, antes que possamos avaliar razoavelmente quaisquer das instituições que serão convocadas a substituí-las.

A produção de armas de destruição em massa sempre foi associada com o desperdício econômico. O termo é pejorativo, uma vez que implica uma incapacidade funcional. Mas nenhuma atividade humana pode ser, justificadamente, considerada um desperdício, se consegue seus objetivos contextuais. A frase “um desperdício, mas necessário”, aplicável não somente aos gastos militares, mas também à maioria das atividades comerciais “não produtivas” de nossa sociedade, é uma contradição em termos. No caso do “desperdício” militar existe, na verdade, uma maior utilidade social. Deriva do fato de que o “desperdício” da produção de guerra é exercido inteiramente fora do

âmbito da economia de oferta e procura. Como tal, constitui o único segmento crítico e de envergadura da economia total que se encontra sujeito a um controle central completo e arbitrário. Se é possível descrever as sociedades industriais modernas como aquelas que desenvolveram a capacidade de produzir mais do que é requerido para sua sobrevivência econômica (sem considerar as equidades na distribuição dos bens no interior delas), então o gasto militar pode ser definido como o único contrapeso com suficiente inércia para estabilizar o desenvolvimento das economias. O fato de que a guerra seja um “desperdício” é precisamente o que lhe permite cumprir essa função. E quanto mais rapidamente se desenvolve a economia em questão, mais pesado deve ser esse contrapeso. A principal função econômica da guerra, em nossa opinião, é que oferece, precisamente, um contrapeso semelhante.

Isso não deve ser confundido com as diversas formas de controle fiscal, pois nenhuma delas emprega diretamente grandes quantidades de homens e de unidades produtivas. Não deve ser confundido com os gastos massivos do governo com programas de assistência social. Uma vez iniciados, tais programas usualmente se transformam em parte integral da economia geral e deixam de estar sujeitos a um controle arbitrário. Mas, ainda dentro do contexto da economia civil geral, a guerra não pode ser considerada como algo completamente “desperdiçante”.

Sem uma economia de guerra amplamente estabelecida e sem sua frequente erupção em guerras de ampla magnitude, a maioria dos principais avanços industriais conhecidos pela história, começando com o desenvolvimento do ferro, jamais teria acontecido. A tecnologia armamentista permite estruturar a economia. Nada é mais irônico ou eloquente sobre nossa sociedade do que o fato de que a enormemente destrutiva guerra implica uma força muito progressista dentro dela. A produção bélica é progressista porque constrói algo que, de outra maneira, não seria fabricado.

A guerra ajudou a assegurar a sobrevivência da espécie humana. Com poucas exceções, os processos de seleção de outras criaturas vivas promovem tanto a sobrevivência específica como a melhoria genética. Quando um animal convencionalmente adaptado enfrenta uma de suas periódicas crises de insuficiência, são os membros “inferiores” das espécies os que normalmente desaparecem. A resposta social de um animal a semelhante crise pode tomar a forma de uma

migração em massa, durante a qual os fracos perecerão no caminho. Ou pode adotar o mais dramático e eficiente padrão da sociedade de certos animais, na qual os membros mais fracos voluntariamente se dispersam deixando as provisões de alimentos para os mais fortes. Em qualquer dos casos, os fortes sobrevivem e os débeis caem. Nas sociedades humanas, aqueles que lutam e morrem em guerras de sobrevivência são, geralmente, seus membros biologicamente mais fortes.

Isso configura uma seleção natural ao contrário. Os efeitos genéticos regressivos da guerra foram frisados em diversas ocasiões e também deplorados, mesmo quando se confundem fatores biológicos com fatores culturais. Essa perda desproporcional dos membros biologicamente mais fortes é inerente à guerra tradicional. Permite assinalar o fato de que a sobrevivência da espécie, e não sua melhora, é o propósito fundamental da seleção natural, se é que se pode dizer que tenha um propósito, no mesmo sentido da premissa fundamental do presente estudo.

Em termos gerais, o sistema de guerra oferece a motivação básica para a organização social primária. Ao fazê-lo reflete, em nível social, os incentivos que tornam o comportamento humano individual. O mais importante deles, quanto aos efeitos sociais, diz respeito à necessidade psicológica individual de lealdade em relação a uma sociedade e seus valores. A lealdade requer uma causa; uma causa requer um inimigo. Até aqui, o óbvio; o ponto crítico reside no fato de que o inimigo que define a causa deve ser considerado realmente terrível. Em termos gerais, o poder presumido de semelhante “inimigo” deve ser suficientemente grande para gerar um sentido individual de lealdade em uma sociedade, e deve ser proporcional ao tamanho e complexidade dessa sociedade. Atualmente, com certeza, esse poder deve ser de uma magnitude e terror sem precedentes...[50](#)

Jack Parsons pulou a introdução e foi direto ao trecho em que se falava de uma inteligente manobra, uma conspiração fantástica, urdida e administrada por dois indivíduos, os mais poderosos do planeta; dois magnatas cujos nomes reconheceu imediatamente, pois eram suas famílias que financiavam, na maioria das vezes, as campanhas eleitorais dos políticos mais conservadores de todo o Ocidente.

À medida que ele continuava a ler, descobria a intrincada rede de mentiras e enganos forjada por aqueles homens, com a finalidade de criar um regime

totalitário que reagruparia todos os países desenvolvidos em um só Estado, com uma só moeda, uma só religião única e um só exército. Isso era chamado de Nova Ordem Mundial, uma grosseira desculpa para iniciar uma série de guerras contra os países do Oriente Médio, com o propósito de garantir suas reservas de petróleo e, de passagem, acabar com o excedente de 3 bilhões de pessoas que, em apenas trinta anos, tornariam impossível a vida humana sobre a Terra. Seus sócios, presidentes de Estado e primeiros-ministros, presidentes dos bancos centrais de diversos países, multinacionais e grandes empresários, participavam daquele projeto que haveria de conduzi-los ao ápice do poder mundial, bem como garantiria a sobrevivência de uma raça superior, a deles.

Continuou lendo o dossiê, apesar da repulsa que sentia ao saber que seu país estava forjando uma grande mentira pelas costas da humanidade, conduzindo a um holocausto sem precedentes.

Graças à leitura do chamado Projeto Brainwashing, Jack descobriu o profundo interesse que aquelas duas famílias demonstravam pela derrocada do regime talibã. Pelo visto, pretendiam construir um oleoduto e um gasoduto sob o solo afegão, para transportar, desde o Turcomenistão até o Paquistão e o mar Arábico, os cerca de 300 bilhões de pés cúbicos de gás, os 70 bilhões de barris de petróleo e os 70 milhões de toneladas de carvão que pensavam extrair do subsolo dos países árabes subjugados. De fato, os verdadeiros motivos da guerra do Afeganistão eram apropriar-se de seus recursos, construir uma rodovia energética, convertê-lo em primeiro produtor de ópio do mundo e, também, aproveitar sua localização geoestratégica para as guerras que, inevitavelmente, haveriam de acontecer.

Outra das causas que haviam precipitado os falsos atentados do 11 de Setembro, com a finalidade de justificar sua guerra contra o terrorismo islâmico, foi a necessidade de enfrentar a recessão norte-americana. Um déficit de 600 bilhões de dólares estava prestes a derrubar a economia dos Estados Unidos, razão pela qual era preciso obter, com urgência, entradas líquidas de 20 milhões de dólares diários. E isso só se conseguia com uma guerra de grandes proporções.

Anos mais tarde, o ex-policia1 do exército estadunidense pôde verificar que, certamente, a família Bush e os Bin Laden desenvolviam frutíferos negócios, em conjunto. Pelo visto, eram sócios da empresa petrolífera Arbusto Energy, bem como das companhias aeroespaciais e de defesa Carlyle Group e Carlyle Partners II Fund.

Mas aquilo era uma gota d'água num mar imenso. Ainda havia mais de cem páginas para ler. Ele teve a certeza de que naquele documento haveria de encontrar novas e reveladoras surpresas.

O mundo que Jack Parsons conhecia até agora ia caindo à medida que ele prosseguia tomando conhecimento das páginas daquele terrível dossiê, onde não havia espaço nem para a consciência nem para a justiça. Ler aquele relatório era como dar uma olhada no interior da alma de Lúcifer.

Jamais encontraria palavras para descrever o ódio que começava a se expandir dentro de si. Embora, naquela ocasião, seu rancor não fosse dirigido precisamente contra o terrorismo islâmico.

NAJAF, 4 de abril de 2004

Primeiro se ouviu um ruído surdo, que parecia vir de fora — o disparo de uma pistola com silenciador; depois, o som metálico da fechadura, ao se estilhaçar. Um segundo mais tarde, a porta se abriu com violência, dando passagem a dois homens armados: Driss, com sua AK-47, e o norte-americano, com uma Beretta 92 FS.

Antes que Jack pudesse compreender o que acontecia, ambos apontavam diretamente para sua cabeça.

— Quietos! — gritou o homem do rabo-de-cavalo, apoiando o cano de sua arma na têmpora do Blackwater. — Ponha as mãos atrás da cabeça!

Surpreso pela invasão dos dois agentes, ele não teve alternativa senão deixar o relatório sobre a mesa, para levantar os braços, como lhe exigia o agente da CIA.

— Vamos! Fiquem contra a parede! — ordenou o líbio às mulheres, falando em sua língua, ao mesmo tempo que fazia um sinal com o fuzil de assalto para que se reunissem no fundo do cômodo.

Elas obedeceram imediatamente, aterrorizadas diante da ideia de serem assassinadas pelo mesmo homem que havia acabado com a vida de Rajmani. Seu temor aumentou, ao lembrarem que as crianças continuavam brincando no quarto. Rashida esteve prestes a correr até lá, mas Aisha a impediu, agarrando seu antebraço com força. Um apertão no pulso bastou para indicar que aquele não era o momento mais adequado para ir em direção a seus filhos.

— Voltamos a nos encontrar — disse Jack, olhando friamente para o falso jornalista, agora vestido como se fosse um membro do Exército de Mahdi.

— Está satisfeito, por acaso? — perguntou Driss, com certo sarcasmo. Depois, voltou a falar com as mulheres. — Vocês! Sentem-se no chão, onde eu possa vê-las bem.

Buwosky inclinou-se para pegar o maço de folhas encadernadas. Também se apropriou do DVD.

— Você não sabe a vontade que eu tinha de “caçar” esta presa. — Sorriu, satisfeito. — Agora é só uma questão de devolvê-los a seus antigos donos... — Olhou para seu companheiro. — Não acha?

O líbio estendeu a mão esquerda na direção dele; a outra segurava a AK-47, que apontava para as mulheres, sentadas no chão frio, bem juntas e em total silêncio.

— Por enquanto, eu me encarregarei de custodiar o dossiê — afirmou Driss. — Esse é o meu trabalho. Vamos, me dê! — exigiu do companheiro.

Buwoosky, que tinha um apurado olfato para intuir situações estranhas, teve a impressão de que algo não ia bem. Não tinha motivos para ter receio de seu parceiro, ainda mais depois que Douglas Feith lhe ordenara para obedecê-lo em tudo. Driss Moqtari era quem dizia ser: um agente secreto da SAIC, com muito boas recomendações e que estava em ação havia seis anos. Ainda assim algo alertou seus sentidos, e foi o fato de Driss ter se atribuído daquela maneira, tão peremptória, o direito de ser a pessoa responsável pelo ansiado relatório. Não em vão, ambos cumpriam uma missão conjunta.

— Você me deixará, ao menos, dar uma olhada... não?

— Mais tarde. Agora, entregue-o — o líbio insistiu, de novo.

— Temos tempo... — Sem prestar muita atenção ao semblante exasperado de Driss, Buwoosky deixou o relatório sobre a mesa e percorreu a primeira página com a mão. — Creio que poderei ter uma ideia do que diz, lendo somente algumas frases.

Iniciou a leitura, desconsiderando as palavras de seu companheiro.

— Tim?

— Sim?... — Buwoosky levantou a cabeça.

Driss virou o braço direito na direção do agente, apontando seu Kalashnikov para o rosto dele. Antes que o homem enviado pelo Pentágono pudesse compreender o significado daquele gesto, o outro atirou à queima-roupa. A bala entrou pela boca, destroçando os dentes dele e, na saída, seu rabo-de-cavalo. O sangue salpicou o rosto e o peito de Jack, que temeu ser aquela inesperada execução o início de uma carnificina.

Driss se aproximou do cadáver de seu companheiro para dar um pontapé na Beretta, lançando-a longe do alcance do Blackwater.

Devido ao disparo, a pequena Zulaikha despertou e começou a chorar. Rashida se pôs em pé, para ir ao quarto.

— Não! — exclamou a doutora, tentando detê-la.

— Eu lhe disse para levantar? — perguntou Driss com voz glacial, apontando para ela seu fuzil de assalto.

A jovem se deteve no meio da sala, olhando-o friamente. Sem demonstrar

nenhum temor, enfrentou o assassino de seu irmão.

— Minha filha precisa de mim. Se tem que me matar, faça isso agora. Do contrário, nada me impedirá de atender ao chamado dela... Eu vou.

Continuou caminhando até a porta de seu dormitório. Driss foi atrás da jovem, sem perder de vista os demais reféns. Adiantando-se, abriu a porta para ela. Mas antes de deixá-la entrar, deu uma olhada lá dentro, para se certificar de que não havia mais ninguém escondido lá. Viu um grupo de crianças que olhavam para ele com verdadeira angústia. Tremiam. Estavam aterrorizadas.

— Vamos! — ordenou. — Diga a eles que saiam.

Rashida, depois de pegar o bebê, que agora chorava mais, pediu aos outros filhos que acompanhassem suas primas até a sala de jantar. Disse que não deveriam ter medo daquele homem, que iria embora sem lhes fazer nenhum mal. Entretanto, havia muito tempo que os pequenos tinham perdido sua inocência e aprendido a lição: as armas serviam para matar. E o fato de que o líbio segurava um AK-47 aumentou a desconfiança deles em relação ao estranho.

Enquanto as crianças saíam do quarto, a mente de Jack procurava encontrar uma saída para a crítica situação. Tentou compreender a razão daquele assassinato, já que supostamente ambos trabalhavam para o governo dos Estados Unidos. Que sentido teria, então, matar o parceiro? Foi porque ele o contrariara, quando pediu que lhe entregasse o relatório? Talvez porque ninguém, nem sequer eles, deveria ler o que havia ali? Ou perdera a razão?

Não, a decisão de acabar com Buwosky devia ter outros motivos, talvez econômicos. Estava seguro de que o líbio, desde o início, era movido pelo dinheiro.

— Quanto pensam pagar a você pelo dossiê? — atreveu-se a perguntar. Não tinha nada a perder.

Driss, sem prestar atenção às palavras do norte-americano, o observou com frieza, cravando seu único olho nele. Antes de responder, mandou Rashida voltar para perto das outras mulheres, levando as crianças.

— É isso que você acha, que matei Rajmani e este pobre desgraçado — desviou o olhar para o cadáver de Buwosky — só por dinheiro?

— Não imagino nada diferente — reconheceu Parsons. — Se, como creio, você é um agente da CIA ou de qualquer outro departamento de inteligência dos Estados Unidos, não o imagino cumprindo uma “ordem de execução letal”⁵¹ contra um de seus companheiros, a menos que haja uma boa recompensa envolvida.

O líbio foi até a mesa e pegou o volume encadernado do Projeto Brainwashing. Depois de limpar com a manga de sua camisa os respingos de sangue que havia na capa, ordenou ao Blackwater que se juntasse às mulheres.

Jack obedeceu sem retrucar. Não era aconselhável discutir as decisões dele.

O assassino já os tinha, a todos, como queria: diante dele, em um mesmo campo de visão. Só então baixou a arma e foi se sentar na cadeira que o norte-americano havia deixado livre. Depois de virá-la, colocou seu Kalashnikov sobre as coxas, apoiando ambos os braços no espaldar.

— Deixe que eu lhe conte minha história — disse, dirigindo-se ao mercenário. — Creio que o mínimo que posso fazer é lhe contar o motivo pelo qual você vai morrer.

“Meu verdadeiro nome é Abdul Aliyeb e nasci no Sudão. Quando jovem, trabalhava com meu pai em um pequeno estúdio de restauração de antiguidades que abrimos em Jartum. Vivíamos de nosso trabalho, felizes, sem manifestar nenhum interesse especial pela política nem pela religião islâmica, pois ao pertencer a uma das poucas famílias católicas do Sudão, vivíamos separados do resto da comunidade árabe.

“Mas tudo mudou depois do golpe militar que depôs o presidente Jafaar al-Nimeri. Devido às más negociações de Nimeri com o Fundo Monetário Internacional, a população muçulmana impôs a Lei Islâmica, a *Sharia*. Esse foi o começo de nossas desgraças. Queimaram nossa empresa, roubaram o dinheiro e as antiguidades que tínhamos na loja e depois assassinaram meus pais com um tiro na cabeça. Eu me livreí de morte porque estava viajando, para tratar de encomendas de alguns clientes.

“Durante alguns anos sobrevivi graças à caridade de Phil Booner, um norte-americano que trabalhava no Consulado dos Estados Unidos, no Sudão, grande amigo de meu pai. Booner, depois de me abrigar em sua casa durante alguns meses, me confessou que trabalhava para a CIA e pôs à minha disposição um professor de inglês. A última coisa que eu podia imaginar é que aquele homem, que chegou a ser um segundo pai para mim, estava decidindo meu futuro. Seu objetivo, que eu aceitei prazerosamente, era me converter eu um espião da “Companhia”. Assim, pude pagar tudo o que ele havia feito por mim e, de passagem, eu me vingava da morte de meus pais delatando as facções que abrigavam os terroristas islâmicos radicados no Sudão.

“Mas foi em 1993 que Booner se viu recompensado pela confiança que depositava em mim. Naquela época chegou a Jartum um delegado da CIA, Cofer Black, que se fez passar por diplomata na Embaixada dos Estados Unidos. Cofer e sua equipe, integrada por Phil Booner e eu, começaram a seguir um indivíduo que, até então, era um completo desconhecido da opinião pública, embora não para os serviços de inteligência norte-americanos. Esse homem era Osama bin Laden.

“Lembro daquela época como uma das mais intensas de minha vida. Depois

que a CIA me proporcionou um currículo falso, eu me infiltrei na célula terrorista do saudita. A ironia, no caso, é que, fingindo ser um dos homens de Bin Laden, também tive de espiar o movimento dos norte-americanos. Em certa ocasião, quando seguíamos os agentes de Black, por ordem do xeique Osama, eles nos enfrentaram no meio da rua, apontando suas armas. Reconheço que foi uma situação bastante embaraçosa, que estive prestes a lançar por terra todo meu trabalho dentro da organização terrorista.

“Na época eu havia reunido suficiente informação para que a CIA pudesse deter o homem mais procurado do mundo, Ilich Ramírez Sánchez, terrorista conhecido como Carlos, o Chacal. Graças a meu trabalho, Cofer Black conquistou a maior vitória de sua carreira. Como agradecimento pelos serviços prestados, e para evitar que os islamitas do Sudão acabassem com minha vida, Black me enviou aos Estados Unidos. Lá, por recomendações de meu novo mentor, comecei a trabalhar no SAIC. Mas foi depois dos atentados do 11 de Setembro que retomei minhas obrigações como espião a serviço da CIA... e assim nasceu Driss Moqtari.

“Eles me proporcionaram uma nova vida na Inglaterra, com um passado completamente digno de fé e que me converteu, de fato, em um súdito britânico. Meu trabalho consistia em seguir a pista de um grupo terrorista islâmico vinculado à Al-Qaeda, Jaish-e-Mohamed, organizado e dirigido por Omar Said Sheikh desde a prisão de Islamabad, e que começava a se estender por todo o Reino Unido.

“Entretanto, Black me chamou de novo. Dessa vez, reservara algo especial para mim: procurar um relatório que havia sido roubado do computador pessoal de um dos homens de confiança do presidente Bush...”

— O Projeto Brainwashing — acrescentou Jack, interrompendo o relato do sudanês.

— Sim, mas me deixe terminar minha história... O final vai surpreendê-lo. Black me encarregou da missão de recuperar o dossiê antes que seu conteúdo fosse divulgado. De acordo com a informação de que dispúnhamos, tudo indicava que tinha sido capturado pelos agentes do SII, seguindo instruções de Omar Sheikh. Logo soubemos que a CIA havia concordado com a libertação do paquistanês, em troca de acabar com a vida de Osama bin Laden, e também que viajara ao Iraque para reunir-se a sua esposa... Essa jovem aí — indicou Rashida, com o queixo. — Quando nossos aliados ingleses de Vauxhall Cross nos confessaram que Omar Sheikh era um de seus antigos agentes, um infiltrado, e que entrara em contato com eles para obter o telefone particular de um jornalista que fosse ao Iraque, Black ligou para o Ministério de Defesa britânico e na mesma hora fui contratado pela BBC World News para acompanhar Rory

Moore, um dos melhores correspondentes de guerra do Reino Unido.

“Até aí, tudo caminhava perfeitamente. Mas aconteceu algo que nem Cofer Black, nem a SAIC ou mesmo a CIA puderam prever, ou seja, que as guerras mudam as pessoas. Ou será que você não se lembra das atrocidades cometidas em nome desta guerra e de que fomos testemunhas, antes que as tropas de ocupação entrassem em Bagdá? — dirigiu-se a Jack, em tom grave. — Nem tenho de dizer que o uso de armas não convencionais foi o estopim que me fez refletir sobre a natureza de meu trabalho. Lembra? Você estava lá! Dezenas de milhares de homens reduzidos a um mingau radioativo de sangue e ossos! Você não pode negar que aquilo foi um autêntico massacre. E o que dizer dos inocentes que morreram na tomada de Bagdá? — Sua testa começou a se inundar de suor. Parecia estar sofrendo com a regressão de uma traumática experiência. — Eu vi com meus próprios olhos! Mutilações, assassinatos, violações! — gritou, repentinamente histérico, fora de si. Em seguida, ao recobrar o fôlego, recuperou a calma. — Como disse antes, meus pais me educaram na religião católica e há anos tenho nacionalidade norte-americana. Mas, antes de tudo, sou árabe e por isso tenho um dever com meu próprio sangue.

“Já não se trata de um problema de consciência, pois talvez a tenha perdido no dia em que comecei a trabalhar para a CIA, mas continuo pensando que a barbárie de uma guerra não deveria ser transferida à população civil. Além disso, existem outros motivos pelos quais me vejo obrigado a trair a confiança dos que me encarregaram da tarefa de recuperar o dossiê. Eles me deram certas diretrizes que deveriam ser imutáveis: ninguém que soubesse da existência do Projeto Brainwashing devia permanecer vivo.

“Enquanto estive no hospital me recuperando de meus ferimentos, pude ver isso com absoluta clareza, e isso mesmo tendo perdido um de meus olhos. — Riu da própria piada. — Aqueles homens, e com isso me refiro a Cofer Black e aos que protegem a família Bush, e, por conseguinte o Projeto Brainwashing, já haviam previsto de antemão minha execução. Evidentemente, não seriam tão idiotas a ponto de deixar testemunhas. Eu devia eliminar os que tivessem tido contato com o relatório e eles, sem dúvida nenhuma, se encarregariam de me fazer desaparecer para sempre. Por isso mesmo tomei a firme decisão de equilibrar a balança desta guerra paralela que se vive dentro dos serviços de inteligência. — Ergueu o documento encadernado para que o norte-americano pudesse vê-lo. — Penso entregar o dossiê aos islamitas radicais da Al-Qaeda. E, sim, claro... em troca de dinheiro. A única coisa que me importa, agora, é sumir definitivamente, instalar-me em um país distante, onde a CIA não possa me encontrar, e viver em paz até o dia de minha morte. Só espero que Deus me

perdoe por meus pecados.”

Houve um profundo silêncio, que Jack decidiu romper com uma pergunta obrigatória:

— Você acha que essa informação poderá servir a eles?

— Sim, se revelarem ao mundo a farsa urdida pelos serviços secretos dos Estados Unidos — respondeu o árabe. — Nenhum jornal ocidental jamais se atreverá a publicar um escândalo com essas características e muito menos revelar uma conspiração que pode chegar a desestabilizar o sistema político de nossa sociedade. E sabe por quê? Porque os meios de comunicação mais importantes da Europa e dos Estados Unidos fazem parte da conspiração. Mas se forem as cadeias árabes, como a Al Jazira e a Abu Dhabi, a oferecer provas irrefutáveis que impliquem a Casa Branca nos atentados do 11 de Setembro, ninguém poderá negar que algo fede na história que lhes contaram sobre a autoria dos atentados. Além disso, a notícia incitaria todos os islamitas do mundo, reunindo-os em uma *jihad* sem precedentes, para defender-se das acusações e possíveis ataques dos países do Ocidente.

“Quanto aos cidadãos de nosso país, bem como daqueles das nações europeias — acrescentou —, terão de aceitar que foram vítimas de uma farsa e não terão alternativa senão investir contra os autênticos culpados. Se a humanidade inteira foi capaz de condenar o holocausto nazista... por que não iria censurar o fato de um governo de um país civilizado, seja qual for, atentar contra os direitos de sua própria nação para ter uma desculpa com a qual iniciar a Terceira Guerra Mundial?”

— Você disse Terceira Guerra Mundial? — perguntou Jack, depois de um silêncio incômodo.

— Isso mesmo. Foi iniciada com a invasão do Afeganistão e, agora, com a do Iraque. Eles têm pensado, ainda, em entrar na Somália e no Líbano. Logo virão o Irã, as antigas repúblicas soviéticas fronteiriças com os países árabes, como o Uzbequistão, por exemplo... e, finalmente, a China.

Parsons fez uma careta. Odiava ter de dar razão a ele.

— Há algo que não entendo — disse a arqueóloga iraquiana, atrevendo-se a participar da conversa. — Você acaba de nos dizer que está cansado de ver gente inocente morrer... Por que, então, não leva esse relatório e nos deixa em paz? Será capaz de nos assassinar friamente, incluindo as crianças?

O agente da CIA se levantou, apontando novamente sua arma para eles.

— Eu não disse que vou atirar contra três mulheres e muito menos fazer mal às crianças. Mas outra coisa é o norte-americano. Não posso me arriscar a deixá-lo vivo. Poderia estragar tudo com sua absurda necessidade de vingança. — Levantou o Kalashnikov, apontando para Jack. — Lamento, amigo... mas

ninguém sentirá falta de você.

Mal acabara de dizer a última palavra, quando a porta se abriu às suas costas.

— Mas... o quê?... — O velho Barek, pai de Fathia, se surpreendeu ao ver a cena que se desenrolava no interior de sua casa. Estava acompanhado por dois homens armados.

Alertado pela voz da iraquiana, Abdul virou-se rapidamente. Sem pestanejar, abriu fogo contra eles.

— Pai! — gritou Fathia, com o desespero próprio de uma filha, levantando-se com rapidez para ir ao encontro do ancião, que agonizava no chão junto com seus companheiros.

Aproveitando a distração do sudanês, Jack se levantou e pegou uma das cadeiras para golpeá-lo nas costas. Isso fez com que o fuzil de assalto caísse das mãos dele. Entretanto, Abdul reagiu de imediato. Ergueu-se com rapidez, dando um soco no ventre do norte-americano que o deixou praticamente sem respiração. Um novo golpe, dessa vez na mandíbula, quase consegue derrubá-lo.

Com certeza, aquele revés atçou o fogo que nascia nas entranhas do Blackwater. Ambos haviam sido treinados para matar qualquer adversário em semelhante situação, de maneira que suas forças estavam equilibradas.

Buscando uma estratégia entre os diversos métodos de luta, Jack tentou derrubá-lo aplicando um golpe de caratê que aprendera com Silvio Torres, mas seu rival foi mais rápido e se esquivou. Com certa habilidade e à traição, aproveitou o engano de seu oponente norte-americano para lhe dar uma cabeçada. Jack sentiu que a cartilagem do septo nasal de rompeu. O sangue, com seu sabor amargo, escorreu por seus lábios. Seguidamente, e de surpresa, recebeu um novo soco, agora nas costelas. Sentiu uma forte dor nos pulmões.

Abdul se agachou para pegar a faca que estava escondida em uma de suas botas.

— Lamento... não é nada pessoal — disse, antes de inclinar o corpo para a frente, decidido a lhe dar uma letal punhalada.

Jack saltou para trás, mas não foi suficientemente rápido e sentiu a frieza do aço rasgando sua pele na altura do peito. Apesar do ferimento, se manteve distante do adversário. Sabia que seria inútil escapar. Era só uma questão de tempo para que aquele frio assassino acabasse com sua vida.

“Seu olho!”, pensou naquele instante.

Impelido pela necessidade de acabar com sua dramática situação e recordando outra das técnicas de luta aprendidas com o espanhol — chamada “dragão sacrificando suas asas” —, Jack levantou seu antebraço esquerdo para impedir uma nova investida da parte de Abdul, como se fosse um escudo. A faca foi cravada na parte inferior de seu antebraço, a poucos centímetros do cotovelo,

momento que ele aproveitou para lançar um direto no olho, deixando-o completamente cego durante alguns segundos, que seriam decisivos.

Com sangue-frio, Jack arrancou a faca do braço. Sem mais demora, e segurando-a com ambas as mãos, enterrou-a com raiva, até o cabo, no pescoço do sudanês.

Abdul, depois de ficar sem respiração, apertou sua garganta com as mãos e foi de um lado para outro, derrubando tudo que encontrava em sua passagem, emitindo um ruído gutural, afogado em seu próprio sangue.

Pouco depois, inclinou o corpo e caiu morto no chão.

O pesadelo havia acabado.

NAJAF, 7 de abril de 2004

Aisha caminhava distraída, pelos corredores do edifício central da base de Al-Andalus. O fato de estar acompanhada pelo norte-americano fazia com que se sentisse protegida, mas ao mesmo tempo confusa, tomada pela incerteza. A simples presença dele se tornava um veneno que a consumia lentamente. Um autêntico suplício.

Estar a seu lado lançava por terra a legitimidade de seus sentimentos, como o vento dobra, com sua força, as hastes das espigas de trigo que crescem nos campos.

O certo é que se sentia atraída por aquele homem desde que o vira pela primeira vez, não podia negar. Mas uma parte dela sabia que aquilo não era amor. O amor era algo muito mais intenso e intangível, como o que, não obstante a morte, continuava nutrindo por Rajmani. Havia, porém, algo no norte-americano que despertava nela uma onda de sensações libidinosas pelas quais não estava disposta a se deixar levar. O descontrole era um sinal de fraqueza, que toda mulher árabe tivera de aprender a superar face às estritas normas propugnadas pela comunidade islâmica.

Além disso, Jack era uma pessoa que vivia plena e exclusivamente para a vingança. Seu rancor e seus preconceitos o impediam de ver além da morte de sua esposa. Não podia censurá-lo. Embora tivesse gostado de lhe dizer que, se não esquecesse o passado, seu futuro poderia se converter em um autêntico inferno.

— Tem certeza de que quer voltar a Bagdá?

A voz de Jack conseguiu despertá-la desse sonho em que mergulhara desde que havia se despedido de Fathia, Rashida e das crianças, que acabavam de partir junto com as tropas espanholas lotadas em Najaf, para sua definitiva retirada até o Kuwait.

— Sim... é melhor — Aisha esboçou um cálido sorriso. — Tentarei recuperar

meu posto de trabalho no Museu Arqueológico. Sei muito bem que não será fácil, mas vou fazer isso... explicarei a eles o motivo de minha ausência. Creio que entenderão.

— Por enquanto, nada a relaciona ao desaparecimento do sudanês e do outro agente, esse tal Buwosky. Enquanto não encontrarem os corpos, você estará a salvo — ele lembrou.

— Não creio que cheguem a descobrir os cadáveres. Um dos irmãos de Fathia pensou em cobri-los com cimento, para depois lançá-los ao rio. Quanto ao ancião e aos outros dois homens que o acompanhavam, terão uma sepultura segundo o costume xiita, como as centenas de vítimas da rebelião. Ninguém saberá que foram mortos pelas mãos de um agente da CIA. Fathia, Rashida e seus filhos poderão dormir em paz.

— As mulheres e as crianças não me preocupam, já estão a salvo. Pensava em você... — Jack baixou o olhar, com timidez. — Não sei... creio que deveria aventar a possibilidade de ir para outro país. Lembre-se de que a cadeia de televisão britânica tem seu nome e seu endereço em Bagdá.

— Eu vou me arriscar. Não penso em fugir nem em mudar minha vida, e menos ainda por medo. Nós, os iraquianos, somos bastante orgulhosos. E você? O que pensa fazer? Lembro como o governo de seu país é implacável. Não esquecerá seu empenho em apoderar-se do dossiê. Investigará... rastreará seus passos... e possivelmente descobrirá que está em suas mãos esse maldito relatório pelo qual morreram tantas pessoas. E mandará um assassino para matar você.

Jack, cujos ferimentos ainda não cicatrizados lembravam o perigo que corria ao guardar o demolidor dossiê, concordou com ela.

— Já havia pensado nisso. Vou aproveitar minha baixa momentânea na Blackwater para solicitar a revogação de meu contrato. Voltarei para Nova York. Não posso fazer nada mais, além disso. Se vierem me procurar, fique tranquila... estarei esperando por eles. O que tenho bem claro é que não penso em me esconder.

Aisha concordou. Conhecia muito bem aquela sensação. Chega um momento em que uma pessoa não se importa mais com a morte, mas sim em agir como deve: dignamente.

Ao chegarem às escadas, ambos se detiveram diante de uma vidraça que descortinava o campo de treinamento. Fitaram-se nos olhos, em total silêncio.

Ali seus caminhos se separavam. Jack tinha de se encontrar com Silvio Torres, pois ambos seriam deslocados para Bagdá, naquela mesma tarde, para um exame médico. Ele aproveitaria seu regresso à capital iraquiana para prestar contas a seus superiores e, de passagem, preencher os formulários para dar por concluído

seu perigoso trabalho na empresa de segurança Blackwater.

Aisha, por sua vez, tinha de subir ao terraço do edifício, onde um helicóptero militar a aguardava. Mark Kimmitt, o general-de-brigada que se deslocara para Najaf depois de tomar conhecimento do levante xiita, se oferecera para levá-la à capital, depois que Jack falou com Hyatt, e este, por sua vez, com o general Ricardo Sánchez.

— Bem... chegou a hora de dizer adeus — disse a doutora, com um ar de tristeza. — Espero que você tenha sorte com sua busca e que, finalmente, encontre a paz que tanto deseja.

Como dois velhos amigos que se despedem para sempre, se abraçaram com força, experimentando o amargo dissabor da separação. Afastaram-se, fitando-se nos olhos, mais uma vez. Nenhum deles disse nada.

A iraquiana se virou e começou a subir os degraus. Ao vê-la partir, Jack se sentiu novamente vazio, como naquele último dia em que Sharon saiu de casa para trabalhar.

DUBAI (Emirados Árabes Unidos), 14 de abril de 2004

O empregado do hotel bateu discretamente na porta. Logo, um corpulento guarda-costas de ascendência *shindi* a abriu para dar passagem ao homem que estavam esperando. Omar Sheikh, disfarçado de mordomo, entrou na suíte levando um carrinho dourado com diversos pratos preparados no mais puro estilo árabe, e uma jarra com suco de laranja, adornada com uma bela flor de canela. Sentada no sofá de veludo vermelho, cobrindo os cabelos com um delicado véu de tule lavanda, estava Benazir Bhutto, aquela que tinha sido primeira-ministra do Paquistão por duas vezes.

Outro dos agentes de segurança fechou a porta, colocando-se atrás do xeique Omar.

— Recebi sua mensagem — disse a mulher. — Tenho de reconhecer que chamou minha atenção.

Omar olhou ao redor. Viu outro guarda-costas depois da esplêndida e luxuosa cama com dossel, situada sob um enorme espelho cravado no teto. Ao todo, três escoltas *shindi* — treinados para defender sua cliente até a morte — protegiam a vida de Benazir Bhutto. Tinha de ter cuidado com suas palavras.

— Como lhe disse, na nota entregue a seu secretário, alguém deseja assassiná-la.

— Sabe seu nome?

Assentiu com a cabeça, mas guardando silêncio. Só depois de alguns segundos, se atreveu a responder:

— Sou eu a pessoa que enviaram para realizar o trabalho. — Omar viu, de soslaio, como os guarda-costas se movimentavam. Antes que caíssem sobre ele, se apressou em dizer: — Vim para salvar sua vida!

Benazir fez um sinal a seus homens para que o deixassem falar.

— Continue...

Omar respirou profundamente, antes de prosseguir.

— Os talibãs estão decepcionados com suas últimas declarações. Criticar a atitude da Al-Qaeda em relação aos atentados de 11 de Setembro e apoiar as decisões dos Estados Unidos não fizeram senão ampliar a violência dos grupos

ultraislâmicos que, há anos, você defendia. Não sou ninguém para criticá-la, mas estou aqui para deixá-la de sobreaviso. Sei que está dedicada a voltar à presidência de nosso país, mas eu a aconselho a esquecer isso. Será assassinada no mesmo instante em que puser os pés no Paquistão.

— Posso saber o motivo pelo qual Omar Sheikh, o homem que transferiu o dinheiro para Mohamed Atta com o objetivo de financiar os atentados de Nova York, se dignou a trair o SII e seus antigos colaboradores da Al-Qaeda, com o único propósito de salvar minha vida? — perguntou, com ceticismo, a ex-primeira-ministra do Paquistão.

— É muito complexo para explicar — ele respondeu. — Embora eu possa adiantar que consegui este trabalho no hotel graças aos membros da célula terrorista salafista que atua no emirado. Há homens do mulá Omar por toda a cidade planejando sua morte.

— O mulá Omar? Pensava que fosse Osama bin Laden que tivesse colocado minha vida a prêmio.

Omar sorriu, ironicamente, movimentando a cabeça de um lado para outro.

— O Xeique morreu... eu mesmo acabei com ele, por ordem do mulá Omar. Agora, quem dirige a Al-Qaeda é Hamza, o filho caçula de Osama.

Benazir arqueou a sobancelha. Estava surpresa com a notícia, mais ainda por saber que uma criança liderava um grupo de terroristas descontrolados.

— Por que os talibãs quiseram se livrar de Osama bin Laden? Eles o protegeram, depois dos atentados.

— Porque descobriram que o saudita trabalhava, na verdade, para os serviços de inteligência dos Estados Unidos. Sua missão era fomentar o terror na população dos países ocidentais, permitindo que o governo norte-americano tivesse uma desculpa para iniciar uma longa série de conflitos bélicos contra os países árabes que apoiassem os grupos terroristas islâmicos que, paradoxalmente, o mesmo Bin Laden havia criado. Parece estranho? Mas é assim que funciona a mente doentia dos que dirigem o mundo.

— Vejo que você conhece bem os detalhes.

— Sei porque, da mesma maneira que o saudita, fui um subproduto da CIA, escolhido pelo SII para me infiltrar nos serviços secretos do Paquistão com a finalidade de analisar os grupos radicais islamitas que, há anos, começaram a agir no sul do Afeganistão, os *talib*⁵². A princípio, minha missão era agir como intermediário entre os agentes de inteligência dos Estados Unidos e o general Mahmud Ahmad, apoiando os talibãs. Entretanto, logo depois, aproveitando que minha infiltração no SII fora convincente, me deram ordens de fazer contato com o bando terrorista Al-Qaeda. Durante anos fui seu assessor financeiro, até que a CIA me acusou de ter assassinado um jornalista norte-americano... Fui

abandonado pelos meus. Mas já estava até o pescoço naquilo. Não tive outra saída senão continuar agindo. Foi assim que aceitei dinheiro do SII para que meus homens o entregassem a Mohamed Atta, para custear os atentados de 11 de Setembro.

— Osama bin Laden e Omar Sheikh, agentes a serviço dos ocidentais? — perguntou Benazir Bhutto, ainda atônita.

— Para ser sincero, já não sei a quem devo fidelidade. O mesmo aconteceu ao xeique Osama. Tantos anos vivendo como terrorista, pensando como extremista islâmico, faz com que se esqueça a missão encomendada a princípio. Depois de algum tempo já não se sabe quem é... nem para quem trabalha.

— Não compreendo qual é seu propósito ao me alertar — disse ela.

— Sua morte não me beneficia em nada, mas continuarei cumprindo meu papel — ele explicou. — Os homens do mulá Omar conseguiram para mim este posto de trabalho, no Gulp Options, para que eu planeje um atentado que acabe com sua vida, o que indica que suas fontes de informação se estendem como espessa rede, por todo o país. Eles sabiam, de antemão, que você ia se hospedar aqui. E este é o motivo desta conversa. Tenho de prosseguir com a representação ou vão suspeitar de mim. Por isso tinha de falar com você reservadamente, para lhe dizer que acabo de colocar um potente explosivo no quarto ao lado do seu... — Ao notar a surpresa no rosto dela, tratou de tranquilizá-la: — Não tema... atrasei o mecanismo de detonação em uns trinta minutos. Dará tempo para que vá embora e eu estarei longe daqui.

— Como posso saber que não se trata de uma mentira?

— Não... não há como saber. Mas, ainda que por precaução, a melhor coisa que pode fazer é abandonar este hotel e se hospedar em qualquer outro... não lhe parece?

Benazir se levantou, indicando a seus guarda-costas que recolhessem seus pertences quanto antes. Depois se dirigiu a Omar.

— Não sei qual é o seu jogo, Omar Sheikh, mas não quero me arriscar.

— Faz bem. Eu, em seu lugar, andaria com muita cautela. Não confie em ninguém. Acredite, não se deterão até conseguir seu objetivo.

Concluindo a conversa, o paquistanês deu meia-volta e foi embora. Rapidamente seguiu pelos corredores do hotel mais sofisticado de Dubai.

Seu tempo se acabara. Tinha de abandonar os Emirados Árabes Unidos antes que os homens do mulá Omar descobrissem que ele os havia traído. Não podia voltar ao Afeganistão, porque lá os talibãs o aguardavam e o executariam por descumprir a ordem de eliminar Hamza bin Laden e Benazir Buttho. Também não dava para regressar ao Paquistão, pois se arriscava a levar um tiro na cabeça como recompensa pelo trabalho que fizera para a CIA. Já não era útil a ninguém.

Sua vida deixara de ter valor. Sua única alternativa era desaparecer para sempre.

A partir daquele momento, Omar Said Sheikh ia se converter em uma sombra, em alguém obrigado a vagar sem descanso, de um lado a outro do planeta, fugindo da morte... de seu terrível e escabroso passado.



TERCEIRA PARTE
O ANJO DA MORTE

NOVA YORK, 2 de maio de 2004

Naquela noite, Jack Parsons deu uma festa em seu apartamento, com o pretexto de convidar seu irmão Fred. Compareceram muitos de seus antigos amigos e companheiros da Escola Militar de West Point, com os quais não encontrava havia mais de um ano, e alguns dos oficiais da Brigada Spartan, seus parceiros de combate no Iraque. Lamentou que seu pai, o coronel, não pudesse comparecer, porque fora chamado com urgência ao departamento do CENTCOM, em Tampa, na Flórida.

Jack e seus convidados falavam sobre as mesmas coisas, embora o local dos combates mudasse. Como era de se esperar, teve de contar a eles a história que vivera na batalha de Najaf, a cidade sagrada dos xiitas.

Quando há um bom ambiente, um CD com sucessos de Sinatra, vermouth e vinho se sucedendo para inebriar os sentidos, não existe ninguém mais loquaz que um oficial do exército dos Estados Unidos contando a seus amigos histórias de guerra.

Com riqueza de detalhes, Jack Parsons foi desfiando as passagens mais arrepiantes daquela sangrenta jornada. Contou dos cerca de dois mil iraquianos que haviam tentado tomar o edifício da Coalizão e de como um grupo de homens se defenderam do ataque. Relatou passagens como o medo do cabo Young, enquanto executava seu particular “minuto louco”⁵³ contra o Exército de Mahdi. Referiu-se às pequenas e grandes histórias que faziam parte da vida daquelas pessoas. Só seu irmão Fred se manteve à margem da conversa.

Horas depois, quando por volta de meia-noite os convidados começaram a ir embora, Jack pediu a Fred que o ajudasse a recolher aquela bagunça de copos e pratos sujos espalhados por toda a sala. O advogado já estava suspeitando que o caçula dos Parsons lhe reservava uma nova surpresa.

Fred estava louco para saber quais tinham sido os verdadeiros motivos que levaram seu irmão a regressar ao inferno, como mercenário da Blackwater.

Quando o apartamento recobrou o esplendor de sempre, o relógio marcava 0h13. Ambos se acomodaram, com uma dose de uísque cada um, em poltronas diante da lareira elétrica, situada em um canto reservado à leitura e às confidências.

— Tenho algo a lhe dizer... — Jack começou, inclinando o corpo para a frente, deixando o copo sobre a mesinha.

O doutor em leis notou uma notável mudança na expressão de Jack. Ele já não mais sorria e estava cada vez mais tenso.

— Por que tenho a impressão de que vamos voltar ao assunto dos atentados de 11 de Setembro?

— É preciso — respondeu Jack, com calma. — Tenho de compartilhar minhas investigações com alguém de toda confiança, e essa pessoa é você.

— Tudo bem... continue.

— Sabe por que arrisquei de novo minha vida, regressando ao Iraque?

— Não, mas me perguntei isso muitas vezes.

Embora Fred estivesse muito curioso, não quis se deixar levar pelas emoções. Havia a possibilidade de que seu irmão, atormentado pela morte da esposa e pelos horrores da guerra, estivesse perseguindo o rastro de um fantasma. Se assim fosse, nada que dissesse teria sentido.

— Você vai saber... — começou Jack. — Antes de ter sido ferido, o tenente-coronel DeCamp me ordenou que controlasse os movimentos de dois jornalistas britânicos que viajavam com nossa Companhia A, desde Najaf, um tal Rory Moore e um câmara de origem líbia chamado Driss Moqtari. Pelo visto, estavam sendo investigados pela CIA. Comprovei que havia motivos para suspeitar deles. Sua intenção era adquirir certo relatório em troca de uns passaportes... uns vistos que um homem precisaria e por isso estava disposto a lhes vender a informação, para poder tirar sua família do país. Exigiu mais de um milhão de dólares.

Fred assobiou. Era muito dinheiro.

O ex-tenente continuou com sua história:

— Depois que os jornalistas britânicos me propuseram que os ajudasse a conseguir a informação de que necessitavam, por uma boa recompensa, fingi aceitar sua oferta. Mas, na realidade, meu único propósito era conseguir aqueles papéis, que tanto interesse despertaram na CIA, e prender o iraquiano com quem tinham contato. Essas foram as ordens diretas de DeCamp.

“Quando o homem que esperávamos chegou ao encontro, no Museu Arqueológico de Bagdá, o jornalista britânico levava um microfone oculto que eu lhe dera. Assim, pude escutar a conversa que eles mantiveram; o contato era um dos arqueólogos do museu. Ele contou uma história incrível, falando da participação de nosso governo nos atentados terroristas do 11 de Setembro. Ao

escutar aquilo, apareci, junto com dois de meus homens, no gabinete onde se realizava a reunião. Mas tudo se complicou quando o líbio, Driss Moqtari, executou de maneira implacável os soldados que me acompanhavam. Foi tudo tão rápido que quando eu consegui raciocinar, ele já havia assassinado seu companheiro de trabalho e também o arqueólogo... Fácil assim! — Estalou os dedos. — E se não fosse pela explosão de uma granada, eu também estaria morto.

“Por isso resolvi regressar a Bagdá, porque aqueles papéis continuavam escondidos no Museu Arqueológico. — Mas agora vem o melhor... — Seus olhos brilharam sob o reflexo incandescente do fogo artificial da lareira. — Depois de uma árdua e desesperada busca, que esteve a ponto de me custar a vida, finalmente me apoderei daqueles documentos. Acredite... tudo é bem mais complicado do que você possa imaginar.

Fred inclinou a cabeça para observar seu irmão. A história era fascinante. Queria saber mais.

— Esses... papéis estão em seu poder?

— Sim. Guardados em meu cofre.

— Posso vê-los?

Jack se levantou. Depois de alguns minutos, voltou com o volume encadernado e o DVD.

— Aqui estão... — Entregou o dossiê ao irmão. — Dê uma olhada com tranquilidade. Em seguida, veremos o vídeo.

Depois de beber mais um trago de seu uísque, Fred começou a ler o Projeto Brainwashing. À medida que mergulhava naquelas páginas, foi descobrindo um mundo onde a atrocidade se convertia em religião e o capricho de uns poucos homens, que julgavam ser deuses, desconsiderava os direitos primordiais da imensa maioria dos seres humanos. O culto à guerra se escondia em cada um de seus parágrafos, bem como certo desprezo por todas as pessoas que viviam na mais profunda miséria.

Fred Parsons continuou lendo; ao fazê-lo, descobriu uma realidade que ninguém, em seu perfeito juízo, proclamaria aos berros.

AS FUNÇÕES DA GUERRA:

1. Econômicas. A guerra propiciou, tanto às sociedades antigas como às modernas, um sistema confiável para estabilizar e controlar as economias nacionais. Não se testou nenhum sistema alternativo, dentro de uma complexa economia moderna, que tenha demonstrado ser nem mesmo remotamente comparável, em alcance e eficácia, como esse.

2. Políticas. A permanente possibilidade da guerra é um elemento fundamental para conseguir um governo estável; oferece a base para uma aceitação geral da autoridade política. Permitiu às sociedades manter as necessárias distinções de classe e assegurou a subordinação do cidadão ao Estado, em virtude dos poderes residuais da guerra, inerentes ao conceito de nacionalidade. Nenhum grupo moderno no poder controlou com sucesso seus cidadãos depois de ter falhado na sustentação de uma credibilidade contínua, em relação a uma ameaça externa de guerra.

3. Sociológicas. A guerra, por intermédio das instituições militares, serviu de maneira ímpar às sociedades, ao longo de toda história conhecida, como um controle indispensável das perigosas dissidências sociais e das tendências antissociais destrutivas. Como o controle mais formidável das ameaças à vida e como o único suscetível de ser mitigado pela organização social, também tem desempenhado um papel igualmente fundamental: o sistema de guerra brindou os mecanismos através dos quais as forças motivacionais que governam o comportamento humano se viram traduzidos em uma lealdade social aglutinante. Dessa maneira, assegurou o necessário grau de coesão social para que as nações sejam viáveis. Nenhuma outra instituição ou grupo de instituições nas sociedades modernas desempenhou essas funções com êxito.

4. Ecológicas. A guerra tem sido o principal mecanismo evolutivo para manter um equilíbrio ecológico satisfatório entre a população humana bruta e os recursos disponíveis para a sua sobrevivência. É um caso único da espécie humana.

5. Culturais e científicas. A orientação guerreira tem determinado os padrões básicos de valor nas artes criativas e ofereceu a principal fonte de motivação para o progresso científico e tecnológico. Os conceitos de que as artes expressam valores independentemente de suas próprias formas e de que a busca bem-sucedida do conhecimento possui um valor social intrínseco têm sido aceitos há muito tempo nas sociedades modernas. O desenvolvimento das artes e da ciência durante este período foi um corolário para o desenvolvimento paralelo dos armamentos.⁵⁴

Um pouco mais adiante, alguém havia deixado uma anotação a lápis:

Caso se ajude um homem que morre de fome a ser mais ou menos livre, ou medianamente próspero, ele se casará, terá um número indeterminado de filhos e não haverá alimentos para todos.⁵⁵

Depois de um tempo de leitura concentrada, o advogado fechou o texto solenemente, para em seguida tamborilar os dedos sobre a capa plastificada. Durante uns segundos, foi difícil pronunciar-se.

— De onde saiu isso? — perguntou, finalmente, a seu irmão.

— Não tenho nem ideia — ele admitiu. — Mas de acordo com a irmã do arqueólogo iraquiano, o dossiê pertencia a seu marido, um agente dos serviços secretos do Paquistão, vinculado à célula terrorista da Al-Qaeda.

— Aqui há muitos nomes públicos — Fred bateu com seu indicador no maço de folhas —, pessoas importantes, gente com um poder inimaginável, que desmentirá por todos os meios qualquer tipo de acusação que se baseie em um simples texto que qualquer um possa ter imprimido. Como advogado, já te adianto que é impossível atestar que seja verdadeiro o que está escrito aqui. Uma prova assim não se sustenta se não for baseada em uma afirmação verídica e sempre que se trate de uma testemunha com suficiente credibilidade. — Suspirou com um ar de derrota. — Estamos falando de famílias consagradas e ilustres, de homens poderosos. Por Deus, ninguém vai acreditar em você!

Jack se levantou, propondo ao irmão que fizesse o mesmo.

— Venha comigo... — Pegou o DVD. — Vou mostrar a prova de que você precisa.

Foram ao outro extremo da sala, onde um móvel de desenho vanguardista ostentava, no centro, uma enorme tela de televisão. Enquanto Fred se acomodava no sofá, Jack introduziu o disco no aparelho de reprodução. Sentou-se ao lado dele e apertou o controle remoto. Logo apareceu, no visor de plasma, a imagem de Osama bin Laden. Falava em árabe, de maneira que não puderam compreender a mensagem do terrorista mais procurado do mundo.

Tão logo terminou seu discurso, o saudita se pôs em pé. Mas a câmera continuou gravando. Havia alguém com ele. Alguns homens conversavam e riam entre si. Eram militares paquistaneses e ocidentais do serviço de inteligência. Agora falavam em inglês com o terrorista; davam-lhe instruções para regressar a seus homens, em Tora-Bora. Mas antes, disseram, o transladariam ao mesmo hospital de Rawalpindi, onde estivera internado nos dias anteriores aos atentados de Nova York, para que se consultasse novamente com a equipe médica de uronefrologia, como haviam prometido. Eles mesmos se encarregariam de

escoltá-lo até o Paquistão.

Alguém descobriu a câmera de vídeo sobre o tripé e a tirou de lá. A objetiva oscilou de um lado a outro. A imagem ficou difusa. O foco naqueles que ali estavam reunidos se perdeu, mas suas vozes continuavam sendo ouvidas.

Pouco antes de desligarem a câmera, a voz com sotaque norte-americano de um deles mencionou o *Det*⁵⁶, de maneira que ficava evidente que integrantes do serviço de inteligência britânico estavam ligados, também, àquela cortina de fumaça que ocultava a maior farsa jamais urdida por um conjunto de indivíduos.

Jack desligou a televisão. Depois de um longo e profundo silêncio, seu irmão se atreveu a perguntar:

— O que você pensa fazer com toda essa informação?

Teve medo da resposta.

— Foi para isso que lhe pedi que viesse nesta noite. Preciso de seu conselho.

— Meu conselho?... — inquiriu em voz alta, com os nervos alterados. — Se realmente estiver disposto a me ouvir, preste atenção... trate de se desfazer desse relatório agora mesmo e esqueça tudo!

— Eu sabia que você ia dizer isso — replicou Jack, em tom de reprovação.

— Ouça... e não me interprete mal... — Em um ato reflexo, Fred afrouxou o nó da gravata. — Sou o primeiro que gostaria de dar um pontapé na bunda de nosso presidente e trazer à luz toda essa podridão. Mas... você parou para pensar no perigo a que se expõe? Acredita que é aconselhável lançar por terra nosso sistema democrático e dizer aos cidadãos norte-americanos que são uns idiotas e ingênuos, por confiar em seu governo? O que aconteceria, então? Eu lhe direi... — Limpou a garganta. — Viraríamos motivo de chacota de todas as nações do planeta e, de um país que defende a democracia, nos converteríamos em assassinos vulgares.

— Não é isso o que mais me preocupa, agora — atalhou o ex-militar, contundente. — Eu só peço justiça. Lembro que os que escreveram esse relatório acabaram com a vida de minha esposa.

— E você acredita que ao delatá-los vai conseguir alguma coisa? — Fred abriu desmesuradamente os olhos, surpreso com o cego desejo de vingança do irmão. — Se você pensa vender essa notícia ao *Washington Post* ou, talvez, ao *New York Times*, é um homem morto. Sabe disse, não é?

Jack se deixou levar pela raiva. Todo seu ódio, todo seu ressentimento e sua tristeza estavam transtornando sua razão.

— Pelo amor de Deus, só peço justiça! — berrou, impotente.

Fred teve piedade dele. Tentaria ajudá-lo. Era o mínimo que podia fazer por seu único irmão.

— Está bem... vamos fazer uma coisa... Deixe o relatório comigo para que

possa lê-lo em profundidade e escanear algumas de suas páginas. Levarei também o DVD. Vou averiguar se existe algum procedimento legal capaz de deixar esses criminosos em apuros. Se Bernstein e Woodward conseguiram que Nixon deixasse a Casa Branca, algo impensável naquela época, é possível que possamos pressionar a família Bush e seus sócios poderosos.

— Fará isso por mim? — Jack sentiu uma imperiosa necessidade de abraçar seu irmão, embora tenha se reprimido a tempo.

— Vou fazer isso por você... e por todos nós — sussurrou o advogado, rouco. Depois ergueu seu copo de uísque, em sinal de aprovação. — Mesmo pensando que é uma loucura. — E bebeu tudo de um só gole.

Esquecendo aquele assunto terrível, continuaram falando de outras coisas: do coronel Parsons e seus amigos republicanos, bem como da nova garota com quem Fred estava saindo depois de seu fracasso sentimental com Norma Cesare, a filha mais velha de um dos melhores corretores da Bolsa de Wall Street.

Depois de uma hora decidiram encerrar a conversa. Era tarde e Fred tinha de estar cedo no escritório do qual era sócio.

O anfitrião acompanhou seu irmão até a porta. Ficaram de se encontrar em duas semanas.

NOVA YORK, 2 de maio de 2004

Jack Parsons despertou no meio da noite, empapado de suor e com uma forte e intensa dor de estômago. Tudo dava voltas ao seu redor, como se as paredes do quarto fizessem parte de um carrossel de parque. Tentou se levantar, mas só o que conseguiu foi cair da cama. Uma nova pontada queimou suas entranhas. Era como se um animal carnívoro estivesse devorando seus intestinos, de dentro para fora.

Arrastando-se como pôde, avançou em direção ao banheiro. Tinha náuseas e calafrios e algo lhe dizia que estava para vomitar de uma hora para outra. A última coisa que queria era emporcalhar o chão de seu apartamento. Assim, se esforçou para chegar quanto antes até a privada, engatinhando como um bebê.

Tão logo inclinou a cabeça sobre o vaso, botou para fora com asco os vários copos de vinho, vermute e uísque que bebera naquela noite, junto com alguns sanduíches de salame e muçarela.

Sentindo-se melhor, apoiou as costas nos azulejos para respirar profundamente. Limpou a boca com o dorso da mão. Ao baixar os olhos, descobriu que havia sangue entre os restos de vômito que haviam aderido a seus dedos.

Já era a quinta vez que isso acontecia, desde que deixara o hospital de Walter Reed. Algo não ia bem desde então.

PLEASANTVILLE (Estados Unidos), 10 de maio de 2004

A manhã estava linda. As tulipas, as rosas e os gladiólos, plantados com dedicação e esmero, floresciam de forma radiante no canteiro montado na parte de trás da casa de campo do coronel, que não se cansava de elogiar — diante de vizinhos e amigos — seu bem cuidado jardim. Todos os que conheciam Howard Parsons sabiam que ele tinha uma queda pela jardinagem, um de seus passatempos prediletos. Bastava ver como estavam os esplendorosos e exuberantes vasos distribuídos pela balaustrada de madeira que circundava a casa para perceber que a arte floral fazia parte da vida do militar aposentado.

Mas naquele exato momento havia outros assuntos mais importantes a abordar, além da temperatura amena, do sol e da incrível beleza das flores.

O coronel havia convidado o filho caçula para passar uns dias com ele em Pleasantville, e Jack aceitara, principalmente porque lhe prometera uma grata surpresa, coisa que não combinava com seu estilo. Aquele detalhe conseguiu despertar sua curiosidade. Como Jack sabia muito bem, o coronel não era um homem exatamente generoso, nem tampouco daqueles que perdiam tempo com ninharias. Para ele, um presente tinha importância. Por isso, aquele gesto chamou tanto sua atenção.

Sim, o inusitado comportamento de seu pai levou-o a deixar de lado, momentaneamente, a investigação que estava realizando sobre a possível implicação do governo de seu país nos atentados do 11 de Setembro. Por alguns dias esqueceu-se de tudo, inclusive do Projeto Brainwashing, e viajou a Pleasantville.

Agora que estavam frente a frente, tomando o café da manhã enquanto observavam os irrigadores que molhavam a grama, esperavam o momento de começar a conversar.

— Diga, senhor... como foi a viagem à Flórida?

Jack decidiu romper o gelo, sempre se dirigindo a ele como se tratasse de um oficial de patente superior na ativa, em vez de um pai.

— Satisfatória, mas exaustiva... — respondeu, fechando as pálpebras enquanto sorvia sua xícara de café. — Se por acaso não sabe, o país está em guerra vinte e quatro horas por dia. Devemos manter os olhos bem abertos, rapaz.

Jack ficou quieto, esperando que o coronel explicasse qual era a surpresa que lhe prometera. Finalmente, sua paciência foi recompensada.

— Ouça, filho... — O coronel inclinou o corpo à frente, para criar um clima mais íntimo e favorável entre eles. — São muitos os soldados, como você, que depois de regressar desta guerra desperdiçam sua vida em trabalhos mal remunerados que não lhes oferecem nenhuma satisfação pessoal e, menos ainda, econômica. Alguns deles acabarão vendendo apólices de seguros de casa em casa ou, pior, viciados em drogas ou álcool. Outros se alistarão em empresas privadas de segurança, como a Blackwater, para viver de perto os perigos de uma guerra. São dependentes da adrenalina que ela provoca... — Sorriu. — Bom... o que posso lhe dizer que já não saiba?

— Senhor, poderia ser mais explícito? — Jack não tinha a menor ideia do que seu pai estava falando.

— Você vai ver... Aproveitando minha viagem à base do CENTCOM, em Tampa, conversei com Farrell Collins, do Departamento do Tesouro. Somos amigos há muitos anos — Jack se lembrava dele. Era um dos assíduos convidados dos celebérrimos churrascos do coronel Parsons. — Pois bem... eu lhe pedi, como um favor pessoal, que apresente sua solicitação para o serviço secreto. Com sua ficha como tenente do exército dos Estados Unidos, sendo um dos primeiros oficiais a entrar em Bagdá, e com seu currículo como escolta da Blackwater, que defendeu o edifício da APC na batalha de Najaf, não tardará para que seja escolhido... um dos poucos candidatos a almejar um posto na PPD⁵⁷ — Ao ver que seu filho não esboçava nenhuma reação, lhe deu um tapinha nas costas: — Ei, garoto! Você está prestes a se converter em um dos guarda-costas pessoais do presidente dos Estados Unidos da América!

Jack ficou petrificado. Aquilo, sim, era uma surpresa, o maior presente que seu pai poderia lhe oferecer!

— Mas... isso é magnífico! — Abriu desmesuradamente os olhos, boquiaberto.

Fazer parte do serviço secreto e, mais ainda, da escolta pessoal do presidente era uma oportunidade que não podia recusar.

— Não creia que será fácil — advertiu o coronel. — São mais de 5 mil candidatos que se apresentam a cada ano. Entre eles há policiais, ex-agentes

federais e militares. Eu asseguro que, além de seu histórico impecável, isso vai dar um aumento em sua renda. Será preciso submeter-se a um duro treinamento com os instrutores mais exigentes e implacáveis do país. Será submetido a exames psicológicos... e a todo tipo de prova. Só uns dois por cento dos aspirantes conseguem entrar.

— Eu vou conseguir... tenho certeza — afirmou Jack, mordendo uma torrada com pasta de amendoim.

— Não duvido.

Howard Parsons sentia-se orgulhoso. Não esperava menos do filho.

— Quantos meses vai demorar para que eu me converta em guarda-costas do presidente? — quis saber Jack, muito interessado nessa perspectiva.

O coronel se pôs a rir. Pelo visto, Jack não prestara suficiente atenção a suas palavras.

— Ouça... — disse em tom confidencial. — A princípio, você trabalhará no Departamento do Tesouro e seu trabalho consistirá em perseguir e prender simples falsificadores de papel-moeda e gente que pratica evasão de divisas, algo que tanto dano causa à nossa economia. Pela regra geral, você teria de esperar uns sete anos para ingressar na PPD. Entretanto, graças à minha influência e ao seu currículo militar, talvez possa conseguir isso em quatro ou cinco anos. — Ao observar a expressão desiludida de Jack, o coronel tratou de incentivá-lo. — Aviso que vale a pena chegar ao final. Nem todos os ex-combatentes têm a oportunidade de ganhar 100 mil dólares por ano.

— É uma quantia muito atraente.

— Sim, claro... é mesmo. Bem melhor do que vender enciclopédias ou seguros pelas ruas de Nova York ou arriscar a vida no Iraque ou no Afeganistão.

— Concordo inteiramente.

Seguiu-se um longo silêncio.

O coronel cortou o *bacon* e o levou à boca. Depois de digeri-lo, olhou seu filho de soslaio.

— Favor com favor se paga — lhe disse. — Quero que responda a uma pergunta.

— Diga.

— Em que diabos anda metido seu irmão?

— Como? Não estou entendendo.

Jack fingiu não saber do que ele estava falando, embora intuísse que algo ia mal. Se aquele interesse por Fred tivesse relação com o relatório que levava de sua casa, eles estavam realmente fodidos.

— Sim... sei que vocês pouco se relacionam! — exclamou o veterano militar, desconsolado. — Mas você é o único que pode saber de algo.

— Do que se trata, senhor?

— Não sei... — balbuciou cerrando os dentes, irritado por não ter uma resposta a oferecer. — Mas há alguns dias, “alguém” — sublinhou bem a palavra — me perguntou por ele. Falo de um indivíduo que não deveria ter feito essa pergunta.

— Não pode me dizer algo mais sobre essa pessoa que se interessou por Fred?

— Isso é irrelevante. O que realmente importa é que seu irmão está na mira do FBI... Caso contrário, não teriam perguntado por ele. Sei muito bem como isso funciona, acredite, rapaz.

Jack sentiu um calafrio que mal pôde dissimular. Estava certo de que a cor de sua pele mudara e que, se não se acalmasse, seu pai poderia suspeitar que ele estivesse ocultando algo muito importante. Fazendo um esforço, conseguiu dizer algumas palavras.

— Não... não creio — negou com certo nervosismo. E, para defender a inocência de seu irmão, acrescentou: — Senhor... estamos falando de Fred! Ele é incapaz de fazer mal a uma mosca! — Riu sarcasticamente, menosprezando o fato de que tivessem se interessado por seu irmão mais velho.

— Isso quer dizer que você não sabe de nada? — insistiu o coronel.

— Tenho certeza de que se trata de um engano. Fred é um advogado com escrúpulos demais para colocar sua carreira em risco. Jamais faria algo de que pudesse se arrepender.

O coronel continuou comendo. Aceitou que seu caçula estivesse desinformado, sem saber o que Fred estava fazendo à revelia da família, mas continuava pensando que não devia ser nada de bom. Do contrário, não teria recebido a ligação de seu velho amigo Donald Vitti, o único agente do FBI que presumivelmente conhecia os segredos da CIA melhor que o próprio Tenet; nem tampouco seu amigo teria lhe perguntado diretamente, sem rodeios, se seu primogênito, o advogado, estaria disposto a ajudá-los em uma investigação de caráter confidencial. Howard sabia muito bem que aquela solicitação era improcedente e irregular. Não se tratava de algo que pudesse ser resolvido com uma chamada telefônica, já que havia outros procedimentos. E por que Fred? Por que não procurar entre os melhores advogados do país?

O coronel, com uma resposta sucinta, dissera ao amigo Donald que só sabia que seu filho tinha um escritório de advocacia no Brooklyn e que não o encontrava havia mais um ano. Em seguida, Vitti mudou o rumo da conversa, mas ele sabia que a menção a Fred era uma advertência velada.

Jack e seu pai continuaram o desjejum. Cada um absorto em seus próprios pensamentos.

Não voltaram a falar de Fred durante aquela manhã.

PLEASANTVILLE (Estados Unidos), 10 de maio de 2004

Com a desculpa de ir ao centro da cidade, em busca de provisões para o jantar, Jack entrou no carro e se afastou o mais que pôde da casa de campo do coronel. Alguns quilômetros adiante, virou à direita e parou diante do clube de tênis da rua Willow. Ligou, pelo celular, para Fred.

— Freddy? É você?

— E quem mais seria? — inquiriu o advogado, estranhando o tom de voz de Jack. — Escute, irmãozinho... algum problema?

— Você é quem tem de dizer! — exclamou o ex-tenente, falando mais alto.

— Não entendo...

— Você mostrou a alguém o relatório que lhe entreguei ou falou nele?

Fred ficou em silêncio por alguns segundos. Em seguida, respondeu:

— Conversei com Mick Farlone. É um escritor que, há anos, vem investigando as reuniões secretas do Clube Bilderberg.

— E o que disse a ele?

— Que tinha uns documentos e uma gravação que podiam interessá-lo.

— Mencionou o Projeto Brainwashing?

— Sim... — reconheceu. — Ouça! Esse homem pode nos ajudar. É o único que estaria disposto a revelar a fraude de nosso governo e também a sofrer as consequências resultantes do escândalo. Lembro que é melhor que nós fiquemos à margem. Quer me dizer o que está acontecendo?

— Ocorre que você está na mira dos federais — respondeu Jack. — É o que o velho suspeita.

— O que o coronel tem a ver com isso?

— Acredito que alguém do FBI perguntou por você.

— E?...

Jack bufou, diante da falta de percepção do irmão.

— Será que você não entende? Se está na mira do FBI, significa que estão investigando você.

— Foi o que o coronel lhe disse?

— É o que ele suspeita.

O advogado refletiu por alguns instantes.

— O que acha que farão, agora? — perguntou, finalmente.

— Não sei. Por enquanto, não volte a falar com esse tal Farlone... Não sabemos se é de confiança. Também pode ser que tenham grampeado seu telefone e escutaram sua conversa. Em todo caso, nem pense em falar com ele de novo.

— E o que faço com o relatório e o DVD?

— Guarde-os em seu apartamento, em um lugar seguro. Na próxima semana, vou buscar. A responsabilidade é minha. Você não deve se arriscar de jeito nenhum.

Houve um profundo silêncio.

— Jack?

— Sim, irmão.

— Acho que isso está apenas começando.

O tempo lhe daria razão.

NOVA YORK, 15 de maio de 2004

A morte de Fred foi um duro golpe. Apesar de habituado a viver com o perigo em seus calcanhares, foi muito difícil encarar a tragédia. Perder as pessoas que mais amava — sua mãe, sua esposa e o filho em gestação, e agora seu único irmão — havia se convertido em um sofrimento insuportável, que já começava a minar sua integridade. Teve de fazer um grande esforço para não desabar e cair em profunda depressão. Era, e assim acreditava desde os atentados, como se realmente fosse um amaldiçoado. Estava farto de uma vida que só lhe dava tristeza, perda e desolação.

Jack estava de pé, diante do esquife de seu irmão, despedindo-se pela última vez. Esqueceu o murmúrio daqueles que se aproximavam do coronel para lhe expressar suas sentidas condolências, oferecendo-lhe palavras de consolo que não ajudavam em nada. As vozes não passavam de sussurros naquela deprimente manhã, no velório do Cemitério Marble, na rua 72. Ele continuava olhando fixamente para Fred, sem prestar atenção nas frases de pêsames que chegavam a seus ouvidos e ao eco do choro da tia Mildred e suas amigas. Nada importava. Seu irmão estava morto. Só o que queria mesmo era descobrir a verdade.

Um automóvel o atropelara, na tarde anterior, no momento em que saía de casa. O motorista, de acordo com o que as testemunhas do acidente haviam contado à polícia, fugiu sem parar para socorrê-lo. Um curioso detalhe: tudo acontecera tão rápido que ninguém conseguiu ver a placa. O pior, para a família, era que não havia nenhuma pista capaz de levar à prisão do culpado. Só dispunham da marca e da cor do veículo, algo que não tinha muita utilidade porque milhares de automóveis se encaixavam na descrição.

Aquilo era muito suspeito. Diante daquele acúmulo de estranhos e particulares acontecimentos, Jack teve de se perguntar: a morte de seu irmão tinha sido um acidente ou, ao contrário, um crime premeditado?

— Deus do céu!... Meu pequeno Jack! — gemeu tia Mildred, aproximando-se

dele, para abraçá-lo, como costumava fazer quando ele era criança.

Jack teve pena dela. Realmente, sua tia amava Fred como se fosse um filho. Por isso o rosto dela estava mais murcho e apagado que de costume. Seus olhos estavam irritados de tanto chorar e seu nariz, pálido e sardento, estava vermelho de tanto usar o lenço.

— Você deveria se sentar, tia Mildred — aconselhou-a, beijando sua testa. — Papai não gosta de vê-la sofrer. Já sabe que a adora.

— É você quem me preocupa, rapaz. — Os olhos vidrados dela perscrutaram sua alma. — Nem sua mãe, nem eu gostaríamos de ver como a dor o consome, ainda mais quando você tem uma vida diante de si. Sei que parece irônico falar de vida em um funeral, mas é do que se trata. As pessoas que você amava e perdeu, tragicamente, merecem que se lembre delas... mas não viva só com a recordação de seus sorrisos nem com a dor da perda. Eles não apreciariam isso.

— O que fazer, então, tia Mildred?

— Recordar com alegria os dias em que você viveu ao lado deles. É imoral fixar na memória nossos seres queridos para recriar só tristeza.

Jack concordou, em silêncio, sobretudo para não contrariá-la. Sua tia era uma pessoa muito sensível e idealista, mas de uma sabedoria excepcional.

Aproximaram-se deles o tenente-coronel Creed e sua esposa, amigos íntimos de seu pai. Ofereceram os pêsames e Jack lhes agradeceu pelo fato de terem se deslocado de Hartsdale até Manhattan. Mas antes que comesçassem a conversar, Fred se desculpou amavelmente e foi ver como estava o coronel, seu pai. Queria lhe pedir um favor.

Sentando-se ao lado dele, Jack lhe sussurrou ao ouvido.

— Senhor... preciso que me dê a chave do apartamento de Fred.

Howard olhou, sisudo, para o filho.

— Vai embora?

— Preciso respirar ar fresco. Aproveitarei para recolher seus pertences.

— Mas...

— Voltarei em seguida. Faltam mais de duas horas para a cremação. Estarei aqui, então.

Reprimindo um gesto de desaprovação, o coronel lhe entregou a chave. Jack se levantou, dirigindo-se à saída, não sem antes apertar suavemente o ombro do pai, com o objetivo de levantar seu ânimo, decaído desde que recebera a trágica notícia da morte de seu primogênito.

Minutos depois, estacionava seu carro diante do prédio onde vivera seu irmão nos últimos três anos, na avenida Lexington. Pegou o elevador e apertou o botão do décimo quarto andar. Diante da porta do apartamento, pegou a chave e a introduziu na fechadura.

O interior estava completamente às escuras. Procurou o interruptor e acendeu as luzes do vestíbulo. Tudo parecia estar em ordem. Não houvera nenhuma revista, pensou.

Foi até o quarto de Fred. Procurou entre seus papéis, nas gavetas e no armário, mas não encontrou o que estava procurando. Voltou à sala, olhando ao redor para ver se existia algum lugar onde seu irmão pudesse ter escondido o explosivo dossiê. Revistou o cômodo detalhadamente, começando pelo móvel onde se alinhava uma simétrica coleção de livros, para acabar levantando as almofadas do sofá. Mas não havia nada ali, nem sequer na cozinha ou no banheiro. Ou o escondera em algum lugar fora do apartamento, algo que não conseguia admitir, ou os agentes do governo o haviam levado, depois de terem entrado na casa de seu irmão. Se fosse assim, a morte de Fred faria parte do processo de eliminação de testemunhas e provas iniciado em Bagdá.

O Projeto Brainwashing havia desaparecido. Entretanto, o “projeto pessoal” de Jack Parsons continuava.

Agora, com mais motivos do que nunca.

WASHINGTON, D.C., 2 de janeiro de 2008

Durante aqueles últimos quatro anos, Jack havia seguido de perto a trajetória da guerra do Iraque. Se já ficara surpreso com a captura de Saddam Hussein, em Tikrit, ficou mais impressionado ainda ao ver como sua execução se convertera em um espetáculo macabro, difundido sem escrúpulos em diversos vídeos na internet e em diversas redes de televisão. Mas só conseguiu sentir dó daquele homem cruel e prepotente, que tempos antes era um dos ditadores mais sanguinários do planeta. Em todo caso, aquele não era assunto dele e sim dos iraquianos, que o haviam julgado e condenado à força. Os Estados Unidos, tal como Pôncio Pilatos, simplesmente haviam lavado as mãos.

Quanto ao Iraque, sua opinião era que estava a caminho de se converter em um segundo Vietnã, algo que não parecia importar ao governo dos Estados Unidos. O Iraque era um país mergulhado na escuridão, na miséria e no terror. Nem sequer os que viviam na Zona Verde se sentiam a salvo, pois em muitas ocasiões tinham sido vítimas dos ataques perpetrados pela insurgência, deixando para trás um grande número de mortos e feridos. Era mais uma prova do complicado trabalho que restava a fazer antes que se conseguisse restabelecer a paz na zona de conflito.

O sequestro de cidadãos estrangeiros, mutilados para pressionar as famílias a pagarem o resgate com a maior rapidez possível, se convertera em um dos negócios mais lucrativos do país havia anos. Sunitas e xiitas lutavam por seus territórios, como ocorrera em Beirute no início da guerra civil libanesa de 1975, alguns anos antes do nascimento de Jack. No Iraque havia cidades onde a cada hora um homem era assassinado; crianças desnutridas que brincavam com armas de fogo; dejetos radioativos, devido às bombas lançadas pelo exército norte-americano, que contaminavam a terra e as águas, trazendo a morte e a doença; rivalidades entre facções religiosas que costumavam acabar em autênticos banhos de sangue; enterros coletivos, onde explodia a bomba de um suicida e

morriam, na hora, dezenas de pessoas, incluídas algumas das que haviam se salvado *in extremis* de outros atentados; um ódio ilimitado a tudo que tivesse a ver com os estrangeiros; atentados suicidas diariamente; escassez de alimentos e de recursos energéticos... Mas, em contrapartida, haviam votado democraticamente e fora constituída a primeira Assembleia Nacional eleita do país. Nouri al-Maliki havia instaurado o primeiro governo depois da morte do autocrata. Era bem verdade que não podia sair da Zona Verde sem correr o risco de ser assassinado pelos antigos membros do partido Baas, e tudo porque o Iraque continuava sendo um inferno.

Enquanto tudo isso acontecia a milhares de quilômetros de distância, Jack continuava seu trabalho nos Estados Unidos, lotado no Departamento do Tesouro. Sua vida transcorria de maneira anódina e as horas pareciam iguais e aborrecidas, com o reiterado compasso dos incansáveis ponteiros do relógio, sempre dando voltas no círculo. Ultimamente, sua mesa do escritório andava cheia de relatórios que discorriam sobre as ações legais que o Tesouro tomara contra supostas fontes financeiras das Farc⁵⁸ e dos narcotraficantes da Colômbia — três empresas de Bogotá que lhes serviam de “fachada”. Sua missão consistia, precisamente, em seguir o rastro das transações com divisas realizadas por essas empresas comerciais, quase sempre nos paraísos fiscais das Ilhas Cayman e das Bahamas.

Odiava aquele ofício e sua mediocridade, com certeza, mas era necessário se ele quisesse prosseguir. Não existia mais meta nem futuro, senão cumprir a promessa que fizera a si mesmo no dia em que testemunhou como foram derrubados os edifícios do World Trade Center.

Naquela noite, depois de regressar ao apartamento que alugara em Washington, D.C., para estar mais perto do trabalho, Jack tirou o paletó e a gravata e foi à cozinha para preparar um café. Minutos depois, sentava em uma mesa de escritório onde havia um computador e uma pilha enorme de livros e papéis amontoados anarquicamente, por toda parte. Deixou de lado a xícara de café, pegando algumas folhas que havia imprimido de manhã cedo, antes de sair de casa. Era uma pequena lista de textos extraídos de diversas fontes de informação, como livros e reportagens, em que se falava das irregularidades e contrassensos que cercavam os históricos atentados do 11 de Setembro.

Com o tempo, tudo poderia ser mais bem analisado e ganharia sentido. Não era só ele que pensava assim. Havia muito mais gente que começava a duvidar da versão oficial oferecida por seu governo em relação aos ataques terroristas. Mas, como lhe dissera Fred em certa ocasião, ninguém queria aceitar que tivesse sido enganado. As pessoas preferiam continuar na ignorância dos incautos, dos tontos, e olhar para o outro lado como se aquele assunto não tivesse a ver com

elas. Era muito mais difícil para Jack ignorar o assassinato dos milhares de inocentes que pereceram no atentado e de mais de um milhão de mortos que, ao todo, havia sido causado pelas guerras do Iraque e do Afeganistão. Tinha sido uma experiência pessoal que o afetava diretamente.

Leu alguns textos, detendo-se nos mais significativos:

Os serviços de inteligência dos Estados Unidos estiveram investigando, durante três anos, vários integristas islâmicos do 11 de Setembro, entre eles, Mohamed Atta. (Citação: Michel Chossudovsky, diretor da *web* Global Research)

Perigo Possível foi uma operação que durou 18 meses, realizada pela CIA, em escala global, no território, com a finalidade de obter informações sobre a Al-Qaeda. Isso confirma que o governo aventava a possibilidade de ocorrer um atentado em alguma das cidades mais importantes do país. (Citação: Anthony Shaffer, tenente-coronel da reserva do exército dos Estados Unidos.)

Em julho de 2001, dois meses antes dos atentados, o BND, o serviço de inteligência alemão, adverte a CIA que terroristas islâmicos estão planejando sequestrar aviões comerciais para usá-los como armas contra alguns dos edifícios mais emblemáticos dos Estados Unidos. Por outro lado, Vladimir Putin informa, nos termos mais duros, ao governo norte-americano, sobre possíveis atentados em edifícios estatais. Naquela mesma ocasião, Osama bin Laden recebe a visita de um oficial da CIA em Dubai. É retirado do país em um jatinho particular.

10 de julho de 2001. O diretor da CIA e seu diretor de contraterrorismo, Cofer Black, informam à secretária de Estado, Condolezza Rice, sobre a iminência de um ataque da Al-Qaeda. Essas informações foram ignoradas.

Memorando de Rowley. O agente Colleen Rowley, do FBI, denunciou o fato de que se sabia do atentado de Nova York, com vários meses de antecedência. Escreveu um memorando de treze páginas, detalhando o que iria acontecer. Um agente especial de supervisão (SSA) impediu sua investigação. Este último agente foi promovido logo depois do 11 de Setembro.

Em agosto de 2001, o embaixador norte-americano no Iêmen proíbe a entrada no país de John O'Neill e sua equipe, do FBI, que estavam na pista de Osama bin Laden. O'Neill não foi o único agente que denunciou irregularidades. David Shayler criticou a decisão dos Estados Unidos de se oporem à extradição de Osama bin Laden pouco antes que fosse emitido o boletim sobre a guerra global contra o terrorismo.

Uma unidade de inteligência militar secreta chamada *Able Danger*⁵⁹ identificou vários dos terroristas desde 1999 e pediu que essas informações fossem transmitidas ao FBI. Isso não foi feito. Ao contrário, foram bloqueadas por ordem das operações especiais do Pentágono. A unidade *Able Danger* se dissolveu e a documentação que tinha em seu poder desapareceu.

Desde 6 de setembro, dias antes dos atentados em Nova York e Washington, D.C., foram detectadas manobras incomuns nas bolsas de Wall Street. Um total de quarenta e oito empresas enriqueceu graças aos atentados de 11 de Setembro. Entre elas, estavam as duas companhias de aviação implicadas nos sequestros levados a cabo por fundamentalistas islâmicos, bem como as multinacionais Unocal, Carlyle, Halliburton e Dyncorp (todas estreitamente relacionadas com o governo dos Estados Unidos). A Organização Internacional de Comissões de Valores qualificou o fato de "o mais importante delito de aproveitamento ilícito de informações privilegiadas jamais cometido".

A empresa encarregada da segurança do complexo do World Trade Center era a Stratesec. Seu contrato terminava justamente em 11 de setembro de 2001. Seu diretor era Marvin Bush, irmão do presidente dos Estados Unidos. Quem o sucedeu no cargo foi seu primo Wirt Walker III.

10 de setembro de 2001. Um dia antes dos atentados, os membros do Pentágono cancelaram seus planos de voo para a manhã seguinte. Nesse mesmo dia, o secretário do primeiro-ministro israelense anuncia que Ariel Sharon não viajará para Nova York nem para a costa oeste, como tinha pensado, ocasião em que deveria participar de um festival coordenado por organizações sionistas, em apoio a Israel. Tempos depois, o jornal *Yadiot Ahranot* reconheceria publicamente que o

Shabak⁶⁰ proibira Sharon de realizar aquela viagem.

Mike Scheuer, agente da CIA, afirma que os membros da família Bin Laden, residentes nos Estados Unidos, estão protegidos e são inacessíveis para investigações. Têm imunidade diplomática.⁶¹

Jack largou os papéis e bebeu um pouco de café. Estava morno. Tudo estava frio em seu apartamento. Dirigiu o olhar para a vidraça. Lá fora, nas gélidas e desoladas ruas de Washington, D.C., o mundo continuava correndo à velocidade da luz. Um relâmpago iluminou fugazmente o céu nublado e, segundos depois, escutou-se o estrepitoso som do trovão. E começou a chover. E a tempestade trouxe a nostalgia e a recordação.

Desde a morte de seu irmão, Jack não conseguia dormir por mais de três horas seguidas. A princípio, supôs que fosse por uma série de inconvenientes que o afetavam, sobretudo no trabalho, mas com o tempo foi se acostumando a viver tanto o dia como a noite. Simplesmente se adaptou, como havia se acomodado à guerra, à mentira, à morte, à dor... a tantas coisas!

O pior de tudo era a lembrança de sua esposa. Três anos tinham sido muito pouco para viver a seu lado. Ele gostaria tanto de ter formado uma família, de ver crescer seus filhos, de estar junto da mulher que amava e envelhecer com ela. Uma vida perfeita truncada para sempre. Uma tragédia completa; milhares de tragédias, pessoais e lamentáveis.

“Por que sonho com aviões?”, matutou.

Levantou-se automaticamente. Precisava pensar em outra coisa, não importava o quê. Lembrou-se de que logo lhe comunicariam se haviam aceitado sua solicitação para entrar na PPD e isso fez com que seu humor melhorasse. Com esse pensamento, que lhe servia de escudo em sua luta diária contra a solidão, foi até o banheiro. Abriu a torneira do lavabo. Molhou o rosto. Sua cabeça doía.

“Por que sonho com aviões que se espatifam?”, voltou a pensar.

Endireitou-se. A água corria por seus cabelos, pelo rosto, queixo e pescoço. Olhou-se no espelho. Descobriu que era o olhar de um louco.

“...Com aviões que se espatifam contra edifícios de cristal.”

Mas não estava louco, apenas um pouco cansado. Era o que revelavam aqueles olhos, injetados de sangue e sombrios por conta das olheiras, que o observavam do espelho.

Pegou a toalha para secar o rosto. Assim afugentava os demônios que naquela noite se encontravam em seu cérebro.

Regressou à sala. Despencou no sofá e ligou o controle remoto,

impulsivamente. Na tela do televisor, viu o homem do tempo prognosticando uma forte borrasca para toda a costa leste dos Estados Unidos. Mudou de canal. Um filme, um clássico memorável: *Cidadão Kane*. Tentou de novo. Encontrou um programa da BBC gravado, conduzido pelo popular entrevistador britânico David Frost. Parecia interessante.

Frost: Quando a antiga primeira-ministra chegou ao Paquistão, há duas semanas, depois de oito anos de exílio, a comitiva de boas-vindas, literalmente, voou pelos ares, em um atentado criminoso. Um suicida explodiu a bomba a alguns metros do ônibus aberto em que Bhutto se encontrava e matou mais de 150 pessoas. Benazir Bhutto está agora conosco. Benazir, olá e bem-vinda.

Bhutto: Grata, David.

Frost: Diga... um atentado criminoso tão terrível afetou sua decisão de continuar com essa batalha?

Bhutto: Não. Esse horrível incidente, em que perderam a vida 158 pessoas inocentes, entre homens jovens, mulheres e bebês, reforçou mais minha decisão de prosseguir. Creio que o Paquistão está sob ameaça crescente...

Antes de continuar vendo o programa, Parsons foi de novo à cozinha servir-se de outro café. Ao contrário do restante das pessoas que conhecia, a cafeína lhe produzia um resultado inverso: lhe dava sono. Enquanto esquentava a água, resolveu tirar a roupa e ficar mais confortável. Pegou o pijama e o roupão de flanela.

De volta ao sofá, recobrou novamente o bom senso. Não deveria se preocupar com seus acessos de ansiedade nem tampouco com seus temores. Ele estava bem. Tudo funcionava perfeitamente. O mundo continuava girando. E, no televisor de plasma, a entrevista prosseguia.

Frost: Isso é muito corajoso. Certamente. Diga-me... já sabe... alguém sabe quem é o responsável por essa tentativa de assassinato? Determinado artigo revelou que a senhora preparou uma carta para o presidente Musharraf, a ser enviada caso morra assassinada, reivindicando que ele investigue uma série de indivíduos de seu governo. É verdade?

Bhutto: Sim, é verdade que escrevi ao general Musharraf. Recebi informação dele, dizendo que um país aliado lhe assegurara que podia sofrer um atentado encomendado pelo afegão Wolah Betel al Massud,

ou por Hamsa bin Laden, o filho de Osama bin Laden, ou pelo talibã do Paquistão em Islamabad, ou por um grupo de Karachi...

Ao ouvir o nome de Bin Laden, Jack inclinou o corpo para a frente. Aumentou o volume do televisor.

Bhutto: ...Assim, eu lhe respondi, com outra carta, dizendo a ele que, embora esses grupos pudessem ser usados, eu pensava que era mais importante perseguir as pessoas que os apoiam, os que possivelmente os organizam e mantêm, financeiramente, e lhe dei o nome de três indivíduos que eram os simpatizantes. Eu admiti a ele que poderia estar equivocada e que minhas suspeitas poderiam ser erradas, mas que aquelas eram as pessoas de quem suspeito estarem decididas a deter a restauração da democracia. Desejam impedir minha volta porque sabem que, em 1993, quando o Paquistão era claramente um estado de terror, eu detive a escalada do terrorismo, e sabem que posso fazê-lo novo. Assim, creio que são essas as causas pelas quais pretendem me deter e não apenas a mim, mas ao processo democrático e à vontade do povo de testar outra coisa.

Frost: Em relação a essas três pessoas que a senhora menciona, eram membros ou parceiros do governo?

Bhutto: Sim. Um deles é uma figura-chave na segurança. É um antigo oficial do exército, alguém que teve negócios com Jaish-e-Mohamed, um dos bandos de Maulana Azhar, que esteve preso na Índia por decapitar três britânicos e três norte-americanos todos turistas; e também tem negócios com Omar Sheikh, o homem que assassinou Osama bin Laden. Agora já sei que ter negócios com alguém não necessariamente significa algo explícito, mas também sei que a segurança interna está absolutamente destruída no Paquistão, e que isso não pode acontecer sem que haja ali olhos cegos ou se não se está olhando para o lado oposto ao da constituição de militantes e milícias. Não apenas áreas com problemas fora de nosso controle, mas inclusive o valioso vale de Swat estão agora sob dominação islamita. Portanto, eu gostaria de ver uma investigação policial paquistanesa assistida pela Scotland Yard ou pelo FBI, para que utilizem provas forenses e explicações científicas para encontrar não apenas os perpetradores, mas os financiadores e organizadores desse horrível crime que matou 158 inocentes.

Frost: Tem falado, desde essa ocasião, com o presidente Musharraf?⁶²

Como? Era imaginação sua ou Benazir Bhutto acabava de dizer que Osama bin Laden estava morto e aquele idiota do Frost nem sequer pestanejou? Por Deus! Aquela que fora a primeira-ministra do Paquistão afirmava que alguém, chamado Omar Sheikh, assassinou o terrorista mais procurado do mundo, a quem se atribuía o atentado de 11 de Setembro, e aquele indivíduo continuava a entrevista como se Bhutto não tivesse dito nada importante!

Aquilo era realmente muito estranho.

Foi aí que recordou onde havia ouvido antes o nome de Omar Sheikh... era o marido de Rashida! O mesmo que havia entregue o dossiê ao arqueólogo!

A doutora Aisha Howaid lhe dissera que os norte-americanos haviam enviado o esposo de Rashida ao Paquistão para cumprir uma missão, um trabalho para a CIA.

Claro, tudo se encaixava! O trabalho de Omar Said Sheikh consistia em assassinar Bin Laden, tirá-lo do caminho para que jamais pudesse falar a verdade sobre os atentados de 11 de Setembro nem de sua relação com os serviços secretos dos Estados Unidos.

O que Jack não chegou a entender é como Bhutto, uma mulher, pudera ter acesso a uma informação tão delicada.

De qualquer forma, compreendeu o motivo pelo qual a ex-primeira-ministra do Paquistão tinha sido assassinada por um sicário fundamentalista, na cidade de Rawalpindi, havia apenas dois dias. Obviamente, sabia demais.

SANGVOR (Tajiquistão), 14 de abril de 2008

Vestido com seu *shalwar kamiz* de lã e seu gorro tajique, Omar esperou que o casal de turistas, com os quais havia viajado até a confluência dos rios Mazar e Obi, lhe entregassem o dinheiro combinado.

Depois de passar mais de vinte minutos negociando com eles seus honorários e de conseguir que pagassem mais do que a tarifa inicial, que era ridícula, comprometeu-se a conduzi-los às montanhas, para que pudessem fotografar as incríveis paisagens do Tajiquistão, nas cercanias da cidade de Sangvor. Seus clientes, um casal norte-americano de meia-idade, donos de uma revista voltada para os amantes da natureza, esbanjavam simpatia, bom humor e, sobretudo, dinheiro. Não era a primeira vez que cobrava por um serviço semelhante. O turismo lhe oferecia a possibilidade de ganhar uns mil somonis⁶³ por semana, como tradutor ou guia turístico, sem ter de aceitar os humilhantes trabalhos que os tajiques tinham o costume de oferecer aos paquistaneses e afegãos que, como ele, supostamente fugiam do regime talibã.

Sua maior vantagem era conhecer a fundo o idioma e os costumes anglo-saxões.

— Por favor, me escutem — dirigiu-se ao casal, atraindo sua atenção. Em seguida indicou uma colina que se erguia a alguns quilômetros, à sua direita. — Se formos depressa, podemos voltar a Sangvor antes do anoitecer.

— Não há outra forma de chegar que não seja andando? — perguntou Betty, que se encarregaria de fazer as fotos.

— Bet... — Leonidas Gräs, seu marido e professor de biologia em um instituto de Ohio, lhe dirigiu um sorriso indulgente, mas reprovando-a pela insistência. — Já ouviu o que Kamal disse antes. A única maneira de chegar ao cimo é a pé. As trilhas são tão estreitas e inclinadas que é arriscado percorrê-las a cavalo. Poderíamos escorregar e cair no vazio.

Kamal era o nome que Omar Sheikh usava desde que se instalara no Tajiquistão, quatro anos antes. Mudar de identidade e afastar-se dos grupos fundamentalistas islâmicos do Paquistão, bem como da CIA, para ocultar-se em Sangvor, foi a decisão mais inteligente que tomou na época para proteger sua vida. E embora a princípio tenha sido difícil para ele se acostumar, o fato de ter conhecido aquela que agora era sua nova esposa fez que tudo ficasse mais fácil.

Havia dias em que nem se lembrava de sua vida anterior, quando era um membro importante nos grupos terroristas de Jaish-e-Mohammed e Al-Qaeda.

— Por que sempre temos de fazer o que você diz?

— Talvez porque seja o mais sensato, querida? — o professor Gräs respondeu com outra pergunta, esboçando um sorriso.

Como viu que aqueles dois iniciavam, de novo, uma de suas frequentes disputas, Omar teve de interceder, como em muitas outras ocasiões.

— Minha opinião é que a gente se desloque o mais breve possível, ou corremos o risco de ter de passar a noite ao relento — lembrou.

— E o que fazemos com o veículo? — quis saber a mulher, indicando com um gesto para o jipe que os levara até a confluência dos rios.

— Vamos deixá-lo aqui.

Omar pegou seu alforje e começou a andar na direção da montanha. O casal não teve alternativa senão seguir seus passos.

Depois de três longas horas subindo, eles se detiveram para descansar. O paquistanês levou-os até uma esplanada que se abria para um profundo precipício. Dali se descortinavam paisagens maravilhosas, com o vale de Sangvor abaixo e os picos nevados, ao fundo. Avisou-os que aproveitassem a ocasião e fizessem fotografias, antes de continuar subindo. Betty concordou. Pegou sua câmera, afastando-se alguns metros, para registrar a paisagem.

Enquanto isso, Leonidas aproveitou para conversar com o nativo que estava lhes servindo de guia em troca de alguns dólares. Foram caminhando em direção ao precipício.

— Tenho de reconhecer que você fala perfeitamente nosso idioma... Já viveu no exterior? — quis saber o norte-americano, levado pela curiosidade.

Omar compreendeu que havia cometido um erro. Aquele era um detalhe a considerar, já que manifestava um nível intelectual fora do comum entre os tadjiques que viviam nas montanhas, onde na maioria das vezes eram faladas diversas línguas e dialetos, mas não o inglês.

Tinha de ser prudente ao responder.

— Nunca saí daqui — mentiu. — Acontece que depois de tantos anos conversando com os clientes, a maioria britânicos e norte-americanos, consegui aprender corretamente seu idioma... é isso.

— Sim... é compreensível — Leonidas Gräs aceitou a explicação.

Sem dizer mais nada, pararam a alguns passos da escarpa. Olharam para baixo. Devia haver uns 300 metros de altura. Leonidas recuou um pouco, depois de sentir um vazio no estômago por causa da vertigem.

— Nossa! — Levou uma das mãos ao coração. — Jamais vou me acostumar com as alturas — confessou.

— A verdade é que a vista é impressionante. — Omar desviou o rosto para as profundezas do vale. — É como sentir-se perto de Deus.

— Sim... sei o que você quer dizer — acrescentou o norte-americano, participando daquele sentimento. — É o lugar mais bonito que já vi em minha vida... um paraíso de luz e de cor. — Então estreitou os olhos, como se tivesse observado algo estranho às costas de Omar. — Meu Deus! Que diabo é aquilo? — Indicou, com o braço um ponto distante no horizonte.

Movido pela curiosidade, Omar Sheikh fez um giro de uns 180 graus, dando-lhe as costas.

Aproveitando sua distração, Leonidas se lançou sobre ele, empurrando-o por trás, com toda a força. Omar despencou no vazio, gritando com uma mistura de terror e surpresa. Nem chegou a compreender o motivo de sua morte.

Enquanto o via cair, o agente da CIA sussurrou:

— Dê lembranças a Alá de minha parte — disse e se pôs a rir.

Em seguida, reuniu-se à mulher, que havia parado de fotografar depois de ouvir os gritos do paquistanês, e ambos iniciaram a viagem de volta depois de se felicitar por terem cumprido a missão com sucesso. A farsa havia dado certo e Omar caíra na armadilha sem suspeitar, em nenhum momento, das verdadeiras intenções do casal norte-americano. Eles o haviam eliminado. Deixara de representar uma ameaça aos serviços de inteligência dos Estados Unidos e do Reino Unido.

Para a opinião pública, Omar Said Sheikh continuava na prisão de Islamabad, aguardando pela execução. Entretanto, como o de Osama bin Laden, seu rosto jamais voltaria a aparecer nos meios de comunicação.

A implacável passagem do tempo faria com que o mundo se esquecesse deles.

WASHINGTON, D.C., 2 de setembro de 2008

Adenocarcinoma de estômago. Esse foi o diagnóstico do doutor Coleman, seu médico particular.

“Adenocarcinoma!... Que nome ridículo para designar um câncer filho da puta”, pensou Jack.

— Tem certeza de que não é uma simples indigestão? — perguntou sem perder o sorriso, enquanto abotoava a camisa depois de ter feito uma nova endoscopia gástrica e outra série de intermináveis exames médicos.

James Coleman observou-o por cima das lentes, com muita solenidade.

— Vejo que você o encara com bom humor. — Tirou os óculos e guardou-os no bolso superior de seu jaleco. — Ao contrário de outros pacientes, você parece insensível à sua doença.

Jack se levantou. Deixara de sorrir.

— Quanto tempo me resta? — perguntou, de novo, agora com certa urgência.

— O relatório do patologista a quem enviei os resultados da biópsia é desesperador — respondeu o médico. — O câncer se encontra em uma fase de difícil recuperação. A gente poderia tentar frear seu avanço com quimioterapia ou, talvez, com uma gastrectomia para extirpar seu estômago...

— Por favor, responda à minha pergunta.

— É o que estou tentando fazer. — O doutor repreendeu, com o olhar, sua impaciência. — As células do câncer estão nos nódulos linfáticos, daí que já podem ter se espalhado para outros órgãos, como o esôfago, o fígado e o pâncreas. Isso significaria que há possibilidade de novos tumores... um câncer metastático.

— Continuo sem entender nada, doutor. Preciso saber de quanto tempo disponho.

Diante da insistência do paciente, Coleman não teve alternativa senão ser sincero.

— Se você não se submeter a nenhum tratamento, será questão de um ano... ou talvez um pouco menos. O certo é que, neste momento, é imprevisível.

Jack terminou de se vestir. Antes de sair do consultório, voltou-se para o médico.

— Obrigado... — disse, lacônico. Depois, em tom teatral, acrescentou: — “Irremediavelmente, como a noite estrelada vem depois do rosado ocaso, a morte acompanha todo ser vivo e, no final, o arrebatada”, como disse certa vez uma poetisa grega.

— Não sabia que gostava de poesia.

— Minha esposa costumava ler para mim, com frequência.

Depois, Jack se despediu. Nunca mais ia precisar do médico.

Lá fora, levantou a mão para chamar um táxi. Acomodando-se no assento traseiro, amavelmente pediu ao motorista que o levasse até o número 1.600 da avenida Pensilvânia. O taxista se virou para lhe dar uma olhada, como se quisesse assegurar-se de que aquele sujeito não estava tirando sarro dele. Ao que tudo indicava, o destino de seu cliente era, na verdade, a Casa Branca.

Minutos depois, Jack pagou o taxista e caminhou até o Capitólio. Sua mão esquerda, metida no bolso do paletó, segurava uma carta: o memorando que recebera na tarde anterior, confirmando seu ingresso na Divisão de Proteção Presidencial.

A partir daquele momento, Jack Parsons era, oficialmente, um dos guarda-costas do presidente dos Estados Unidos.

NOVA YORK, 19 de outubro de 2008

Desde o princípio, Jack percebeu que não seria tão fácil levar a cabo seu propósito. POTUS⁶⁴, o nome em senha do presidente, tinha de estar protegido vinte e quatro horas por dia. Seu trabalho era esse, bem como o de seus companheiros do serviço secreto. Havia trinta agentes encarregados de vigiar o presidente, a todo momento e em cada uma das salas da Casa Branca. Isso, sem contar os mais de cem homens à paisana que vigiavam o exterior do edifício, sempre misturados aos turistas que fotografavam os arredores.

As atividades do presidente eram supervisionadas a partir do JOC⁶⁵, uma sala secreta e blindada, onde havia dezenas de telas de televisão de circuito fechado, cujas câmeras ocultas cobriam, dia e noite, a grade de três metros e meio que ia da rua E até a Pensilvânia, abrangendo os quatro pontos cardeais. No interior da Casa Branca, também eram controlados os escritórios que davam para os corredores e os cômodos usados pelo presidente. Quanto a seus companheiros, cada um dos escoltas levava um revólver de nove milímetros e um rifle especial, feito sob medida para cada usuário, com o qual podiam acertar no centro de um objetivo a um quilômetro de distância. Aquela era uma das mais difíceis provas de acesso ao PPD, exame que ele mesmo teve de enfrentar, com êxito, para ser aceito naquele trabalho.

Além dos agentes, havia também os membros do CAT, a Equipe de Resposta Imediata, dotados com pistola-metralhadora MP5, gases lacrimogêneos, armas brancas de guerra; alguns, inclusive, levavam lança-mísseis de ombro, capazes de destruir qualquer avião que ameaçasse se espatifar contra a Casa Branca.

Em resumo, era praticamente impossível atentar contra a pessoa do presidente dos Estados Unidos.

Naquela manhã, Jack e alguns de seus companheiros do destacamento presidencial acompanharam George W. Bush até os escritórios do Conselho de Relações Exteriores, localizados em Manhattan, depois que o Air Force One aterrisou no aeroporto internacional John Fitzgerald Kennedy. Daí seguiram para seu destino em um Cadillac blindado, protegido por uma escolta de quarenta veículos, alguns oficiais, outros com chapas frias.

Parsons foi um dos poucos agentes secretos a entrar na sala de reuniões com o

presidente Bush. Tudo que escutaram, ele e seus companheiros, jamais poderia ser repetido para ninguém. Havia feito um juramento de fidelidade ao chefe de Estado. Se não o cumprissem, qualquer um deles poderia acabar na prisão, pelo resto de seus dias.

Em pé e em total silêncio, com as mãos cruzadas diante do corpo, os escoltas aguentaram, impassíveis, as duas horas que durou a reunião.

Quando regressaram a Washington, D.C., Jack possuía uma informação ímpar sobre o futuro dos Estados Unidos. Os membros do Conselho de Relações Exteriores, instância diretamente relacionada com a Comissão Trilateral e o Clube Bilderberg, enfrentavam uma dura realidade: havia grandes probabilidades de que fosse eleito um candidato democrata nas próximas eleições presidenciais. Diante disso, decidiram que o melhor seria se prevenir. Muitos opinaram que talvez devesse haver uma mudança na política do governo, a favor dos cidadãos, assegurando-se de que o candidato “eleito” não se opusesse aos planos de expansão, em matéria de política internacional e econômica, os quais sublinhavam a supremacia dos Estados Unidos sobre os demais países do mundo. Não lhes importava se na cadeira da Casa Branca se sentasse um negro com nome árabe; mais ainda, era perfeito. Todos esperavam que Barack Hussein Obama se convertesse no homem que devolveria o bom senso e a honestidade a uma nação que, havia muito tempo, tinha as mãos manchadas de sangue. Um novo embuste. Não era McCain o homem que, na realidade, queriam ver ocupando a presidência, mas sim um ser humano que falasse ao coração do povo. Obama cumpria os requisitos exigidos com vantagens, bem como atendia às expectativas dos que esperavam uma mudança de governo.

Só Jack — que se lembrou de algo dito quase meio século antes pelo grande pacifista britânico Bertrand Russel, sobre o fato de que nos Estados Unidos os presidentes passam, mas o sistema continua — e alguns privilegiados, que trabalhavam para o presidente, sabiam qual seria o resultado das eleições, meses antes da realização dos comícios.

Naquele dia pôde comprovar, por si mesmo, o indescritível poder dos homens que compunham o chamado Clube Bilderberg. Na realidade, eles eram os autênticos donos do planeta.

PLEASANTVILE, 20 de janeiro de 2009

— O governo pode mudar, mas não o sistema.

Jack, que aproveitara suas breves férias para visitar o coronel, se surpreendeu ao ouvir aquele raciocínio da boca de seu pai. Ambos estavam bebendo cerveja, diante do televisor. Na tela, aparecia a imagem, feliz e orgulhosa, do novo presidente dos Estados Unidos. A mentira culminara com a eleição do primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos.

— Ele não parece muito preocupado — comentou Jack, evitando ser irônico.

— Em que país você vive, rapaz? — perguntou o coronel, arqueando as sobrancelhas. — Não existe casualidade no mundo em que nos movimentamos. Tudo está submetido à vontade dos grandes homens, gente que cuida de nossos interesses o tempo todo... — Desviou a atenção para a tela. — Olhe para isso! Um negro fodido na Casa Branca! E por quê? Porque é um fantoche que age sob as ordens daqueles que lhe outorgaram a honra de ser presidente dos Estados Unidos. O Conselho de Relações Exteriores, do qual participa Michelle, a esposa de Obama, é quem pretende indicar seu gabinete político.

Jack não quis acabar com o protagonismo do coronel, mas tudo o que poderia lhe dizer, com respeito à eleição do novo presidente, ele já sabia havia meses. Ao contrário, seguiu o fio da meada.

— Acredita, então, que ele não cumprirá sua palavra de retirar as tropas do Iraque... ou de fechar a prisão de Guantánamo?

Howard Parsons achou graça da inocência de seu filho.

— Tenha certeza de que se ele retirar as tropas do Iraque, será para enviá-las a outro maldito país do Oriente Médio — respondeu o militar aposentado. — E quanto a fechar Guantánamo... que importância tem isso? Os presos continuarão cumprindo as mesmas condenações para onde forem conduzidos. Possivelmente desaparecerão para sempre... Você entende o que quero dizer.

Ao perceber que sua cerveja acabara, Jack se levantou para buscar outra lata. Virou-se para o coronel.

— Senhor... gostaria de mais uma?

— Claro, filho, hoje é um dia especial.

Já na cozinha, Jack escarafunchou dentro do refrigerador. Tirou duas latas bem geladas. Na volta, parou antes de entrar na sala. Sobre o móvel do vestíbulo

viu uma fotografia familiar. Aproximou-se para observá-la melhor. Nela se via seu irmão Fred, ainda criança, abraçado à sua mãe. Naquele tempo, Jack começava a dar seus primeiros passos. Pelo visto, o coronel a resgatara do velho baú que guardava no sótão.

Seu corpo estremeceu. A mente é frágil e pode vir abaixo da mesma forma que desmorona um castelo de cartas. Jack teve de agarrar-se à realidade, novamente, para não perder o juízo.

Deixando de lado as recordações daqueles tempos felizes e inocentes, retornou à sala.

— Aqui está, senhor. — E entregou a ele sua lata de cerveja.

Sem agradecer, o coronel apontou para a tela, outra vez.

— Esse filho da puta não sabe onde se meteu. O primeiro quebra-cabeças que terá de enfrentar são os problemas existentes no Oriente Médio... — Depois de encarar sua terceira lata de cerveja e aproveitando que estava a sós com seu pequeno Jack, Howard achou que já era hora de acabar com rodeios. — Sabe, filho?... Os judeus estão grudados nos ovos desse negro safado. Obama sabe a quem deve fidelidade e também que não pode morder a mão que o alimenta. Fechará os olhos e deixará que Israel continue com seu “showzinho”.

— Não entendo o que diz, senhor.

Jack sabia que a única maneira de fazer com que o velho falasse era fingir que não sabia de nada. Sempre gostara de exibir-se como homem inteligente diante dos filhos.

— Em política, quando alguém lhe fecha uma porta, você abre uma janela — o coronel parafraseou. — Precisamente porque os norte-americanos não desejam iniciar uma nova guerra, Obama se manterá à margem dos conflitos vividos agora mesmo na Faixa de Gaza. O plano é deixar que Israel inicie uma nova guerra... e não nós.

O ex-tenente do exército norte-americano compreendeu, então, por que os israelenses haviam entrado violentamente em Gaza, uns dias antes das eleições dos Estados Unidos. Sabiam que durante aquele interregno gozariam de certa imunidade política, e aproveitaram o vazio de poder que costuma acontecer pouco antes de cada consulta às urnas, às vésperas da eleição do inquilino do gabinete oval, para atacar duramente as milícias do Hamas. Movimentaram as peças no momento apropriado.

— Creio que Obama terá um mandato bem agitado — comentou Jack, instigando seu pai a continuar conversando.

— Você disse tudo. Isso é só o começo.

Surpreso com o comentário do coronel, perguntou:

— Acha que Israel será capaz de tomar uma decisão tão drástica, como anexar

definitivamente os territórios de Gaza e da Cisjordânia, sem contar conosco?

— Sim... disso e de muito mais... receio — O velho militar franziu o cenho e a inquietação ficou patente nas marcadas linhas de seu rosto.

— E o que o Pentágono pensa a respeito?

— Eles se manterão à margem — respondeu, agora com extrema frieza. — De qualquer forma, se for mesmo necessário intervir, será para defender nossos eternos aliados.

Jack não quis continuar falando de israelenses e palestinos. Se tinha ido ver o pai, era por dois motivos: o primeiro, para lhe dizer a verdade a respeito da morte de Fred; o segundo, fazer-lhe uma simples pergunta.

Então, foi direto e enfrentou o coronel, bem como as sérias consequências que resultariam do fato de indagar a fundo, em busca da verdade.

— Senhor... pode me responder uma pergunta?

O coronel olhou, intrigado, seu único filho ainda vivo.

— Se você vai me perguntar sobre os planos de defesa das forças aéreas, creio que não poderei responder. Não estou autorizado.

— Senhor... por que não me contou que o assassino de minha esposa vivia na Casa Branca?

O coronel encarou o questionamento com integridade e sem perder o controle. Limitou-se a ficar em silêncio.

— Não vai responder? — insistiu Jack, que engoliu em seco.

— Creio que está enganado, rapaz. Toda essa história da conspiração sobre o 11 de Setembro faz parte de uma lenda urbana. Não existem provas que atestem essas balelas.

— Sim, existem... eu as vi.

— Sim... e onde estão? — Zombando do filho, remexeu-se como se procurasse algo ao seu redor. Sorrindo e em tom mordaz acrescentou: — Você precisa provar isso.

— Fred as guardava em seu apartamento. Eu as entreguei, depois de me apoderar delas, no Iraque. Por isso o assassinaram.

O coronel se levantou, impelido pela raiva.

— Isso não é verdade! — gritou, colérico. — Não se atreveriam a fazer isso a mim, que servi fielmente minha nação durante anos!

Jack se pôs de pé.

— Sim, fizeram! — bramiu. — Ouviu? — Estava fora de si. — Malditos sejam, papai! Eles acabaram com a vida de Fred e com a de minha esposa! Não me peça que olhe para o outro lado!... Nem sequer sei como se atreve a defendê-los!

Vencido, o coronel atirou sua lata de cerveja, com fúria, contra um dos

quadros que estavam pendurados na parede. Ele despencou, depois do impacto. Em seguida, caiu no choro.

Jack odiava as cenas de homens arrependidos que iam contra sua própria dignidade. Era humilhante e patético.

Mas aquele homem era seu pai, alguém que perdera o filho por culpa da política corrupta de seu país e que sofria intensamente a dor que lhe provocava sentir-se usado por seu próprio governo. Com pena dele, se aproximou para abraçá-lo, decidido a aliviar sua tristeza.

— Fui um idiota... — admitiu o coronel, secando as lágrimas com um lenço, na tentativa de recuperar a integridade. Em seguida, olhou para o filho. — Oxalá tivesse outra resposta para lhe oferecer, mas a verdade é que você tem razão... Nosso governo é criminoso e, além disso, inventou aquela história das armas de destruição em massa para justificar a invasão do Iraque.

— Tem razão... não pode me oferecer outra resposta, mas sim me ajudar a morrer em paz.

— Como? — quis saber o militar da reserva, que ignorava o plano arquitetado por seu filho, havia anos. — Diga-me o que fazer e prometo não decepcioná-lo.

Sem demora, Jack explicou ao pai no que consistiria a valiosa ajuda, por conta de sua ligação com a força aérea dos Estados Unidos.

A BORDO DO AIR FORCE ONE, 10 de outubro de 2009

Naquela fria noite de outono, o avião do presidente dos Estados Unidos sobrevoava as ilhas dos Açores. Seu destino era a Espanha — efetivamente, uma cidade turística da comunidade valenciana chamada Benidorm.

Lá, no Palácio de Cristal do Gran Hotel Bali III, o mais alto da Europa, seria celebrada a reunião anual dos destacados membros do Clube Bilderberg, entre os quais se encontravam personagens tão poderosos e influentes como David Rockefeller, Evelyn Rothschild, Peter Carrington, Henry Kissinger ou Donald Rumsfeld. Para o evento, os sistemas de segurança haviam levado ao extremo suas precauções, mobilizando mais de 1.500 agentes dos vários grupos policiais e militares espanhóis, que fecharam as ruas Pajares e Langreo, e as avenidas Villajoyosa e Mont Benidorm, passando cordões de isolamento em toda a área externa do complexo hoteleiro, como medida preventiva. Aproveitando o auge da crise econômica e o fato de que o frio outono daquele ano não favorecia o turismo, o hotel fora fechado por um período de setenta e duas horas. Por três dias os homens de maior prestígio do planeta converteriam aquele edifício em seu Centro Tático de Operações particular, para definir as diretrizes que deveriam seguir os governos europeus e o norte-americano, e que iam culminar em uma nova guerra, dessa vez contra o Irã.

Entretanto, aquela excepcional precaução e a mobilização dos agentes de segurança e das forças do Estado não eram o que mais preocupava Jack. Toda a sua atenção se concentrava nas obrigações e tarefas das pessoas que viajavam no Air Force One.

O presidente norte-americano, que havia sido convidado para a convenção pelos membros do Conselho de Relações Exteriores, conversava com seus conselheiros, na sala de reuniões, debatendo as propostas que seriam tratadas no encontro. Enquanto isso, sua esposa Michelle descansava no quarto presidencial,

situado na parte dianteira do avião, bem abaixo da cabine de comando.

Jack e dois de seus companheiros tomavam conta do cômodo onde dormia a primeira-dama dos Estados Unidos. O restante, uns trinta agentes do serviço secreto, ia de um lado a outro do Boeing 747-200B para se assegurar de que tudo estava em ordem ou aguardava a substituição, descansando na sala destinada à segurança.

— Alguém sabe qual será o horário da Espanha, ao aterrissarmos?

Com essa pergunta, Jack se interrompeu na conversa entre Trench e Onofrio, os dois escoltas que, como ele, montavam guarda diante da porta do lugar onde repousava a esposa do presidente Barack Hussein Obama.

— Não sei... — Onofrio vacilou alguns segundos, dando uma olhada em seu relógio de pulso. — Calculo que será por volta de 1h30 da madrugada.

— Por que quer saber? — questionou Trench, sem entender muito bem a ansiedade do nova-iorquino para chegar a Benidorm.

— Por nada... simples curiosidade. Embora me alegre saber que podemos dormir algumas horas, antes que a convenção comece.

— Isso sim é que é bom, Parsons! — Onofrio apontou para ele os indicadores de ambas as mãos, enquanto levantava os polegares, como se estivesse disparando nele. Depois movimentou seu poderoso pescoço de um lado para outro, fazendo leves ruídos com as vértebras. — Preciso de uma boa ducha e de dormir algumas horas, ou não suportarei esse ritmo. Viu aqueles ali? — Ele se referia ao presidente e a seus conselheiros de Estado. — São incansáveis. Passam vários dias assim, sem descanso, bebendo café e planejando estratégias.

— São a elite! Os homens que movem o mundo! — brincou Jack, contaminando os demais com seu bom humor.

— Sim, como queira, mas somos nós que protegemos seus traseiros — Trench continuou a brincadeira.

Discretamente, riram sem chamar a atenção dos que continuavam projetando estratégias políticas.

— Escute, Trench... — Jack se dirigiu a seu companheiro. — Espero que tenha reservado para nós uma suíte lá no alto do hotel.

— Sinto muito, amigo. E olha que eu tentei — prosseguiu na mesma linha. — Os convidados da reunião de amanhã é que terão esse privilégio. O conjunto de andares, do trigésimo sétimo ao quinquagésimo segundo, está todo ocupado por aqueles que mandam.

— Má sorte, Parsons. — Onofrio riu, batendo amistosamente em suas costas. — Não creio que você possa subir até essa área, a menos que esteja serviço.

— Nesta madrugada a responsabilidade é do grupo de Terence...

— Jack fez um gesto de alívio. — E vocês não sabem quanto me alegro com

isso!

Viram chegar outros três companheiros: Prescott, Clark e Carlson, os substitutos.

— Muito bem, garotos! — disse Clark, indicando que podiam ir embora. — Já é tempo de descansar. Na sala, o pessoal está vendo um filme de Van Damme. Acreditem, é uma bela merda.

— É verdade que você não gosta? — perguntou Onofrio, com ironia. — E eu achando que você apreciava os caras rudes, com bíceps de aço!

— Você está ressentido porque uma vez lhe dei o fora — acrescentou o interlocutor, devolvendo a brincadeira.

Naquela noite, todos pareciam estar de ótimo humor.

Jack e seus companheiros regressaram à sala de segurança. Cansados de ficar várias horas em pé, se acomodaram nas poltronas diante do televisor. Ninguém assistia ao filme; alguns liam o jornal e outros tinham preferido colocar seus óculos de sol, fechar os olhos e dormir um pouco.

Em total silêncio, Jack ultimava os detalhes de seu plano, repassando mentalmente os passos a seguir. O presidente da nação mais poderosa e seus homens continuariam com sua linha de trabalho, na sala de reuniões, até que estivessem sobrevoando o território espanhol, e isso lhe dava vantagem. Calculou que deviam estar sobre os Açores e que, em menos de duas horas, aterrissariam no aeroporto internacional de El Altet, onde os aguardava uma escolta especial de cinquenta homens, pertencentes ao CNI⁶⁶, além dos agentes da Guarda Civil de Tráfego que os acompanhariam até o Gran Hotel Bali III, de Benidorm. Portanto, tinha tempo de sobra. Não podia se arriscar a abandonar tão depressa seu posto. Ainda tinha de esperar mais de uma hora.

A única coisa que lamentava, quanto à concretização de seu plano, era saber que alguns dos assassinos de Sharon e de seu irmão Fred escapariam da sua vingança. Os Bush faziam parte dessa minoria que se livraria de sua pena de morte, tudo porque já não faziam parte do panorama político, de maneira que contavam com escoltas particulares. Jack ouvira dizer que Marvin Bush, um dos irmãos do ex-presidente dos Estados Unidos, talvez fosse à reunião, mas não estava confirmado.

Não se importou. Os autênticos culpados, os verdadeiros cérebros daquela conspiração que pretendia acabar com uma terça parte da população mundial, iniciando uma série de guerras sob o pretexto de lutar contra o terrorismo islâmico, esses, sim, estariam presentes na convenção. Sem dúvida, constituíam a coluna vertebral do Clube Bilderberg; Estados Unidos e Europa unidos... Rothschild e Rockefeller: os deuses de uma civilização que assentava seus alicerces em leis de sobrevivência tão inexoráveis quanto escabrosas.

Naquele instante, sentiu uma dor intensa no estômago. Começou a suar. Suas mãos tremiam e as batidas de seu coração se aceleraram até que começou a sentir falta de ar. Não contara com aquele imprevisto. Fazendo um grande esforço para dissimular a dor, levantou-se para buscar suas pílulas. Estavam guardadas no armário de seu dormitório.

Antes de chegar ao recinto dos convidados, encontrou-se com outro dos agentes do serviço secreto, que acabara de se servir de uma xícara de café.

— Ei, Parsons! Está se sentindo mal? — perguntou a ele, ao ver que tinha a testa empapada de suor.

— Não... não é nada — Jack respondeu. — É a úlcera, que às vezes me castiga. Estava precisamente indo buscar meu remédio.

— Acho que você deveria falar com o médico. Se quiser, vou chamá-lo.

O Air Force One contava com um pequeno hospital, onde havia inclusive uma sala de cirurgia e, também, um especialista sempre a serviço do presidente e de sua legião de conselheiros, escoltas e acompanhantes.

— Não se preocupe. Vai passar.

Desculpou-se e se afastou. Se continuasse conversando, teria de aceitar seu conselho, caso contrário levantaria suspeitas.

Entrou no recinto dos convidados, onde os agentes do serviço secreto guardavam seus objetos pessoais. Foi direto a seu armário. Depois de abri-lo, tirou um pequeno frasco de vidro com drágeas de cor rosada. Colocou duas na boca, engolindo-as sem muita dificuldade. Em seguida, recolocou o medicamento no lugar, para voltar à sua poltrona.

Ocupou o mesmo assento de novo. A dor parecia diminuir, coisa que o agradou. Não obstante, teve de encarar um novo problema. Doyle, o escolta que tinha sido testemunha de sua indisposição, entrou na sala e, sem deixar de observá-lo, apoiou as costas na fuselagem do avião, com os braços cruzados e a testa franzida.

Jack amaldiçoou o fato de ter sido treinado para enfrentar qualquer imprevisto, inclusive intuir o perigo em uma situação suficientemente estranha que levantasse suspeitas. Por isso Doyle o vigiava, pois na verdade não sabia se a expressão de dor de seu companheiro se devia a uma úlcera ou a uma crise de ansiedade, ou, pior ainda, a uma repentina alienação mental. E, se fosse isso, seu comportamento estranho poderia evoluir para a violência. No serviço secreto tudo era analisado e previsto, até o mais absurdo. Por esse motivo o grito de guerra do departamento era: “Preparados para o pior, esperamos o melhor”.

Para aparentar que tudo ia muito bem e sem nenhum problema, Jack fechou os olhos, como se estivesse tentando dormir.

Permaneceu assim por mais de meia hora. Fingia estar descansando, quase

sem se mover, apenas para mudar de posição. Suas pálpebras, ligeiramente entreabertas, vigiavam o agente. Este, depois de concluir que não havia nada com que se preocupar, foi para a sala do pessoal da secretaria, continuar com seu trabalho de controlar e analisar qualquer movimento suspeito dentro do avião.

Mas Jack ainda esperou alguns minutos antes de abrir completamente os olhos.

Em seguida, checkou o relógio. Chegara a hora do ajuste de contas. Contudo, antes de se levantar, repassou mentalmente as características do Air Force One.

O avião era dividido em três andares. A parte inferior, ou primeiro piso, era utilizada como área de carga e de armazenamento de provisões, com capacidade de guardar alimentos suficientes para mais de 2 mil pessoas. No segundo andar, destinado aos passageiros, ficava a área principal, encabeçada pelo quarto do presidente. Depois, sempre à direita da aeronave, se alinhavam o cômodo do executivo, a equipe de segurança presidencial, o refeitório, a área do pessoal da secretaria, as acomodações dos hóspedes, a sala de segurança — onde ele estava, naquele momento — e, por último, o espaço para a imprensa. No terceiro andar ficava a cabine de comando e todos os equipamentos dedicados à comunicação.

Agora só tinha de encontrar uma maneira de chegar lá em cima. Para isso, contava com as indicações e detalhes que o coronel lhe dera, depois de consegui-los, à custa de vários copos de tequila, de um dos poucos oficiais da Força Aérea dos Estados Unidos que conhecia todos os segredos do Boeing 747-200B presidencial.

Jack se levantou da poltrona. Deu uma olhada ao redor. Tudo estava tranquilo. Os escoltas dormiam placidamente em seus assentos.

Discretamente, foi até a área de imprensa, situada às suas costas. Naquele momento, estava vazia. Nenhum repórter viajava com eles no Air Force One.

Procurando não fazer ruído, aproximou-se da pequena porta que havia no final do recinto e que dava acesso a um depósito na cauda, onde eram guardados alguns itens de reposição e ferramentas. Obviamente, e por precaução, permanecia fechada aos passageiros. As duas únicas chaves estavam em poder do chefe de manutenção do aeroporto militar Andrews, das forças aéreas, e do homem que, naquele instante, pilotava o avião.

Sem perder a calma, Jack pegou uma gazua no bolso de sua calça. Introduziu-a na fechadura e, com notável maestria, conseguiu abrir a porta. Acendeu a luz de seu celular para iluminar o pequeno depósito. Viu caixas de um lado e do outro e uma maçaroca de fios que corriam pelo teto. Jack seguiu com o olhar a direção do cabeamento recoberto de cobre para protegê-lo de um possível ataque com armas eletromagnéticas. Sobre sua cabeça, descobriu a placa de aço removível que o coronel lhe indicara. Antes de mais nada, voltou a olhar para

trás. Queria se certificar de que não havia ninguém xeretando por ali. Resolveu entrar. Encostou a porta, pois era impossível fechá-la à chave por dentro.

No interior do recinto, a temperatura estava bem próxima a zero grau, o que o convertia em uma autêntica geladeira. Tinha de se apressar, senão ficaria congelado.

Deslocou algumas caixas para subir nelas. Lá em cima, empurrou com força a fina lâmina de aço que formava um quadrado e pela qual desaparecia um feixe de cabos recobertos de cobre. A placa cedeu à pressão feita por Jack. Ele a pegou com as duas mãos, depositando-a no piso com cuidado para não fazer barulho.

Nesse mesmo instante, a porta se abriu e Doyle entrou, provavelmente decidido a investigar por sua própria conta onde estaria Jack, pois ao voltar à sala de segurança não o encontrou em sua poltrona.

— Mas... que diabos...?

Jack notou que seu companheiro pegava a pistola. Sem titubear, lançou-se sobre ele e ambos caíram no chão, com muito ruído. Na confusão, a arma de Doyle disparou e ele revirou os olhos pouco antes que um fio de sangue escorresse das comissuras de seus lábios. A bala atravessara seu peito, na altura do coração.

A primeira coisa que Jack pensou foi que o depósito ia se encher de agentes de um momento para o outro, por causa do som do tiro. Rapidamente, foi até a porta e a travou com uma grande chave-inglesa. Aquilo os atrasaria por algum tempo.

Voltou a subir no alto das caixas. No mesmo instante, escutou vozes na área de imprensa. Eram seus companheiros do serviço secreto, atraídos pela explosão, interessados em saber o que se passava lá dentro.

Os agentes começaram a golpear a porta, mas Jack, ignorando-os, introduziu a cabeça na parte oca que se abria no teto do depósito. Com um impulso, conseguiu entrar pela estreita passagem de aço, semelhante aos tubos de ventilação dos grandes edifícios, por onde chegaria até a cabine de comando do avião.

Sentindo a pressão do sangue martelando suas têmporas, e uma nova e insuportável dor de estômago perfurando seu ventre, com esforço Jack se arrastou pelo cilindro de aço, onde a baixa temperatura e os cabos constituíam um penoso inconveniente para seguir adiante. Foram, sem dúvida, os minutos mais angustiantes de toda sua vida.

No final do tubo encontrou uma gradinha de alumínio que dava para a sala do pessoal de voo, com armarinhos e bancos de madeira, como pôde comprovar de onde estava. Empurrou a grade, que caiu na terceira tentativa. O barulho do metal contra o solo não foi excessivo, mas suficiente para ser ouvido por alguém

que estivesse a poucos metros de distância.

Como não podia virar o corpo, teve de sair de frente, estendendo os braços para amortecer a queda. Assim que se ergueu do chão, viu entrar um homem armado. Era um membro da tripulação.

Alguém que estava lá embaixo devia ter colocado o pessoal de sobreaviso, talvez por telefone ou rádio, já que ele parecia saber exatamente onde Jack se encontrava.

O oficial de voo atirou nele, sem pedir explicações. A bala atravessou o ombro esquerdo de Jack e uma dor imensa fez com que ele se dobrasse para a frente. Reagindo com rapidez, sacou seu revólver e disparou no adversário: um tiro no pescoço, outro na testa. O homem estava morto antes mesmo de cair no chão.

Atordado pela dor, Parsons deu graças a Fortuna, a deusa da sorte por não ter tido de enfrentar um de seus companheiros do serviço secreto. Com tanta experiência, não falharia daquela distância.

Apesar do ferimento, continuou avançando pelo corredor até que viu, ao fundo, a cabine de comando. Outro membro da tripulação tratou de atravessar em seu caminho, rogando-lhe para que não cometesse nenhuma loucura. Estava desarmado. Mas Jack não se importou com esse detalhe e estourou sua cabeça com um disparo a sangue-frio.

Àquela altura, sua mente já havia enlouquecido, fragmentada em milhares de recordações trágicas, e um irrefreável desejo de vingança o impelia a prosseguir a qualquer preço. Perdera toda a razão. Não era um homem, mas uma ideia fixa: era o Anjo Vingador e ali estava para fazer justiça.

Quando abriu a porta da cabine, viu-se diante de dois homens completamente aterrorizados, com autêntico desespero e impotência. Tanto o piloto como seu acompanhante não sabiam o que dizer. Jack os poupou de explicações sobre sua decisão de sequestrar o Air Force One. A única coisa que disse foi:

— Cavalheiros, chegou a hora da substituição.

E abriu fogo contra eles, desobedecendo à voz de sua consciência. O sangue de suas vítimas salpicou o painel de controle. O avião agora estava em suas mãos.

Afastou o corpo do piloto para sentar e assumir os comandos. Comprovou que ainda voavam com o piloto automático e isso lhe deu alguns segundos para recordar as instruções de seu professor de voo, o coronel, que em seus tempos livres o ensinara a pilotar um avião com aquelas características.

Conhecia a teoria. Chegara a hora da prática.

Adiante, no fundo daquele escuro cenário que era a noite estrelada, viu as primeiras luzes da cidade de Alicante. Respirando fundo e esquecendo por um momento a dilacerante dor no ombro ferido, Jack desligou o piloto automático.

O avião balançou por alguns segundos até que ele, finalmente, conseguiu equilibrá-lo. Sem mais demora, foi baixando lentamente, na direção do porto. Seu propósito era seguir mar adentro para, depois, efetuar uma virada de 180 graus e tomar o rumo do Gran Hotel Bali III.

Naquela noite, o povo de Benidorm seria testemunha de um incrível espetáculo de fogos de artifício.

Através do vidro pressurizado da cabine pôde ver o edifício colossal, iluminado por gigantescos refletores, resplandecente como um diamante, semelhante à escultura de um deus. Ia morrer, sabia disso — se não fosse por ter perpetrado seu plano, seria pelo câncer. Não lhe importava a vida daqueles homens que estavam a bordo nem dos políticos e grandes empresários que dormiam nos quartos do hotel, do mesmo modo que eles eram indiferentes às tragédias dos outros seres humanos. Tinha de agir como juiz e carrasco, embora faltasse ali um criminoso de guerra do calibre de George W. Bush — o péssimo estudante viciado em álcool que, ao longo dos anos, fora catapultado à Casa Branca para oferecer benefícios às companhias petrolíferas *Made in USA* —, pois aquele bastardo estava em seu rancho, no Texas. Tinha uma conta a saldar. Devia isso à sua esposa e a outros milhares de inocentes do 11 de Setembro.

O Boeing 747-200B entrou na cidade turística com um tremendo rugido de motores. Os habitantes de Benidorm despertaram sobressaltados ao ouvir um ruído singular sobre o telhado de suas casas. Dispararam-se os alarmes de vários automóveis estacionados nos arredores do impressionante hotel. E um forte vento correu ao longo de todas as ruas, fazendo tremer as vidraças dos edifícios.

O avião se dirigiu à área mais elevada daquele colossal monstro de aço, concreto e vidro; lá onde, naquele mesmo instante, os homens que dirigiam o mundo, os terroristas que permaneciam nas sombras, sonhavam com sua endeusada soberba, alheios à morte inesperada que voava na direção deles a grande velocidade.

Alguns segundos antes que o jato se chocasse contra o Gran Hotel Bali III, Jack fechou completamente os olhos para evocar o rosto de Sharon e apoderar-se daquela última recordação. Só lhe restava um coração sem sangue, a tristeza de amor e a ausência de vida.

No cérebro ensandecido do ex-tenente do exército dos Estados Unidos, como o eco de uma canção persistente, repetia-se incessantemente a mesma pergunta:

“Por que sonho com aviões que se espatifam contra edifícios de cristal?”.

LEIA TAMBÉM



Durante séculos a maçonaria escondeu da humanidade o maior de todos os seus segredos... Qual era o enigma que Iacobus de Cartago quis revelar ao mundo em 1523 e lhe custou a vida? Por que os Filhos da Viúva, que furaram seus olhos, cortaram sua língua e o mataram, continuam matando até hoje — sempre da mesma forma cruel — todo aquele que consegue decifrar o que ele escreveu? Qual a relação entre as catedrais góticas, a Arca da Aliança e as pirâmides de Gizé? *O Símbolo secreto* é uma aventura frenética e apaixonante, uma corrida

contra o relógio, repleta de erudição, revelações surpreendentes e reviravoltas emocionantes que prendem o leitor da primeira até a última página.

¹ Depois que assumiu o poder em 1979, substituindo Ahmed Hasan al-Bakr, o general Saddam Takriti Hussein intitulou-se El-Rais el-Monadel (O Presidente Combatente). (N. da T.)

² O partido Baas, o Partido do Renascimento Árabe Socialista, foi fundado em abril de 1947, em Damasco, na Síria, como um partido nacionalista árabe, laico e radical socialista. (N. da T.)

³ Regra nº 21 do código do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

⁴ Uma bala sinalizadora é um projétil recoberto de corante, que reluz na escuridão. Serve para guiar a trajetória das balas.

⁵ Trata-se da agência de inteligência do Paquistão. (N. da T.)

⁶ Perez Musharraf foi presidente do Paquistão de 2001 a 2008. (N. da T.)

⁷ O Partido Baasista, fundado em 1944, em Damasco, na Síria, se apresenta como nacional-revolucionário.(N. da T.)

⁸ Guerrilheiros árabes eram chamados de fedains. (N. da T.)

⁹ Do inglês *Send me*: Envie-me.

¹⁰ Agência de Inteligência de Defesa.

¹¹ A palavra *emaris* alude, jocosamente, às letras MRE's, de *Meals Ready to Eat* (Comidas Prontas para Comer). (N. da T.)

¹² CETCOM: Sigla, em inglês, para designar o Comando Central Militar dos Estados Unidos.

¹³ Grupo paramilitar criado e dirigido por Uday Hussein, um dos filhos do ditador.

¹⁴ EDS: Electronic Data System.

¹⁵ CICV: Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

[16](#) DCT: Divisão de Choque Traumático.

¹⁷ USA Patriot é um acrônimo que provém da seguinte frase: *Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism*. (N. da T.: Literalmente, embora na tradução não resulte em acrônimo: Unindo e Reforçando a América pelo Provisionamento de Ferramentas Apropriadas para Interceptar e Obstruir o Terrorismo.) A frase, por sua vez, dá origem a um *slogan* nacionalista: “Estados Unidos Patrióticos”. A ata foi aprovada 45 dias depois dos atentados contra o World Trade Center, e seu objetivo foi ampliar, ilimitadamente, os poderes repressivos do país, dentro e fora dos Estados Unidos, restringindo os direitos constitucionais de seus cidadãos. A partir dali, as agências governamentais dos Estados Unidos podem vigiar as ligações telefônicas e os correios eletrônicos, os registros públicos e privados, aumentar as ações de inteligência em outros países. Também concede, às autoridades policiais, um poder ilimitado para deter qualquer pessoa que pareça suspeita. E ainda amplia a definição de terrorismo, incluindo atividades que antes não eram assim consideradas.

¹⁸ APC: Autoridade Provisória da Coalizão.

¹⁹ Por incrível que pareça, muitos soldados norte-americanos se negavam a patrulhar a cidade sem antes ter feito as unhas ou ter ido ao cabeleireiro. Isso, diziam, lhes dava mais segurança na hora de fazer bem seu trabalho.

[20](#) Cafiristão: País dos pagãos.

²¹ *Jihad*: guerra santa.

²² *Fatwa*: Frase proclamada por uma pessoa versada no Corão e nas leis islâmicas (normalmente um ulemá) que condena o comportamento ou a atitude anti-islâmica de alguém, pertença ou não à *Umma*. (N. da T.: Umma – palavra árabe que significa comunidade, nação.)

²³ *Jahiliyya*: O anti-islã, o inócuo, o falso, a barbárie e ignorância pré-islâmica que hoje muitos muçulmanos consideram no poder no Ocidente e em alguns de seus países, quer dizer, em todos aqueles em que se tenha voltado as costas para Deus onde se se recusem a se submeter à sua soberania.

²⁴ *Sharia*: É o conjunto de leis sagradas que derivam diretamente do Corão. Sua tradução literal é “o caminho para o bebedouro”.

²⁵ *Din al haaq*: Nome com o qual se conhece a ortodoxia islâmica e que, ocasionalmente, agrupa o islamismo mais radical.

²⁶ NORAD: Organização conjunta dos Estados Unidos e do Canadá que providencia a defesa e o controle aéreo de toda a América do Norte. Fundada em 12 de maio de 1958, sob a denominação de Comando de Defesa Aérea Norte-Americano (*North American Aerospace Defense Command*), desde 1963 sua principal instalação está localizada em Cheyenne Mountain, no estado do Colorado.

[27](#) João 9, 25-26.

[28](#) STRATCOMM: Escritório de Relações Públicas da APC.

²⁹ SEAL: *Sea, Air and Land* (Mar, Ar e Terra), grupos de operações especiais da Marinha dos Estados Unidos.

³⁰ SWAT: *Special Weapons and Tactics* (Armas e Táticas Especiais), unidades especializadas em intervenções perigosas, dos diversos corpos policiais dos Estados Unidos.

³¹ NTOA: *National Tactical Officers Association* (Associação Nacional de Agentes Táticos).

³² *Adhan*: “O chamado para rezar”. É uma cerimônia islâmica obrigatória, a cumprir depois do nascimento de um filho.

³³ Segundo a lei islâmica, é um costume recomendável dar o nome à criança no sétimo dia a partir de seu nascimento.

[34](#) *Spider hole*: Buraco de aranha.

³⁵ Refere-se ao Fairchild Republic A-10 Thunderbolt II, um avião de um só assento, de ataque tático, projetado para atuar contra carros de combate, veículos blindados e outros objetivos terrestres.

³⁶ A história do agente de segurança de Custer Battle é real. Há uma referência a ela nos livros *Blackwater – A ascensão do exército mercenário mais poderoso do mundo*, de Jeremy Scahill, e *A vida imperial na cidade esmeralda*, de Rajiv Chandrasekaran, jornalista do *The WashingtonPost*.

³⁷ *Kiai*: Grito de guerra utilizado no caratê.

³⁸ SOA: *School of the Americas* (Escola das Américas). Foi rebatizada, em 2001, com o nome de Instituto de Cooperação para a Segurança Hemisférica.

³⁹ SAIC: Science Applications Internacional (Corporação Internacional de Aplicações Científicas). Dispõe de 500 cientistas que trabalham nos Estados Unidos intensivamente para o Departamento de Defesa, o Departamento de Segurança Nacional, e a comunidade de inteligência, o que inclui a ANS, entre outros organismos.

⁴⁰ *Gitmo*: Abreviatura da base naval de Guantánamo, no extremo sudeste de Cuba.

⁴¹ [IMN: Iraqui Media Network](#). (N. da T.: Rede Iraquiana de Mídia.)

⁴² ESS: *Eurest Support Services*. (N. da T.: Literalmente, Serviços de Manutenção Eurest.)

⁴³ *Semper Fidelis*: “Sempre fiel” (lema dos *marines* dos EUA).

⁴⁴ *Sals*: Assim eram chamados os soldados da República de El Salvador.

⁴⁵ *Ass Monkey*: Os helicópteros da Blackwater são chamados de “bunda de macaco”.

⁴⁶ JDAM: *Joint Direct Attack Munition* (Munição de Ataque Direto Combinado). É um *kit* de baixo custo que converte as clássicas bombas de queda livre (bombas tontas) em artefatos guiados com precisão (bombas inteligentes).

⁴⁷ *Kunai*: Arma ninja em forma de lança, fabricada com aço e com vários centímetros de comprimento.

⁴⁸ *Shotgun seat*: Expressão norte-americana que significa “copiloto armado até os dentes”.

⁴⁹ *S'hia*: Partido ou facção de Ali.

⁵⁰ Texto extraído do chamado “Relatório Iron Mountain”, documento redigido pelo Instituto Hudson, em 1966, a pedido do então secretário de Defesa, Robert S. McNamara.

⁵¹ É como a CIA denomina as “permissões para assassinar”.

⁵² *Talib* significa “estudiante”, no idioma pachto.

⁵³ Expressão usada para designar a resposta a uma força acachapante, em que alguém atira sobre o inimigo durante um minuto. É muito eficaz para eliminar o adversário ou obrigá-lo a bater em retirada, embora, como parece óbvio, costuma consumir grande quantidade de munição.

⁵⁴ Texto extraído do “Relatório Iron Mountain”.

⁵⁵ Texto extraído da obra de Thomas Malthus (1798) *Ensaio sobre o princípio da população*. Grupos neomalthusianos que apoiaram essa política, nos anos 50 e 60 do século XX, foram as fundações Ford e Rockefeller; também o fez o presidente Nixon.

[56](#) O 14º Batalhão de Inteligência britânico, conhecido como o Destacamento, ou o *Det*, é a unidade de rastreamento mais eficaz e mais bem preparada do mundo.

⁵⁷ PPD: Presidential Protection Division (Divisão de Proteção Presidencial).

[58](#) Farc: Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

[59](#) *Able Danger*: Perigo real.

⁶⁰ Shabak: Conhecido anteriormente como Shin Bet ou GSS (por suas siglas em inglês), é o Serviço de Inteligência e Segurança Interna do Estado de Israel.

⁶¹ Fontes consultadas: O trabalho de investigação de Alfredo Embid, coordenador da Associação de Medicinas Complementares. (N. da T.: O nome da agremiação pode ser traduzido também como Medicinas Alternativas)

⁶² Texto extraído da entrevista realizada por David Frost, da BBC, com a ex-primeira-ministra do Paquistão Benazir Bhutto.

⁶³ Moeda oficial do Tajiquistão.

[64](#) POTUS: *President Of The United States*.

⁶⁵ *Joint Operation Center* (Centro de Operação Articulada).

⁶⁶ CNI: Centro Nacional de Inteligência.

PATRICK ERICSON



O SÍMBOLO SECRETO

ROMANCE

GERAÇÃO
EDITORIAL

Símbolo secreto, O

Ericson, Patrick

9788581301464

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

Durante séculos a maçonaria escondeu da humanidade o maior de todos os seus segredos...Qual era o enigma que Iacobus de Cartago quis revelar ao mundo em 1523 e lhe custou a vida? Por que os Filhos da Viúva, que furaram seus olhos, cortaram sua língua e o mataram, continuam matando até hoje - sempre da mesma forma cruel - todo aquele que consegue decifrar o que ele escreveu? Qual a relação entre as catedrais góticas, a Arca da Aliança e as pirâmides de Gizé? O Símbolo Secreto é uma aventura frenética e apaixonante, uma corrida contra o relógio, repleta de erudição, revelações surpreendentes e reviravoltas emocionantes, que prendem o leitor da primeira até a última página.

[Compre agora e leia](#)

GANHADORA DO PRÊMIO GOLDEN HEART

RACHEL
GIBSON

SALVE-
-me

TRADUÇÃO
Cássia Zanoni



BEST-SELLER
DO THE NEW
YORK TIMES
A AUTORA
MAIS AMADA
DOS EUA!

Salve-me

Gibson, Rachel

9788584840083

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

A salvação de Sadie Hollowell e Vince Haven depende de muitos fatores. Ele voltou traumatizado da guerra ao terrorismo no Afeganistão e ela, aos 33 anos, acha ridículo ser convidada para ser dama de honra do casamento de uma prima no interior do Texas, onde nasceu. Ambos estão perdidos, à procura das raízes e de uma identidade que a vida foi esfacelando, e são atormentados por uma atração sexual violenta que demora muito a se transformar em amor e compromisso.

O que se oferece aos leitores é uma história tensa, em que preconceitos e hesitações lutam contra o amor, sem saber qual dos lados terá o triunfo final. Vale a pena ler e torcer por ele.

[Compre agora e leia](#)



AMAURY RIBEIRO JR.

A PRIVATARIA TUCANA

Os documentos secretos e a verdade sobre
o maior assalto ao patrimônio público brasileiro.
A fantástica viagem das fortunas tucanas até o
paraíso fiscal das Ilhas Virgens Britânicas. E a
história de como o PT sabotou o PT na
campanha de Dilma Rousseff.



A privataria tucana

Jr, Amaury Ribeiro

9788561501990

344 páginas

[Compre agora e leia](#)

Prepare-se, leitor, porque este, infelizmente, não é um livro qualquer. A PRIVATARIA TUCANA nos traz, de maneira chocante e até decepcionante, a dura realidade dos bastidores da política e do empresariado brasileiro, em conluio para roubar dinheiro público. Faz uma denúncia vigorosa do que foi a chamada Era das Privatizações, instaurada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso e por seu então Ministro do Planejamento, José Serra. Nomes imprevisos, até agora blindados pela aura da honestidade, surgirão manchados pela imprevista descoberta de seus malfeitos.

Amaury Ribeiro Jr. faz um trabalho investigativo que começa de maneira assustadora, quando leva um tiro ao fazer reportagem sobre o narcotráfico e assassinato de adolescentes, na periferia de Brasília. Depois do trauma sofrido, refugia-se em Minas e começa a investigar uma rede de espionagem estimulada pelo ex-governador paulista José Serra, para desacreditar seu rival no PSDB, o ex-governador mineiro Aécio Neves. Ao puxar o fi o da meada, mergulha num novelo de proporções espantosas.

[Compre agora e leia](#)

JOSÉ UBALDO BAIANO

Apresentação de Joesley Batista

Sonho Estrelado



A história de como um menino pobre tornou-se o maior vendedor da Brasil, encontrou o sentido da vida no Caminho de Santiago de Compostela, realizou seus sonhos e ajudou seus amigos a crescer



Sonho Estrelado

Baiano, José Ubaldo

9788563420985

148 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este livro é um hino à vida, ao trabalho, à luta para se superar e vencer os obstáculos da batalha diária rumo ao autoconhecimento e ao sucesso profissional. José Ubaldo Tuca Baiano, um dos maiores homens de vendas do Brasil, narra sua infância pobre no interior da Bahia, a ajuda que teve de um parente melhor de vida, as lições que aprendeu, suas aventuras no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e o valor da amizade e da honestidade para seguir em frente e tornar-se um vitorioso. Seu relato, simples e acessível a qualquer um, mostra como venceu na vida e como - com a criação de um círculo de grandes amizades que sempre o respeitaram - chegou a ajudar dois rapazes simples e corretos que há 20 anos o procuraram para vender sabão e carne e se transformaram em proprietários da maior empresa privada brasileira, o Grupo JBS, dono da Friboi. Trata-se de um relato admirável, para qualquer leitor que valorize a vida e o trabalho.

[Compre agora e leia](#)

LEONARDO GUEL

SANGUE MORTE E CORRUPÇÃO NA PM DO RIO AZUL



Sangue azul

Gudel, Leornado

9788581301372

332 páginas

[Compre agora e leia](#)

Mais violento que o filme "Tropa de Elite". Mais polêmico que o livro "A elite da tropa". Mais revelador que "Rota 66". Mais impressionante que qualquer livro, filme ou documento que você tenha lido ou visto sobre o tráfico de drogas e a corrupção policial e política no Rio ou em qualquer lugar. Incomparável. Revoltante. Absurdamente real. Um depoimento chocante e arrasador!

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Página de Título](#)

[Direitos Autorais](#)

[Sumário](#)

[Agradecimentos](#)

[A título de introdução](#)

[Prólogo](#)

[Primeira parte - Uma viagem ao inferno](#)

[Segunda parte - Mercenários no Iraque](#)

[Terceira parte - O Anjo da morte](#)